

Tamy Amorim da Silva

**MEMÓRIAS SOBRE UMA DAMA VALENTE:  
CARMEN DE LARA CASTRO E A DITADURA STRONISTA  
(1967 – 1989)**

Dissertação submetida ao Programa de  
Pós-Graduação em História da  
Universidade Federal de Santa Catarina  
para obtenção do grau de Mestre em  
História Cultural. Orientadora: Prof<sup>a</sup>.  
Dr<sup>a</sup>. Cristina Scheibe Wolff

Florianópolis  
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva, Tamy Amorim da  
MEMÓRIAS SOBRE UMA DAMA VALENTE: : CARMEN DE LARA  
CASTRO E A DITADURA STRONISTA (1967 - 1989) / Tamy Amorim  
da Silva ; orientadora, Cristina Scheibe Wolff -  
Florianópolis, SC, 2016.  
307 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa  
de Pós-Graduação em História.

Inclui referências

1. História. 2. Carmen de Lara Castro, Memórias,  
Stronismo, Direitos Humanos. I. Wolff, Cristina Scheibe.  
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós  
Graduação em História. III. Título.

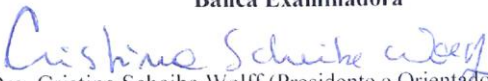
# MEMÓRIAS SOBRE UMA DAMA VALENTE: CARMEN DE LARA CASTRO E A DITADURA STRONISTA (1967-1989)

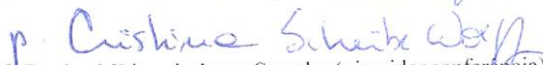
**Tamy Amorim da Silva**


Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de

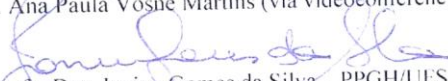
**MESTRE EM HISTÓRIA CULTURAL**

**Banca Examinadora**

  
Profa. Dra. Cristina Scheibe Wolff (Presidente e Orientadora) – PPGH/UFSC

  
Prof. Dr. José Eduardo Leon Szwako (via videoconferência) – UERJ

  
Profa. Dra. Ana Paula Vosne Martins (via videoconferência) – UFPR

  
Profa. Dra. Janine Gomes da Silva – PPGH/UFSC

Profa. Dra. Ana Maria Veiga – PPGICH/UFSC (suplente interna)

Profa. Dra. Cintia Lima Crescêncio – UPM/SP (suplente externa)



**Profa. Dra. Cristina Scheibe Wolff**  
**Coordenadora do PPGH/UFSC**  
**Florianópolis, 19 de agosto de 2016**



*À minha mãe, Angela Maria Amorim da Silva  
e ao meu pai, Nilton Miguel da Silva.*

*Às mulheres e homens que não sem medo  
saíram às ruas em nome de suas/eus  
familiares e que não mediram esforços para  
buscar respostas para toda violência exercida  
nas décadas de 1950 a 1980, no Cone Sul. Por  
suas memórias, histórias, lutas e busca por  
justiça.*



## AGRADECIMENTOS

A todas as pessoas que me ajudaram nessa pesquisa, obrigada! Realmente, não foi uma tarefa fácil abordar esse tema e realizá-lo da maneira como foi feito. Foi necessário elaborar várias entrevistas e para além do deslocamento que obviamente seria necessário ao trabalho, precisei encontrar pessoas que estivessem à vontade para falar sobre o assunto comigo. Tive ajuda de muitas pessoas, a começar pela minha orientadora Cristina Scheibe Wolff, que tem me acompanhado desde a Iniciação Científica em 2010, muitas vezes, foram suas sábias palavras que me trouxeram conforto e inspiração para a escrita. Talvez sem ela jamais pesquisasse sobre a Carmen de Lara Castro. Além disso, foi uma grande motivadora dessa investigação. Com sua ajuda pude conhecer Alfredo Boccia Paz que teve papel importantíssimo como entrevistado e intermediador de contatos. Em todas as vezes que fui à Assunção, ele abriu a porta de seu consultório para conversarmos com uma enorme paciência e animação com a pesquisa (e gentilmente respondia minhas listas de questionamentos).

Além da preocupação com as entrevistas, fui buscar informações sobre a Carmen de Lara Castro nos arquivos da polícia stronista, e em todas as vezes que fui à Assunção durante a pesquisa, já tinha no itinerário “visitar” o *Archivo del Terror*. Local em que gentilmente fui auxiliada por Rosa Palau e sua equipe. Somente assim pude encontrar os documentos necessários para essa investigação, apreender sobre o arquivo e o sistema de buscas de documentos. Graças também a sua equipe pude encontrar os caminhos para chegar até as casas de entrevistadas/os e como voltar para o hotel.

Então, já começando os agradecimentos pelo Paraguai, vou elencar algumas pessoas que me auxiliaram de diversas formas, além de terem tido a paciência e o carinho de abrir suas casas e dividir suas recordações. Aqui, segue meus sinceros agradecimentos a vocês, entrevistadas/os, sem dúvida, esse estudo não poderia ter sido realizado sem essa relação de envolvimento: Alfredo Boccia Paz, Dionisio de Gauto Galeano, Domingo Laino, Fernando de Lara Castro, Francisco (Pancho) de Vargas, Jorge de Lara Castro, José Manuel Lara Castro, Julian Vera de Monges, Luis Alfonso Resck (*In memoriam*), Luis Lara Castro, María Victória Riart de Garcia, Martin de Lara Castro, Nelson Garcia Ramirez, Rafaela Guanes de Laino, Roberto Paredes e Tício Escobar Argaña.

Ao Fernando Lara Castro, Martin Lara Castro e Luis Lara Castro que gentilmente responderam meus e-mails quando tive dúvidas e que

mesmo de longe enviavam notícias do Paraguai, meus sinceros agradecimentos.

A Todas as pessoas que sem terem sido entrevistadas, tiveram participação na elaboração dessa pesquisa, indicando livros, artigos e propiciando esclarecimentos para as minhas perguntas: ao Eduardo Nakayama pelas inúmeras elucidações sobre o *Partido Liberal*, ao Gustavo Ibarra que possibilitou que pudesse entrevistar Luis Alfonso Resck, ao Charles Quevedo e a Lorena Soler, pelas maravilhosas indicações de leitura, a Adelina Pusineri, a Raquel Villalba, a Raquel Zalazar, ao professor Roberto Céspedes que pacientemente respondia meus e-mails, encaminhava material de leitura e apresentava esclarecimentos sobre meus questionamentos, e a Laura Gomez amiga paraguaia que vive e estuda em Florianópolis, minha tradutora preferida. A equipe do *Centro de Documentación y Estudios* e da *Biblioteca y Archivo Central del Congreso Nacional* sempre dispostas e atentas a me ajudar e enviar documentos quando precisei. A todas e todos vocês que com muita gentileza e “solidariedade acadêmica” tornaram possível que esse trabalho se desenvolvesse.

Às integrantes do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH), esse incrível laboratório de estudos que me acolheu e se tornou parte da minha vida desde a graduação, obrigada por todos os ensinamentos e maravilhosas risadas feministas. Às professoras coordenadoras do LEGH, Janine Gomes da Silva, Cristina Scheibe Wolff e Joana Maria Pedro que tanto tem contribuído para a formação de estudantes sensíveis, responsáveis e apaixonadas/os por história.

Agradeço à professora Janine Gomes da Silva e o professor José Eduardo León Szwaco por terem participado da minha qualificação de mestrado com valiosas contribuições a essa pesquisa. E por aceitarem compor a banca examinadora desse trabalho em sua forma final, juntamente com a professora Ana Paula Vosne Martins.

Dizem que as/os amiga/os, são a família que podemos escolher, então não poderia deixar de agradecer a algumas pessoas que são muito importantes na minha vida, além de serem inspirações enquanto investigadoras/es. Algumas dessas pessoas vieram de longe e constituem a família que escolhi ter por perto: Gleidiane de Souza, Cintia Lima e Eloisa Rosalen, minhas irmãs queridas, pessoas muito sinceras, sensíveis e dedicadas ao ofício de historiar, tenho orgulho de tê-las como amigas. Além disso, não poderia deixar de agradecer as intensas leituras desse trabalho feitas por Eloisa e Gustavo Tiengo Pontes, querido amigo desde a graduação, de longas e intermináveis discussões sobre Bourdieu e



Foucault. Aos amigos queridos, Marcos Luã e Leandro Maciel, compartilhadores de doces e de estudos, e por todos os sábios conselhos.

Vou fazer um agradecimento especial às minhas amigas do LEGH: Mirian Nascimento, Camila Diane, Musa Santos, Lídia Bristot, Dayanne Schetz, Lorena Zommer, Mariane Silva, Kelly Teixeira, Lucimari Siqueira, Josiély Koerich, Marilene Félix e Fátima Geleski, amigas maravilhosas, obrigada por existirem nesse mundo caótico! Ao Igor Henrique Lopes, querido amigo que me incentivou a realizar essa pesquisa, sinto saudades suas, dedico (*In memoriam*) esse trabalho a você também! Essa dissertação não seria a mesma sem as longas conversas, as lamentações, as risadas e os cafés no LEGH.

A todas e todos, obrigada por terem cruzado minha vida e serem essas pessoas incríveis!

Gostaria de agradecer ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina e a CAPES pelo incentivo a pesquisa.

Termino os agradecimentos pela minha maravilhosa família, “que não escolhi”, mas que amo muito: a minha incrível mãe, Angela, ao meu paciente pai, Nilton, ao meu querido e engraçado irmão, Arley e a minha linda, preocupada e companheira irmã, Schirley. Vocês proporcionaram que toda minha formação e esse trabalho fossem possíveis. Sem ajuda, o carinho e muito incentivo não teria terminado essa pesquisa. Ao meu cunhado Eriberto e cunhada Ana que sempre estiveram ao meu lado e como parte da família, não ficaram de fora de tudo o que ocorreu durante o mestrado. Ao Nathan, sobrinho amado, “presente” dos/nos meus dias, menino mais alegre e cativante que já vi (está contente porque sua tia é mestre, como uma jedi). Às minhas tias, primas e avó que acompanharam esse meu trajeto sempre me motivando, apoiando para continuar o trabalho, com carinhos, “comidas saudáveis”, abraços e beijos.

À família Tambani Flores, Karol, Mari, Renato e Jefferson por terem acompanhado meus estudos e vibrado com minhas vitórias.

Ao meu “companheiro de investigação” e de vida, Douglas Tambani Flores, agradeço por caminhar ao meu lado sempre. Por me incentivar, motivar e estimular a continuação da minha formação enquanto professora de história. Acompanhou as várias etapas dessa investigação mesmo quando longe. Parceiro de viagem ao Paraguai e de leituras de meu trabalho, muito obrigada! Que venha o doutorado e que você continue por perto. Sendo bem clichê e usando esse espaço também para declarações sentimentais, amo-te!



## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo narrar a trajetória de Carmen de Lara Castro (1919-1993), mulher paraguaia que durante a ditadura foi deputada nacional (1968-1978) e criou, com ajuda de outras pessoas engajadas na oposição a Stroessner, a *Comisión de Defensa de Los Derechos Humanos del Paraguay* (CODEHUP), fundada no ano de 1967. A organização, presidida por ela por 26 anos, teve como propósito denunciar as violências do regime, lutar pela libertação e por auxílio a pessoas presas e ainda pela conscientização da população paraguaia sobre a importância dos direitos humanos. Em função de sua luta, Carmen de Lara Castro faz parte da memória paraguaia, sendo recordada em livros, em entrevistas e periódicos. Diante disso, este trabalho pretende refletir e analisar como Carmen de Lara Castro é lembrada e narrada em entrevistas orais, problematizando sua trajetória como militante pelos Direitos Humanos – papel muito mais destacado pelas narrativas orais – e como política opositora do regime junto ao *Partido Liberal*. Para isso utilizo como fontes, principalmente, memórias orais e documentos do *Centro de Documentación y Archivo para la Defensa de los Derechos Humanos (CDyA)* – alcunhado de *Archivo del Terror*. Metodologicamente esta dissertação baseou-se nos estudos de gênero, nos estudos sobre memórias e nas ferramentas da história oral. Já o recorte temporal abarca os anos de 1967 a 1989, respectivamente o início da CODEHUP e da carreira parlamentar de Carmen de Lara Castro e o final da ditadura stronista.

**Palavras- Chave:** Carmen de Lara Castro, Memórias, Stronismo, Direitos Humanos



## ABSTRACT

This thesis aims to narrate the trajectory of Carmen de Lara Castro (1919-1993), a Paraguayan woman who, during the dictatorship, was a National Representative (1968-1978) and created, with the help of other people engaged to oppose Stroessner, the *Comisión de Defensa de Los Derechos Humanos del Paraguay* (CODEHUP), founded in the year of 1967. The organization was headed by her for 26 years and proposed during its existence: to denounce the regime's violence, to struggle for freedom, to assist prisoners and also to raise the Paraguayan population awareness about the importance of human rights. Because of her fight, Carmen de Lara Castro is part of the Paraguayan memory, being remembered in books, interviews and periodicals. To this, we intend to reflect and analyze how Carmen de Lara Castro is remembered and narrated in oral interviews, aiming to discuss her career as a militant for Human Rights - role much more prominent in the oral narratives - and also as a political opposition of the regime with the Liberal Party. For this we use as sources mainly oral memories and documents of the *Documentación y Archivo para la Defensa Centre de los Derechos Humanos* (CDyA) - nicknamed Archivo del Terror. Methodologically this dissertation was based on gender studies, studies on memories and oral history tools. The time frame covers the years of 1967 to 1989, respectively the beginning of the CODEHUP and the parliamentary career of Carmen de Lara Castro and the end of the stronist dictatorship.

**Key-words:** Carmen de Lara Castro, Memoirs, Stronism, Human rights.



## LISTA DE FIGURAS

|  |     |
|--|-----|
| Figura 1- Casa Mariscal Estigarribia.....  | 45  |
| Figura 2- Carmen de Lara Castro com 16 anos de idade.....                                | 48  |
| Figura 3- Família Lara Castro festa de bodas de casamento .....                          | 61  |
| Figura 4- <i>Conociendo Carmen de Lara Castro</i> .....                                  | 87  |
| Figura 5- Revista <i>Cuñatai</i> .....   | 93  |
| Figura 6- <i>Primero Congreso Femenino Liberal</i> .....                                 | 98  |
| Figura 7- <i>La Residenta</i> .....  | 130 |
| Figura 8- Mesa Diretiva de la <i>Comisión de los Derechos Humanos del Paraguay</i> ..... | 158 |
| Figura 9- I Congresso de Direitos Humanos .....  | 211 |





## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BPD- *Banco Paraguayo de Datos*  
ERP- *Ejército Paraguayo Revolucionário*  
CEP- *Conferencia Episcopal Paraguaya*  
CDyA- *Centro de Documentación y Archivo para La Defensa de Los Derechos Humanos (Archivo del Terror)*  
CIPAE- *Comité de Iglesias para Ayudas de Emergencia*  
CIDH- *Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos*  
CODEHUPY- *Coordinadora de Derechos Humanos del Paraguay*  
CONADEH- *Comisión Nacional de los Derechos Humanos*  
Comisión ou CODEHUP - *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos*  
JPDH- *Juventud Paraguaya por los Derechos Humanos*  
LEGH- *Laboratório de Estudos de Gênero e História*  
MOPAL- *Movimiento Paraguayo de Libertación*  
MOPOCO- *Movimiento Popular Colorado*  
ANR- *Asociación Nacional Republicana (Partido Colorado)*  
PCP- *Partido Comunista Paraguayo*  
PRF- *Partido Revolucionario Febrerista*  
PL- *Partido Liberal*  
PLR- *Partido Liberal Radical*  
PLRA- *Partido Liberal Radical Autentico*  
OPM- *Operación Político Militar*  
OEA- *Organização dos Estados Americanos*  
ONU- *Organização das Nações Unidas*



## SUMÁRIO

|  |     |
|--|-----|
| <b>1. INTRODUÇÃO</b> .....   | 21  |
| <b>2. CAPÍTULO 1- NARRATIVAS DOS FAMILIARES: QUEM FOI CARMEN CASCO MIRANDA DE LARA CASTRO?</b> .....                                     | 45  |
| 2.1 No tempo das memórias da guerra, das revoluções e do exílio.....   | 47  |
| 2.2. Das memórias narradas pelos filhos- uma contrução de si e de Carmen de Lara Castro.....   | 69  |
| <b>3. CAPÍTULO 2- DAS MEMÓRIAS SOBRE A PARTICIPAÇÃO DE CARMEN DE LARA CASTRO NA POLÍTICA</b> .....                                       | 79  |
| 3.1 Dos muitos movimentos de mulheres urbanas e a participação política partidária de mulheres – visualizando Carmen de Lara Castro..... | 82  |
| 3.2. Por que Carmen de Lara Castro se destacou no partido e na política? .....   | 100 |
| 3.3.“ <i>Por ser mujer, hay que trabajar como tres hombres</i> ”- mulheres paraguaias e os espaços de poder político .....               | 132 |
| <b>4. CAPÍTULO 3 – MEMÓRIAS DE LUTA, MEMÓRIAS EM LUTA: A COMISIÓN DE DEFENSA DE LOS DERECHOS HUMANOS E CARMEN DE LARA CASTRO</b> .....   | 143 |
| 4.1. Uma história da emergência da <i>Comisión de Defensa de los Derechos Humanos del Paraguay</i> .....                                 | 147 |
| 4.2 As memórias sobre a <i>Comisión</i> : sua organização e seu funcionamento .....  | 163 |
| 4.3. Apoios, denúncias, novas organizações e alianças na luta pelos direitos humanos .....   | 174 |
| 4.4. Por dentro das prisões e da ditadura stronista- Carmen (e as outras organizações eram) a ligação com o mundo exterior .....         | 189 |
| <b>5. CAPÍTULO 4 – MULHERES EM AÇÃO CONTRA O REGIME STRONISTA: GÊNERO E MEMÓRIAS</b> .....   | 215 |
| 5.1. - <i>La madre coraje</i> - os disfarces, as lembranças e as ações de <i>Doña Coca</i> .....   | 216 |
| 5.2. – Na memória, os resforços de gênero- as mulheres e os homens da <i>Comisión</i> .....  | 221 |
| 5.3. Castigando a <i>la madre</i> – detenções, perseguições e torturas.....  | 241 |
| <b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....   | 255 |

|  |            |
|--|------------|
| <b>7. FONTES.....</b>  | <b>261</b> |
| 7. 1. Entrevistas.....   | 261        |
| 7.2 Periódicos digitalizados .....   | 262        |
| 7.3 Documentos da <i>Biblioteca y Archivo Central del Congreso Nacional</i><br>.....   | 263        |
| 7.4 Documentos Microfilmados.....  | 264        |
| <b>8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>   | <b>265</b> |
| <b>ANEXO 1- LEY 498- DÍA DE LA MUJER PARAGUAYA .....</b>   | <b>281</b> |
| <b>ANEXO 2- LISTA DE PARLAMENTARES NOS ANOS DE 1963-<br/>1966-1977 .....</b>   | <b>283</b> |
| <b>ANEXO 3- <i>BOLETÍN DEL VOTO</i> .....</b>  | <b>289</b> |
| <b>APÊNDICE 1- ROTEIRO DE ENTREVISTA USADA EM 2014</b>   | <b>291</b> |
| <b>APÊNDICE 2 - ROTEIRO DE ENTREVISTA 2015 COM<br/>ALGUMAS MODIFICAÇÕES DO ROTEIRO DE 2014 .....</b>                                       | <b>295</b> |
| <b>APÊNDICE 3 - CARTA DE AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA<br/>.....</b>   | <b>299</b> |
| <b>APÊNDICE 4- CASA DE CARNEN DE LARA CASTRO, RUA<br/><i>NUESTRA SEÑORA DE ASUNCIÓN</i>, N. 870,<br/>ASSUNÇÃO/PARAGUAI 20/01/1015.....</b> | <b>301</b> |
| <b>APÊNDICE 5- NOTAS SOBRE AS ENTREVISTAS E<br/>INFORMAÇÕES SOBRE AS/OS ENTREVISTADAS/OS .....</b>   | <b>303</b> |

## 1. INTRODUÇÃO

Esqueçamos a fobia da aranha, a beleza ou a feiura desse aracnídeo, o que farei é associar a historiadora que escreve a uma aranha. Olvidamos também a serventia de uma teia da aranha, pois, esse trabalho que apresento é semelhante a uma teia. Não uma teia pronta, mas uma que está sendo e, talvez, não fique totalmente completa. Assim como a aranha quando tece e faz sua base com a intersecção de fios – traça sua base em pontos distintos – fiz o mesmo, pensando na estrutura desse trabalho. A partir de narrativas e de leituras, tracei o espaço e o tempo, depois correndo por esses pontos, fui construindo e tecendo com as memórias faladas e escritas, jornais, livros e documentos da polícia stronista, essa “teia de aranha”. O fio da teia é constituído, também, por lágrimas, sorrisos, emoções que são impossíveis de não se obter quando se trabalha ou se debruça sobre a trajetória de pessoas que viveram, amaram, lutaram e que jamais serão totalizadas na escrita. Por isso, busco a imagem da teia, pois são fios conectados manualmente e sem dúvida com espaços entre eles, pois não podemos esquecer das falhas, o impossível de narrar ou de explicar. O que entrego a vocês é o resultado de um entrelaçamento criado pela aranha historiadora, certamente se outra aranha fosse tecer essa história, a teia seria diferente.

\*\*\*

Vinte três anos e mais de mil e duzentos quilômetros de distância do bairro onde residio até a cidade de Assunção, Paraguai, essa é a distância temporal e física, que me separam de Carmen Miranda Casco de Lara Castro<sup>1</sup>, mulher que será objeto dessa dissertação de mestrado. Falecida aos 73 anos de idade em oito de maio de 1993, ela é comumente lembrada em jornais e entrevistas ainda nos dias de hoje, devido a sua atuação durante e posterior à ditadura<sup>2</sup> stronista. Essa mulher teve uma profícua trajetória de luta na área dos direitos humanos, fundou e liderou a primeira *Comisión de Defensa los Derechos Humanos del Paraguay* em

---

<sup>1</sup> Nesse trabalho farei uso da forma mais conhecida e usual do nome de Carmen Miranda Casco de Lara Castro que é Carmen de Lara Castro.

<sup>2</sup> Nesse trabalho faço uso da categoria ditadura para o caso Paraguai, entendendo-a como um sistema de poder autoritário, personalista (centrado na figura de Stroessner) e organização fundada na violência a qualquer tipo de oposição ao governo.

1967 (CODEHUP), e isso ocorreu durante a mais longa ditadura da América Latina, com a duração de 35 anos, presidida pelo General Alfredo Stroessner (1954-1989).

Como acertadamente enfatizou Diego Abente Brun “el Stronismo no surgió de la nada, ni se consolidó construyendo su hegemonia sobre una tabla rasa. Lo hizo sobre un sistema de partidos preexistente que ya tenía 70 años de vida”<sup>3</sup>. O regime stronista se constituiu sobre uma base de crises militares e civis, em que por longo tempo o *Partido Liberal* (PL) ficou a frente do país (1904-1935, 1937-1940)<sup>4</sup>. A natureza desse longo

---

<sup>3</sup>Segundo esse autor, a base desse sistema de partidos era bipartidarista e clientelista. BRUN, Diego Abente. *El régimen Stronista: Naturaleza, sustento y longividad*. Colección 60 años del Stronismo, n. 3, Assunção: El Lector, Abc Color, 2014, p. 37, 44.

<sup>4</sup>Apenas para situar a/o leitora/or, inicialmente as pessoas que atuavam e influenciavam na política desde o pós Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), reuniam-se em clubes políticos. O *Partido Liberal* foi criado em 1887 e formalizado em 1893. Sua composição social era: de intelectuais vindos da Argentina na condição de ex-exilados (muitos conformaram elite cultural), de “legionários”- soldados que lutaram contra López desde a Argentina e de soldados que lutaram com López, de parentes de pessoas importantes da elite política paraguaia. Em sua maioria, não eram economicamente relevantes devido ao exílio, mas constituíam um grupo que tiveram oportunidades de estudar na Argentina, tornando-se expoentes da intelectualidade. Como explicitou José Carlos de Souza, o objetivo inicial do *Partido Liberal* era chegar ao poder do Estado paraguaio, que não conseguiam por meio das eleições que eram fraudulentas, lançaram diversas campanhas em oposição ao *Partido Colorado*, sobre a questão das eleições, mas, também contra a venda de terras fiscais, denunciando a corrupção, entre outros, e lograram afirmação no meio rural. Por meio de um golpe em 1904, chamado de Revolução, conquistaram o poder. Nesse período a situação do Paraguai era calamitosa devido à guerra, a crise econômica, mas também em função das intervenções militares entre os partidos e as políticas econômicas realizadas anteriormente. É importante ressaltar que no “papel”, os ideários, os estatutos, os manifestos do Partido mostram que havia preocupação em efetuar eleições democraticamente e com questões sociais amplas, ao contrário do que foi escrito a posteriori sobre esse partido. Durante os governos liberais buscou-se o saneamento da moeda, das dívidas públicas e externas, no entanto, não ocorreu satisfatoriamente, tanto por fatores externos quanto internos que não serão aprofundados aqui. Cabe mencionar que muitas vezes os programas de reformas preteridos não ocorreram, pois, foram demasiados os golpes e os governos de curtos períodos, não havendo tempo, nem mesmo, para coloca-los em prática. Ainda que tenham logrado algumas melhorias na educação, no desenvolvimento de indústrias e na economia, sobretudo na década de 1920, a reconstrução do país desolado por conflitos políticos, foi feita para um pequeno

regime ocorreu através da combinação ou “simbiose” do personalismo, do militarismo e do partidarismo único, e foi a partir da fórmula Stroessner – Forças Armadas – *Partido Colorado*<sup>5</sup> que se sustentou a “a força granítica” de seu governo <sup>6</sup> – que claramente não estava livre de conflitos.

Seu regime foi pautado pelo: atropelo aos direitos humanos, perpetrado por seu eficaz sistema de controle e violência contra a população paraguaia, por um a extensa rede clientelística e pela coloradização das forças armadas e dos serviços públicos, pelo tráfico ilegal, pelo auxílio do governo norte americano e simpatia dos países vizinhos, pela criação de Itaipú, entre outras caracterizações possíveis do que se chamou de stronismo<sup>7</sup>.

A história de Carmen de Lara Castro como tentarei mostrar, é narrada por muitas pessoas entrevistadas que a conheceram e que destacaram sua coragem de auxiliar as/os presas/presos<sup>8</sup>, de denunciar as

grupo e, de maneira alguma, foi para o *plueblo* – em que as manifestações sociais foram reprimidas violentamente. SOUZA, José Carlos. *O Estado e a sociedade no Paraguai durante o governo do Partido Liberal (1904-1935)*. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2006, p.187- 198, 202- 206.

<sup>5</sup>O *Partido Colorado* ou *Asociación Nacional Republicana* foi fundado em 1887, mas o embrião desse partido já existia anteriormente na forma de alguns clubes que emergiram com a Guerra da Tríplice Aliança. Tinha tendência mais conservadora, ligado a militares simpatizantes de López e proprietários de terra. Governaram o país de 1869 a 1904, em sua primeira Era Colorada. Cabe mencionar que os partidos *Colorado* e *liberal* foram fundados em 1887 e que não possuíam profundas diferenças ideológicas em seu início. SOUZA, José Carlos. *O Op. Cit.*, p. 178., BRUN, Diego Abente. *Op. Cit.*, p. 37.

<sup>6</sup> BRUN, Diego Abente. *Op. Cit.*, p. 16.

<sup>7</sup> BLANCH, José M., ACUÑA, Edith, BAREIRO, Line (et. al.). El precio de la Paz. Assunção: Centro de Estudios Paraguayos Antonio Guasch, 1991, p. 366, NICKSON, Andrew. El regimen de Stroessner (1954-1989). TELESICA, Ignacio (Org.). *Historia del Paraguay*. Assunção: Taurus - Santillana, 2010, p. 265-294.

<sup>8</sup> É importante frisar desde o início desse trabalho que todas as palavras serão colocadas no masculino e feminino, chamando atenção para nossa escrita que, por muitas vezes, privilegia o masculino como se representasse homens e mulheres ou, como apontado por Susan Okin, a falsa neutralidade de gênero. Evidenciar o feminino e o masculino na escrita - ainda que presa à uma gramática sexista- é pontuar que as pessoas fazem história. OKIN, Susan. Gênero, o público e o privado. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 16(2), maio-ago.2008, p. 308-311. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n2/02.pdf> > Acesso em 07 jul. 2016.

torturas, prisões arbitrárias, durante o período em que esteve à frente da Comissão de Direitos Humanos entre os anos 1967 a 1993. Os objetivos desse trabalho, para além de contar parte da história dessa mulher paraguaia, são: refletir e analisar como Carmen de Lara Castro é lembrada e narrada nas entrevistas orais, como se transformou em uma militante pelos direitos humanos e política opositora ao regime junto ao *Partido Liberal*. Ação que é pouco explicitada nas entrevistas e nos textos que abordam sua militância, e é de grande importância visto que foi deputada (1968 – 1978) e senadora (1989 – 1993) num período em que poucas mulheres atuaram politicamente no Paraguai<sup>9</sup>.

A escolha de escrever sobre a trajetória dessa mulher paraguaia emergiu com minha pesquisa de Iniciação Científica no Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH) em meados de 2010. Investigando no acervo do LEGH, lendo e participando das reuniões semanais, passei a estudar sobre a atuação de mulheres em grupos de familiares desaparecidos e detidos, tema que me interessava. Então comecei a procurar informações sobre algumas organizações para realizar um trabalho de pesquisa de história comparativa, seguindo uma abordagem que já vinha sendo realizada no LEGH. Com exceção do Movimento Feminino pela Anistia (MFPA), no Brasil, que já havia alguns trabalhos e livros sobre o assunto, o Paraguai com a CODEHUP e a Bolívia com a *Asociación de Familiares de Detenidos, Desaparecidos y Mártires por la Liberación Nacional de Bolivia* (ASOFAMD), eram temas/grupos que careciam de estudos acadêmicos. Essa investigação resultou na monografia defendida em 2013, intitulada: “Usando o gênero como arma: trajetórias de mulheres na resistência às ditaduras”. Nela busquei fazer um estudo sobre a trajetória de Carmen de Lara Castro e de Loyola Guzmán Lara<sup>10</sup>.

Durante a Iniciação Científica, no ano de 2012, fiz minha primeira viagem de investigação à Assunção acompanhando as professoras do

---

<sup>9</sup> Em 1961, foi o ano em que mulheres passaram a ser representativas enquanto cidadãs votantes, mas a incorporação delas no parlamento se deu de forma restringida.

<sup>10</sup> Essas “Laras” militaram em seus países pelos direitos humanos, em períodos e contextos diferentes, o que busquei mostrar na monografia foi como esses grupos que auxiliaram detidas/os e familiares de pessoas desaparecidas usavam o gênero para se defender de uma possível repressão policial e também para legitimar a sua luta. Loyola Guzmán Lara é bolíviana, e é uma importante ativista pelos Direitos humanos. Foi organizadora da ASOFAMD. Reconhecida também por seu engajamento na guerrilha de Nancahuazú, efetivada pelo Exército de Liberação Nacional na Bolívia em 1967.



LEGH<sup>11</sup>. Devido a essa oportunidade, comecei a procurar os vestígios da CODEHUP e sobre Carmen de Lara Castro. Entre outras atividades desenvolvidas nessa viagem, conheci Rosa Palau<sup>12</sup> e o *Archivo del Terror* – *Museo de la Justicia, Centro de Documentación y Archivo para la Defensa de los Derechos Humanos* (CDyA)<sup>13</sup>. Entrevistei pela primeira vez o professor Luis Alfonso Recsk, companheiro de luta de Carmen de Lara Castro e conheci o médico e pesquisador Alfredo Boccia Paz. A graduação e a Iniciação Científica terminaram, mas a vontade de aprender sobre a trajetória de Carmen de Lara Castro no que corresponde a sua participação na resistência à ditadura<sup>14</sup>, não extinguiram.

---

<sup>11</sup> Com as professoras Joana Maria Pedro e Janine Gomes da Silva e com a estudante de história Marilene Félix, em uma viagem de pesquisa para as investigações do Laboratório de Estudos de Gênero e História.

<sup>12</sup> Cordenadora do *Archivo del Terror*.

<sup>13</sup> *Archivo del Terror* foi o nome dado por jornalistas ao acervo que compõem o arquivo documental da polícia stronista. Foi encontrado no dia 22 de dezembro de 1992 na cidade de Lambaré e contém principalmente documentos produzidos e sequestrados pela polícia stronista – pode-se encontrar documentos de 1931 a 1991. E representa muito mais do que possibilidade de esclarecer o passado recente do Paraguai ou conhecer como funcionava o sistema repressivo. É a possibilidade de reconhecer os crimes perpetrados não só pelo Estado Paraguaio, mas por outros países do Cone Sul, que envolvidos em uma operação de repressão e assassinatos firmaram um plano/pacto de cooperação no ano de 1975, chamado o Plano Cóndor. Para saber mais sobre o *Archivo del terror*, ver em: PAZ, Alfredo Boccia, LÓPEZ, Miguel H., GIMÉNEZ, Maria Gloria (et. al). *En los sótanos de los generales – los documentos ocultos del Operativo Cóndor*. Assunção: Servi Libro, ExpoLibro, 2002., KOERICH, Josiély. *O Archivo del Terror no Paraguai: algumas narrativas sobre sua descoberta e usos contemporâneos*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015., PAZ, Alfredo Boccia, AGUILA, Rosa Palau, SALERNO, Osvaldo. *Paraguay: los Archivos del Terror- los papeles que resignificaron la memoria del stronismo*. Assunção: Servicios Graficos del Poder Judicial, 2007.

<sup>14</sup> O termo Resistencia tem um longo debate, e deve ser compreendido de acordo com seu espaço e tempo. Segundo Denise Rollemberg esse conceito entrou em debate num contexto do pós-Segunda Guerra Mundial acerca da ocupação Alemã na França, mas sofreu um alargamento e diversos autores se debruçaram em estudar suas definições. Esse conceito ainda está em aberto, como sugerem as autoras que se dedicam ao seu estudo. Nessa dissertação entendo por resistência como: a ação legal ou ilegal (clandestina), individual e/ou coletiva de parte da população paraguaia que se opunha a ditadura, podendo ser tanto em lutas armadas, quanto na política partidária reconhecida pelo regime, entendidas como “resistências por dentro”. Compreendo que nesse caso não existe um estrangeiro ocupando o país, como durante a Segunda Guerra, e que seria necessário um

Com a possibilidade de prosseguir pesquisando esse tema, busquei aprofundar algumas perguntas deixadas na monografia: sobre as ditaduras no Paraguai e os tentáculos de Stroessner, como e para quem funcionava a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos? de que maneira Carmen de Lara Castro conseguia realizar denúncias? como ela atuava como parlamentar e quais eram seus projetos? como se dava a participação de mulheres em partidos políticos no Paraguai?

Primeiramente, pesquisei nas entrevistas já feitas pelo LEGH no ano 2008, pelas professoras Cristina Scheibe Wolff e Joana Maria Pedro em Assunção. Das 19 entrevistas que foram feitas por elas, e posteriormente, transcritas pelo laboratório, quatro chamavam atenção para uma mulher que teria militado praticamente sozinha pelos direitos humanos no Paraguai <sup>15</sup>. Da inquietação promovida pelas entrevistas e

---

estudo mais aprofundado sobre a resistência até mesmo para compreender “as resistências”, visto que os objetivos de pessoas e grupos não foram uniformes. O partido em que Carmen de Lara Castro estava inserida tentou derrubar Stroessner, mas também, negociou com ele. E não almejava grandes rupturas, no caso desse partido reconhecido. A “resistência”, “militância” e a “oposição política” são termos usados para compreender a ação política de Carmen de Lara Castro. É complexo dizer que ela fazia resistência quando esteve no próprio jogo do “poder”, colaborando com a fachada democrática do stronismo, junto a seu partido tradicional, que governou o Paraguai por longos períodos com um pensamento liberal (1904-1936, 1937-1940). Porém durante o stronismo, “*lejos*” da presidência do país, faziam oposição dentro do parlamento. Se do ponto de vista político, ela foi colaboradora com a fachada democrática, no período que foi deputada nacional, do ponto de vista da luta pelos direitos humanos, foi resistente. Ver em: ROLEMBERG, Denise. Definir o conceito de resistência: dilemas, reflexões, possibilidades. In: ROLLEMBERG, Denise, QUADRAT, Samantha Viz. *História e memória das ditaduras do século XX*. V.1. Rio de Janeiro: FVG, 2015, p. 77-95, SAMPAIO, Simone Sobral. *Foucault e a resistência*. Gioania: UFG, 2006, p.17, 67, 71, WOLFF, Cristina Scheibe. Resistência. In: COLLING, Ana Maria, TEDESCHI. Losandro Antônio. (Org.). *Dicionário Crítico de Gênero*. Dourados-MS: Ed. UFGD, 2015, p. 582-587.

<sup>15</sup> Os quatro entrevistados que contaram sobre Carmen de Lara Castro em suas entrevistas são: Alfredo Boccia Paz, Ricardo Pavetti, Guido Alcalá e Jorge Lara Castro, todas estão disponíveis no acervo do LEGH. Destaco brevemente que as entrevistas realizadas pelas professoras Cristina Scheibe Wolff e Joana Maria Pedro, foram produzidas no contexto da pesquisa sobre gênero e feminismo nas ditaduras do Cone Sul. Portanto, as questões feitas por elas às pessoas entrevistadas, remetiam a outros temas que não eram centrados na militância de Carmen de Lara Castro. Pois, elas pretendiam conhecer e problematizar o movimento feminista e as resistências à ditadura no Paraguai. Das dezenove

livros, escrevi o projeto para o mestrado que tinha o nome de: “Ni olvido, ni perdón: trajetória de resistência de Carmen de Lara Castro à ditadura no Paraguai (1960-1990) ”.

Com o desenvolvimento da pesquisa, pude realizar minhas próprias entrevistas e buscar outros documentos e livros. No período de 2014 e 2015, estive algumas vezes em Assunção em diferentes períodos de permanência e investigação na cidade: No primeiro, uma curta viagem de sete dias em que participei do evento *ACIAGAS: Conmemoraciones Paraguay, Guatemala y Barsil 60 años después*. Aproveitando o ensejo, realizei quatro entrevistas com pessoas que conheceram Carmen de Lara Castro e com um de seus filhos<sup>16</sup>. Além disso, durante a semana do evento, fui até o *Archivo del Terror* para buscar os documentos requeridos a Rosa Palau<sup>17</sup>, digitalizei livros, fotos de jornais e revistas na *Biblioteca Nacional del Paraguay* e no *Centro de Documentación e Estudios* (CDE).

---

entrevistas efetuadas nesse país, em três delas o nome de Carmen de Lara Castro é lembrado mediante a pergunta: *havia mulheres que fizeram resistência à ditadura Stroessner?* Já a quarta entrevista abordava a militância de Carmen de Lara Castro, mais detidamente, visto que foi feita com seu filho, Jorge Lara Castro.

<sup>16</sup>1. Rafaela Guanes de Laino, 2. Alfredo Boccia Paz, 3. Luis Alfonso Resck 4. Jorge de Lara Castro, 5- Roberto Paredes. É importante ressaltar que o contato com as/os entrevistadas/os foi realizada, nessa primeira viagem, por email dado que algumas delas já havia sido entrevistadas pelo Laboratório de Estudos de Gênero e História. Durante a estadia em Assunção entrei em contato com cada pessoa entrevistada por telefone para marcar a entre/vista.

<sup>17</sup> Do levantamento efetivado para o projeto de Mestrado no ano de 2013, havia encontrado 293 fichas do *Archivo del Terror* com o nome de Carmen de Lara Castro, e outras informações, no site do *Projeto Memoria Histórica, Democracia y Derechos Humanos* (online) que é buscador de documentos do *Archivo del Terror* – além de encontrar registros dos arquivos, possui 246 PDF de documentos diversos que podem ser acessados na internet. Feito esse primeiro levantamento, realizei o pedido da documentação a Rosa Palau por email e fui buscá-los quando participei do evento em 2014. Uma rápida busca nesse site, podes-se conferir aproximadamente 60.000 registros de documentos do CDyA que foram selecionados para esse projeto, que foi desenvolvido com o convenio da *Corte Suprema de Justicia*, a *Universidad Católica de Asunción* e a ONG *The National Security Archive*. A ideia desse site é ser um aporte para acelerar a procura de habeas data e para as investigações nesse arquivo. Acesso disponível em <[http://www.aladin0.wrlc.org/gsd/collect/terror/terror\\_s.shtml](http://www.aladin0.wrlc.org/gsd/collect/terror/terror_s.shtml)> 28 jun. 2016.

No segundo período de investigação em 2015, foram 18 dias em Assunção, realizei treze entrevistas<sup>18</sup> – com pessoas que conheceram Carmen de Lara Castro e com cinco de seus seis filhos. Mais uma vez, investiguei no vasto acervo do *Archivo del Terror* e, trouxe outros documentos microfilmados que tratavam não somente de Carmen de Lara Castro, mas de outras pessoas e do período abordado<sup>19</sup>.

O *Archivo del Terror* é composto pelo acervo da polícia stronista, dessa forma, encontra-se diversos tipos de documentos produzidos ou sequestrados: desde fotos, livros, documentos pessoais, informes e fichas policiais a gravações de áudio. Desse acervo busquei encontrar documentos sobre Carmen de Lara Castro e sobre as atividades da *Comisión de Derechos Humanos*.

A terceira e última viagem a Assunção foi realizada entre os dias 12 a 17 de outubro de 2015<sup>20</sup>. Nela busquei bibliografias específicas sobre os direitos humanos e ditadura no Paraguai. Além disso, entrevistei Fermín Lara Castro, o único filho de Carmen de Lara Castro que não havia conseguido o contato anteriormente. Porém, devido ao próprio andamento da dissertação que já estava avançada, decidi não transcrever a entrevista, mas poderá ser usada em próximas investigações e trabalhos.

---

<sup>18</sup> 1. Domingo Laino, 2. Nelson Garcia Ramirez, 3. Julian Vera Monges, 4. Dionísio Guato Galeano, 5. Martín Almada, 6. María Victoria Riart de Garcia, 7. Tício Escobar, 8. Francisco De Vargas, 9. Martín Alejandro Lara Castro, 10. Jose Manuel Lara Castro, 11. Fernando Lara Castro, 12. Luis Félix Lara Castro e 13. Jorge Lara Castro.

<sup>19</sup> Do pedido solicitado em 2014 ao *Archivo del Terror* e entregue no formato de DVD, contendo as 293 fichas levantadas do site citado anteriormente, muitos documentos estavam incompletos e faltando páginas. Isso ocorreu, pois, o site busca por palavras chaves (que pode ser: nome de pessoas, ano, lugares, nome de movimentos sociais, entre outros) e informam os registros do documento microfilmado. Nem sempre o registro apresentado por esse buscador corresponde aos microfimes de forma sequencial, além disso, o que é apresentado pelo site, é apenas parte da documentação presente no *Archivo del Terror*. Dessa viagem, pude buscar com mais detidamente a documentação que necessitava no próprio CDyA, usando seus computadores e o programa do arquivo para buscar os documentos. Nele pode-se pesquisar nos microfimes e lê-los no próprio computador, para depois fazer um pedido para o *Archivo del Terror* com o motivo de sua demanda e alguns dados sobre a requerente.

<sup>20</sup> A viagem a Assunção motivada dificuldade de encontrar material de leitura específico sobre o período e tema de trabalho. Contou com a presença de Josiély Koerich, mestrande em História que pesquisa também o Paraguai. Essa viagem também possuía outros objetivos vinculados ao Laboratório de Estudos de Gênero e História.

Justifico essa dissertação não somente pelos poucos estudos acadêmicos<sup>21</sup> que focalizam o Paraguai como possibilidade de pesquisa, apesar do crescente interesse em estudos que trabalham esse país/objeto, a história recente desse país carece de reflexão.<sup>22</sup> Essa pesquisa se fundamenta por buscar realizar um estudo focado em uma análise de gênero e de memória sobre a trajetória de Carmen de Lara Castro, compreendendo que com essa dissertação estarei contribuindo também para os outros trabalhos que virão. Pois, não se trata somente de coroar a trajetória dessa mulher, mas entender como ocorreu sua militância durante o regime de Stroessner, quais e como as mulheres participavam de partidos políticos, como os partidos funcionavam, ou seja, são questões que ultrapassam e atravessam a vida de Carmen de Lara Castro, trazidas pelas memórias orais e que me dão pistas, ou fios, para tecer a teia dessa história que é única e inacabada.

Sobre a História e historiografia do Paraguai, Ignacio Telesca<sup>23</sup> e Lorena Soler<sup>24</sup> apontam que a maioria dos trabalhos acadêmicos de escrita paraguaia na área de história abarcam os períodos da História Colonial, da Guerra da Tríplice Aliança e do processo de independência, mas que são poucos e desconhecidos “*fuera de las fronteras*”<sup>25</sup> do país. Telesca ressalta que a grande produção de história no Paraguai está sendo a

---

<sup>21</sup> SOLER, Lorena. Mitos históricos, obstáculos epistemológicos y fronteras conceptuales. ¿Cómo es posible pensar al tronismo?. In: BOHOSLAVSKY, Ernesto (Comp.) *Las derechas en el Cono sur*, siglo XX. Instituto de Desarrollo Humano, Universidad Nacional de General Sarmiento, Los Polvorines, Provincia de Buenos Aires, may, 2013, p. 1-2. Disponível em <<http://www.ungs.edu.ar/derechas/wp-content/uploads/2013/09/Soler.pdf>> Acesso em 07 jul. 2016.

<sup>22</sup> Levando em conta os encontros realizados sobre História do Paraguai e trabalhos que vem sendo produzidos, tanto no Paraguai quanto Argentina, Brasil e Estados Unidos. Sobre esse tema ver em: TELESKA, Ignacio. La historiografía producida en Paraguay durante el último quinquênio. *Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas*. V. 50, p. 375–385, DOI: 10.7767/jbla.2013.50.1.375, Dec. 2013.

<sup>23</sup> TELESKA, Ignacio. Escribir la historia en Paraguay. Modos y lugares de producción. *Papeles de trabajo*. Revista electrónica del Instituto de Altos Estudios Sociales de la Universidad Nacional de General San Martín, Buenos Aires. ISSN: 1851-2577. Año 3, nº 6, agosto de 2010. (Dossiê: Paraguay: reflexiones mediterráneas). Disponível em <<http://www.idaes.edu.ar/papelesdetrabajo/paginas/Documentos/3%20Telesca.pdf>> Acesso em 28 jun. 2016.

<sup>24</sup> SOLER, Lorena. *Op. Cit.*, 2013.

<sup>25</sup> TELESKA, Ignacio. *Op. Cit.*, 2013, p.1

publicação de fontes de pesquisa, de teses e de traduções de obras, algo que foi impulsionado pelas comemorações do Bicentenário da Independência<sup>26</sup>. Essa carência de escrita acadêmica paraguaia se dá, entre outros motivos, pelo pouco incentivo à pesquisa nas Universidades<sup>27</sup>. O período mais recente da história paraguaia fica a cargo da escrita de jornalistas, de cientistas políticas/os e, sobretudo, de pesquisadoras/es estrangeiras/os – ou historiadora estrangeira, categoria em que me enquadro.

Iluminada por diversos trabalhos recentes de escrita paraguaia, argentina, brasileira, alemã e inglesa, pois, para adentrar nas terras Guaranis e conhecer as narrativas sobre Carmen de Lara Castro, muitas leituras foram realizadas, sendo elas acadêmicas ou não. Da escrita paraguaia os livros que atentam para história recente e que abordam o tema da ditadura, podem ser ressaltados os trabalhos do médico Alfredo Boccia Paz e do jornalista Roberto Paredes, esses que foram militantes durante a ditadura, possuem vários livros com temáticas ligadas a reflexão sobre o Paraguai stronista e a resistência ao regime <sup>28</sup>. Outros pesquisadores paraguaios como Benjamin Arditi e Diego Abente Brun, desde a área das Ciencias Políticas, possuem análises muito importantes para entender o stronismo: suas características, emergência e longevidade.

Além disso, cabe pontuar os volumes da série *Nunca Más* do *Comite de Iglesias*<sup>29</sup>, publicados na década de 1990, em que trazem uma

---

<sup>26</sup> No Paraguai com as comemorações do Bicentenário, muitos livros foram publicados, principalmente os que traziam informações sobre pessoas ilustres e sobre o processo de independência do país. Nesse sentido, a maioria deles tratava da construção mítica da nação e de pessoas que compõem o cenário político, intelectual e cultural desse país. Ver em: Ibidem, p. 8-9.

<sup>27</sup> Criado em 1997 o Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia promoveu o incentivo das áreas de energia, de recursos hídricos, de produção agropecuária, de saúde e do meio ambiente. As Ciências Humanas e Sociais a partir de 2011 passaram a receber auxílio econômico à pesquisa através do *Programa Nacional de Incentivos a los Investigadores* – PRONII. É a primeira vez que esse tipo de produção acadêmica é realizada como prioridade. TELESKA, Ignacio. *Op. Cit.*, 2010, p. 2, TELESKA, Ignacio. *Op. Cit.*, 2013, p. 2.

<sup>28</sup> Poderia ter citado a literatura que, como sugere Ignacio Telesca, muitas vezes são a porta de entrada para o tema e que sem dúvida são importantes, entretanto, não foi o meu caso, e escolhi aqui, fazer um trajeto das minhas leituras nessa pesquisa.

<sup>29</sup> SIMON, Jose Luis. *La dictadura de Stroessner y los Derechos Humanos*. 2. ed., v.1 Comite de Iglesias, Assunção: Editorial Estilográfica, 1992. (Serie

análise apurada das violações de direitos humanos antes mesmo da “descoberta” do *Archivo del Terror*. Não poderia deixar de mencionar o Informe Final da *Comisión de Verdad y Justicia*, publicado em 2008, em que foi realizada uma grande pesquisa sobre as violações de direitos humanos (1954- 2003)<sup>30</sup>. Ademais, há alguns anos também foram produzidas algumas coleções importantes, devido as/os investigadoras/es, os temas e os debates trazidos, como: a colección 60 años del Stronismo e a *La Grand Historia del Paraguay*<sup>31</sup>.

Outros/as autores/organizações poderiam ser citadas/os, pois existem diversas publicações que abordam o contexto da ditadura stronista, mas aponte estes pela relevância do tema em suas obras, e também, porque as leituras foram imprescindíveis para a escrita dessa dissertação.

Já os trabalhos acadêmicos que abordam a história paraguaia com uma perspectiva feminista e de gênero, muito importantes para pensar a trajetória de Carmen de Lara Castro nessa sociedade, são ainda mais raros, destaco a historiadora Ana Barreto Valinotti e Mary Monte de López Moreira que escrevem sobre mulheres e história paraguaia, entre outras que certamente desconheço. Geralmente os trabalhos com esta perspectiva são escritos por grupos feministas e ONG's <sup>32</sup>. Nesse sentido,

---

Nunca Más), SIMON, Jose Luis. *Testimonio de la represión política en Paraguay 1954-1974*. v.2, Comite de Iglesias, Assunção: Editorial Estilográfica, 1991 (Serie Nunca Más), ALCALÁ, Guido Rodriguez. *Testimonio de la represión política en Paraguay 1975-1989*. v. 3, Comite de Iglesias, Assunção: Editorial Estilográfica, 1990 (Serie Nunca Más).

<sup>30</sup> Composto por oito tomos que podem ser acessados pela internet. Disponível em: < <http://www.meves.org.py/?node=page&meves=blob,631,0> > Acesso em 28 jun. 2016.

<sup>31</sup> A primeira coleção é composta por 14 livros que debatem diversos temas sobre a ditadura stronista, publicados no ano de 2014, já a outra, é do ano de 2010, e possui mais de 15 livros que versam sobre a história cultural, econômica, política, tematizando diversos assuntos. Ambas foram publicadas pela *ABC Color* e *El Lector*. Outras coleções sobre a história paraguaia também foram publicadas por essas editoras, mas que não serão citadas aqui. Cabe mencionar que são facilmente encontradas em sebos e livrarias e o preço de cada obra é mais acessível se compararmos com o preço de outros livros.

<sup>32</sup> Ver em: ECHAURI, Carmen. *Hacia una presencia diferente: mujeres, organización y feminismo*, Centro de Documentación y Estudios, Assunção, Paraguay, 1992., RIVAROLA, Mirtha M. La mujer como objeto y sujeto de estudios en las Ciencias Sociales en el Paraguai. In: CORVALÁN, Graziella (compiladora). *Entre el silencio y la voz. Mujeres: actrices y autoras de una sociedade en Cambio*. Assunção, Paraguai: Grupo de Estudios de la Mujer

acredito que seja necessário apontar algumas autoras que são precursoras da temática no Paraguai, como: Graziella Corvalán, Line Barreiro e Clyde Soto. Que num esforço de tornar visível nas pesquisas e nos livros às ações de mulheres como protagonistas da História, escreveram diversos textos durante as décadas de 1980 e 1990, e ainda são atuantes<sup>33</sup>. Se as mulheres no Paraguai não estavam ausentes na história ou nos livros, enfatizava-se, principalmente, o caráter maternal das mulheres na construção de uma nação Paraguaia, e o que essas destacadas autoras mostraram é o caráter político das ações de mulheres paraguaias sem naturalizá-las.

Essa breve pontuação sobre as publicações paraguaias que tratam de ditadura e de gênero no Paraguai serve para atentarmos para o que já foi escrito. Entendo que muitas/os autoras/es devem ter sido deixadas/os de fora, sublinhei as/os que tive acesso. Além disso, acredito que seja importante apontar essa trajetória de pesquisa e de leitura, pois esclarece algumas escolhas e os caminhos feitos nessa investigação, e aponta para a localização e os tipos de fontes que analisarei nesse trabalho.

Do ponto de vista teórico essa dissertação foi pensada como uma biografia que buscou escrever sobre um período datado da vida de Carmen de Lara Castro que foi o de sua oposição ao regime stronista entre os anos de 1967 a 1989, por ser a época “mais conhecida” e pontuada nas entrevistas, nos livros e nos documentos da polícia stronista<sup>34</sup>. Apesar de a investigação ter focado na atuação política de Carmen de Lara Castro nesse período – em 1967, ela foi eleita Deputada Nacional pelo *Partido*

---

Paraguaia (GEMPA), 1989., COSP, María Clara Santa Cruz. *Estudios de género y ciencias sociales en Paraguay*. Buenos Aires: CLACSO, nov. 2013, p.7-8. Disponível em: <  
<http://biblioteca.clacso.edu.ar/gsd/collect/clacso/index/assoc/D9172.dir/SantaCruzArticuloFinal.pdf> > Acesso em 06 jul. 2016.

<sup>33</sup> Desde as Ciências Sociais, Mirta Rivarola, em uma revisão de estudos sobre o tema em 1989, ressaltou “podemos decir con cierta seguridad que el interés por la investigación y los estudios sobre la mujer es reciente en el Paraguay”, e que marcou os fins da década de 1970 e a metade da década de 1980. RIVAROLA, Mirtha M. *Op. Cit.*, 1989, p. 490.

<sup>34</sup> Fazendo uma investigação no acervo documental do CDyA localizado no *Palácio de La Justicia*, Assunção- Paraguai, encontrei documentos que atentavam para Carmen de Lara Castro a partir da década de 1960. A busca no sistema desse acervo se deu a partir dos nomes “Carmen de Lara Castro”, “Carmen Casco Miranda de Lara Castro”, “Carmen Casco de Lara Castro”. Toda a documentação está microfilmada e pode ser verificada/visualizada no local.



*Liberal Radical* (PLR), no mesmo ano criou, juntamente com outras personalidades, a *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos del Paraguay*, sendo sua única presidenta até o ano de 1993. É preciso compreender que o texto que segue e sua narrativa, por se pautar em memórias orais que se constituem no presente e na entrevista, não possuem essa datação fixa (1967-1989), pois a memória enquanto construção psíquica não segue cronologias. Por isso, para compreender os meandros da trajetória de Carmen de Lara Castro, foi preciso levar em consideração as várias temporalidades produzidas em função do processo de elaboração das memórias, que foi realizado posteriormente ao período vivido.

Pensando nessa operação biográfica que tenta tecer a trajetória política de Carmen de Lara Castro, levo em conta o que alertou Pierre Bourdieu em seu crítico artigo “Ilusão Biográfica”<sup>35</sup>. Refletindo principalmente sobre esse texto, e outras leituras<sup>36</sup>, compreendi que a tentativa de encontrar uma racionalidade ou linearidade para uma vida ou uma identidade única que defina a/o sujeita/o é uma ilusão e um problema para a escrita biográfica, pois a vida não é racional, e nem o sujeita/o pode ser definida/o por algumas características como bem quer a/o biografa/o<sup>37</sup>.

Que a vida nos escapa e que é impossível escrever sobre ela de forma totalizadora, é realidade<sup>38</sup>. A vida só “se aproximaria de um texto narrativo por correspondência simbólica, pois, a linguagem não poderia operar como espelho da realidade, mas apenas construir representações”<sup>39</sup>. A escrita segue uma narrativa racional que tem a ver com escolhas da/o autora/or e com as fontes selecionadas. Portanto, não é sobre a “vida de” que estarei escrevendo e me inscrevendo, mas sobre as memórias, os sentimentos, os sentidos e os momentos em que Carmen de Lara Castro

---

<sup>35</sup> BOURDIEU, Pierre. Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (Org). *Usos e abusos da História Oral*. 2 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

<sup>36</sup> A partir de autoras/es como: Sabina Loriga, Benito Schimdt, François Dosse , Nobert Elias, Suelly Kofes, Natalie Zemom Davis, Giovanni Levi.

<sup>37</sup> BOURDIEU, Pierre. *Op. Cit.*, p. 183-192.

<sup>38</sup> Com isso, entendo que a linguagem jamais conseguirá equivaler ao real, mas isso não exclui, de qualquer forma, que a escrita tente se aproximar do real e ser verossímil.

<sup>39</sup> AVELAR, Alexandre de Sá. Figurações da escrita biográfica. *ArtCultura*, Uberlândia, v.13, n.22, 2011, p. 147. Disponível em <<http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF22/avelar.pdf>> Acesso em 06 jul. 2015.

viveu e é narrada e apresentada pelas/os entrevistadas/os. Por isso, assevero que não busco uma identidade única ou uma caracterização cristalizada de quem foi essa mulher. Advirto que nessa dissertação a trajetória de Carmen de Lara Castro se assemelha a uma “teia”, móvel e elástica, que foi construída e representa uma possibilidade de escrita dessa história, mas não a única.

Nas palavras de François Dosse, “a vida é um horizonte inacessível, que, no entanto sempre estimula o desejo de narrar e compreender. Todas as gerações aceitaram a aposta biográfica. Cada qual mobilizou o conjunto de instrumento que tinha à disposição”<sup>40</sup>. Como informam autoras e autores que se debruçam na operação biográfica, não existe um modelo, uma forma de biografia. Sendo um dever da/o pesquisadora/or apresentar as escolhas, a/o personagem que será estudada/o, o método, as fontes, as perguntas que foram feitas e admitir as lacunas, “elaborando assim uma espécie de contrato de leitura” com a leitora e o leitor<sup>41</sup>. Tomei de empréstimo as indicações de François Dosse para escrever essa trajetória, nesse sentido passo a expor os métodos e as fontes, já que as perguntas e justificativas foram apresentadas.

A biografia tem se modificado desde sua origem, como nos mostra Sabina Loriga<sup>42</sup> e François Dosse<sup>43</sup> e passou por momentos de glória e de eclipse na maior parte do século XIX e XX, sobretudo na França, como revelou esse historiador,

um desprezo obstinado condenou o gênero, sem dúvida muito dependente das concessões da emotividade e ao fomento da implicação subjetiva. Um muro tem separado o biógrafo do histórico, tachando-o de elemento parasita capaz de perturbar os objetivos científicos<sup>44</sup>.

Passado o eclipse, a biografia vem crescendo em publicações desde a década de 1980. As possíveis explicações sobre esse “boom” são variadas e entrelaçadas: desde o mercado editorial em crescimento e que

---

<sup>40</sup> DOSSE, François. *O desafio biográfico- escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009, p.11.

<sup>41</sup> Ibidem, p. 95.

<sup>42</sup> LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998, p. 225-228..

<sup>43</sup> DOSSE, François. *Op. Cit.*, p. 11-18.

<sup>44</sup> Ibidem, p. 16.

visa lucros, a crise da cientificidade e, com ela a quebra dos sistemas explicativos que guiavam a disciplina, realizando uma profunda transformação na História e “derrubando o muro” que a separava da biografia<sup>45</sup>. Essa Nova História chamou a atenção para o cotidiano, para a subjetividade e para o sujeito e iam ao encontro com abordagens historiográficas que enfatizavam estas questões como: a História Oral, a História das Mulheres e os estudos da cultura popular.

Mas, com essa mirada para o indivíduo, a então redescoberta da biografia foi alvo de críticas e preocupações por parte de historiadoras/es preocupadas/os com a possibilidade de um retorno das velhas biografias que se concentravam em narrativas lineares, superficiais e que se pautavam na história de grandes homens.<sup>46</sup>

Passado mais de 20 anos do crescimento desse enfoque na História, os problemas que a cercavam não resultaram em uma solução passível de se resolver e muitas/os historiadoras/es, sociólogas/os, se debruçaram na longa discussão sobre indivíduo e sociedade, biografia e história. Nesse sentido, acompanhando as discussões variadas que foram despertadas por Norbert Elias<sup>47</sup>, Natalie Zamon Davis<sup>48</sup>, Pierre Bourdieu<sup>49</sup>, Sabina Loriga<sup>50</sup>, Benito Schimdt<sup>51</sup>, entre outras/os que suscitam esses problemas, aponto que não buscarei solucionar essa discussão posto que não são dicotomias ou oposições, mas sim, tensioná-las ao longo dos capítulos a partir de discussões dos estudos de memória e de gênero.

---

<sup>45</sup> LORIGA, Sabina. *Op. Cit.*, 1998, p. 225-228.

<sup>46</sup> François Dosse, com olhar voltado para o cenário Francês, expõe que na década de 1980 os novos rumos das Ciências Sociais, voltadas para investigar “o lugar do indivíduo no mundo, facultavam à biografia sair do purgatório e lhe pediam para responder os anseios de um público novo, que até então desdenhara um gênero relegado aos amadores de historietas.” DOSSE, François. *Op. Cit.*, p.31

<sup>47</sup> ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 22-23, ELIAS, Norbert. *Mozart sociologia de um Gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p.18-19.

<sup>48</sup> DAVIS, Natalie Zemon. *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987, p. 11

<sup>49</sup> BOURDIEU, Pierre, CHARTIER, Roger. *O sociólogo e o historiador*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 60.

<sup>50</sup> LORIGA, Sabina, *Op. Cit.*, 1998.

<sup>51</sup> SCHIMDT, Benito Bisso. O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: Trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação. *Anos 90*, Porto Alegre, n.6, dez. 1996, p.181. Disponível em <[http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/31755?locale=pt\\_BR](http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/31755?locale=pt_BR)> Acesso em 07 jul. 2016.

Nesse sentido, buscando entender o contexto da atuação de Carmen de Lara Castro no partido no qual se filiou e sobre sua trajetória pelos direitos humanos, utilizo a metodologia de História Oral. Compreendendo que as narrativas evocadas nas entrevistas são de suma importância para entender sobre sua luta, sobre as/os entrevistadas/os e sobre as alegrias de lembrar uma pessoa querida. As pessoas selecionadas para serem entrevistadas/os durante a dissertação foram amigas/os de Carmen de Lara Castro e os cinco de seus seis filhos<sup>52</sup>.

Em sua maioria, as/os entrevistadas/os já possuíam uma idade avançada, o que requeria maior atenção e cautela nas perguntas. Além do que, ao evocar questões do passado todas/os entrevistadas/os recordavam momentos, em geral, de muito sofrimento, de prisões e de torturas, e que, em muitas/os se tornaram feridas não cicatrizadas. Porém, também, existiu espaço para recordações felizes na construção dessas entrevistas, como se verá ao longo da dissertação.

Nessa curta e profunda experiência com entrevistas orais, percebi em todas as pessoas uma vontade de narrar, de contar a sua história, suas versões sobre a ditadura e sobre a luta de Carmen de Lara Castro, o que pode ser evidenciado pela quantidade de entrevistas realizadas e pelo pouco tempo em que estive no local<sup>53</sup>.

Essas memórias narradas, evocadas por mim e gravadas por um equipamento digital, são terreno da História Oral. Esse método possibilita “esclarecer as histórias individuais, eventos ou processos que não poderiam ser entendidos ou elucidados de outra forma<sup>54</sup>” devido ao carácter dialógico dessa abordagem. Diferente dos livros de cunho biográficos ou de revistas que rememoram a luta de Carmen de Lara Castro, cada entrevista trouxe um olhar, um sentimento, uma lembrança vivida e dividida no presente com a entrevistadora. Compreendo que a memória narrada é intersubjetiva<sup>55</sup>, seletiva, social e formada na atualidade, sendo construída, assim como a subjetividade ao longo do tempo e das experiências de cada sujeita/o. E, nas entrevistas orais, elas

---

<sup>52</sup> Apêndice 5 – sobre as/os entrevistadas/os e entrevistas.

<sup>53</sup> Muitas pessoas indicavam nomes de outras/os companheiras/os de luta e me auxiliaram nos contatos. Nesse sentido as pessoas entrevistadas tinham um perfil, buscava pessoas que: escreveram sobre Carmen de Lara Castro — cabe mencionar que pessoas entrevistadas que escreveram sobre ela, também a conheceram, os filhos de Carmen de Lara Castro e companheiras/companheiros de luta.

<sup>54</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (org). *Op. Cit.*, p. XV.

<sup>55</sup> PASSERINI, Luisa. *A memória entre política e emoção*. São Paulo: Letra e Voz, 2011, p. 7.

são estabelecidas por meio do diálogo, performance/encontro/confronto de alteridades e busca por igualdade.<sup>56</sup>

Do exposto, refletindo sobre as entrevistas, destaco que nem sempre a/o entrevistada/o respondeu sobre o assunto perguntado, como aprendi na prática, às vezes ficavam em silêncio ou se emocionavam durante a entrevista. Com isso, ressalto que cada entrevista é única, nunca é igual à outra, até mesmo quando fazemos mais de uma entrevista com a mesma pessoa, como foi o caso de Luis Alfonso Resck ou Jorge de Lara Castro. Atento a isso, pois, sabemos que não existe um manual de como fazer uma entrevista, cada uma delas é diferente e se dá numa relação de alteridade diversa, por mais que tentemos diminuí-la, “sempre existem barreiras”: da experiência, de geração, da língua, da cultura e institucionais. Essas não devem ser encaradas como obstáculos para realizar uma entrevista, e realmente não foram. Mas, perceber essas barreiras com atenção e respeito é fulcral para efetuar uma entre/vista e, posteriormente, também se deve levá-las em conta em sua transcrição e análise do conteúdo<sup>57</sup>.

Levando essas reflexões em consideração, os estudos sobre memória e gênero estarão presentes nas análises das fontes e na tessitura da escrita desse trabalho. Tendo e vista a relação nevrálgica entre história oral, memória e gênero. A trajetória política da Carmen de Lara Castro também é marcada pela tensão entre ser mulher e adentrar em um local que foi contruído como majoritariamente masculino que eram as câmaras de deputados e de senadores, para além dela ser presidenta da *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos* e visitar as prisões.

Segundo Silvia Salvatici, os estudos de história oral, memória e história das mulheres estão entrelaçadas devido a suas “origens” de “resgatar uma história oculta<sup>58</sup>”. Ainda que possuam trajetórias diferentes e próximas, a história das mulheres e a de gênero se posicionaram contra uma história que se pretendia universal e que apenas retratava os

---

<sup>56</sup> PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de História Oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010. p. 212- 216.

<sup>57</sup> PORTELLI, Alessandro. *Op., Cit.*, 2010, PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral, *Projeto História*, São Paulo, n. 15, p. 13-49, 1997. Disponível em < <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11215>> Acesso em 07 jul. 2016.

<sup>58</sup> SALVATICI, Silvia. Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. *História Oral*, v.8, n.1, Jan.-jun. 2005, p 29. Disponível em < <http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=114>> Acesso em 07 jul. 2016.

personagens homens como se somente eles possuíssem história <sup>59</sup>. A busca de escrever uma História das Mulheres, contada por mulheres é o tema central do texto dessa autora, mas o que importa de sua análise aqui, é a ideia da aproximação entre gênero e memória. Nesse trabalho, não farei um estudo de história oral de mulheres, embora fosse muito importante escutar vozes de mulheres que conheceram Carmen de Lara Castro, infelizmente as principais personagens já faleceram <sup>60</sup>.

Do total foram usadas 19 entrevistas para essa dissertação e 16 pessoas foram entrevistadas por mim ao longo do mestrado – foram efetuadas duas entrevistas com Jorge Lara Castro e com Luis Alfonso Resck, além disso, usei também uma entrevista realizada em 2008, com Jorge Lara Castro pelas professoras Cristina Scheibe Wolff e Joana Maria Pedro. Ao todo, são 14 as vozes masculinas e 2 as femininas. Uma das preocupações iniciais desse trabalho era trazer relatos de mulheres sobre o período, mas encontrá-las foi de fato difícil pelo afastamento do cenário político <sup>61</sup>, porque muitas já faleceram, e também, porque a maioria dos

---

<sup>59</sup> Essas origens, pelo menos da História Oral de Mulheres remonta a década de 1970 e vai ao encontro de perspectivas de historiadoras feministas que enfatizavam a crítica de que a história era uma escrita de homens, sobre homens e com fontes que privilegiavam homens. O gênero remete a década de 1980, e emergiu dos questionamentos dos movimentos sociais de lésbicas, de gays e de feministas que enfatizavam e enfatizam que o problema da discriminação, da desigualdade era cultural e social, e que nada em absoluto possui uma natureza pré-estabelecida no sexo. A categoria gênero aqui é entendida como “constituído por relações sociais: estas estavam baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e, por sua vez, constituíam-se no interior de relações de poder”. PEDRO, Joana Maria. *Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica*. *História* [online]. 2005, vol.24, n.1, p. 86. Disponível em < [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-90742005000100004&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-90742005000100004&script=sci_abstract&tlng=pt) > Acesso em 06 jul. 2016, SALVATICI, Silvia. *Op. Cit.*, p. 29-35.

<sup>60</sup> Elida Lizza, Adalita Del Puerto Schaerer, Beatriz Prieto, Maria Bur, Mariana Elena Perez são algumas das mulheres lembradas nas entrevistas por terem atuado juntamente com Carmen de Lara Castro.

<sup>61</sup> Aqui e durante o trabalho usarei o termo: político/a para o parlamento/congresso. Não faço oposição entre política/pública/homem e privado/doméstico/mulher. Compreendo que existam diversos significados e camadas de explicação para cada um dos termos, mas que não são dicotômicas, mas que os espaços foram construídos genericamente. O papel de apontar essas distinções de gênero no texto é deslocar sua construção hierárquica e naturalizante, como ensinou Susan Okin, Joan Scott, Sandra Harding entre outras intelectuais feministas das quais embaso minha leitura e crítica da história com

nomes que são realçados ao lado do de Carmen de Lara Castro são de homens, devido a maior participação numérica deles na política partidária. Além disso, cabe destacar que foi através da mediação de Alfredo Boccia Paz que consegui uma lista com o contato de várias/os possíveis entrevistadas/os. Claramente durante as entrevistas outros nomes surgiram e, muitas vezes, as/os entrevistadas/os fizeram o intermédio para realização de outras entrevistas <sup>62</sup>.

A discrepância do número de entrevistas de mulheres e homens se deu por esses motivos. Com isso, aponto que ao buscar relatos de mulheres, procurava por outras experiências, não que mulheres e homens possuam funções memorativas díspares, mas que por questões de gênero possuem experiências diferentes.

A categoria gênero nesse trabalho será empregada também, para perceber e analisar o que ser “mulher” implicou na trajetória política de Carmen de Lara Castro na sua oposição ao regime stronista. Isso poderá ser percebido por meio das entrevistas, dos recortes de jornais e das análises sobre a participação das mulheres na política. Tendo em vista que adentrar no cenário político partidário, conquistar um cargo no diretório de um partido e ingressar no parlamento foi algo incomum, na década de 1960.

Pensando na relação que a categoria gênero possibilita para essa dissertação, levo em conta a exposição de Joan Scott sobre o termo gênero, seus usos e abusos, e sobretudo, o que pode ser compreendido quando se emprega essa categoria de análise. Corroborando com essa autora, estou percebendo o gênero como,

[...] a lente de percepção através do qual, nós ensinamos os significados de macho/fêmea, masculino/feminino. “Uma análise de gênero” constitui nosso compromisso críticos com esses significados e com nossas tentativas de mostrar sua

---

viés de gênero. Devemos pensar essas falsas dicotomias como empiricamente falsas, mas não podemos tratá-las como insignificantes, pois, como ensina Sandra Harding, elas permanecem estruturando nossas vidas e consciências. HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. *Revistas de Estudos Feministas*, Florianópolis, v.1, n.1, 1993, p. 26. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/15984>>. Acesso em: 19 Jul. 2015.

<sup>62</sup> Ver essa relação no apêndice 5.

contradição e instabilidades como se manifestam nas vidas daqueles que estudamos <sup>63</sup>.

Desse modo, a categoria gênero, como salientou Joana Maria Pedro, é necessária à história para desconstruirmos hierarquias, perceber as relações de poder, questionar as “verdades” sedimentadas, visando perceber as diferenças sexuais que eram perpetradas no passado <sup>64</sup> e contribuindo para uma existência, uma História, menos excludente <sup>65</sup>.

Levando esses excertos e reflexões em consideração, entendo que ao relacionar a categoria gênero e as memórias, saliento que as narrativas dessas pessoas que contaram sua história e sobre Carmen de Lara Castro são marcadas pelo gênero, pois, não podem fugir da cultura no qual são constituídas/os enquanto sujeitas/os. Perceber como a trajetória de Carmen de Lara Castro é contada por homens e mulheres, não é realizar uma espécie de comparação entre as memórias, mas reconhecer que mulheres e homens dão sentidos diferentes para suas vidas devido às situações em que viveram.

Até onde procurei saber Carmen de Lara Castro não deixou escritos sobre sua vida e ainda não existe a organização de um arquivo pessoal unificado sobre essa personagem. Cada filho de Carmen de Lara Castro possui um pouco dos livros, das fotos, das anotações, de maneira que também não obtive acesso a tais documentos de forma ampla, a existência desses acervos foi revelada durante as entrevistas. Um dos filhos, José Manuel Lara Castro, me deixou fotografar alguns jornais e revistas que possuía em sua casa. Outro filho, Fernando de Lara Castro, trouxe até o hotel onde estava hospedada, recortes de jornais, alguns discursos de sua mãe escritos a mão, e ainda recebi dois livros de *regalo* que foram publicados com a ajuda da Comissão de Direitos Humanos <sup>66</sup>.

---

<sup>63</sup> SCOTT, Joan W. .Os usos e abusos do gênero. *Projeto História*. São Paulo, n. 45, dez. 2012,p. 332. Disponível em < <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/15018>> Acesso em 07 jul. 2016.

<sup>64</sup> PEDRO, Joana Maria. *Op. Cit.*, 2005, p.86.

<sup>65</sup> Ibidem, p. 92

<sup>66</sup> Na dissertação decidi não discutir sobre a publicação desses dois livros, pois demandariam leituras acerca da produção destes e é algo que carece de informações. Cito apenas o nome dessas obras: ORTIZ, Heriberto Alegre. *La Sociedad Cautiva*. Comisión de Defensa de los Derechos Humanos, 1987., BARBOSA, Ramiro. *El ocase de la tirania (1986-1989)*. Comisión de Defensa de los Derechos Humanos, 1990.



Outro filho, Martin Lara Castro, contou-me sobre uma pasta que continha recortes de jornais sobre sua mãe, mas também não teve acesso a essa documentação. Alguns entrevistados/as também possuíam fotos com a *Carmen*, como Nelson García Ramirez, Julian Vera, e me mostraram durante a visita/entrevista, deixando-me digitalizá-las. Já Rafaela Guanes de Laino enviou suas fotos por *email*, mostrando algumas viagens que realizou na companhia de Carmen de Lara Castro na década de 1980, e fotos do diretório do *Partido Liberal*, que eram documentos pertencentes a seu acervo pessoal.

Esses vestígios como as fotos pessoais, assim como a discussão sobre a constituição desses acervos pessoais não serão aprofundadas nesse trabalho, pois não obtive acesso amplo a eles. Mas, é preciso atentar que ao mostrarem e me deixarem fotografar, havia intenção de ajudar na pesquisa e estarem presentes nela, sendo lembradas/os na dissertação. Como nos ensina autoras/es que se dedicam a estudar acervos de pessoas, é comum o hábito de intelectuais, de políticos, e de familiares de políticos, “guardar-se em “papel””<sup>67</sup> contra o esquecimento de suas histórias. O ato de colecionar fotos, cartas, bilhetes, jornais, entre outros, está relacionado com a pessoa que acumulou, selecionou e organizou seu acervo. Os jornais apresentados por José Manuel, os livros e outros documentos doados por Fernando Lara Castro a essa pesquisa, a pasta que reunia recortes de jornais de Martin Lara Castro, que não obtive acesso. Compunham coleções pessoais sobre sua mãe e sua família e dizem respeito a esse desejo de guardar informações, lembranças e de reunir escritos sobre ela em periódicos para preservá-los da corrosão do tempo<sup>68</sup>.

A escolha de trabalhar com os documentos da polícia stronista, organizados no *Archivo del Terror*, foi para conhecer “os passos” de Carmen de Lara Castro, pois no estruturado sistema de informações da

---

<sup>67</sup> CUNHA, Maria Teresa Santos. Essa coisa de guardar...: homens de letras e acervos pessoais. *História da Educação*, Pelotas, v.12, n.25, maio-ago. 2008, p. 111-112. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/viewFile/29194/pdf> Acesso em 06 ju. 2016.

<sup>68</sup> FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO. *O que são arquivos pessoais*. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/acervo/arquivospessoais> Acesso em 20 jun. 2016, VIANNA, A. L., LISSOVSKY, M. C., SÁ, P. S. R. M. A vontade de guardar: lógica da acumulação em arquivos privados. *Arquivo & Administração*, v. 10-14, n. 2, p. 62-76, 1986. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/3806>. Acesso em: 10 jun. 2016.

polícia paraguaia podemos para além de compreender como funcionava a vigilância e o controle, conhecer um pouco da trajetória política dessa personagem. Ao refletir sobre o uso desses documentos que seguem uma lógica policial – de rastrear, de reprimir e de colocar medo. Pareço olhar a trajetória de Carmen de Lara Castro pelo “buraco da fechadura”, ou seja, por meio de documentos que não poderiam ser vistos fora do alcance policial, mas que foram colocados a disposição de pessoas que desejam conhecer, entre outros, o passado stronista através do *Archivo del Terror*.

Ainda que seja complexo refletir que estarei usando documentos da polícia que reprimia e violentava, algo que Carmen de Lara Castro lutou contra, durante parte de sua vida. É importante compreender a riqueza de informações que o arquivo dispõe. Dos documentos selecionados no *Archivo del Terror*, no período em que estive no Paraguai, no vasto acervo documental, encontrei: informes, fotos, informes, áudios, cartas e fotocópias de jornais que trataram de vigiar não somente Carmen de Lara Castro, mas várias pessoas que de alguma forma poderiam ser associadas a algum movimento social por parte da polícia.

Desses documentos serão utilizados para essa dissertação somente os que se referem: ao Congresso de Direitos Humanos de 1978, um boletim de voto, uma lista de participantes da *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos*, alguns recortes de jornais e publicações que foram arquivados pela polícia. Não seria possível trabalhar com toda documentação trazida do *Archivo del Terror* de forma profícua, por isso, selecionei somente alguns que se relacionavam com as entrevistas e somavam as narrativas, trazendo outros problemas para a discussão sobre a memória e a trajetória de Carmen de Lara Castro.

Após essa explanação dos referenciais teóricos e categorias usadas nessa investigação, apresento a tesesitura dos capítulos. Que foram construídos de forma temática e buscaram seguir o período de recorte da pesquisa e imbricar as várias temporalidades das memórias vividas e narradas.

O primeiro capítulo busca responder algumas perguntas sobre a trajetória de Carmen de Lara Castro. O “antes” da *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos del Paraguai* e de sua participação política a partir das narrativas de seus filhos. Apesar do foco da dissertação ser as décadas 1967 a 1989, a memória dos filhos é atravessada por um período anterior e por alguns acontecimentos da vida Carmen de Lara Castro que são apontados como motivadores de seu engajamento político. A partir das entrevistas realizadas com cinco de seus seis filhos busco iniciar essa trajetória, procurando compreender e pensar sobre a *Carmen* que é narrada por eles.

O Segundo capítulo se concentra em investigar as memórias narradas sobre a participação política de Carmen de Lara Castro no Paraguai. Intentando visualizar os contornos de sua atuação política desde suas vinculações aparentes – ou até aonde as fontes me deixam aproximar – com *Partido Liberal* desde a década de 1940, procurando acompanhar essa ação política até a década de 1970. Nesse período, apesar dos diversos conflitos, crises e instabilidades sociais e políticas, diversas mulheres se organizaram em busca de melhorias, tanto no que se refere à educação, quanto o direito ao voto e na participação política, entre outras reivindicações. Em meio a esse clima de conflitos, a figura de Carmen de Lara Castro emerge vinculada a grupos de assistência social e ao *Partido Liberal*.

Do que falam as/os entrevistadas/os sobre essa trajetória de Carmen de Lara Castro na política? Esse é o tema central do capítulo. Para isso, utilizo as entrevistas realizadas com os filhos de Carmen de Lara Castro, com companheiros de luta do *Partido Liberal* e, mulheres que a conheceram por vínculos entre famílias.

O terceiro capítulo focaliza os meandros da trajetória política de Carmen de Lara Castro e as organizações de direitos humanos que emergiram no Paraguai entre as décadas de 1960 a 1970. Esse que possui o maior número de páginas de toda a dissertação foi escrito refletindo as diversas memórias orais que narravam suas vivências de oposição ao regime. Buscou-se contemplar e analisar sobre a atuação da personagem dentro da *Comisión de Derechos Humanos*, pontuando sua emergência. Almejei, também, deslocar o olhar para aprender sobre o engajamento dos entrevistados nas organizações de direitos humanos que se deram nesse período em específico, e os laços de amizade entre esses grupos e pessoas – importantes para a manutenção e sobrevivência, tanto das organizações quanto para proteção de suas próprias vidas.

O quarto e último capítulo deslinda sobre a atuação de Carmen de Lara Castro dentro da *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos del Paraguay*. A partir da pergunta: O que narram os entrevistados sobre a ação dela contra a ditadura?. Buscando realizar uma discussão sobre gênero, memória e a repressão.



## 2. CAPÍTULO 1- NARRATIVAS DOS FAMILIARES: QUEM FOI CARMEN CASCO MIRANDA DE LARA CASTRO?

Figura 1 - Casa Mariscal Estigarribia



Fonte: Disponível em:  
[www.portalguarani.com/2300\\_elisa\\_godoy\\_alvarez/20667\\_una\\_casa\\_una\\_nov\\_ea\\_la\\_casa\\_cueto\\_alvarenga\\_por\\_elisa\\_godoy\\_de\\_gulino\\_html](http://www.portalguarani.com/2300_elisa_godoy_alvarez/20667_una_casa_una_nov_ea_la_casa_cueto_alvarenga_por_elisa_godoy_de_gulino_html) Acesso em 30 abr 2015

“Minha mãe nasceu nessa casa, era de uma tia dela, aqui hoje é a Fundação Augusto Roa Bastos”<sup>69</sup>. Contou-me Fernando Lara Castro quando me levou até o local para mostrar o lugar em que sua mãe teria nascido. Com características do período em que foi construída no século XIX, a casa que um dos filhos de Carmen de Lara Castro se referia ficava

---

<sup>69</sup> A Casa chamada de “La Casa Cueto Alvarenga”, foi parte de um monastério e data o século XIX e, posteriormente residência do presidente do Mariscal Estigarribia. Essa foto acredito que foi tirada antes da restauração do edifício. Para saber mais:  
[http://www.portalguarani.com/2300\\_elisa\\_godoy\\_alvarez/20667\\_una\\_casa\\_una\\_novela\\_la\\_casa\\_cueto\\_alvarenga\\_por\\_elisa\\_godoy\\_de\\_gulino\\_html](http://www.portalguarani.com/2300_elisa_godoy_alvarez/20667_una_casa_una_novela_la_casa_cueto_alvarenga_por_elisa_godoy_de_gulino_html)  
 Acesso em 30 abr. 2015

na Cidade de Assunção e foi a residência do presidente do Paraguai, o General Félix Estigarribia, seu tio. Em frente à casa, uma bela praça, a *Plaza Uruguaya* e próxima a ela, na rua do entorno, a estação Ferrocarril Carlos Antonio López que hoje é um espaço de memória. Segundo contam os livros, ela teria nascido em um lugar mais distante da capital paraguaia, no *Pueblo de Concepción* em 17 de Junho de 1919. Mas independente do local exato de seu nascimento, o nome de Carmen Casco Miranda de Lara Castro é Associado à Assunção devido à sua atuação política, em particular, durante a ditadura de Alfredo Stroessner.

As diversas memórias orais que narram sobre Carmen de Lara Castro, trazem informações sobre um período em que sua militância pelas/os presas/os políticos emergiu com maior tenacidade com a criação da *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos* em 1967, essa é uma parte mais “conhecida de sua vida”, devido a sua atuação pública. As memórias sobre sua infância, sobre sua adolescência e os meandros de sua vida adulta são penumbras nas narrativas orais aqui trazidas. Até porque não foi uma preocupação da investigação que buscava respeitar o recorte temporal, então, essa época não foi tão abarcada no roteiro das entrevistas. Mesmo assim, algumas recordações emergem do diálogo com seus filhos. Em sua maioria, as pessoas selecionadas para as entrevistas conheceram Carmen de Lara Castro nesse período de sua ação política na década de 1960 e 1970.

Nessa primeira parte proponho trazer às “falas” que remetem a momentos anteriores e posteriores à ditadura de Alfredo Stroessner. Buscando “iluminar” essa história com as “luzes” das memórias dos filhos de Carmen de Lara Castro e apresentar as primeiras discussões sobre sua trajetória política, assim como expor as diferentes narrativas e pontos de percepção sobre a família. Explorando dois temas que se sobressaem nas entrevistas transcritas, e que teriam uma ligação profunda com a motivação de Carmen de Lara Castro em sua luta contra a ditadura, seriam eles: a Guerra do Chaco (1932-1935) e a Revolução de 1947. Os desdobramentos desses acontecimentos, além de sua convicção religiosa cristã, são usados para explicar em parte o que não se pode responder por completo: Quem foi a Carmen de Lara Castro? Quais seriam as possíveis motivações para fazer política, visitar pessoas presas nos cárceres e realizar denúncias contra as diversas violências?

Nesse sentido, compreendo que não existem respostas únicas para as perguntas feitas anteriormente, mas várias possíveis que possam nos fazer pensar sobre as motivações, as aspirações e as inspirações que a levou empreender por tanto tempo a participação no *Partido Liberal* e a luta pelos direitos humanos – entendidos aqui como militância pela

liberdade de mulheres e homens no Paraguai. Nesse capítulo, portanto, busco levantar e responder tais questões por meio das narrativas e pensar como essas memórias contam sobre Carmen de Lara Castro.

Compreendendo que essas narrativas são construções do presente, pontos de vista do que as “pessoas sabem ou imaginam [...] campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias”<sup>70</sup>, como nos ensinou Alessandro Portelli. E, portanto, representam suas verdades, suas interpretações e suas histórias faladas, agora apresentadas e analisadas em forma de texto.

## 2.1 No tempo das memórias da guerra, das revoluções e do exílio

Segundo contam seus filhos, Carmen de Lara Castro teria nascido de um matrimônio feliz, “éramos uma família tradicional de ambas as partes”<sup>71</sup>, no sentido de que sua família teve grande importância política no Paraguai. Sua mãe Lúcia Miranda Cueto dedicou-se a criação das/dos filhas/filhos, e seu pai Fermín Casco Espinque a carreira militar no exército paraguaio. Carmen de Lara Castro era uma das filhas mais velhas de uma família composta de três homens e quatro mulheres. De sua infância pouco se sabe, mas um de seus filhos Jorge Lara Castro chamou a atenção para uma atividade que considera incomum de sua mãe na adolescência:

[JC-] [...] Faz uns seis ou oito meses, estive falando com minha tia, a última irmã, que morreu faz duas semanas atrás. Perguntando um pouco sobre a vida na época dela.

[TS-] *Sim.*

[JC-] Então me fez um comentário que eu tampouco sabia. Meus avós tinham uma casa muito grande, e ela já era uma moça [...] Ela sempre foi assim, com muita iniciativa e com muita atividade. E como exemplo disso, era ela quem manejava seus

---

<sup>70</sup> PORTELLI, Alessandro. Filosofia e os fatos- Narração, interpretação significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996, p. 65-66. Disponível em <[https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819739/mod\\_resource/content/1/PORTELLI,%20Alessandro%20%E2%80%93%20A%20Filosofia%20e%20os%20fat os.pdf](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819739/mod_resource/content/1/PORTELLI,%20Alessandro%20%E2%80%93%20A%20Filosofia%20e%20os%20fat%20os.pdf)> Acesso em 07 jul. 2016.

<sup>71</sup> CASTRO, Luis Félix Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 13/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora.

irmãos e elegia a equipe de futebol. [risos]. *Então com 16, 17 anos, estava jogando futebol, já nessa época.*

[TS-] *Sua mãe?*

[JC-] *Minha mãe... Causou-me muita graça saber disso* <sup>72</sup>.

A fala de Jorge de Lara Castro aponta que a iniciativa de liderança e de organização de sua mãe teria vindo do início de sua juventude e que era algo natural de sua personalidade – fazendo uma leitura do que contou sua tia. Como também, que sua mãe teria uma boa relação com seus irmãos já que era ela, uma mulher, quem organizava o futebol dos irmãos homens e jogava com eles. Ele conta que ao saber desse episódio lhe causou risos, talvez porque sua mãe nessa idade estava jogando futebol ou porque estaria “disputando a bola” no jogo com seus irmãos, podendo estar considerando o futebol como algo comum a homens e não a mulheres.

Figura 2- Carmen de Lara Castro com 16 anos de idade



Fonte: SANCHEZ, Nacha. Coca Lara Castro una lucha sin limites. *ABC color*, Assunção, 20 mai. 1993. [suplemento Nosotras]. Acervo pessoal de José Manuel Lara Castro, Assunção, Paraguai. Digitalizado 19/01/2015. (Acervo Autora)

---

<sup>72</sup> CASTRO, Jorge Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 22/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora. (Segunda entrevista), p. 1.



De acordo outro filho, Luis Félix Lara Castro<sup>73</sup>, na época da Guerra do Chaco seu avô materno foi Tenente Coronel, e durante esse período, Carmen de Lara Castro, nessa época, já uma adolescente, teria ficado longe de seu pai (1932-1935). E sua família teria ficado dividida por causa da guerra. Sobre esse período, Luis Félix Lara Castro contou que,

Basicamente ela teve uma infância bastante dura. Porque meu avô, o pai dela, teve a experiência da Guerra do Chaco. Então, a Guerra do Chaco foi em 34, 35. Ela estudou aqui [em Assunção], e ele durante três anos não esteve aqui. Então, uma vez, ela foi ao Chaco para visitá-lo, e justamente quando estava de visita com minha avó, veio um grupo boliviano e bombardearam o local. Então, isso foi uma experiência muito dolorosa para ela <sup>74</sup>.

Para seu filho, ela foi uma vítima da guerra, no sentido do sofrimento que causou a ela individualmente: a distância de seu pai e a experiência do bombardeio no local em que estava próxima. Segundo ele, essas teriam sido as primeiras experiências dolorosas de sua mãe, algo que a marcou desde a infância e que seria um dos componentes de sua motivação política, por ter vivido esse período intensamente e percebido as injustiças da guerra. Possivelmente por viver e estudar em Assunção na época do conflito, sua vivência foi diferente, pois não estava próxima do local do combate. Entretanto as vidas de paraguaias/os foram modificadas em função dessa Guerra em todas as regiões do país. É desse evento em diante que a história de Carmen de Lara Castro é contada com mais “detalhes”, talvez, devido à importância que esse episódio teve em sua trajetória, é recordada nas memórias narradas dos filhos.

Segundo Fernando Adolfo de Lara Castro, seu avô materno teria sido um dos encarregados administrativos da guerra, cuidando dos suprimentos necessários para a manutenção das tropas, nesse sentido não era um soldado na linha de frente da batalha<sup>75</sup>. Não foi somente o avô que participou da Guerra, mas a família Casco prestou serviços durante a contenda. Segundo uma lista de combatentes produzida por Alfredo M.

---

<sup>73</sup> CASTRO, Luis Félix Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 13/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora.

<sup>74</sup> CASTRO, Luis Félix Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 13/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora. p. 2.

<sup>75</sup> CASTRO, Fernando Adolfo Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 21/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 2.

Seiferheld, dez homens de sobrenome Casco com distintas patentes de tenente participaram do conflito: Três eram da família Casco Miranda, portanto, os irmãos de Carmen de Lara Castro: Germán, Fermín e Adolfo. Fermín Espínque Casco, seu pai, foi o Tenente Coronel de Administração *Del Gran Cuartel Maestre General*, e outros seis tinham sobrenome Casco, então deveriam ser parentes dessa família<sup>76</sup>.

Sobre a Guerra do Chaco, esse conflito que ocorreu entre a Bolívia e o Paraguai, não foi algo inesperado, pois, a Bolívia já reclamava o território do Chaco anteriormente, remontando pelo menos meados do século XIX<sup>77</sup>. Desde a guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), as nações da Argentina e Brasil tentaram fortalecer suas influências no Paraguai, algo que Moniz Bandeira mostra a partir de vários tratados e manobras que realizaram naquele país. Esse autor explica que no Paraguai grupos argentinos controlavam grande parte das indústrias, e possuíam também, grandes extensões de terra. Perdendo somente para os Estados Unidos, a Alemanha, a Grã-Bretanha, a França e a Áustria<sup>78</sup>. Os grupos argentinos também possuíam extensões do Chaco e foram se apossando de territórios Bolivianos, algo que foi sentido por esse país, dado que não possuía saída para o oceano em função de perda de territórios e tratados que não lograram êxito<sup>79</sup>.

Já em 1931, o presidente boliviano Daniel Salamanca (1931-1935) buscava um plano para se retomar os territórios usurpados. A localidade do *Gran Chaco* era importante para o Paraguai já que metade de seus rebanhos de gado, linhas férreas que transportavam o *quebracho*<sup>80</sup> vinham dali. Já para a Bolívia, o território reclamado não fazia parte de seu centro

---

<sup>76</sup> SEIFERHELD, Alfredo M. *Cincuentario de la Guerra del Chaco (1932-1935)*. T. 6. Assunção: El lector, 1985, p. 239. Disponível em <<http://portalguarani.com/WOPRMSKLORPE/PSARTGVGVBB989/ene-2014/Cincuentenario%20de%20la%20Guerra%20del%20Chaco%201932%20-%20Parte%206.pdf>> Acesso em 11 jun. 2016.

<sup>77</sup> MONIZ, Bandeira. A Guerra do Chaco. *Rev. bras. polít. int.* vol. 41 no.1 Brasília Jan./June 1998, p.170-171. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-73291998000100008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73291998000100008)> Acesso em 06 jul 2016.

<sup>78</sup> Ibidem, p. 167.

<sup>79</sup> Ibidem, p. 170

<sup>80</sup> É uma árvore que cresce em regiões vizinhas da Argentina, do Paraguai e do Brasil. Sua madeira, dura e resistente. O tanino extraído do quebracho, é utilizado na indústria de curtimento de couros. O nome quebracho deriva do espanhol e significa quebra-machado. A árvore é conhecida também como quebracho-vermelho. Em: <http://www.dicio.com.br/quebracho/>.

econômico que estava ligado à região do Altiplano e a população residente no local era de menos de 5.000 habitantes <sup>81</sup>. A importância então, era a saída pelo Rio Paraguai, algo que com o início da exploração de petróleo pela *Standart Oil* foi dificultada por não ter uma saída facilitada de escoamento da produção de petróleo.

Ainda, segundo Moniz Bandeira, soma-se a isso a ideia de que haveria grandes quantidades de petróleo na região do Chaco. O autor propõe que isso era uma falácia e que havia sido apontada pela própria empresa *Standart Oil*. Contudo, a questão do petróleo existiu como um dos fatores para o conflito, mesmo após o término da guerra em 1935, esteve presente no imaginário de paraguaios e bolivianos. Os acordos de Paz só foram firmados em 1938 <sup>82</sup>. Vários foram os fatores para a que a guerra ocorresse e para sua durabilidade – como os interesses do Brasil e da Argentina. Cabe lembrar que o Paraguai é um país militarizado, e foi se preparando para essa guerra, como mostra Moniz Bandeira.

Como se pôde ver, a família de Carmen de Lara Castro era de carreira militar, tanto seu pai e irmãos, quanto seu tio, o que veio a ser o presidente Estigarribia<sup>83</sup>, foram à guerra do Chaco. Durante o conflito com a Bolívia, contaram-me que eles foram presos e passaram por situações difíceis em decorrência da mesma. Essa parte da trajetória de Carmen de Lara Castro é lembrada não somente por seus filhos, mas por parte das/dos entrevistadas/os <sup>84</sup>, porque além de terem vencido a guerra com a Bolívia e os militares envolvidos se tornaram heróis da pátria, esse conflito bélico, trouxe problemas econômicos, sociais e políticos para o Paraguai que desembocaram em crises futuras.

A posterior presidência de seu tio (1939-1940) se deu em um período de conflitos e em seu governo, atuou de forma autoritária. Mariscal Estigarribia ainda é venerado por muitas/os como um dos heróis da nação, aliás, seus restos mortais e de sua esposa Julia Miranda

---

<sup>81</sup> MONIZ, Bandeira. *Op.Cit.*, 1998, p. 175.

<sup>82</sup> Ibidem, p. 183.

<sup>83</sup> Durante a guerra José Félix Estigarribia foi “General, Comandante Chefe do Exército em campanha”. SEIFERHELD, Alfredo M. *Op. Cit.*, 1985, p. 244. Disponível em <  
<http://portalguarani.com/WOPRMSKLORPE/PSARTGVGVBB989/ene2014/Ci ncuentenario%20de%20la%20Guerra%20del%20Chaco%201932%20-%20Parte%206.pdf>> Acesso em 11 jun. 2016.

<sup>84</sup> Essas associações podem ser encontradas nas entrevistas de: Alfredo Boccia Paz, Rafaela Guanes de Laino, Nelson Garcia Ramires, Marica Victoria Riart de Gonzáles e Roberto Paredes.

Estigarribia, encontram-se no *Panteón Nacional de los Heróes*<sup>85</sup>, o que liga também a trajetória da Carmen de Lara Castro a uma história de “família” de prestígio, valentia e defesa da nação paraguaia que não deixou de ser recordada<sup>86</sup>.

Para além dessas questões, o que se sabe da trajetória de Carmen de Lara Castro desse período é que recebeu educação religiosa em colégios católicos e teve aulas de Francês língua que dominava além do idioma Guaraní. E, que no ano de 1940, casou-se com Mariano Luis Lara Castro, advogado e ex-soldado da Guerra do Chaco<sup>87</sup>. Segundo livros e narrativas, Carmen de Lara Castro teria sido professora de Frances e Educação Moral e Cívica em colégios da região de Assunção, como o *La Providência* e o *Normal*, até praticamente o ano de 1965<sup>88</sup>.

Uma das primeras lembranças do primogênito de Carmen de Lara Castro sobre sua infância na entrevista foi à Guerra Civil paraguaia, que culminou em 1947. Ele, na época era apenas uma criança, mas recordou

---

<sup>85</sup> Informação sobre Estigarribia, ver em: <  
[http://www.portalguarani.com/1816\\_jose\\_felix\\_estigarribia.html](http://www.portalguarani.com/1816_jose_felix_estigarribia.html)> Acesso em:  
 11 jun. 2016.

<sup>86</sup> Ela foi a única mulher a ter seus restos mortais colocados ali. O *Panteão de los Heroes* foi uma construção feita para ser um oratório a Virgem de Assunção, mas também abriga os restos mortais de soldados das guerras e presidentes, como também, várias homenagens gravadas em placas, que geralmente estão associadas aos soldados e pessoas envolvidas no esforço das guerras, dispostas pelas paredes do *Panteão*, como pude perceber em visitas ao local. Outro ponto importante é que José Félix Estigarribia recebeu o título de Mariscal após sua morte, somente ele e Francisó Solano López possuem tal título. CHARTRAIN, François. *La Iglesia y los partidos en la vida política del Paraguay desde la independencia*. Assunção: Fondec, 2013, p. 336.

<sup>87</sup> CASTRO, Jorge Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 22/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora. (Segunda entrevista), p.1. E No livro de Alfredo Seiferheld, o nome Luis Lara Castro aparece como Tenente da Administração. SEIFERHELD, Alfredo M. *Op. Cit.*, 1985, p. 251. Disponível em <  
<http://portalguarani.com/WOPRMSKLORPE/PSARTGVGVBB989/ene-2014/Cincuentenario%20de%20la%20Guerra%20del%20Chaco%201932%20-%20Parte%206.pdf>> Acesso em 11 jun. 2016.

<sup>88</sup> Essas informações podem ser encontradas nas entrevistas com os filhos, mas também, em alguns livros que trazem pequenas biografias sobre Carmen de Lara Castro. Ver em: VALINOTTI, Ana Montserrat Barreto. *Mujeres que hicieron historia en el Paraguay*. Assunção: Ateneo Cultural Lidia Guanes, SERVILIBRO, Secretaria de la Mujer, 2011, p. 291-292, *FORJADORES del Paraguai*. Assunção: Paraguai: Arami, 2005, p. 182-183.

desse período. A dor e o sofrimento dos desdobramentos dessa contenda teriam marcado tanto a trajetória pessoal de Carmen de Lara Castro, quanto à de toda sua família, segundo Luis Félix Lara Castro contou:

[LC-] Éramos, somos de uma família tradicional de ambas as partes. Até o ano 47 mais ou menos, no ano de 47 veio a Revolução. Vivíamos implicados em brigas políticas entre o *Partido Colorado* e o *Partido Liberal*. Aí, apesar de que eu tinha sete anos. Eu ficava dentro de casa, e então, era de certa forma, uma diversão sair na rua e encontrar as balas de fuzil.

Entretanto, já não podíamos! Não saíamos direito na rua ... E isso foi quando vieram os combatentes colorados que eram campesinos que vinham recrutados do interior, que vinham descalços, por isso lhes chamavam de *Py-nandî*, em Guaraní [...] que significa sem sapatos. Essa gente roubou muito e tiveram agressões e mortes, porque não eram do exército, eram pessoas recrutadas. Então, essa foi uma época mais nefasta que eu conheci no Paraguai. Em 49 <sup>89</sup>, depois em 54 veio Stroessner [...] Isso é mais ou menos uma história minha enquanto criança <sup>90</sup>.

O drama familiar na fala de Luis F. Lara Castro pode ser evidenciado pelo “éramos”, “somos”, ou seja, era uma família tradicional, no sentido de grande importância, ou, porque a família toda estava no país. Estavam unidos até que veio essa “Revolução”. Mas, também, o “somos” pode denotar o sentido de que ele é na atualidade de uma família tradicional, apesar dos desdobramentos do conflito. Na época da Guerra ele já tinha um irmão, Jorge Lara Castro, que tinha quase dois anos de idade. Segundo seu relato, como criança ele não “sofreu” com a guerra, no sentido que gostava de ficar em casa e ir às ruas olhar as balas espalhadas pelo chão.

Sua percepção de que essa revolta ficou “séria” aparece quando enfatiza que esse foi um dos períodos mais difíceis que ele viveu, evidenciado pela criação dos combatentes *Py-nandis* que não eram do

---

<sup>89</sup> Podia estar se referindo a crise final do governo de Higinio Morínigo ou da sucessão de presidentes.

<sup>90</sup> CASTRO, Luis Félix Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 13/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 4.

exército regular, eram camponeses e a alusão aos pés descalços, pode evidenciar a miséria da população *campesina*. Talvez, Luis F. Lara Castro quisesse enfatizar que esses não “respeitavam” as hierarquias sociais criadas, e que davam certo privilégio às famílias da elite política de Assunção <sup>91</sup>. Poderiam agredir e matar pessoas que não faziam parte do conflito, já que, como ele sinaliza, não podia mais sair às ruas. Nesse sentido, os *Py-nandis* teriam sido os desecandadores da desordem e do caos. Algo que teria se regularizado com o regime de Stroessner, em que desapareceram esses grupos paramilitares <sup>92</sup>.

Os *Py-nandis* eram camponeses, e são apresentados como pertencentes ao *Partido Colorado* por parte dos pesquisadores que se detêm sobre esse conflito. E que durante o conflito chamado de “Revolução de 1947” foram convocados para compor a defesa do país. Porém, em Assunção outro grupo agiu desatando terror contra opositores políticos, contra estudantes, entre outros, e foram formados a partir do *Partido Colorado* e com a liderança de Natalício González, chamados de *Guión Rojos*. Esses dois grupos, formados em momentos diferentes também tiveram atuação durante o conflito. De modo que talvez Luis de Lara Castro, ao comentar sobre esse momento difícil que foi vivido em Assunção, pudesse estar comentando também sobre os *Guión Rojos*, pois segundo os trabalhos lidos, esses grupos atuavam em Assunção <sup>93</sup>.

---

<sup>91</sup> Estou entendendo que o conceito de elite é amplo e aberto a novas interpretações. Segundo o historiador Flávio Heinz, não existe um “consenso sobre o que é uma elite”, uma teoria em particular, “sobre quem são e o que as caracteriza”. Porém faz referência a uma minoria privilegiada dado as qualidades naturais ou adquiridas, grupos que parecem estar no “topo de estruturas de autoridades ou distribuições de recursos”, “dirigentes”, ou pessoas “abastadas”, “privilegiadas”, que de alguma forma são influentes nas relações de poder. Longe de querer entrar nesse debate enfocando a sociedade paraguaia, que demandaria maior uma investigação sobre as elites desse país. Nesse trabalho, evidencio que Carmen de Lara Castro pertenceu a um pequeno grupo privilegiado da elite política, reconhecido socialmente por suas atividades, pelo nome de origem – geralmente advindas/os de famílias importantes da política e cultura paraguaia, e que exerciam influência social dentro dos partidos, igrejas, movimentos estudantis, direitos humanos, entre outros. HEINZ, Flávio (Org.). *Por outra História das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 7., BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. 7ª ed., Brasília, DF, Editora Universidade de Brasília, 1995, p. 385-391.

<sup>92</sup> CASTRO, Luis Félix Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 13/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 3-4.

<sup>93</sup> LEWIS, Paul. Paraguay bajo Stroessner. (Colección Popular 327). México: FUNDEC, 1986, p. 55-78. MORAES, Ceres. *Paraguai: a consolidação da*

Alfredo Stroessner após assumir a presidência com o apoio do *Partido Colorado* em 1954, buscou “unificar” o partido, mandando para o exílio os opositores a ele. Dessa forma, desarticulou os grupos paramilitares, “criando” um corpo de polícia e exército, vinculados ao partido e prontos para reprimir em nome da ordem. Essas memórias sobre os *Py-nandis* como desordem é realçada pela ideia de que o exército tinha uma ordem interna, porém nesse período de conflito em 1947, o próprio exército estava dividido entre os que apoiavam o presidente Morínigo e os que buscavam tirá-lo da presidência e se aliaram a civis que também ansiavam por isso.

Somente para aclarar sobre essa cotenda de que falou Luis F. Lara Castro, é importante entender que Higinio Morínigo foi Ministro de Guerra e Marinha do governo de Estigarribia, e com sua morte, assumiu por escolha de militares a presidência provisória em 1940 – já que a recente Constituição Nacional suprimia a figura do vice-presidente.<sup>94</sup> Alcançando a presidência, declarou que o liberalismo teria sido a causa principal da anarquia política e econômica do Paraguai<sup>95</sup>. Retirou ministros liberais e colorados de seu gabinete e, proclamou-se sem partido e representante do Exército Nacional <sup>96</sup>. O início de seu governo foi apoiado por militares e setores conservadores da Igreja Católica, chamados de *tiempistas*, e alguns febreristas também o apoiaram. No ano de 1943, nas eleições, apresentou-se como candidato único, proibindo a participação dos outros partidos, seu mandato se estenderia até o ano de 1948.

Após seis anos de governo autoritário que perseguiu, prendeu e desterrou pessoas, a mobilização pelo fim do Estado de sítio, pela anistia e pelo reconhecimento dos partidos, ou seja, pela abertura política e pelo fim desse regime, cresceu. Diante disso, Higinio Morínigo iniciou uma manobra de abertura política. Aproximou-se do partido colorado e do

---

ditadura Stroessner 1954-1963. (Coleção História). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p. 35-36.

<sup>94</sup> Segundo François Chartrain, é preciso destacar que em 1940, dentro de uma série de crises, Estigarribia deu um autogolpe e abandona o *Partido Liberal* com quem havia feito um pacto militar-liberal, proclamou um novo gabinete formado por pessoas do *Partido Liberal, Colorado*. O *Partido Liberal* declarou que já não era mais o partido do governo e deixou livre para seus afiliados colaborarem, mas a partir de seus nomes pessoais. CHARTRAIN, François. *Op. Cit.*, p. 328-329.

<sup>95</sup> SOLER, Lorena. *Paragua-*. la larga invención del golpe. Assunção: Arandurã, 2014, p. 105.

<sup>96</sup> CHARTRAIN, François. *Op. Cit.*, p. 337.

movimento febrerista para manter-se no governo <sup>97</sup>. Nesse interim Morínigo decretou anistia geral, e convocou Assembléia Geral para o dia 25 de dezembro de 1946, além de um gabinete de coalizão com febreristas, colorados e militares.

Apesar dessa abertura política, havia instabilidade perpetrada pelo *Guión rojos*, como já mencionado, eram as “tropas de choque” organizadas pelo *Partido Colorado*. Os febreristas após conflitos com Morínigo e colorados, retiraram-se do gabinete de coalizão. Morínigo realizou um autogolpe, instaurou o Estado Sítio e proclamou um gabinete composto somente por colorados e militares, consequentemente agiu perseguindo os opositores.

Em Assunção, febreristas atacaram um quartel central da policia, e militares em Concepción também se sublevaram dando início ao que ficou chamado de “Revolução de 1947”. Com a ajuda do *Partido Colorado*, emergiu os exércitos de camponeses, conhecidos como *Py-nandis*, que bloqueavam as vias de acesso a Assunção – Ceres Moraes informa que a massa camponesa lutava pela promessa da distribuição de terra, Alfredo Boccia Paz infere que esse exército não lutava pela manutenção de Morínigo e contavam também com o apoio dos *guión rojos* em Assunção<sup>98</sup>. Morínigo saiu vitorioso desse conflito que durou cinco meses, mas foi deposto, pouco depois, em 3 de junho de 1948. Exilou-se em Buenos Aires até o ano de 1981, morrendo dois anos depois em Assunção <sup>99</sup>. Estima-se que devido a essa guerra, 400 mil habitantes foram ao exílio, que o exército sofreu uma baixa de 80% e 4 mil pessoas foram detidas <sup>100</sup>.

---

<sup>97</sup> SOLER, Lorena. *Op. Cit.*, 2014, p. 105-106, CHARTRAIN, François. *Op. Cit.*, p. 336- 339.

<sup>98</sup> Ceres Moraes informa que a massa camponesa lutava pela promessa da distribuição de terra. Alfredo Boccia Paz infere que esse exército não lutava pela manutenção de Morínigo no poder. François Chartrain dedica duas linhas aos *Py-nandi*, enfatizando que resistiram ao ataque e venceram os insurgentes. Contudo, em nenhuma das leituras feitas sobre esse conflito, evidenciaram como foi realizada a formação desses grupos, quais eram as exigências, ou, quais foram às reivindicações após a guerra. MORAES, Ceres. *Op. Cit.*, 2000, p. 35-36. RIVAROLA, Milda, PAZ, Alfredo Boccia. *Historia General del Paraguay*. T. III. Assunção: Fausto Ediciones, 2013, p. 221, CHARTRAIN, François. *Op. Cit.*, p. 365.

<sup>99</sup> RIVAROLA, Milda, PAZ, Alfredo Boccia. *Op. Cit.*, p. 223.

<sup>100</sup> LEWIS, Paul. *Op. Cit.*, p. 55-105, MORAES, Ceres. A Guerra Civil de 1947 nas relações do Brasil com o Paraguai. *Web Revista Diálogos & Confrontos Revista em Humanidades* 44, V. 2. Jan/jul. 2013. (1ª Edição Especial).



Ainda sobre essa temática do conflito civil que criou instabilidade no país e teve o *Pueblo de Assunción e de Concepción* como cenários dos levantes, Luis Félix Lara Castro enfatizou que o desdobramento desse acontecimento foi um marco em sua família:

[LC-] Sempre tivemos muito boa relação em nossa família, éramos muito unidos. Às vezes a tragédia, o perigo, a dor, faz com que a família se separe. Nós somos muito unidos, não somente aqui, mas com a família de minha mãe que está em Buenos Aires. Se não podíamos ir até lá, falávamos por telefone. E, cada vez que vinha a mãe de minha mãe era uma festa, porque não podiam vir! O outro irmão, mais velho, de minha mãe que era militar e o outro que era advogado, nunca puderam voltar. Esse morreu lá <sup>101</sup>.

Analizando esse excerto da entrevista e o destacado anteriormente, as palavras “éramos e somos” são usadas para enfatizar a união dessa “família tradicional”, pois, toda ela foi para o exílio, e mesmo com dificuldades, mantiveram o contato. A atenção dada a esses termos usados por Luis Lara Castro evidenciam uma união entre o passado e o presente que ele trata de unir na temporalidade da sua narrativa. Pois o sentido do “éramos” é dizer que a família estava unida, e mesmo com os problemas ocorridos pela a Revolução de 1947, pelo exílio, e continuaram fortalecidas até os dias atuais. Podendo ser entendida pelo uso de “somos”.

Essa distância da família teria causado profunda dor em Carmen de Lara Castro, como pude perceber através dos relatos. Segundo seus filhos, ela teve uma boa convivência com um de seus irmãos que era advogado e a teria influenciado na política. Luis F. Lara Castro comenta que o irmão “se chamava Adolfo Casco Miranda [e era] com quem ela podia compartilhar muitas inquietudes políticas” <sup>102</sup>. Apesar de todo esse desmantelamento familiar e da repressão que foram alvo, seus filhos dão a entender que e que nem à distância os separou da família materna.

---

Disponível

em:<

[http://www.uems.br/dialogoseconfrontos/Arquivos/vol2\\_2013/iforo/04.pdf](http://www.uems.br/dialogoseconfrontos/Arquivos/vol2_2013/iforo/04.pdf) >  
Acesso em 10 jun. 2016.

<sup>101</sup> CASTRO, Luis Félix Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 13/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 6.

<sup>102</sup> CASTRO, Luis Félix Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 13/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 4.

Quando questionado sobre os motivos do exílio, Luis Félix Lara Castro, respondeu:

[LC-] [...] Com exceção de meus pais, com exceção de minha mãe e meu pai que era advogado também<sup>103</sup>, meus avós por parte materna e todos meus tios foram à Argentina.

[TS-] Foram exilados?

[LC-] Sim, exilados.

[TS-] Por quê?

[LC-] Por razões políticas. Porque, por exemplo, a família de minha mãe era *Liberal* e, como essa Revolução se iniciou no departamento de *Concepción*. Porque [...] todas as pessoas que colaboraram, no local onde surgiu essa Revolução foram marginalizadas e perseguidas. Como uma de minhas avós era de Conceção e, meu avô era de certa forma político também, tiveram que ir à Argentina. Recordo a história de um imóvel que meu avô materno tinha, ele foi Coronel da Guerra [do Chaco], e lhe roubaram na época por mando do governo. Perdeu-se como 3 milhões e meio de dólares ali... Então nós ficamos aqui, minha mãe e meu avô paterno<sup>104</sup>.

Segundo contaram, foi um de irmãos de Carmen de Lara Castro que era militar que esteve envolvido no conflito, por isso, foram obrigados a se exilar na Argentina devido à repressão do governo do General Higinio Morínigo. De acordo com o *Informe Final* que corrobora com Luis Félix Lara Castro, foi na cidade de *Concepción*, localidade onde a família Casco Espinque residia que houve maior perseguição, e pessoas mandadas ao exílio, visto que 80% dos oficiais e liberais que participaram do levante se concentravam nessa região<sup>105</sup>. Nesse mesmo ano, o *Partido Liberal* foi para a ilegalidade, assim como todos os outros partidos envolvidos nesse conflito. Segundo contaram Luis Mariano Lara Castro também teve que se exilar devido à perseguição política, sobretudo, não

---

<sup>103</sup> Luis F. Lara Castro também é advogado.

<sup>104</sup> CASTRO, Luis Félix Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 13/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 4.

<sup>105</sup> COMISIÓN DE VERDAD Y JUSTICIA. *Informe Final Anive haguã oiko*- Síntesis y Caracterización del Régimen. T. 1. Assunção: Paraguai: J.C. Medina. 2008, p. 127.

aprofundaram suas narrativas sobre esse assunto, indicaram somente que ele teria saído do país e teria ido à Argentina ou Uruguai, ficando por lá por algum tempo e depois retornou.

Nas narrativas dos filhos nem sempre o avô materno foi apresentado como político, geralmente, mencionaram que era do exército. A fala de Luis F. L. Castro explora a ideia de que ele foi político. Porém, sobre o tema da inserção na política por parte do pai de Carmen de Lara Castro não encontrei informações. Ainda sobre o conflito civil e seus desdobramentos: de família de militares vitoriosos da Guerra do Chaco ao exílio, a família Casco Espinque perdeu todos os seus bens em Assunção. Esse ocorrido é realçado em todas as entrevistas com os filhos, pois marcou e modificou a convivência familiar. A Revolução de 47 aparece com maior destaque na narrativa de Luis Lara Castro, pois ele possuiu essas recordações de quando era criança em que viveu esse período.

Outros filhos de Carmen de Lara Castro também contaram outras narrativas sobre suas infâncias, a que segue é de José Manuel Lara Castro, nascido em 1953:

[TS-] E como foi tua infância?

[JC-] *Foi boa.* O pouco que meu recorde é que tínhamos uma casa em Areguá, era de meu avô paterno. Então, íamos aos finais de semana e nas férias, ficávamos por lá uns 15 dias mais ou menos. Saíamos a andar a cavalo com minha mamãe, papai e com meus irmãos também. Hoje *Areguá* tem todas as ruas asfaltadas, mas eram de terra. Íamos passear e tínhamos uma pequena embarcação em que levávamos nos ombros até o lago de Ipacarai.

[TS-] Ah, sim.

[JC-] Íamos caminhando. Então caminhávamos 3 quilômetros mais ou menos se não era mais. A casa tinha 360 metros de construção sobre uma pilha de pedras de quase um metro. O *Ferrocarril* passava quase em frente, na esquina, porque a estação era próxima. Então sentávamos aí, na terra, e olhávamos o trem que vinha [...] para nós era uma novidade. E a parte tinha muitos amigos, pessoas muito antigas dessa zona, era mais ou menos o que hoje é San Benardino, mas naquela época Areguá era muito familiar. Depois com o tempo foi dando terreno a San Benardino como atrativo principal.

Depois, meu irmão mais velho, que foi o que se casou primeiro, tínhamos um só veículo. Quando a mãe foi deputada pela primeira vez, buscamos a estratégia de quem chegasse primeiro ao carro dirigia. E, bom, eu ficava ansioso porque ou era eu ou o outro que ganhava. E, lá em casa sempre foi familiar no sentido de que nunca fechávamos os portões. Tinha portão, mas não tinha fechadura, não ficava fechado. Ademais porque as pessoas vinham... Porque sempre se fez política, porque todos os seus irmãos na época da Revolução, todos os meus tios por parte de minha mamãe foram para a Argentina [TS-] Sim.

[JC-] A mamãe foi a única que ficou aqui porque dizia que era a mais rebelde <sup>106</sup>.

As lembranças de José Manuel não são lineares, pois a memória também não é, mas é um dos únicos filhos que nos dão narrativas sobre sua família, sobre o local onde passava férias e os finais de semana, os tratos com os irmãos maiores para dirigir o carro para sua mãe. As recordações de uma infância tranquila são interrompidas pelos desdobramentos da revolução de 1947, que emergiu quando tratou de falar de sua casa em Assunção e que sua família sempre participou da política. Talvez por isso a casa “ficava aberta”, pois eram reconhecidos socialmente enquanto uma família vinculada ao *Partido Liberal*. Essas lembranças do conflito e do exílio da família de sua mãe, momento em que o entrevistado nem teria nascido, correspondem às histórias de sua família e são trazidas como um período turbulento.

Outro ponto interessante é a relação de “rebeldia” de sua mãe, segundo ele, Carmen de Lara Castro teria ficado em Assunção, porque se dizia “a mais rebelde”, quiçá frisava ser a mais rebelde de sua família Casco Miranda, pois, foram para o exílio. Pode-se entender a rebeldia salientada na fala de José Manuel Lara Castro sobre sua mãe como uma ação contrária ao regime, primeiramente por sua família durante a revolução de 1947, e posteriormente, a própria ação de sua mãe em oposição à Stroessner. Essa leitura da rebeldia pode ser tanto uma interpretação de Carmen de Lara Castro contada ao filho quanto de seu próprio filho sobre a ação política de sua mãe. De uma forma ou de outra,

---

<sup>106</sup> CASTRO, Jose Manuel Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 2.

trata-se da construção de uma narrativa sobre uma mulher que se subleva ou que se põe em resistência a algo.

Na foto abaixo, selecionei um retrato da família. Segundo o jornal que trazia uma reportagem sobre Carmen de Lara Castro – logo após seu falecimento – esta foto foi tirada na festa bodas de casamento de Luis Mariano Lara Castro e Carmen de Lara Castro, remontando a década de 1960. Esse recorte de jornal que aborda a história de Carmen de Lara

Castro estava na casa de José Manuel que, aliás, guarda alguns jornais que noticiam sobre sua mãe e permitiu que eu fotografasse o material.

Figura 3 - Família Lara Castro Festa de Bodas de Casamento



Fonte: SANCHEZ, Nacha. Coca Lara Castro uma lucha sin limites. ABC color, Assunção 20 mai. 1993. [suplemento Nosotras]. Acervo pessoal de José Manuel Lara Castro, Assunção, Paraguai. Digitalizado 19/01/2015. (Acervo Autora)

Na foto, nota-se os filhos maiores atrás da esquerda para direita: Luis E. Lara Castro, Jorge de Lara Castro, Fernando A. Lara Castro, somente Mariano Luis Lara Castro apresenta o semblante de seriedade que contrasta com de Carmen de Lara Castro que sorri para foto e fotógrafa/o, na frente de Carmen de Lara Castro, os filhos menores: Fermín Lara Castro (à esquerda), José M. Lara Casrtro (à direita) e Martín A. Lara Castro (no centro).

Sobre o exílio da família e do esposo, e da permanência de Carmen de Lara Castro em Assunção, fiz a mesma pergunta para todos os filhos: Por que ela ficou sozinha em Assunção? A resposta foi praticamente à

mesma, com poucas variações do “Ela decidiu ficar aqui”<sup>107</sup>. Segundo seus filhos, um ano e meio depois da Revolução de 1947, Mariano Luis Lara Castro já teria voltado do exílio<sup>108</sup>. Fernando Adolfo Lara Castro, filho que nasceu no mesmo ano da revolução, contou que sua mãe ficou em Assunção:

[FC-] Porque minha mãe já estava casada com meu pai, e toda a família de meu avô, Ramón, era muito respeitada e conhecida. Todos eram muito respeitados, porque as pessoas de antes tinham outra formação, sobretudo, ética, não como hoje que são todos sem vergonha!. As pessoas de antes eram de bom trato, eram de outro tipo. Então, minha mãe ficou. E eu nasci quando terminou a revolução de 47. Terminou em agosto e eu nasci em setembro. Então toda sua família falou que minha mãe teve sua formação na desgraça porque todos os seus irmãos e seus pais foram à Argentina. E ela ficou sozinha<sup>109</sup>.

Desse excerto, destaco primeiramente o nascimento de Fernando que ocorreu em 1947 e a escolha de seu o nome que é composto: Fernando Adolfo. De acordo com seus filhos, Adolfo seria o irmão que teria influenciado sua mãe na política, a nomeação de um filho pode ser tanto uma homenagem para seu irmão, quanto para sua família recém-exilada, tendo em vista que Fernando nasceu pouco depois do fim da Guerra Civil.

Os nomes dados aos filhos são também homenagens a pessoas queridas. Perguntando aos filhos a origem de seus nomes, alguns não sabiam responder, mas pelo menos três de seus seis filhos possuem os nomes de parentes. Nesse sentido, Luis, o primeiro filho nascido em 1941, leva o nome de Félix em homenagem a seu tio, Mariscal José Félix Estigarribia falecido em 1940, além de seu primeiro nome, Luis, ser o mesmo de seu pai. Já Fermín, o quinto filho, leva o nome do avô materno, Fermín Casco Espínque, mas também esse era o nome de um

---

<sup>107</sup> CASTRO, Jorge Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 03/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p.2.

<sup>108</sup> No ano de 1948, o presidente Molas Lopez teria dado anistia parcial a alguns presos e exilados. COMISIÓN DE VERDAD Y JUSTICIA. *Op. Cit.*, 2008, p. 128.

<sup>109</sup> CASTRO, Jorge Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 03/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 2.

dos irmãos de Carmen de Lara Castro. Ainda sobre isso, Fernando A. Lara Castro me contou que a prática de nomear os filhos com nome de pessoas próximas era muito comum para homenagear pessoas queridas pela família<sup>110</sup>.

Voltando ao trecho da entrevista citada, outro ponto importante é que Carmen de Lara Castro já estava casada e a família Lara Castro era “respeitada”, fatores que devem ter influenciado a permanência em Assunção mesmo com seu esposo exilado. Ramón Lara Castro, pai de Mariano Luis Lara Castro, foi advogado e teve diversos trabalhos de destaque na política paraguaia, como deputado, Ministro das Relações Exteriores do Paraguai no Brasil, foi periodista e presidente do Instituto Paraguayo de investigações Históricas e, outros centros culturais<sup>111</sup>. Mesmo com sua família e esposo no exílio, Camen de Lara Castro permaneceu em Assunção, entre outros fatores, por ter duas crianças pequenas e no fim da Revolução de 1947, momento de perseguição e exílio, estava no fim da gestação de seu filho terceiro filho, a isso se soma a ajuda da família Lara Castro que certamente a apoiou nesse período turbulento, e talvez, esperassem que o exílio fosse por um curto período, entre outros possíveis motivos, para não ter acompanhado o esposo.

Chamo atenção também para a ênfase que Fernando Lara Castro deu na diferente “formação ética” das famílias e pessoas “antigas”, dizendo que hoje em dia “são todos sem vergonha”, talvez estivesse falando dos políticos e da política na atualidade ou da sociedade paraguaia em geral, não possuo clareza. Porém, ele distinguiu as gerações de bom trato, pontuando que sua mãe e seu avô fariam parte desse grupo reconhecido pela sociedade.

Quando perguntei para todos os filhos por que Mariano Luis Lara Castro foi exilado, disseram-me que foi por motivos políticos. Luis Lara Castro salientou que:

[LC-] Meu pai foi também, porque se ficasse seria preso.

[TS-] Também pela atividade política?

---

<sup>110</sup> CASTRO, Fernando Adolfo Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 21/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 1,2.

<sup>111</sup> Para saber mais dados biográficos: Disponível em <[http://www.porta guarani.com/2882\\_ramon\\_lara\\_castro.html](http://www.porta guarani.com/2882_ramon_lara_castro.html)> acesso 10 de jun. 2016.

[LC-] Pela atividade política. Não era preciso ser político antigo, bastava ter um sobrenome que já era o suficiente pecado para ir ao inferno <sup>112</sup>.

De acordo com Luis F. Lara Castro, o nome “Lara Castro”, não foi suficiente para não ser perseguido, “bastava ter sobrenome”, nesse caso, ligado ao *Partido Liberal*. Mariano Luis Lara Castro deve ter se envolvido de alguma forma com a Revolução de 1947, por isso foi para o exílio, mas isto não foi explicado de forma mais aprofundada pelos filhos, apesar da tentativa de evidenciar o assunto nas entrevistas.

Luis F. Lara Castro, quando questionado sobre as motivações de Carmen de Lara Castro para efetuar a luta pelos direitos humanos, expôs uma espécie de explicação que remonta os dois períodos de conflito da vida de sua mãe, o primeiro foi à Guerra do Chaco e o outro a Revolução e exílio:

[LC-] A segunda experiência que teve foi com a Revolução, onde toda sua família teve que ir. Eles tinham uma fazenda. Creio que já falei quando começamos [a entrevista]. Chamava-se *La Gruta*, está em um povoado em *San Benardino*. [interrupção rápida]. E quando veio a Revolução, meu avô, minha avó e toda minha família da parte de minha mãe, com a exceção de meu vô (paterno), foram à Argentina. Ficou aqui o imóvel, e eles levaram dois caminhões que tinham aqui e foram à Argentina. Tiveram que começar a trabalhar na Argentina. Todo o seu dinheiro estava aqui. Essa casa se queimou, entraram aquelas pessoas que te contei os *Py-nandis*.

[TS] Sim.

[LC-] Mataram os animais e as pessoas que ali estavam, queimaram a casa. Não puderam queimar tudo, porque era uma casa de pedra.... Então isso aconteceu quando tinha já seis anos. Isso foi uma experiência muito forte, a Guerra e a Revolução, que fez com a família ... Eu creio que essas foram as duas grandes razões. Tudo o que se converteu nessa Revolução, foi o que a motivou para que se

---

<sup>112</sup> CASTRO, Luis Félix Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 13/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 4.



dedicasse aos direitos humanos, [...] e de salvar vidas, por tudo que ela passou <sup>113</sup>.

Sem dúvida a experiência da Guerra do Chaco, da Revolução de 1947 e o exílio de sua família marcaram a vida de Carmen de Lara Castro, assim como de seus filhos e esposo. A dor de não ver sua família retornar foi uma constante ao longo de sua vida, não somente a perda financeira a que foram acometidos, mas a distância da mesma. No ano de 1963, Carmen de Lara Castro publicou um poema para seu pai na revista *Cuñatai*, do qual foi editora, chama-se “*Teniente Coronel Casco*”. Não tive acesso a este periódico<sup>114</sup>, sendo o excerto que segue uma citação do livro de Montserrat González de Caballero Odonne.

Dejaste tu patria con el alma destrozada  
De tu fuerza de quebracho ya poco te restaba,  
Muchos ventos, cien batallas, cuantas luchas  
No te abatieron... y lo hizo! Que crimen el  
desalmado  
Al arrancar tu raíz potente de este suelo  
Y al pretender que viva en tierra extraña sin  
secarse.  
Y el día del transplante doloroso  
Tomaste entre tus manos, mi cara angustiada  
Y besándome muy fuerte  
Broto entre tus labios un pedido muy extraño:  
“Ilévame tierra de tu casa, pues pronto partiré muy  
lejos  
para llegar a Dios buscando la justicia que los  
hombres  
impiamente me han negado.”  
Que tarde comprendí tus palabras tan raras,  
Era el llanto no brotado de tu alma,  
Era el adiós, el presentimiento cierto  
De que irías ala donde serías vengado.  
Pero se mi “Comandante” por que te conosco,  
Que has llegado a dios, pero sin quejas  
Pues otra suerte de los que disfrutan  
El botín manchado,

---

<sup>113</sup> CASTRO, Luis Félix Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 13/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 21.

<sup>114</sup> Realizei uma busca sobre esse periódico nas bibliotecas: Centro de Documentación y Estudios, Biblioteca Nacional del Paraguay, mas não obtive sucesso.

Recordando ufano el atropelo.  
 No mi “Comandante”, no has llegado a Dios  
 Con queja alguna  
 Que si lo hubieras hecho, mucha gente lloraría  
 El justo castigo de sus culpas.  
 Has hecho bien mi “Comandante”.  
 Y pídele a Dios a cambio de tus penas,  
 Que los hijos que has dejado, vivan como tú los has  
 hecho.  
 Honrados.  
 Que tu pátria por quien has luchado la vida entera  
 Pueda llegar a ser lo por ti soñado.  
 Has hecho bien mi “Comandante”  
 La nobleza de tu olvido, hizo el milagro  
 Que yo tu hija siga amando.  
 Oh odio que he tenido, venganza  
 ¿Dónde han ido?  
 Solo queda mi tristeza  
 De esperar en que tu muerte  
 Que dejó mi alma destrozada  
 Traga en pago mi llanto  
 El ansia suprema de la justicia y la paz bienhechora  
 del olvido <sup>115</sup>.

Esse poema trata de um pai que parte, deixando o local em que teria uma “raiz”, um pai que lutou pelo país que foi destruído, e anos depois, faleceu de tristeza. Porém, antes pede que leve terra de sua casa, do Paraguai. O texto direciona para angústia, para frustração e para tristeza dessa família desterrada, assim como para o sentimento de injustiça e ressentimento. Ele foi escrito em um período de ditadura que não permitiu o retorno dessa família. Certamente esse texto que foi publicado em um periódico tinha uma motivação: talvez lembrar dos que estavam no exílio em situação semelhante, fazer pública a injustiça que viveu sua família, mostrar que famílias foram, pessoas foram “destruídas” pelo exílio.

Segundo Martin Lara Castro, o exílio foi um golpe forte para a família de Carmen de Lara Castro que contavam com uma vida estável em Assunção.

---

<sup>115</sup> CABALLERO, Montserrat González Oddone de. “*Otros verán nuestra vitoria*”- Breve biografía de Carmen Casco Miranda de Lara Castro. Assunção: [s. n.], 1994, p. 8.

[MC-] E bom, toda a família de mamãe estavam na opulência total e perderam tudo. Minha avó teve que passar a ser costureira, [Incompreensível], precisavam vender animais. Viveram na Argentina.

[TS-] Mas tua família tinha nome, sim? Teu papai e teu avô?

[MC-] Meu avô paterno.

[TS-] Mas o pai de tua mãe também...

[MC-] Meu avô materno era militar. Então, o filho de minha avó foi o que participou na Revolução, era piloto aviador, e outro dos irmãos também, atacaram a polícia da Capital.

[TS-] Mas teu avô, pai de tua mãe, não foi um General da Guerra do Chaco?

[MC-] Sim, esteve na Guerra. Esteve no diretório *Comachaco*, que eram os comandantes do Chaco e ele tinha status de Tenente Coronel e, depois de Tenente General e depois General. Mas, Estigarribia era parente nosso. Isso foi no ano 30 e pouco, mas acontece que em 40 e pouco já era outra época. Meu avô já não era Coronel, tampouco exercia e, sobretudo que o governo dessa época se incomodou que um Casco Miranda, que é o sobrenome de mamãe, um Casco Miranda se levantou contra o governo. Durante a Revolução não se podia ter um pano de cor contrário ao do governo [...] <sup>116</sup>.

A mudança de um país para o outro e a crise financeira que abateu a família Casco Miranda foi um período muito doloroso para Carmen de Lara Castro e sua família, como bem apontam seus filhos, até mesmo, pelo poema escrito em 1963, nota-se o ressentimento em suas palavras. Sobre o relato de Martín de Lara Castro, de acordo com sua reflexão, seu avô na época em que Estigarribia foi presidente (1939-1940) “estava bem”. Recebeu a patente de General, mas, já na década de 1940, com outro governo militar, do general Higinio Morínigo, sua família não foi poupada. Seu avô nessa época, como combatente da Guerra e parente de Estigarribia, também deveria gozar de prestígio. Que perdeu quando Morínigo declarou o *Partido Liberal* proscrito e sua família participou da Guerra Civil.

---

<sup>116</sup> CASTRO, Martín Alejandro Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 4.

Somando a fala de Martin Lara Castro sobre o drama familiar, Luis Félix Lara Castro, fazendo uma interpretação da trajetória de sua mãe, liga a questão do exílio com um ponto nevrálgico para a luta de Carmen:

[LC-] Então creio que tudo o que ela passou tocou muito forte nela e foi isso que fez com que se envolvesse e se dedicasse aos direitos humanos e ajudar as pessoas, por isso penso que fez isso.

[TS-] Sim.

[LC-] Dizem que normalmente a experiência da infância deixa muitas marcas em uma pessoa.

[TC-] Sim.

[LC-] Mais do que em um adulto que já está acostumado. E isso que ela viveu teve, muito, muito ... Por exemplo, um de seus irmãos que era advogado, que era muito parecido com ela [Incompreensível]. Recordo que ele morreu na Argentina. E ele estava morto e nós fomos a Formosa, que é perto daqui, e ela levou-lhe uma bolsinha. Pôs o que na bolsinha? Estou te contando uma história! E quando ele se enterrou, ela disse a ele: – Porque meu irmão foi meu companheiro de luta então como recordação dessa luta trouxe esta terra. Esta terra paraguaia, por quem tanto lutou. [Incompreensível]. Isso significa que ela... Por tudo que passou em sua infância... Por isso estava dizendo que a experiência da infância deixa marcas na pessoa <sup>117</sup>.

Dessa reflexão de Luis Félix Lara Castro, a dor, a injustiça e o ressentimento foram um dos fatores de ação de sua mãe para lutar pela efetivação dos direitos humanos. E, nas narrativas de todos os filhos, essa ação aparece como uma consciência que ela foi adquirindo aos poucos, a partir dessas experiências e somadas a outras, como ir as delegacias visitar presas/os.

Já sobre o falecimento do irmão Adolfo C. Miranda, a ideia de levar a terra paraguaia, a raiz do solo de onde nasceu, é, também, a de religar seu irmão ao país e a sua terra. O que remete ao poema assinado por Carmen de Lara Castro: a questão de levar terra a um exilado morto fora do país de origem. A dor e a luta são uma constante nas narrativas familiares que vincula a tradição da família Casco Miranda de lutar pelo

---

<sup>117</sup> CASTRO, Luis Félix Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 13/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 22.

país. Porque além de serem militares, de certa forma, já se opunham a governos autoritários e defendiam o Paraguai, lutaram na Guerra do Chaco e no levante de 1947. A presidência de seu tio, Mariscal Estigarribia, também é conectada a sua família a um histórico de vitórias e de prestígio.

Conforme David Konstan<sup>118</sup> e Pierre Ansart<sup>119</sup> o ressentimento ou os ressentimentos, é um sentimento associado à duração, não é algo fulgaz. É alimentado, cultivado e acalentado, ocorrendo em situações de humilhação, ofensa e discriminação pela ação de outro <sup>120</sup>. Para Marc Ferro, o ressentimento, fenômeno individual ou coletivo,<sup>121</sup> é um sentimento que pode ser ou não um “motor” para a ação coletiva ou de indivíduos <sup>122</sup>. A intenção aqui não é fazer um estudo sobre as memórias dos ressentimentos dos filhos, mas chamo atenção para seu caráter presente e ressignificado na memória. Nas narrativas o sofrimento que viveu Carmen de Lara Castro, teria sido um componente ou um motor de ação contra a ditadura. A tônica dessa primeira parte do texto concentrou-se naqueles aspectos, pois, sobressaíam nas memórias orais dos filhos como uma maneira de narrar à trajetória de sua mãe, e, portanto, compõem parte das memórias sobre Carmen de Lara Castro.

## **2.2. Das memórias narradas pelos filhos- uma contrução de si e de Carmen de Lara Castro**

Uma proposição desse trabalho a partir das leituras feitas é que a vinculação de Carmen de Lara Castro na política coincidiu então, com o exílio de sua família e de seu esposo em 1947. Quiçá para buscar justiça para sua família ou porque sentiu necessidade de mudar sua realidade, entre outros motivos que não são possíveis de explicação, é nesse ano que se pode perceber sua entrada no partido. Não sei ao certo quando Carmen

---

<sup>118</sup> KOSTAN, David. Ressentimento — História de uma emoção. In: BRESCIANI, Maria Stella, NAXARA, Márcia (Orgs). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Unicamp, 2001, p. 59-78.

<sup>119</sup> ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Maria Stella, NAXARA, Márcia. *Op. Cit.*, 2001, p. 15-34.

<sup>120</sup> KOSTAN, David. *Op. Cit.*, 2001, p. 59-78.

<sup>121</sup> FERRO, Marc. *O ressentimento na História – Ensaios*. Rio de Janeiro: Agir: 2009, p. 9 -11.

<sup>122</sup> Idem.

de Lara Castro de fato se aproximou ao *Partido Liberal*<sup>123</sup>, já que sua família tinha vinculações partidárias – tanto por parte da família Casco Miranda quanto por seu esposo, Mariano Luis Lara Castro. Do que pude averiguar a partir das entrevistas, dos livros e documentos que foram encontrados, esse é o ano em que sua atividade política “primeira” é visualizada: no contexto de reorganização do *Partido Liberal* que se encontrava ilegal, desmantelado e com muitos dirigentes presos e no exílio com suas famílias.

Quando perguntei a todos os filhos qual era a motivação de sua mãe para se envolver na política, as respostas seguiam uma direção: por causa da família ou a tradição familiar, tanto do lado paterno quanto do lado materno. Essa capacidade de ação de Carmen de Lara Castro, sua agência, é aqui entendida com base no conceito de Sherry B. Ortner, que presume que toda/o agente social tem agência, mas que de modo algum age com total liberdade ou sem restrições. Ou seja, “a própria agência pode ser definida como uma forma de poder, em que os “agentes” poderiam ser descritos resumidamente como “sujeitos empoderados” ”<sup>124</sup>. Dentro dessa perspectiva as/os agentes jamais podem agir fora das relações sociais em que estão implicadas/os – as relações de poder, de desigualdade, de competição, e assim por diante.

E, com isso não é descartada a questão da intencionalidade, dos “desejos e das motivações”, que podem ser conscientes ou não. Mas se compreende que a/o agente se situa em uma cultura e uma sociedade localizada no tempo e espaço, que é construída por vários fatores – que constituem sujeitas/os e que também são construídas e transformadas/os por sujeitas/os.

Portanto, estou entendendo a ideia de agência como de poder (sempre desigual) e projeto (intencional) historicamente construída por pessoas. Levando essas reflexões sobre agência em consideração, enfatizo

---

<sup>123</sup> Durante a viagem de 2015, fui ao comitê do *Partido Liberal Radical Autêntico* para saber se havia algum acervo ou material que pudesse ser consultado sobre as afiliações e sobre a história do Partido, mas fui informada que não dispunham dessas informações, que não possuíam acervo dessa época devido às invasões e sequestros de documentos. O *Partido Liberal* possui um acervo, mas, não sobre esse período.

<sup>124</sup> ORTNER, Sherry. Poder e Projetos: reflexões sobre a agência e uma atualização da Teoria da Prática. In: GROSSI, M, ECKERT, C, FRY, P. (Org.). *Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas*. Brasília: ABA, Blumenau: Nova Letra, 2007, p. 75. Disponível em < <http://www.abant.org.br/conteudo/livros/ConferenciaseDialogos.pdf> > Acesso em 06 jul. 2016.

que ao trabalhar com uma análise de memórias narradas, estou mirando também para a agência das pessoas que narraram, sobre si e sobre a personagem em questão. E estou inscrita em um “terreno de contruções” sobre Carmen de Lara Castro, ou seja, estou entendendo que ao escrever e analisar essas memórias, individuais e socialmente coletivas, também estou construindo a personagem – dado que participei das entrevistas e organizei a escrita do texto. O resultado desse trabalho não constituirá a personagem que viveu, mas sim uma espécie de “patchwork” de Carmen de Lara Castro <sup>125</sup>.

As memórias dos filhos sobre Carmen nos convida a pensar algumas datas que foram momentos marcantes na vida dela, mas que também, foram importantes na vivência dos entrevistados já que ficou registrado em suas lembranças familiares sendo trazidas no diálogo da entrevista. São aqueles dois acontecimentos, já apresentados anteriormente, e seus desdobramentos que embasam as explicações da ação política de Carmen de Lara Castro. Do tempo de uma infância feliz com amigos, irmãos, vizinhos ao tempo das revoluções e da ditadura, onde as conversas “eram eminentemente políticas” <sup>126</sup>, Carmen de Lara Castro é apresentada como uma mulher preocupada com a organização da família e sempre muito ativa. As memórias sobre o pai são sempre ligadas ao trabalho intelectual, do professor universitário, advogado e apaixonado por história, vínculo que é integrado à trajetória de Ramón Lara Castro, destacado como grande personagem político. Os tempos da memória não seguem uma cronologia, são seletivos, subjetivos, elásticos e cruciais para construção das identidades.

Das memórias orais sobre a família Lara Castro, seus filhos narram Carmen de Lara Castro como uma mulher exemplo: de mãe, de mulher, de esposa e de política. As memórias são diferentes entre si, pois cada filho passou por situações distintas durante a vida, e possuíam intenções diversas ao narrarem sobre ela. Eles relatam que a época da ditadura foi dura, mas que a vida de sua mãe não teria sido tão fácil e foi isso que teria dado a ela artifícios para sua luta política. Da guerra ao exílio, onde a família materna teria perdido os bens que possuíam em Assunção e tendo que se adaptar em um novo país sem saber quando e se iriam voltar. Ao exílio de seu marido, ficando sozinha em Assunção. Esse drama familiar é entendido como um motivador de sua luta. É dessa forma que seus filhos

---

<sup>125</sup> Uso o termo patchwork para lembrar o mosaico de vozes. PORTELLI, Alessandro. *Op. Cit.*, 1996, p.8.

<sup>126</sup> A ideia de que política era o assunto predominante nas conversas em casa aparecem nas falas de todos os filhos.

explicam a agência de sua mãe, mas também existem outros fatores, como a atuação dela enquanto professora de escolas de Assunção que não é presente nas narrativas, mas, que poderia ser mais um espaço de discussão política, a sua convicção religiosa, até mesmo o apoio da família e sua paixão por política.

Michael Pollack salienta, em um trabalho que reflete sobre as entrevistas orais e identidade, que um dos componentes das memórias são as lembranças “herdadas” <sup>127</sup> – entendendo-as como situações que não foram “vivas” pelas/os narradoras/es, mas marcam as memórias e são tão verdadeiramente contadas que é como se tivessem passado pela situação que narram <sup>128</sup>. Exponho isso, pois, os filhos entrevistados relatam sobre a Guerra do Chaco e a Revolução de 47, a partir dessas histórias que escutaram no compartilhamento das memórias da família, na escola, e talvez, lendo sobre o assunto. Já que a família como um todo foi atravessada por esses conflitos.

Nas memórias existem situações que se solidificam e fazem parte da nossa identidade e da construção de si – que se dá sempre na relação com a/o outra/o <sup>129</sup>. Então muito do que refletiram os filhos sobre a trajetória de sua mãe passa por essa memória herdada, pelas histórias escutadas e vividas e que marcaram suas próprias memórias e narrativas de si. A família Casco Miranda não pode voltar ao Paraguai desde a Revolução de 1947, retornaram somente após a queda de Stroessner em 1989. Portanto, essas narrativas sobre os dramas familiares trazem elementos para pensarmos o envolvimento de Carmen de Lara Castro dentro do *Partido Liberal*, do qual ela teve afiliação.

Segundo Elizabeth Jelin, as rupturas do cotidiano, do habitual, por distintos eventos marcam a memória, e essas memórias são moldadas e elaboradas ao longo da vida<sup>130</sup>. Essas recordações trazidas no texto, também devem ser entendidas no contexto de uma entre/vista que buscava compreender questões específicas. Nessas entrevistas as memórias foram evocadas por perguntas que remontavam a infância e a família. Elas foram

---

<sup>127</sup> Os outros componentes da memória são os lugares, as pessoas, acontecimentos vividos e os herdados, “vividos por tabela”. POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, [S.l.], v. 5, n. 10, p. 202-203, jul. 1992. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>>. Acesso em: 13 Jun. 2016.

<sup>128</sup> Ibidem, p. 203-204.

<sup>129</sup> Ibidem, p. 202.

<sup>130</sup> JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Madrid- Espanha: Siglo XXI, 2002, p. 27.



demarcadas pelos temas da Guerra do Chaco, da Revolução de 1947, do exílio de toda uma família, ou seja, pelo sofrimento e dor, assim sendo, como Jelin ressalta, a memória está em contínuo trabalho: “Uno agente de transformación, y el proceso se transforma a sí mismo y al mundo. La actividad a que la memoria implica <<trabajo>> es incorpora al quehacer que genera y transforma el mundo social.”<sup>131</sup> No olhar da autora, esses momentos podem se transformar em compromissos afetivos que podem ser expressados em forma narrativa,

Convertiendose en la *manera en que el sujeto construye un sentido del pasado*, una memoria que se expresa en un relato comunicable con un mínimo de coherencia. [...]. Primero, el pasado cobra sentido en su enlace con el presente en el acto de recordar/olvidar. Segundo, esta interrogación sobre el pasado es un proceso subjetivo, es siempre activo y construido socialmente, en diálogo e interacción. El acto de recordar presupone tener una experiencia pasada que se activa en el presente, por un deseo o un sufrimiento, unidos a veces a la intención de comunicarla <sup>132</sup>.

A memória é uma função psíquica, que todos os seres humanos possuem, mas o ato de recordar depende de outros fatores, podendo ser uma pergunta realizada que faz vir à tona lembranças de um passado que parece retornar no presente. Ela é seletiva, é flexível, é fragmentada, é individual e social, é “caleidoscópica” <sup>133</sup> e implica esquecimentos, pois recordar de tudo seria impossível <sup>134</sup>. Dessas memórias familiares compartilhadas, busquei as que evocavam imagens da vida “antes” da ditadura stonista, um período menos falado, e talvez, mais duro para as/os parentes de Carmen de Lara Castro. Esses relatos dos filhos aqui trazidos não devem ser entendidos como uma espécie de provas que buscam explicar a agência de Carmen de Lara Castro na política. A

---

<sup>131</sup> JELIN, Elizabeth, *Op. Cit.*, 2002. p. 14.

<sup>132</sup> *Ibidem*, p. 27

<sup>133</sup> PINTO, Júlio Pimentel. Os muitos tempos da memória. *Proj. História*, São Paulo, (17), nov. 1998. p. 207. Disponível em <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11146>> Acesso em 07 jul 2016.

<sup>134</sup> JELIN, Elizabeth, *Op. Cit.*, 2002, p. 29

intenção foi de usar os relatos dos filhos, como memórias marcadas por eventos dolorosos, e também, momentos felizes – e que dado ao trabalho de querer dar sentido ao passado, e responder as questões da pesquisadora que lhe fazia perguntas – buscaram uma coerência artificial para a vida de sua mãe que ao interpretar, que resignificar no presente, tentaram dar a conhecer quem foi Carmen de Lara Castro.

Assim sendo, essas narrativas familiares também nos dirigem para a análise das construções dessas memórias. Todas as entrevistas realizadas seguiram uma série de perguntas que levaram em conta tanto a trajetória individual quanto a trajetória de Carmen de Lara Castro <sup>135</sup>. Alguns dos filhos quando rememoraram a infância, falaram da “Revolução de 1947” por terem vivido esse momento, outros falaram da Revolução quando perguntei sobre os motivos que poderiam tê-la levado a participar da política. Esse momento peculiar da Guerra Civil aparece como um dos marcadores da trajetória de Carmen de Lara Castro, mas não só ele.

Quando Jorge e Fernando Lara Castro relataram a situação de que sua mãe jogava futebol e organizava o time, coisa que não era feita pelos irmãos homens, não era somente para mostrar um pouco do lado descontraído da adolescência de sua mãe. Poderia ser, também, para apontar que desde a infância ela se comportava de maneira organizada, como uma líder nata desde a juventude. Outro filho, Martín A. Lara Castro, contou-me que era sua mãe quem escolhia os noivos das irmãs mais jovens <sup>136</sup>. A agência de Carmen de Lara Castro é contada por seus filhos por esse prisma, pelo olhar de quem tenta explicar a “diferença” da outra, no caso de sua mãe, pela naturalidade de suas ações desde a juventude. Praticamente uma mulher “coerente e estável, sem inércias e decisões sem incertezas” <sup>137</sup>.

Esta explicação coerente dos filhos nos remete a Bourdieu e a *Ilusão biográfica*. O autor chama a atenção para que a vida é uma “anti-história”, e que é incerta e sem sentido. Entretanto, o que nos importa é

---

<sup>135</sup> O roteiro pré-estabelecido de entrevistas segue anexo ao final do texto, o que não descarta a possibilidade de outros questionamentos emergidos durante a entre/vista.

<sup>136</sup> CASTRO, Martín Alejandro Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 7.

<sup>137</sup> Aqui Giovanni Levi fala dos usos e abusos da biografia e seus modelos, mas não pude deixar de incorporar essa frase, devido à pertinência na conclusão sobre as narrativas. LEVI, Giovanni. *Op. Cit.*, p. 169

que Bourdieu salienta que a biografia quando lança mão de que a vida é uma história, no sentido de um curso ou trajeto, é uma ilusão do biógrafo/o que enganada/o ou cúmplice dessa, escreveria uma história à la filosofia da história, uma escrita teleológica. Muitas/os autoras/es já se dedicaram em criticar esse texto, apontando, que Bourdieu ignorava as diversas biografias que já havia sido escritas <sup>138</sup>. Entre os vários pontos reclamados por Bourdieu, interessa principalmente o que diz a respeito da *ilusão retórica*. E, segundo esse autor,

O que está implícito nos “já”, “desde então”, “desde pequeno” etc. das biografias comuns ou nos “sempre” (“sempre gostei de música”) das “histórias de vida”. Essa vida organizada como uma história transcorre, segundo uma ordem cronológica que também é uma ordem lógica, desde um começo, uma origem. No duplo sentido de ponto de partida, de início, mas também de princípio, de razão de ser, de causa primeira, até seu termino, que também é objetivo. O relato, seja ele biográfico ou autobiográfico, como o do investigado que “se entrega” a um investigador, propõe acontecimentos que, sem terem se desenrolado sempre em sua escrita sucessão cronológica (que já coligiu histórias de vida sabe que os investigadores perdem constantemente o fio da estrita sucessão do calendário), tendem ou pretendem organizar em sequencias ordenadas relações inteligíveis <sup>139</sup>.

O que chama atenção, então, nesses relatos familiares sobre Carmen de Lara Castro não é saber se realmente ela foi uma líder nata, se ela foi “sempre assim”. O que entra em discussão é porque os filhos narram sobre a mãe dessa forma e não de outra. Pensando sobre as memórias faladas compreendo que ao apresentarem suas impressões sobre fatos, sobre acontecimentos, e sobre pessoas, criaram uma “ilusão retórica” sobre a Carmen de Lara Castro. Porém, essa ilusão, que apontou

---

<sup>138</sup> DOSSE, François. *Op. Cit.*, p. 208. LORIGA, Sabina. O pequeno x: da biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica, 2011 p. 214- 217 (Coleção História & Historiografia). KOFES, Suely. Uma história em narrativas. Campinas: Mercado das Letras, 2001, p. 23-25.

<sup>139</sup> BOURDIEU, Pierre. *Op. Cit.*, p. 184.

Bourdieu, é de certa forma, indispensável nas narrativas, pois constroem uma identidade para si e para “a outra” pessoa.

Os filhos, ao lembrarem suas vidas, refletiram sobre ela, ressignificando e respondendo as questões da entre/vista e buscaram sentidos para suas vidas e de sua mãe. O que importa dessas narrativas são suas construções sobre esse passado e que no presente formam memórias e discursos sobre Carmen de Lara Castro. A própria condição das entrevistas orais propõe repensar o passado e refletir sobre ele com o olhar de hoje. A ideia de perguntar sobre as motivações, inspirações de Carmen de Lara Castro é justamente para saber uma versão, um possibilidade de explicação para a ação de Carmen de Lara Castro frente à política partidária no *Partido Liberal* e na *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos*. Que talvez ela pudesse ter contado em entrevistas ou aos filhos, ou que talvez, ela nunca tivesse falado sobre o assunto. Essas narrativas, portanto, aqui que são entendidas como construções de uma possível agência de Carmen de Lara Castro.

Nesse sentido, os filhos, sabendo que seria feito um trabalho sobre a trajetória de sua mãe, não falariam dos “pontos negativos de sua vida”, suas incertezas que qualquer ser humano possui. Esses “não ditos” nos fazem perceber que houve uma preocupação, inconsciente ou não, de contar sobre uma mãe coerente. Todos os filhos, de certa maneira criaram uma origem para a ação política, uma “ilusão retórica”, necessária na construção das identidades e subjetividades. Um ponto importante é que todos eles quando falaram de suas relações com sua mãe não deixaram de pontuar que sempre tiveram debates, que conversavam com ela, e que, como uma família, também havia discussões. Muitas vezes problematizadas pela atuação política, como recorda seu filho Luis Félix Lara Castro, evidenciando que por ser o primeiro filho, tinha uma relação de respeito e de sinceridade,

[LC-] Eu tinha muitas discussões com minha mãe. Por ser o filho mais velho, eu me colocava. Falava as coisas e ela não gostava muito, mas ela me respeitava por isso. Dizia que eu estava brigando com ela, e não gostava! Eu dizia: – Você não está no congresso e eu vou lhe dizer o que me convém! Tínhamos uma relação muito fluída, mas eu nem sempre lhe concedia espaço quando não tinha razão. Mas isso é parte da minha história <sup>140</sup>.

---

<sup>140</sup> CASTRO, Luis Félix Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 13/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 15.

Ao final da entrevista, Luis Lara Castro foi contando sobre a relação que tinha com sua mãe, e que com a morte de seu pai em 1986, também passou a cuidar mais da mãe viúva. Um ponto que destaco desse excerto é a separação da história de sua mãe e a dele, ou, como se essas informações do cotidiano e as relações entre a família não fossem tão importantes para fazer parte do trabalho porque não diziam respeito da trajetória política de sua mãe, e por isso fazem parte de sua história pessoal.

A mãe contrariada aparece em outras narrativas, dado que em uma família, as discussões também teriam que estar presentes. Mas elas são amenizadas, talvez, por respeito à memória de Carmen de Lara Castro, não fizeram grandes críticas às posturas de sua mãe. Como já foi mencionado, os filhos também construíram narrativas sobre uma mulher coerente, sem traçar os pontos negativos, falhas ou fracassos que devem ter havido. Todos os filhos polidamente falaram que Carmen de Lara Castro era uma senhora rígida, já que tinha seis filhos homens e tinha que educá-los. Apontam que ela trabalhava muito e tinha que viajar, mas que sempre foi uma mãe presente, sempre cuidou da casa e dos filhos. O que nos remete à “função da mãe”, apesar de todo o trabalho político. Outro ponto, é que todos os filhos de certa forma participaram das atividades de sua mãe, por ajudarem na *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos* e também por levarem sua mãe, que não conduzia automóveis, às delegacias e outros locais.

Poderia ter selecionado outras partes das entrevistas, pois elas são riquíssimas, mas nesse primeiro momento, a intenção foi trazer como esse “antes” da trajetória pelos direitos humanos que foi realçada nas entrevistas, e perceber como ela foi narrada pelos filhos. Percebi, ao longo do trabalho com as entrevistas, que essas memórias não deixaram de mesclar o “antes” e relacionar com o “depois”, características das próprias memórias que são pessoais, fugidias e que o relato nem sempre é linear, onde a construção de sentido passou por cortes cronológicos, intencionais ou não, construídos no diálogo da entre/vista.



### 3. CAPÍTULO 2- DAS MEMÓRIAS SOBRE A PARTICIPAÇÃO DE CARMEN DE LARA CASTRO NA POLÍTICA

Es frecuente que las mujeres sean tratadas como recién llegadas a la política. Se dicen que ellas “deben ganar su espacio”, que “los espacios no se regalan”, que deben “hacer méritos para tener cargos”. [...] Las mujeres llevan mucho tiempo haciendo política, inclusive en instituciones como los partidos, movimientos y organizaciones que tienen como objetivo el ejercicio del poder público, a través de del voto de la ciudadanía. Por lo tanto, que el tratamiento de *recién llegadas* es una expresión mas de la discriminación sexista y que, por el contrario, el acceso a la representación política de las mujeres es una necesidad del sistema democrático y un acto de justicia <sup>141</sup>.

Ainda hoje, grupos feministas e de mulheres no Paraguai tem se movimentado para alcançar maior participação de mulheres na política, mas isso evidentemente não é um caso isolado do Paraguai <sup>142</sup>. Segundo as informações do *Centro de Documentación y Estudios*, os partidos mais

---

<sup>141</sup> BAREIRO, Line, ECHAURI, Carmen. *Las recién llegadas*. Mujer y política. San José: IIDH, Estudios Basicos em Derechos Humanos IV, 1995, p. 1. Disponível em: < <http://www.corteidh.or.cr/tablas/a12001.pdf> > Acesso em 06 jul. 2016.

<sup>142</sup> Em 1996, foi aprovada a lei de cotas obrigatórias para aumentar a presença feminina nos partidos políticos de no mínimo 20% de candidatas a cargos eleitorais, e é a menor da América Latina. Desde a década de 1990 vem crescendo a participação feminina em partidos e no Congresso Paraguai. Desde 2003 a luta de movimentos de mulheres e feministas é pela paridade política. Segundo dados de 2013, dos 27 partidos reconhecidos pelo Tribunal Superior Eleitoral, a cota para participação de mulheres é variada. Desses partidos políticos nove possuem a presidência exercida por uma mulher (2014). Ver em:<<http://www.abc.com.py/nacionales/onu-lamenta-escasa-representacion-de-mujeres-en-politica-paraguay>[1351466.html](http://www.py.undp.org/content/paraguay/es/home/presscenter/articles/2015/05/22/participaci-n-pol-tica-de-las-mujeres.html)>,<<http://www.py.undp.org/content/paraguay/es/home/presscenter/articles/2015/05/22/participaci-n-pol-tica-de-las-mujeres.html>>. SOTO, Lilian. Partidos políticos e participação política das mulheres no Paraguay- elementos para o debate. Assunção: Centro de Documentação y Estudios, 2014 Ver em: <<http://www.cde.org.py/publicacion/partidos-politicos-y-participacion-politica-de-las-mujeres-en-paraguay/>> Todos os links acessados em: 10 jun. 2016.

tradicionais e antigos desse país, como: O *Partido Colorado* e o *Partido Liberal* são os que possuem menor participação de mulheres em funções de liderança diretiva <sup>143</sup>. Ainda que se tenha aumentado à participação de mulheres em campanhas eleitorais, sua presença no Congresso Nacional e na direção dos partidos é ainda pequena. Nas eleições de 2013, as mulheres participaram com 38,4% de candidaturas em 27 partidos, mas foram eleitas apenas 16% <sup>144</sup>. A longa luta pela participação cidadã no Paraguai remonta o início do século XX e mulheres como Virginia Corvalán <sup>145</sup> e Serafina Dávalos <sup>146</sup>, essa em seu trabalho de conclusão de

---

<sup>143</sup> Cabe ressaltar que mulheres ascenderam em cargos de presidência de Partidos Políticos nos finais da década de 1990, segundo Lilian Soto. SOTO, Lilian. *Op. Cit.*, p. 20-24.

<sup>144</sup> Para se ter ideia da participação de mulheres atualmente, a campanha impulsionada pela ONU *Mujeres, Deicidamos*, CDE e organizações locais, chamada “*más candidatas mejor democracia*”, apresenta que de “80 diputados, solo 12 son mujeres, de 45 senadores, sólo 9 son mujeres, de 18 parlamentarios del Mercosur, sólo 3 son mujeres, de 17 gobernadores, sólo 1 es mujer, de 228 representantes en las juntas departamentales, sólo 38 son mujeres”. Ver em: <<http://informativomujer.org.py/singlepost/>> Acesso em: 10 jun. 2016. Sobre as eleições Mala Htun aponta que elas ocorrem em um sistema de lista fechado, assim como na Bolívia, Argentina, Costa Rica, Republica Dominicana e Venezuela. É a partir da quantidade e da posição das/dos candidatas/os nessa lista que pode-se eleger pessoas. Nesse sentido, quanto mais próximo do início da lista, maior chance para ser eleita/o. E é uma das reivindicações de movimentos de mulheres e feministas no Paraguai, pela paridade política, assim como melhores postos para mulheres nas eleições. HTUN, MALA. A política de cotas na América Latina. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2001, vol. 9, n.1, p. 227-228. Ver em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2001000100013>. Acesso em 18 jun. 2016, SOTO, Lilian. *Op. Cit.*, 2014.

<sup>145</sup> Virginia Corvalán em seu trabalho de conclusão de curso com grau de “Doctora en Derecho y Ciencias Sociales” em 1924, escreveu um trabalho “*El feminismo la causa de la mujer paraguaya*” que assim como Serafina Dávalos também defendia igualdade de direitos políticos entre mulheres e homens. MOREIRA, Mary Monte López. Cronología de acontecimientos en la lucha por los derechos políticos de las mujeres en Paraguay. In: MOREIRA, Mary Monte de López, BAREIRO, Line, SOTO, Clyde. *Op Cit*, p. 72-73.

<sup>146</sup> Serafina Dávalos é reconhecida por muitas feministas no Paraguai como uma precursora do movimento no país. Foi a primeira advogada, organizou e participou de vários grupos que se autodenominavam de mulheres e feministas, foi integrante do Superior Tribunal de Justiça e era do *Partido Colorado*. Seu trabalho *Humanismo*, defendia o sufrágio para as mulheres e igualdade direitos políticos a mulheres homens. Vendo que já na Constituição Paraguaia as mulheres poderiam votar porque não havia nenhum impedimento legal. Serafina



curso para receber o grau de “*Doctora en Derecho y Ciencias Sociales*”<sup>147</sup> em 1907, evidenciou entre outros assuntos, que a democracia só seria plena quando as mulheres se tornassem cidadãs e que já não havia impedimentos legais para que fosse alcançado. Após quatro projetos de sufrágio feminino que foram debatidos e negados<sup>148</sup>, somente em 1961 a luta de mulheres e homens culminou na lei 704 de *Derecho Político de la Mujer*. Cabe destacar que o Paraguai foi o último país da América Latina a reconhecer os direitos políticos para as mulheres<sup>149</sup>. A partir desse ano, as mulheres passaram a votar e serem eleitas<sup>150</sup> o que somente veio a ocorrer no ano de 1963, e as primeiras mulheres a ascender na política representativa foram Dolores de Miño e Bienvenida de Sánchez pelo *Partido Colorado*<sup>151</sup>.

A participação política de Carmen de Lara Castro, no ano de 1968, como Deputada Nacional, ainda é lembrada como um dos poucos casos de participação política de mulheres em um partido de oposição, e foi uma das primeiras mulheres a conseguir adentrar no meio político com cargos diretivos. As explicações das/dos entrevistadas/os sobre esse assunto são variadas uns dizem que era devido a sua orientação familiar, outras/os porque era sua paixão e, há ainda tem as/os que acreditam que os dois estavam implicados, e algo a ser destacado é que enfatizam o apoio que o esposo e os filhos teriam dado a ela.

---

Dávalos morreu em 1957 antes de poder ver sua luta alcançada, direito ao voto e a ser votada. DÁVALOS, Serafina. *Humanismo*- Serafina: Feminista paraguaya desde comienzos de siglo. Assunção: RP ediciones, 1990. p.7-51., MOREIRA, Mary Monte López. *Op., Cit.*, 2011, p. 66.

<sup>147</sup> DÁVALOS, Serafina. *Op. Cit.*, p. 7.

<sup>148</sup> Todos os projetos foram apresentados e discutidos por homens, mas como ressalta Line Bareiro, as mulheres estiveram presentes durante todo o momento, lutando pelo acesso a política, nada foi concedido as mulheres. BAREIRO, Line. La igualdad ante la ley. In: BAREIRO, Line, SOTO, Clyde, MONTE, Mary. *Op. Cit.*, p. 109- 198.

<sup>149</sup> Ver em <<http://paraguay.justia.com/nacionales/leyes/ley-704-jul-5-1961/gdoc/>> Acesso em 10 jun. 2016

<sup>150</sup> Sobre a história do sufrágio no Paraguai: MOREIRA, Mary Monte de López, BAREIRO, Line, SOTO, Clyde. *Op. Cit.*, 2011.

<sup>151</sup> VILLALBA, Juan Roque Galeano. Honorable Congreso de la Nación-revisión Histórica. Assunção, [s. e.], 2000, p. 197. [Digitalizada por *Biblioteca y Archivo Central del Congreso Nacional*]. (Anexo 2)

Esse segundo capítulo busca visualizar o “início aparente”<sup>152</sup> da aproximação política de Carmen Lara Castro no *Partido Liberal*. Para isso persigo algumas questões: Como Carmen de Lara Castro se envolveu com o *Partido Liberal*? Como ela conseguiu alcançar postos da direção do Partido? Como ela se destacou nesse Partido? Essas questões serão o fio condutor do capítulo.

### **3.1 Dos muitos movimentos de mulheres urbanas e a participação política partidária de mulheres – visualizando Carmen de Lara Castro**

Fazendo uma síntese dos movimentos de mulheres urbanas no Paraguai e usando as análises de Graziella Corvalán<sup>153</sup> e Mary Monte<sup>154</sup>, observo que entre o período de 1900 a 1960 emergiram diversas organizações de mulheres, associadas em diversos núcleos, requerindo mudanças na educação, por igualdade civil ou por melhores salários, entre outras reivindicações. As organizações, de modo geral eram: de beneficência, de capacitação para mulheres, de trabalhadoras, e também, de mulheres dentro dos Partidos, como: o Comunista<sup>155</sup>, o *Febrerista*, o *Liberal* e o *Colorado* – que ocorrem a partir da década de 1930.

Essas autoras enfatizam que nas décadas de 1960 e 1970 houve um estancamento de movimentos organizados por mulheres devido à própria repressão do regime stronista, e quando ocorreram tiveram curta duração. Porém, em meio à ditadura, emergiu no Paraguai a luta pelos direitos humanos com a formalização da *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos* em 1967, e outras organizações criadas posteriormente.

A intenção de apresentar um quadro geral e sintético dos movimentos urbanos organizados por mulheres foi para alcançar o cenário em que Carmen de Lara Castro estava inserida. Desse modo,

---

<sup>152</sup> Enfatizo que é um início aparente, pois é o período que as fontes aproximam Carmen de Lara Castro ao Partido, como o momento em que ela atuou dentro dele, mas não sei em que momento de sua vida, a personagem teria se aproximado das ideias do *Partido Liberal*.

<sup>153</sup> CORVALÁN, Graziella. *Op. Cit.*, p 105-136 .

<sup>154</sup> MOREIRA, Mary Monte de López, BAREIRO, Line, SOTO, Clyde. *Op. Cit.*, p. 209- 222.

<sup>155</sup> O partido Comunista Paraguaio foi fundado em 1928, mas passou parte do século XX na ilegalidade. Segundo Ceres Moraes, mesmo na clandestinidade conseguiu manter suas publicações periódicas como o *Adelante* e teve influência em diversos setores da sociedade paraguaia. MORAES, Ceres. *Op. Cit.*, 2000, p. 22-23.

chamo a atenção para que Carmen de Lara Castro viveu e estudou em Assunção nas décadas de 1920 e 1930, e que posteriormente, trabalhou como professora nas escolas da região, além do envolvimento político de sua família que não pode ser esquecido. Portanto, Carmen de Lara Castro não pode ser compreendida como uma mulher alheia às lutas dos diversos grupos de mulheres que emergiram e realizaram distintas publicações em periódicos e manifestações nesse país.

Como enfatizei anteriormente, das memórias sobre Carmen de Lara Castro pouco se conhece sobre o período anterior a década de 1960. De sua participação política no *Partido Liberal* no fim da década de 1940 e 1950, quase não é recordado nas entrevistas. Em alguns jornais<sup>156</sup> e em uma biografia escrita por Montserrat Caballero Odone apontam que Carmen de Lara Castro teria ajudado a organizar o *Partido Liberal* em 1947 – que estava proscrito e fragmentado devido ao exílio de grande parte dos dirigentes homens e suas esposas. Encontrei em alguns textos que ela teria ajudado a estabelecer um grupo de mulheres chamado *Las Manzaneras*, entretanto, infelizmente não localizei maiores detalhes sobre esse grupo<sup>157</sup>. Outra informação que é recodada é uma organização de mulheres em que ela esteve envolvida, chamado de *Intituto Cultural de Amparo a la Mujer*.

Em 1940, com a morte do presidente Estigarribia, iniciou no Paraguai a ditadura de Higinio Morínigo que durou oito anos. Esse colocou os partidos de oposição na ilegalidade, fechou os jornais, tomou medidas de censura e de repressão<sup>158</sup>. Contudo, esse tipo de modalidade repressiva não foi novidade desse governo, a violência e as crises políticas no Paraguai só podem ser compreendidas tendo em vista a longa duração de regimes autoritários.

Em 1946, a maioria dos dirigentes do *Partido Liberal*, que já estava proibido desde 1942, exilaram-se em países vizinhos<sup>159</sup>. No período de

---

<sup>156</sup> ELÍAS, Margarita. Ña Coca se fue, nos queda su lucha. *ACCION* – revista paraguaya de reflexión y diálogo, Assunção, Jul.1993, ano 3, n. 135. Disponível no Centro de Documentación y Estudios, Assunção, Paraguai. (Digitalizado em maio de 2014/Acervo da autora).

<sup>157</sup> Esse é um dado que é recorrentemente alçada a sua trajetória, mas que não há maiores informações sobre o grupo. Ver em: CABALLERO, Montserrat González Oddone de. *Op. Cit.*, p. 16, VALINOTTI, Ana Montserrat Barreto. *Op. Cit.*, p. 291-292, *FORJADORES del Paraguai. Op. Cit.*, p. 182-183.

<sup>158</sup> CORVALÁN, Graziella. *Op. Cit.*, p, 109., MORAES, Ceres. *Op. Cit.*, 2000, p. 30.

<sup>159</sup> De acordo com José Carlos Souza, No ano de 1942, durante o governo de Higinio Morínigo, “através do Decreto n. 12.246, *Disolución del Partido Liberal*,

1946 até março de 1947, houve um momento chamado de “*primavera democrática*” que foi quando Morínigo propôs o governo coalizão com Febreristas, militares e *Colorados*. Nesse ano de 1946, um grupo de mulheres organizou o chamado *Unión Democratica de Mujeres*, que reclamavam a anistia para as/os que estavam exiladas/os<sup>160</sup>, além de pedirem por liberdade de culto e de pensamento<sup>161</sup>. Esse grupo teve curta duração, pois muitas das mulheres envolvidas tiveram que se exilar em 1947, quando eclodiu a guerra civil, acompanhando seus esposos.

Desconheço se Carmen de Lara Castro participou da *Unión Democratica de Mujeres* que lutava pelo retorno das/os exilados ou de outros grupos de mulheres iniciados nas décadas de 1940, ou, anteriormente. Nas entrevistas, as/os entrevistadas/os não se recordavam desses períodos, além do que muitas/os eram jovens e a conheceram na década de 1960, no contexto da luta pelas pessoas presas. Outras conheceram Carmen de Lara Castro desde a infância, já no núcleo familiar ligado ao *Partido Liberal*, como Rafaela Guanes de Laino<sup>162</sup> e María Victoria Riart de García<sup>163</sup>. Essas entrevistadas, vinculadas familiarmente no *Partido Liberal*, não possuíam clareza da participação de Carmen de Lara Castro na *Unión Democrática de Mujeres* ou em

---

colocou o *Partido Liberal* na ilegalidade com as acusações de alta traição, e outros argumentos em favor dos símbolos do país, que são os ditadores da época pós independência”. Segundo Chartrain, logo de início os líderes liberais foram presos ou deportados para a Argentina, alguns foram para o Brasil. SOUZA, José Carlos. *Op. Cit.*, 2006, p.186., CHARTRAIN, François. *Op. Cit.*, 2013, p. 345.

<sup>160</sup> Ver em: MOREIRA, Mary Monte López. *Op. Cit.*, 2011, p. 85. E, Segundo informações da Comissão de verdade e Justiça. “Desde 1940 a 1948 (durante los gobiernos de Estigarribia y del general Morínigo) la policía paraguaya encarceló, confinó a campos de concentración en el Chaco, mantuvo en el exilio o controló las actividades de unas 2.800 personas, en su gran mayoría obreros y dirigentes sindicales (45,6% del total), además de liberales (10%), comunistas (7,7%), dirigentes estudiantiles (6,7%), jefes y oficiales militares (4,5%) y franquistas (3,2% del total). Las razas repressivas más importantes se dieron en 1940, 1944 y 1947/8”. COMISIÓN DE LA VERDAD Y JUSTICIA. *Op. Cit.*, 2008, T. I, p. 125.

<sup>161</sup> Essa organização ocorreu em 1946- 1947, durante a “primavera democrática”. Segundo Ana B. Vallinoti, havia 54 mulheres de distintos ideologias partidárias comunistas, febreristas, liberais e coloradas. VALINOTTI, Ana Montserrat Barreto. *Op. Cit.*, 270- 271.

<sup>162</sup> LAINO, Rafaela Guanes. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 2.

<sup>163</sup> DE GARCIA, María Vítctoria Riart. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 14/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p.1.

outros grupos. O que possuíam certeza é que Carmen de Lara Castro era de uma família muito conhecida e respeitada nesse período, e que era vinculada ao *Partido Liberal*.

Nas palavras de Carmen de Lara Castro em uma reportagem ao *Nosotras* do periódico *ABC color*, encontrado nos documentos do *Archivo del terror* no ano de 1989, sua vida política teria se iniciado em:

Mis comienzos en la política se dieron despues del 46 en un movimiento juvenil de damas, y yo era de una familia muy revolucionaria. Tenia un hermano que se llamaba Adolfo, que me apoyaba y al cual yo admiraba muichísimo, era muy político. Comencé a trabajar en política por que de verdad yo sentia lo que hacia. Fue muy dura mi lucha política, por que por ser mujer, hay que trabajar como tres hombres, para que te den tu lugar. Yo no me pudo quejar de mis compañeros porque siempre me han respetado, y me han dado el lugar que me corresponde por mi lucha, yo no me senti tan marginalizada <sup>164</sup>.

Afirmando o que muito de seus filhos apontaram sobre a influência que seu irmão, Adolfo, exerceu sobre ela, não deixa de frisar que sua família foi muito revolucionária. Carmen de Lara Castro salientou que teria participado de um grupo de “damas”, após 1946, dentro do *Partido Liberal*, isso nos ajuda a compreender melhor o “início” de sua trajetória política que muitas vezes não é encontrada nos livros e entrevistas, como já foi assinalado anteriormente<sup>165</sup>. Talvez o uso do termo “damas” se

---

<sup>164</sup> CODAS, Norma Bachero. Conociendo a Carmen de Lara Castro. *Nosotras ABC Color*. 1989. In: *Centro de Documentación y Archivo para la Defensa de los Derechos Humanos*. Assunção, Paraguai. 00185F0023. (Acervo autora).

<sup>165</sup> Graciela Corvalán em um dos poucos estudos que conheço sobre a ação de mulheres urbanas entre essas décadas, aborda as mulheres do *Partido Liberal*, chamando-as de “damas”, pois segundo ela, essas mulheres eram dos estratos médios e altos da sociedade paraguaia. Dentro do Departamento Feminino, criado na década de 1960, a autora ressalta que o grupo se dividiu entre “damas” e “mujeres” liberais, a distinção entre elas, parece que ocorria no tipo de atuação: as “damas” ajudavam as pessoas presas por motivos políticos e apoiavam os homens do partido, as “mujeres” buscavam por capacitação feminina. A explicação da autora resume as diferenças entre as mulheres e suas motivações. Não encontrei maiores informações sobre esses grupos de mulheres, sendo essa

vincule ao nome usado por mulheres em associações de beneficência do final do século XIX em Assunção <sup>166</sup> – já que muito do que faziam dentro das organizações partidárias era realizar assistência social. Outro ponto é que a palavra distingue essas mulheres que estão organizadas no partido como “damas”, que eram mulheres respeitadas, da elite, e geralmente, esposa de algum político.

Chamo atenção para o fato da discriminação que sofreu na política. Pois, ressaltou que para conquistar seu espaço, teve que trabalhar mais do que três homens e que foi muito dura sua luta, porém, ao mesmo tempo em que afirmou isso, salientou que não poderia se queixar de seus companheiros. Talvez ela quisesse amenizar a postura dos companheiros do partido para não criar atrito dentro dele, que naquele momento da entrevista eram do *Partido Liberal Radical Autentico*. O *Partido Liberal* já havia cindido várias vezes e havia muitos conflitos no interior dele. Porém não há como negar que sofreu discriminação, já que sua fala ressaltava que só teve seu lugar na política porque lutou, no singular, e reconheceram seus méritos.

---

uma questão em aberta para futuros trabalhos. CORVALÁN, Graziella. *Op. Cit.*, p. 110, 112-113.

<sup>166</sup> Sobre a questão da Beneficência no Paraguai e as damas caritativas: ORTOLAN, Fernando Lóris. *Dócil, elegante e caridosa- Representações das mulheres paraguaias na imprensa do pós- Guerra do Paraguai (1869-1904)*. (2010). Tese (Doutorado em História). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba: Paraná, 2010.

Figura 4- Conociendo a Carmen de Lara Castro



Fonte: CODAS, Norma Bachero. Conociendo a Carmen de Lara Castro. Nosotras ABC Color. 1989. In: *Centro de Documentación y Archivo para la Defensa de los Derechos Humanos*. Assunção, Paraguai. 00185F0023. (Acervo autora).

Essa entrevista foi realizada em 1989, nela Carmen de Lara Castro fez uma espécie de retrospectiva de sua participação política, assinalando as dificuldades para uma mulher ascender politicamente. Algo que estava em discussão entre os grupos de mulheres e feministas na época no Paraguai, e talvez por isso, as questões que foram levantadas pela

jornalista e recortadas na publicação levaram essas perguntas em consideração <sup>167</sup>.

Além disso, essa seção do jornal *ABC color*, o *Nosotras*, era específica para mulheres. Nele usavam o símbolo de um espelho de Vênus, ligado ao feminino, e que era empregado também como símbolo de movimentos feministas <sup>168</sup>. É importante assinalar isso, pois, o contexto em que Carmen de Lara Castro falou sobre discriminação foi propício, e naquele momento possuía maior reconhecimento por conta de seu trabalho como deputada e também pela CODEHUP. Sobre a fonte destacada, é relevante mencionar que foi encontrada no *Archivo del Terror*, não sei se esse recorte do jornal estava vinculado somente a Carmen de Lara Castro, ou se a polícia estava buscando elementos contra o jornal *ABC color* <sup>169</sup>. Já que os documentos em disposição no acervo possuíam toda uma lógica policial própria, que não foi possível perceber através do microfilme <sup>170</sup>. Entretanto cabe mencionar ainda, que essa

---

<sup>167</sup> Lembrando que no ano de 1985 foi promulgado o Código Civil, e em seu primeiro livro, trazia uma série de normas retrógradas em relação à família e às mulheres paraguaias. Várias mulheres reagiram, quando esse entrou em vigor no ano de 1987, apontando suas contradições em relação à Constituição Paraguaia de 1967 que a afirmava a igualdade perante a lei sem discriminação de pessoas. É preciso atentar que em foi meados dessa década emergiu o feminismo no Paraguai ligado a várias entidades e lideranças feministas. O pesquisador José L. Szwako demarca que o ano de 1987 pode ser considerado como o de gênese do feminismo com o *Encuentro Nacional de Mujeres – Por Nuestra Igualdad ante la Ley*– que dialogavam diretamente com o Código Civil e propondo uma renovação das leis discriminatórias as mulheres. Esse ocorreu com a ajuda de quatorze organizações com diferentes perfis, sobretudo, urbanas e vinculadas ao tema das mulheres e feminismos. Nesse ínterim, criou-se, quase um ano mais tarde, profícuas organizações feministas. Ver em: SZWAKO, José Eduardo León. *Op. Cit.*, p. 94 -98, SZWAKO, José León. In: PARAGUAY DESDE LAS CIENCIAS SOCIALES, 2012, Assunção: Paraguai. Los años dorados del feminismo contemporáneo en Paraguay. p.5. Ver em < [http://www.grupoparaguay.org/P\\_Szwako\\_2012.pdf](http://www.grupoparaguay.org/P_Szwako_2012.pdf)> Acesso em 21/06/2016.

<sup>168</sup> Hoje esse suplemento do jornal não usa mais o espelho de vênus em seu nome.

<sup>169</sup> Esse jornal foi fechado em 1984 e reaberto depois da saída de Alfredo Stroessner da presidência no ano de 1989. PAZ, Alfredo Boccia. *Diccionario Usual del Stronismo*. Assunção: SERVILIBRO, 2004, p. 17.

<sup>170</sup> Os documentos policiais que foram microfilmados ao longo das décadas e a partir de convênios firmados com outras instituições, seguem uma sequência que indica a disposição do documento microfilmado, que é encontrado no sistema de dados dos computadores do *Archivo del Terror*. Através de palavras-chave, como: nome de pessoas, datas, organizações sociais, entre outros, o banco de



reportagem se deu posterior à queda de Stroessner, pois o *ABC Color* esteve fechado desde 1984. O que evidencia, nesse caso, que após o stronismo a estrutura de espionagem ainda estava montada<sup>171</sup>.

Com o partido proscrito e com muitas pessoas no exílio, no início da década de 1950, Carmen de Lara Castro e outras mulheres que estavam envolvidas com o *Partido Liberal* fundaram uma organização de assistência a pessoas necessitadas, e com a prioridade de atender mulheres, chamado de *Intituto Cultural Amparo a la Mujer*. Poucas informações foram obtidas sobre essa organização, já que foi fechada e suas documentações sequestradas no início do governo stronista<sup>172</sup>. O instituto foi criado em 1953 e tinha em sua organização mulheres, algumas médicas e professoras que realizavam um trabalho de capacitação com o objetivo ajudar mulheres que estivessem passando por situações de carência.

Os poucos trabalhos que focalizam esse grupo apontam que além da preocupação de auxiliar mulheres, tinham também uma ação de conscientização política voltado para mulheres <sup>173</sup>. Alguns dos filhos,

---

dados dá acesso aos fotogramas. Porém, não conseguimos dimensionar, muitas vezes, através da imagem e os registros contidos, qual era a origem dos documentos, já que o arquivo é composto de diversos tipos. Autoras/es apontam que o acervo pode ser classificados em dois: os produzidos pela polícia e os sequestrados pela polícia. E são provenientes da *Comisaria Tercera*, da *Dirección de Asuntos Técnicos*, do *Departamiento Judicial de la Policía* e da Delegação do governo de *Caaguazú*. Apenas para se ter ideia são mais de 700.000 documentos, distribuídos em: 181 arquivadores e 204 caixas organizadoras com informes e documentos diversos, 574 pastas com informações de partidos políticos, sindicatos, mapas, vigilância, 600 livros encadernados e classificados por um sistema alfanumérico- letras que evidenciavam a origem do documento, 115 libros de novidades da guarda de direção de vigilância e delitos, entre outros, 11.225 fichas de detidas/os do Dep. Investigações, da “Técnica” e do Dep. Judicial, além das fichas de pessoas que eram suspeitas, 1.888 cédulas de identidades e passaportes. Aproximadamente 20.000 fotos, 1.500 livros sequestrados, 543 áudios gravadas em fita cassete de eventos, de reuniões, de programas de rádios e etc.. Essas informações sobre o acervo foram retiradas do livro: PAZ, Alfredo Boccia, AGUILA, Rosa Palau, SALERNO, Osvaldo. *Op. Cit.*, p. 45- 50

<sup>171</sup> Dentro do acervo policial conheço como *Archivo del Terror* havia documento do ano de 1991. PAZ, Alfredo Boccia, AGUILA, Rosa Palau, SALERNO, Osvaldo. *Op. Cit.*, p. 29.

<sup>172</sup> Não encontrei documentação sobre o Amparo a la Mujer no *Archivo del Terror*.

<sup>173</sup> CORVALÁN, Graziella. *Op. Cit.*, p.111-113.

principalmente os maiores, são os que recordam dessa associação e trazem mais detalhes sobre o seu funcionamento. Segundo Luis Félix Lara Castro que iniciou sua entrevista falando sobre a associação,

[LC-] Ela formou uma comissão que se chamava Comissão ...

[TS-] Vou tomar nota.

[LC-] *Comisión Paraguaya de Amparo a la Mujer*.

[TS-] E o que era isso?

[LC-] Na realidade, a princípio o objetivo era mais uma função social de defesa dos direitos das mulheres diante da falta de oportunidades e de todos os impedimentos que tinham as mulheres nessa época: a falta de direitos, a indiferença e as segregações no trabalho, as lutas camponesas. Essa experiência da associação veio a ser depois a Comissão Nacional de Direitos Humanos <sup>174</sup>.

Já na leitura de Fernando Adolfo Lara Castro

[TS-] Ela fundou com outras senhoras uma casa, um local, que se chamava *Amparo a la Mujer*.

[TS-] O que faziam?

[FC-] *Amparo a la mujer* era um pouco... Era muito difícil trabalhar aqui politicamente por que havia muita repressão na época. Então o que elas faziam era fazer o mínimo possível para ajudar as pessoas que estavam com dificuldades econômicas e políticas. Então essa comissão, nesse *Amparo a la Mujer*, vinha pessoas e se apresentavam dizendo o que estava ocorrendo e elas ajudavam. Então era um pouco do que faziam.

[TS-] Era aqui em Assunção?

[FC-] Aqui em Assunção.

[FC-] E tinha alguma conexão com *Partido Liberal*?

[FC-] Não. Tinha uma conexão com o partido porque a maioria das pessoas eram do partido. A maioria das senhoras eram afiliadas ao partido, mas não tinha dependência, digamos, da parte executiva

---

<sup>174</sup> CASTRO, Luis Félix Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 13/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p.2.

do partido. Era um organismo digamos de apoio, de ajuda. Essa organização de mulheres mais adiante começou a formar o Departamento Feminino do Partido. Então o Departamento Feminino estava mais comprometido politicamente com o partido. E o departamento feminino fazia, entre outras coisas, realizar ajuda aos presos <sup>175</sup>.

Para Luis Félix Lara Castro essa organização foi a primeira experiência política de sua mãe, e que posteriormente, tornou-se a Comissão de Direitos Humanos. Já Fernando Adolfo Lara Castro afirma que essa organização culminou no Departamento Feminino do *Partido Liberal*. Para ambos essa situação de ajudar as mulheres teria sido o primeiro envolvimento organizativo político de sua mãe e que deu base para continuar à luta pelos direitos humanos e questões ligadas ao envolvimento político no partido.

É importante mencionar que nas entrevistas com Jorge, Fernando, Luis e Martin Lara Castro, essa questão do auxílio à mulher aparece com frequência como um dos êxitos da vida política de sua mãe. Porém não ocorreu em todas as entrevistas, já que o maior enfoque ou o que por mais tempo Carmen de Lara Castro esteve exposta na liderança, segundo as entrevistadas/os, foi no diálogo com os direitos humanos. Então o auxílio às mulheres, desde grupos femininos se encontra nesse primeiro momento, com o *Amparo a La Mujer*, porém sua existência não é tão recordada nas memórias.

Outro ponto importante destacado é que essa organização de mulheres tinha uma postura de auxílio às pessoas necessitadas o que pode remeter as associações de damas caritativas – as associações de benevolência no Paraguai foram criadas período no após a Guerra da Tríplice Aliança <sup>176</sup> e estiveram presentes durante todo esse período. O *Amparo a la Mujer*, então, desde seu nome, possuía esses traços de assistência social, como expuseram os filhos de Carmen de Lara Castro, mas ao mesmo tempo, esse grupo parece ter tido uma ação de consciência política para mulheres.

---

<sup>175</sup> CASTRO, Fernando Adolfo Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 21/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 3-4.

<sup>176</sup> Esse tema mereceria uma maior análise, visto as proximidades com das ações caritativas e a relações com o Estado *liberal* no pós- Guerra, entretanto, foge dos objetivos dessa dissertação. Indico a leitura de uma tese que se propõe a discutí-la. ORTOLAN, FERNANDO LÓRIS. *Op. Cit.*, 2010, p. 103-118.

Nesse sentido, o instituto, segundo afirma Graziella Corvalán, foi fechado em 1956 quando “adquirió mucha envergadura y su gran actividad molestó al régimen, el local fue allanado y clausurado<sup>177</sup>”. A documentação sobre a organização também foi sequestrada pela polícia, talvez isso explique as poucas informações sobre o *Amparo a la Mujer*. De acordo com os documentos compilados no livro *Alquimistas* a única pista dessa organização é a proscrição policial publicado no jornal *La Tribuna* que mencionava o seguinte:

Proscripción del Instituto Amparo a la Mujer

La Dirección de Asuntos Políticos y Sociales del Ministerio del Interior dio a conocer la siguiente resolución N°1. Dice así:

Asunción, 7 de noviembre de 1956

Por resolución de la fecha la Dirección de Asuntos Políticos y Sociales ha dispuesto “prohibir toda actividad de la supuesta entidad denominada Instituto Cultural de Amparo a la Mujer, cualquiera sea su forma de manifestación, debiendo procederse policialmente a la incautación de los documentos puestos por ella en circulación sin perjuicio de las sanciones que sean pasibles sus miembros por tal actividad ilícita<sup>178</sup>”.

Talvez por ser um grupo de mulheres ligadas a partidos políticos da oposição<sup>179</sup>, e que tinham preocupação de realizar exposições sobre política e participação das mulheres, o instituto foi colocado sob suspeita e fechado. Afinal, mulheres se organizando e buscando maior participação política e partidária era uma atividade a se considerar ilícita pelo regime stronista com os partidos de oposição proscritos e com a cidadania das mulheres não reconhecida legalmente. Dessa forma, asseguravam o *status quo*, ligando a mulher ao espaço doméstico,

<sup>177</sup> CORVALÁN, Graziella. *Op. Cit.*, p. 111.

<sup>178</sup> LA TRIBUNA. Assunção, Paraguai, 7 de nov. de 1956. Apud. BAREIRO, Line, SOTO, Clyde, MONTE, Mary. *Op. Cit.*, p. 288.

<sup>179</sup> Pois naquele período havia um único partido reconhecido (1948-1963), o *Partido Colorado*.

afastando-as de pretensões contrárias ao regime. Contudo, algumas mulheres continuaram se organizando e o tema da participação política de mulheres não desapareceu com o *Instituto de Amparo a la Mujer*. Essa temática foi encontrada em três momentos na pesquisa, primeiro com o *Amparo a La Mujer*, segundo com a revista *Cuñatai* e terceiro com o Departamento Feminino do *Partido Liberal*.

Figura 5- Revista *Cuñatai*



Fonte: CUÑATAI – mujer paraguaya, Heroína en la guerra paradigma em la paz. Assunção, Ano 1, n. 5, Jul, p.. 1963. Apud. CABALLERO, Montserrat González Oddone de. *Op. Cit.*, p.25.

Essa foi à única página que tive acesso e foi encontrado no livro de Montserrat Caballero Odonne<sup>180</sup>. Esse periódico chamado de *Cuñatai*, palavra Guaraní que diz respeito à mulher jovem e senhorita<sup>181</sup>, foi publicado por um ano e meio, segundo Graziella Corvalán<sup>182</sup>. As publicações se iniciaram no ano de 1963, e levava o nome de: *Cuñatai-mujer paraguayana, heroína en la guerra paradigma en la paz*.

Foi uma revista de mulheres para mulheres e Carmen de Lara Castro aparece como diretora da revista, talvez essa publicação estivesse ligada ao Departamento Feminino do *Partido Liberal*. Não sei se ela escrevia nessa mesma revista ou se concordava com as ideias ali propostas, entretanto é uma publicação que se refere à participação de mulheres na política em um período em que as mulheres poderiam participar das eleições<sup>183</sup>.

O importante é que nesse número, a revista fez um chamado à participação política de mulheres e se questiona: Por que atuamos na política? E responde essa pergunta em seis pontos que serão apresentados resumidamente: 1º- Somos reconhecidas juridicamente e, a influência de mulheres na política melhoraria o funcionamento das leis. 2º- Como cidadãos sofrem com a anormalidade constitucional. 3º- Para preparar bons cidadãos amanhã. 4º- As mulheres sabem mais do que ninguém o dano que faz ao lar uma má administração. 5ª- A defesa da paz, do lar. 6º- Somos metade da população paraguaia. Sua influência traria mais honestidade e moral à família. Nesse pequeno texto compreendo que as mulheres que seriam bem vindas para atuar na política, são as que não tentariam inverter os atributos da família e da paz. Além disso, ao perguntar por que atuamos na política? Já se consideravam atuantes na política partidária.

Ao lado desse primeiro texto, outro quadro sobre a importância de direitos políticos das mulheres enfatizam a importância de se organizarem,

---

<sup>180</sup> Procurei essa revista na Biblioteca Nacional assim como perguntei aos filhos e para as/os entrevistadas/os em que lugar poderia encontrar essa publicação, a resposta infelizmente foi negativa. Jorge Lara Castro comentou que teria um exemplar da revista mas que doou para a biblioteca. Portanto o periódico que aparece no livro de Montserrat deve ser este que Jorge Lara Castro havia mencionado.

<sup>181</sup> A palavra segundo o dicionário online Iguaraní quer dizer: senhorita, muchacha, moça, entre outros. Disponível em: <<http://www.iguarani.com/?palabra=cu%C3%B1atai>> Acesso em 13 jun. 2016.

<sup>182</sup> CORVALÁN, Graziella. *Op. Cit.*, p 119,

<sup>183</sup> Idem.

faço aqui um resumo do que é apresentado: 1º- Deveriam fazer uma campanha nacional para que os direitos políticos das mulheres fossem ratificados em Convenções internacionais e interamericanas. 2º- Que os grupos femininos de países americanos exigissem que os partidos políticos aumentassem o número de mulheres nos partidos e nas eleições. 3º- Que as mulheres se preparassem para desempenhar com eficiência os cargos políticos que fossem confiados. 4º- Que a participação política não era oposta à família, mas eram fatores valiosos para que a mulher desempenhasse melhor seu papel junto ao de mãe e de esposa. Sendo a participação política um aporte para mudanças sociais, econômicas e culturais.

Desses pontos levantados algo que é relevante nesse texto é que a política e as questões privadas não são contrárias, mas aparecem como dicotomias “impostas”. Pois sugerem que a política deveria ser um dos fatores complementares na vida de uma mulher, da esposa e da mãe e que não estaria à margem disso. Ao naturalizarem a esfera doméstica como local para mulheres, expõe que ao fazerem política e terem melhor educação/capacitação, poderiam ser melhores esposas e mães, e mudar suas condições sociais <sup>184</sup>.

Graziella Corvalán afirma que essa revista tinha vínculos com o *Partido Liberal* e que foram as primeiras a reclamar pelas prisões arbitrárias do regime stronista <sup>185</sup>. Cabe mencionar, que esse partido era opositor ao *Partido Colorado*, portanto chamar atenção para o abuso de poder e de violência, era também uma forma de expor o partido e o presidente, tentando mostrá-lo como inimigo do povo paraguaio. Voltando a questão da revista *Cuñatai*, no canto direito da página se vê um anúncio das mulheres do *Departamento Femenino* com o nome “Asistencia social”:

Como es habitual, el Departamento Femenino sigue visitando semanalmente a los presos políticos que guardan reclusión en el Batallón de Seguridad a quienes presta toda suerte de ayuda si igual a que sus familiares. Su banco de medicamentos a los

---

<sup>184</sup> De certa forma, esse texto da revista lembra as discussões de feministas sufragistas do século XIX e início do XX. Essas distinções entre público/homem e doméstico/mulher foram construídas discursivamente e tiveram grande papel divisor no pensamento liberal ocidental, como nos ensina Susan Okin, por isso, apontar essas construções de gênero se torna primordial para desconstruir a ideia das esferas dicotômicas. OKIN, Susan. *Op. Cit.* 2008.

<sup>185</sup> CORVALÁN, Graziella. *Op. Cit.*, p 119.

correligionarios [?] y de ropas y útiles escolares a personas en la indigencia. Amigas su ayuda para asistencia social es indispensable y será siempre bien recibida<sup>186</sup>.

Por que as mulheres não chamavam os amigos homens para ajudar na assistência social? Como os entrevistados narram – falando principalmente das ações de Carmen de Lara Castro e da Comissão de Direitos Humanos –, eles também iam às delegacias. Os homens, na maioria das vezes, acompanhavam às mulheres, mas não eram eles que visitavam as/os presas/os ou faziam a arrecadação de materiais ou de comidas para essas pessoas que necessitavam de ajuda<sup>187</sup>, eram mulheres que realizavam tais ações.

Esses tipos de trabalho de assistência aparecem nas entrevistas dos homens como tipicamente femininos. Graziella Corvalán<sup>188</sup>, analisando os grupos de mulheres urbanas no Paraguai, nos mostra que uma das ações de mulheres no espaço político e partidário se deu, muitas vezes, pela assistência social. Ana Paula Vosne Martins expôs que os atributos ligados à bondade e à benevolência foram se caracterizando como substantivo feminino ao longo dos séculos. E aponta que, a crescente participação de mulheres ligadas às classes altas e médias que se envolveram com ações de caridade e benevolência, deu-se a partir da valorização de virtudes vistas como femininas. Essa mesma autora ao enfatizar que o século XIX, foi o da filantropia feminina destaca que:

Ao mesmo tempo essa valorização se deu pela ação das mulheres, porque muitas delas perceberam que, frente às limitadas oportunidades de expressão e de participação social, a filantropia as destacava e abria possibilidades de participar do mundo público<sup>189</sup>.

---

<sup>186</sup> *Cuñatai-* mujer paraguaya, Heroína en la guerra paradigma em la paz. Assunção, Ano 1, n. 5, Jul, 1963. Apud CABALLERO, Montserrat González Oddone de. *Op. Cit.*, p.25.

<sup>187</sup> Pode-se encontrar essas informações em todas as entrevistas que realizei.

<sup>188</sup> CORVALÁN, Graziella. *Op. Cit.*, p.104- 116.

<sup>189</sup> MARTINS, Ana Paula Vosne. Bondade, substantivo feminino: esboço para uma história da benevolência e da feminilização da bondade. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 59, p. 143-170, jul./dez. 2013, p 168. Disponível em <<http://revistas.ufpr.br/historia/article/view/37037>> Acesso em 06 jul. 2016.



Assim como no estudo de Ana Paula Vosne Martins, compreendo a partir das leituras sobre mulheres e política no Paraguai do século XX, que a prática da assistência, foi uma das brechas encontradas por mulheres da elite para fazer política. Usaram e valorizaram essa própria distinção, para adentrar nesses espaços que eram excluídas, o espaço dos partidos políticos.

As informações sobre as organizações de mulheres no *Partido Liberal* são escassas e, muitas vezes acompanhadas de confusões sobre as vertentes que teriam emergido no interior dele. Isso foi dificultoso para a pesquisa, pois desde o início busquei ampliar a compreensão sobre as organizações de mulheres nesse período. Entretanto, algumas pistas são levantadas sobre essas exigências por maior participação de mulheres no *Partido Liberal*, como, por exemplo, a revista *Cuñatai*, e também pode ser evidenciada pelo Primeiro Congresso Feminino *Liberal* em que Carmen de Lara Castro teria sido a presidenta e oradora de trabalho – obtive informações graças a Nelson García Ramirez que havia em seu acervo pessoal uma revista de 1965 que trazia informações sobre o evento em uma de suas páginas.

Figura 6- *Primero Congreso Femenino Liberal*

Fonte: PRIMERO Congreso Femenino liberal. *Así Es*. Assunção, ano III, n. 26, feb. 1965, p. 23. Acervo pessoal de Nelson Garcia Ramirez, Assunção, Paraguai. Digitalizado 14/06/2012. (Acervo Autora).

Como se pode ver na imagem, ainda que fosse um evento feminino e com grande participação de mulheres, havia também homens

discursando, provavelmente dirigentes do *Partido Liberal*. Desse primeiro congresso, Carmen de Lara Castro é apresentada como a presidenta e os temas foram voltados para as mulheres e política. Segundo esse periódico, foram exibidos trabalhos de mulheres que evidenciaram problemas específicos, como: 1º- a importância da mulher na vida política nacional, 2º- o papel da mulher na vida *campesina*, 3º- a responsabilidade da mulher no processo eleitoral, 4º- a função municipal, a mulher no assentamento urbano, 5º- a proteção à família (a mulher casada, a solteira e a criança), 6º- a formação de líderes para a participação ativa na vida comunitária, 7º- a mulher no trabalho e suas relações com as leis trabalhistas, 8º- a mulher na cultura, a educação e os problemas sociais<sup>190</sup>.

Segundo essa reportagem Carmen de Lara Castro foi quem apresentou o discurso de abertura e falou sobre a participação das mulheres na história paraguaia, e que a ação delas iria além dos limites do trabalho doméstico. Não obtive maiores informações sobre os congressos de mulheres no Departamento Feminino do *Partido Liberal*, e tão pouco, sobre a forma em que essas mulheres organizadas em torno desse Congresso discutiram sobre a participação das mulheres na política. O fato é que nesse momento em 1965, as mulheres já podiam ser eleitas e podiam votar.

Faço um adendo de que era de suma importância para o fortalecimento de um partido na oposição angariar participantes e eleitorado, tal como em todos os partidos políticos paraguaios. Apesar da exclusão na política, a discussão sobre a participação de mulheres no partido se tornava importante no período, sobretudo, para as mulheres, que nesse cenário conquistaram o direito ao voto.

É importante frisar que nessas organizações, nos departamentos e nos comitês do *Partido Liberal*, o departamento feminino não atuava da mesma maneira que o dos “homens” do partido. O Departamento Feminino possuía algumas funções que pareciam um pouco com atividades ligadas ao âmbito doméstico. Além disso, chamo atenção para o fato de que não era qualquer mulher que poderia fazer parte dessas organizações. Principalmente do diretório do partido, primeiro que os eram ambientes mais fechados, pensando tanto na segurança das pessoas durante a ditadura, quanto ao âmbito elitista. Não era qualquer pessoa que poderia fazer parte de um diretório político, teria que ser alguém confiável e que seguisse a linha do partido (muitos dos rachas dentro do partido

---

<sup>190</sup> O trecho destacado foi resumido. PRIMERO Congreso Feminino *liberal*. *Así Es*. Assunção, ano III, n. 26, feb. 1965, p 23. Acervo pessoal de Nelson García Ramirez, Assunção, Paraguai. Digitalizado 14/06/2012. (Acervo Autora).

foram ocasionados por divergências nos pensamentos e formas de atuação)<sup>191</sup>.

O *Departamento Femenino* do *Partido Liberal* emergiu nos fins dos anos 1950, e deve ter sofrido influência do *Instituto Cultural Amparo a la Mujer*, já que parte da direção desse Departamento Femenino, também fez parte do Instituto<sup>192</sup>. Essas informações são pistas sobre as “primeiras” incursões políticas de Carmen de Lara Castro no *Partido Liberal* e pode ser associada tanto a militância política para mulheres quanto a assistência social. Contudo, Carmen de Lara Castro é mais recordada a partir da década de 1960, quando liderou a *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos* e como Deputada Nacional pelo *Partido Liberal Radical* (1968-1978).

### 3.2. Por que Carmen de Lara Castro se destacou no partido e na política?

Quando perguntava as/aos entrevistadas/os qual era a motivação ou como Carmen de Lara Castro acendeu no Partido Político as respostas foram: 1º- devido sua tradição política familiar. 2º- Já possuía uma carreira pelos direitos humanos. 3º- Seu esposo teria dado a oportunidade para que ocupasse as listas de candidatura política no *Partido Liberal Radical*. Isso nos leva as proposições de Line Bareiro e Carmen Echaury sobre as formas constantes de mulheres para “fazer política”. Essas autoras apontam três maneiras possíveis em que as mulheres acendem em um partido político, mas salientam que não são as únicas maneiras e que são mutáveis: 1ª- Tarefas de apoio nas organizações políticas. 2ª- A luta pelos direitos humanos. 3ª- A influência através da inserção familiar e/ou afetivas com homens no poder político<sup>193 194</sup>. Dessa exposição de Line

---

<sup>191</sup> Faço um adendo de que não estudo o *Partido Liberal* em si, não tenho a pretensão de realizar um estudo da história do *Partido Liberal*, visto que demandaria outras fontes e leituras. Portanto, as reflexões são feitas a partir das leituras e das análises das memórias orais. É importante sinalizar que apesar de vários autoras/es paraguaias/os escreveram sobre esse período, não encontrei um estudo crítico sobre os partidos políticos e a participação das mulheres nas décadas de 1960 e 1970.

<sup>192</sup> CORVALÁN, Graziella. *Op. Cit.*, p.113.

<sup>193</sup> BAREIRO, Line, ECHAURI, Carmen. *Op. Cit.*, p. 9-11.

<sup>194</sup> Em um estudo atual sobre a participação política de mulheres no Paraguai de Sarah Patricia Cerna Villagra mostrou-se que 70% das mulheres que acendem no congresso paraguaio tem ligações políticas familiares, sendo este um vínculo importante para ascender no interior de um partido e na carreira política. A partir

Bareiro e Carmen Echauri, aponto que a participação de Carmen de Lara Castro na política passou pelo menos por essas três formas constantes de fazer política. Ela auxiliou o partido, organizou a comissão de direitos humanos, visitou as pessoas presas por questões políticas e tinha vínculos familiares com o partido com o qual se envolveu.

Na década de 1960, o governo stronista estava consolidado. Já havia afastado parte da oposição política, “abafado os sindicatos”, os movimentos estudantis e exterminado guerrilhas armadas<sup>195</sup>. Cabe lembrar que os partidos políticos já estavam proscritos antes mesmo desse regime e o sentimento anticomunista, já existente, foi reforçado com a lei “*Defensa de La Democracia*” 294/1955<sup>196</sup>, além disso, o Estado de Sítio era comumente usado a cada três meses. Sendo a lei 294 e o Estado de Sítio os componentes legais para perpetrar atos de violência e repressão<sup>197</sup>.

Como sugere Lorena Soler, o stronismo representou no Paraguai uma modernização conservadora que instituiu uma nova estrutura econômica, social e de poder político em que o Estado e o *Partido Colorado* passaram a intervir na vida de pessoas paraguaias e estrangeiras. O cenário em que emergiu a figura de Stroessner foi o de

---

de várias leituras friso que os fatores que estão sendo discutidos sobre como aumentar a participação de mulheres na política tem girado em 3 eixos determinantes, que modificados eliminariam algumas das barreiras para que mulheres conquistassem cargos políticos: 1- cotas de gênero/paridade 2- ajustamento do sistemas eleitoral 3- os partidos políticos. VILAGRA, Sarah Patricia Cerna. La mujer paraguaya: protagonista o decoración de billetes?. *VII Taller “Paraguay desde las Ciencias Sociales”*. Universidad Nacional del Este, Paraguay e Grupo de Estudios Sociales sobre Paraguay de la Universidad de Buenos Aires (UBA), Argentina. Jun. 2014. Ver em: <[http://grupoparaguay.org/P\\_CernaVillagra\\_2014.pdf](http://grupoparaguay.org/P_CernaVillagra_2014.pdf)> Acesso em 13 jun. 2016.

<sup>195</sup> Esse regime ditatorial no Paraguai se utilizou da Doutrina de Segurança Nacional, e de discursos anticomunistas que justificaram a violência do regime, dentro de uma conjuntura interna e externa favorável ao governo stronista, como bem explica Ceres Moraes. No contexto interno: a instabilidade política gerada pela falta de democracia no país, como também, crises econômicas e conflitos em que o país se envolveu e que deixaram marcas ao longo de sua história. Já no externo o cenário de um mundo pós Segunda Guerra Mundial, com conflitos impulsionados pela Guerra fria, no qual foi promovido o discurso anticomunista e a Doutrina de Segurança Nacional. MORAES, Ceres. *Op. Cit.*, 2000, p. 7-10.

<sup>196</sup> Para ter acesso às leis 294/1955: <<http://www.meves.org.py/?node=page,66&meves=guided,596,0#>> Acesso em 20 jun. 2016.

<sup>197</sup> COMISIÓN DE VERDAD Y JUSTICIA. *Op. Cit.*, p. 147

crise políticas, sociais e econômicas que vinham se arrastando desde o final da Segunda Guerra Mundial e início da Guerra Fria. Em um país com profundas consequências da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), e principalmente, dos desdobramentos da Guerra do Chaco (1932-1935) e a da Revolução de 1947, “colocó a los militares en un escenario propicio para reivindicaciones nancionales y antiliberales”<sup>198</sup>.

O governo de Strossner teve carácter legalista com uma democracia de fachada, em que havia eleições presidenciais e legislativas pontualmente. O *Partido Colorado*, que já estava no poder como partido único desde Morínigo – lhe deu legitimidade política e base institucional para continuar prosseguindo com seu regime de barbárie. Como explicita Diego Abente Brun, “como todo régimen autoritario, la operación política del stronismo se baseaba en la combinación de represión y cooptación”.<sup>199</sup> O stronismo, nessa ótica, mesclava a tolerância, a cooperação e a repressão, numa combinação de ciclos de maior violência que funcionava para colocar medo na população e maquiava o autoritarismo internacionalmente e dividindo a oposição<sup>200</sup>.

É preciso atentar que desde a lei 294/1955 era necessário de permissão para se realizar reuniões e que apesar de haver imprensa e partidos opositores, a violência, a repressão e o medo, foram a tônica do regime stronista. Nesse sentido, é crucial entender que os partidos da oposição foram perseguidos, que as reuniões destes muitas vezes foram atacadas pela polícia, além da vigilância que era recorrente. Sobre tudo em áreas rurais, onde o *Partido Colorado* e a polícia stronista atuavam de forma mais agressiva<sup>201</sup>.

As duas primeiras eleições durante o stronismo se deram com os partidos proscritos – em 1954 e 1958. No ano de 1962, a Junta Eleitoral Central admitiu ao *Partido Liberal Revolucionário* para participar das eleições gerais de 1963<sup>202</sup>. E foi o único partido que concorreu nas eleições, obtendo uma parcela das bancas do parlamento, ainda que mínimas, já que havia as fraudes eleitorais e o sistema era o da maioria prima – onde o partido que obtivesse mais votos ficava com 2/3 das bancadas no parlamento e o restante era dividido para os outros partidos<sup>203</sup>.

---

<sup>198</sup> SOLER, Lorena. *Op. Cit.*, 2014, p. 42, 110.

<sup>199</sup> BRUN, Diego Abente. *Op. Cit.*, p. 58.

<sup>200</sup> Idem.

<sup>201</sup> ARDITI, Benjamín. *Adiós Stroessner*. CDE: Assunção, 1992, p.168-171.

<sup>202</sup> CHARTRAIN, François. *Op. Cit.*, p. 410, ARDITI, Benjamín. *Op. Cit.*, p. 38.

<sup>203</sup> ARDITI, Benjamín. *Op. Cit.*, p. 43-37.

Dentro desse interím, a abstenção eleitoral foi um dos motivos para uma das cisões do *Partido Liberal*. A outra parte não reconhecida nomeou-se *Partido Liberal Radical* para se diferenciar e frisar sua postura radical e progressista diante do regime stronista. Nesse período, segundo Chartrain, o diretório da cisão *Liberal Radical* recorreu aos departamentos do interior para realizar uma campanha de “desmistificación” e contra a adesão de afiliados liberais ao *Partido Liberal* que foi reconhecido pelo governo, chamando– os de *levirales*<sup>204</sup> e de “traidores”<sup>205</sup>. Este mesmo autor sustenta que o partido ficou debilitado com essa cisão e que fez contínuos esforços para criticar os *levirales*. Após as eleições de 1963, vários militantes do *Partido Liberal* foram presos, até mesmo os *levirales*, então eleitos, pois, denunciavam que as eleições foram uma farsa<sup>206</sup>.

Destaco ainda que em 1963, após a divisão, o *Partido Liberal* abstencionista, alcunhou-se de “Radical” o que poderia ser uma tentativa de se vincular a uma facção do partido que teria se originado no período de sua organização estrutural nos idos de 1880. Naquela época havia dois grupos no *Partido Liberal* que se tornaram importantes e duradouros e atravessaram a década de 1920: Os Radicais que eram da ala de Cecilio Baez<sup>207</sup> e possuía uma tendência mais democrática e mais liberal na economia, a outra erm os “Cívicos” com corte mais conservador e aliado a burguesia urbana tradicional, ligados aos liberais Antonio Taboada e Fabio Queirolo<sup>208</sup>. Portanto, ao se intitularem Radicais poderiam estar se vinculando aos princípios da ideologia do partido. Ainda sobre a cisão do partido e suas nomenclaturas, teria que se realizar um estudo mais aprofundado e amplo sobre o período da ditadura, mas, devido aos fins

---

<sup>204</sup> São chamados de levirales a facção liberal liderada pelos irmãos Carlos e Fernando levi Ruffinelli.

<sup>205</sup> CHARTRAIN, François. *Op. Cit.*, p. 411.

<sup>206</sup> *Ibidem*, p.412.

<sup>207</sup> Presidente do Paraguai entre 9 de dezembro de 1905 a 25 de novembro de 1906, ministro das relações exteriores. Decano e reitor da Faculdade de Direito da Universidad Nacional. Foi um intelectual importante dentro do *Partido Liberal*: como presiente do partido, líder dos radicales e como um pensador do liberalismo paraguaio. Outras informações, Disponível em: <[http://www.portalguarani.com/324\\_cecilio\\_baez.html](http://www.portalguarani.com/324_cecilio_baez.html)> Acesso em 21 mar. 2016.

<sup>208</sup> SOUZA , José Carlos. *Op.Cit*, 2006, p. 180-181.

dessa dissertação, não foi possível realizar maiores reflexões sobre o assunto<sup>209</sup>.

Em 1965, nesse contexto, foi convocado os comícios municipais e dessa vez o Partido Febrerista participou das eleições<sup>210</sup>. Em 1966 com a possibilidade de uma nova Constituição, e com isso, as eleições gerais, outros partidos também se aglutinaram ao espaço eleitoral – o regime buscava, então, modificar os impedimentos da Constituição de 1940 para uma nova eleição de Stroessner. É nessa eleição que Carmen de Lara Castro é eleita. Para Lorena Soler, os partidos *Febrerista* e *Liberal Radical* viram na Constituinte uma oportunidade para enfraquecer os poderes do executivo, pois acreditavam que reconhecidos juridicamente teriam maior espaço para manobras e poderiam disputar as eleições presidenciais.<sup>211</sup>

Na interpretação de Diego Abente Brun e Lorena Soler sobre o stronismo, essa virada da oposição para o governo, auxiliou o regime a consolidar sua democracia. Entretanto, não se fez sem luta. Na década de 1960, grande parte das tentativas de retirar Stroessner do poder havia fracassado, e entrar no jogo da Constituinte, nas juntas municipais e na Câmara de Representantes foi uma tentativa, também, de se posicionar contra o governo mesmo que dando legitimidade a ele<sup>212</sup>. A isso adiciono a leitura de Benjamín Arditi que propõe a ideia de que no regime stronsita a política se assimilava ou se reduzia ao rito, somente os partidos elegidos estavam autorizados a negociar com o Estado, outros caminhos como os sindicatos e os movimentos estudantis não eram reconhecidos. Além

---

<sup>209</sup> Gostaria de aclarar que não faço um estudo do *Partido Liberal* ou *Colorado*, pois, isso demandaria outras perguntas e fontes para a dissertação, mas devo deixar claro que faltam informações sobre o partido durante esse período da oposição ao stronsimo. Na maioria das vezes, o que se fez são estudos que apresentam uma compilação sobre o *Partido Liberal* quando esse chegou ao poder (1904-1936), fazendo um estudo dos sucessos dos presidentes ou demarcando que esse período *Liberal* foi um momento de anarquia. Para um estudo crítico do Partido Liberal quando esse chegou ao poder, ver em: SOUZA, José Carlos. *Op. Cit.*, 2006.

<sup>210</sup> BRUN, Diego Abente. *Op. Cit.*, p. 59.

<sup>211</sup> Lorena Soler argumenta que as/os opositoras/os acreditavam que poderiam combater o regime já que era reconhecidas/os legalmente e salienta que o *Partido Liberal Radical* apresentou projetos de modificação para a constituinte que visavam diminuir os poderes do Executivo, liberdade religiosa e caráter apartidário para as Forças Armadas, ou seja, queriam desestruturar o regime, mas foram negados. SOLER, Lorena. *Op. Cit.*, 2014, p. 122-123.

<sup>212</sup> BRUN, Diego Abente, *Op. Cit.*, p. 56-61.



disso, criava-se uma série de dificuldades para os partidos opositores, que eram a minoria, intervirem nas decisões do governo <sup>213</sup>.

Das memórias narradas, a questão do destaque de Carmen de Lara Castro no *Partido Liberal Radical* as respostas são quase unânimes. Vários entrevistados afirmam que foi devido a seu trabalho precursor na área de direitos humanos que fez com que ela ocupasse espaço dentro do partido. Entretanto, havia outras mulheres que iam às prisões e grupos que lutavam pelos direitos humanos desde o exílio. Se havia outras mulheres do *Departamiento Femenino* que a acompanhava a assistência de pessoas presas, por que Carmen de Lara Castro é tão lembrada e por que ela acendeu na política? Dessas perguntas feitas as pessoas entrevistadas, destaco:

Alfredo Boccia que conheceu Carmen de Lara Castro dentro do *Partido Liberal Radical* quando jovem. Ele atuava como médico do *Comitê de Iglesias* na época e em sua entrevista mencionou sobre a importância da família no envolvimento partidário de Carmen de Lara Castro.

[TS-] Por que ela era do *Partido Liberal*?

[AP-] De família.

[TS-] Então ela se alia ao *Partido Liberal* em função de...

[AP-] Não, não. O Mariano, o esposo era um liberal histórico. A família, as duas famílias eram liberais. E ela fazia política. Por isso que não era... Era uma mulher de seu tempo, mas com costumes não próprios das mulheres da época: fazer política, interessar-se pelos direitos humanos. Não só interessar-se... Interessar-se não era somente ajudar e ir fazer protagonismo... [Interrupção] Então a Carmen era ideologicamente era de direita, era anticomunista, era uma liberal conservadora. Mas, era muito valente <sup>214</sup>.

Alfredo Boccia Paz chama a atenção para como as mulheres participavam nos partidos, apontando que a ascensão de Carmen de Lara

---

<sup>213</sup> A ideia de ritualização da política infere que a política torna-se apenas o uso de um poder aparente que não coincidia com o poder real. O stronismo: ritualizava as eleições municipais e gerais, mas seu sentido não era de renovar a política e sim, manutenção de seu poder autoritário. ARDITI, Benjamin. *Op. Cit.*, p. 48-49.

<sup>214</sup> PAZ, Alfredo Boccia. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 4.

Castro na política partidária se deu por meio de sua luta pelos direitos humanos:

[TS-] Como ela sendo uma mulher conseguiu ser deputada durante a ditadura e depois senadora?

[AP-] Isso nos leva... Não foi a única, não foi à única.

[TS-] Mas era uma das poucas.

[AP-] Era uma das poucas, mas também não era assim absolutamente fechado. O *Partido Colorado* tinha mulheres. Vamos ver... quando você mulher fazia política naquela época, fazia política por duas ou três vias, a primeira, o exemplo clássico é a Rafaela Guanes de Laino. Porque você era esposa de um político, então acompanhava o político, estava aí por perto e terminava fazendo política. A segunda era porque você vinha de uma família muito política que foi o caso de Carmen de Lara Castro. Onde o pai, a mãe, o esposo, o filho eram militantes.

[TS-] A mãe dela também era?

[AP-] Acho que sim, eu acho que sim. Se não estou recordando mal, acho que também, não estou certo... A Terceira era quando você se destacava em outro ambiente, também foi o caso de Carmen. Antes de ser política, foi primeiro, uma referência em direitos humanos, mas podia ser uma referência na medicina ou no direito, por exemplo. Daí o partido acabava convidando você para prestigiar a lista [eletiva]. Não eram muitas, mesmo agora não são muitas.

[TS-] E também não eram em outros países.

[AP-] A participação da mulher na política era diferente da do homem. A mulher era a encarregada de preparar as festas, ornamentar as convenções, juntar dinheiro, era a famosa comissão de damas.

215

Destaquei esses dois trechos da entrevista de Alfredo Boccia Paz, pois, elas enfatizam a questão da participação de Carmen de Lara Castro na política e sobre a atuação das mulheres nos partidos, tal qual Carmen

---

<sup>215</sup> PAZ, Alfredo Boccia. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p.13

Echauri e Line Bareiro <sup>216</sup>. Saliento que ele conheceu Carmen de Lara Castro e nutre um sentimento especial por ela, pois foi ela quem o tirou do país quando caiu preso <sup>217</sup>, além do contato que teve com ela no *Partido Liberal Radical* e como médico do *Comité de Iglesias*. Segundo, que em suas pesquisas ele recorda da participação política de Carmen de Lara Castro no âmbito dos direitos humanos. Para ele, seu destaque na política ocorreu devido a essa combinação de ter familiares de ambos os lados, na política liberal e o envolvimento com os direitos humanos <sup>218</sup>. Ele deu esse exemplo das vias de participação política em um texto apresentado, e posteriormente publicado, no I Colóquio Internacional – Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul na Universidade Federal de Santa Catarina em 2009 <sup>219</sup>.

A maneira como Alfredo Boccia Paz comenta a participação de Carmen de Lara Castro é interessante, pois, aponta que havia outras mulheres que participavam do diretório e que não era absolutamente fechado para as mulheres. Porém, se atentarmos para essas três vias destacadas, nota-se que era um partido fechado e elitista para participação de mulheres. Para entrar você ascender no partido tinha que ter familiares conhecidos e vinculados a ele, e se destacar dentro dele, para talvez, ser chamada para participar das listas eletivas, mas mesmo assim, essa narrativa aponta que a decisão era masculina, pois vinha do partido, que basicamente era composto por homens no diretório.

Outro ponto relevante é sobre a ação valente de Carmen de Lara Castro que não era somente para tonar-se uma “protagonista”. Para ele, ela tinha o interesse em auxiliar as pessoas presas, até mesmo os comunistas. Nesse ponto ele infere que ela era uma mulher conservadora e anticomunista, como seu partido, mas como sua bandeira era pelos direitos humanos, lutava também por essas pessoas independente de suas

<sup>216</sup> BAREIRO, Line, ECHAURI, Carmen. *Op. Cit.*

<sup>217</sup> PAZ, Alfredo Boccia. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p.17.

<sup>218</sup> LAINO, Rafaela Guanes. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 17.

<sup>219</sup> Alfredo Boccia Paz participou da mesa Gênero e práticas repressivas. Ver em: <<http://www.coloquioconesul.ufsc.br/>> Acesso em 14 jun. 2016. Desse evento, seu texto foi publicado no livro: PAZ, Alfredo Boccia. *Represión política y género en la dictadura paraguaya*. In: PEDRO, JoanaMaria, WOLFF, Cristina Scheibe (Org.). *Gênero, Feminismo e Ditaduras no Cone Sul*. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2010. Disponível em <<https://bibliotecaonlineadahisfj.files.wordpress.com/2015/03/03062011-101945feminismo-e-ditadurasfinal2.pdf>> Acesso em 14 jun. 2016

ideologias. Quando ele enfatizou que ela “era uma mulher de seu tempo”, foi no sentido de que ela não tinha reivindicações feministas e que suas contestações também iam em direção das estratégias do *Partido Liberal Radical* <sup>220</sup>.

Chamo atenção também para a questão das *damas liberales*, pois Alfredo Boccia Paz indica que Carmen de Lara Castro teria participado dessa organização que ajudava a estruturar o partido. Já mencionei isso anteriormente, mas é preciso destacar que as “damas” mesmo quando participavam dentro do partido, ainda tinham que realizar trabalhos diferentes dos homens. Talvez também seja a isso que Carmen de Lara Castro se referiu quando disse que as mulheres trabalhavam três vezes mais do que um homem dentro do mesmo partido.

Rafaela Guanes de Laino contou que teve a presença de Carmen de Lara Castro no ambiente familiar desde pequena, sua mãe e seu pai tinham uma grande amizade com a família Lara Castro. Contou-me que no secundário estudou na mesma escola que José Manuel Lara Castro e que várias vezes ele almoçou em sua casa no período entre as aulas (manhã e tarde) <sup>221</sup>. Sua família é bastante conhecida no âmbito *liberal*: seu tio, Facundo Machaín, foi presidente do Paraguai logo após a Guerra da *Triple Alianza* por um curto tempo de 24 horas <sup>222</sup>, sua mãe, Graciela Gondra foi da comissão feminina do partido e do *Instituto Cultural Amparo a la Mujer* <sup>223</sup>, seu avô, Manuel Gondra foi presidente do Paraguai (1910-1911, 1920-1921), sua outra avó, Rafaela de Machaín Guanes, foi presidenta da Comisión “Pro-Patria-Maria Auxiliadora” <sup>224</sup>, nos esforços da Guerra do Chaco. Rafaela Guanes ao narrar sobre essa família *liberal*, conta que seus pais não tiveram cargos dentro do diretório

---

<sup>220</sup> PAZ, Alfredo Boccia. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 1.

<sup>221</sup> LAINO, Rafaela Guanes. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 12.

<sup>222</sup> Sobre Fecundo Machaín, ver em: <[http://www.portalguarani.com/1809\\_facundo\\_machain.html](http://www.portalguarani.com/1809_facundo_machain.html)> Acesso em 14 jun. 2016.

<sup>223</sup> LAINO, Rafaela Guanes. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 2.

<sup>224</sup> Essa Comissão em 1928 tinha cunho assistencialista e tinha sede no colégio Maria Auxiliadora. Foi organizada para ajudar no sustentamento da Guerra do Chaco que estava iminente, doando: como mosquiteiros, bandeiras, comidas, segundo Ana Barreto Valinotti. VALINOTTI, Ana Barreto. *Op. Cit.*, 2011, p. 249-251.

do Partido e ela mesma, apesar de ter tido uma militância vinculada ao partido, também não obteve.

Foi durante a ditadura que acompanhou melhor a atuação de Carmen de Lara Castro devido à aproximação de seu esposo Domingo Laino com o *Partido Liberal Radical*, pelo qual foi deputado entre os anos de 1968-1978, período em que Carmen de Lara Castro também foi deputada. Durante esses anos, Rafaela Guanes de Laino, também foi presa, perseguida e também atuou nas campanhas de anistia de seu esposo, sua participação “mais militante” dentro de uma organização se deu nos anos finais da ditadura junto a *Unión de las Mujeres por la Democracia* <sup>225</sup>.

Além disso, contou-me que conheceu Domingo Laino em um jantar da *Comisión del Derechos Humanos* na casa de Carmen de Lara Castro, chamando a atenção para importância dela em sua trajetória de vida <sup>226</sup>. Sobre a participação de mulheres no *Partido Liberal*, Rafaela Guanes de Laino informa que havia muitas mulheres nos departamentos do partido, mas que estar no diretório era mais difícil, entretanto, havia vários canais de atuação:

[RL-] [...] Minha mãe sempre foi membro desse Departamento feminino. Aqui em minha casa, essa casa, que era de meu pai, e eu a herdei. Congregavam-se, eu me recordei, até trezentas mulheres.

[TS-] Nossa!

[RL-] Muitíssima gente inteligentíssima! havia mulheres como, por exemplo, Beatriz Mernes de Prieto<sup>227</sup> que era também uma educadora conhecida

---

<sup>225</sup> LAINO, Rafaela Guanes. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravarador digital. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p.7-11.

<sup>226</sup> LAINO, Rafaela Guanes. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravarador digital. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p.12.

<sup>227</sup> Segundo a compilação de Ana Barreto Valinotti, Beatriz Mernes de Prieto (1899-1898), fez parte de seus estudos na Inglaterra. Dedicou-se a causa feminista, foi liberal e casada com Justo Prieto. Foi presidenta da Sección Femenina del Gimansio Paraguayo. Durante a Guerra do Chaco foi diretora do *Hospital de Sangre* da escola normal de Assunção e também da *Comisión Pro-hospitales del Chaco*. Destacou-se como educadora, fundou o secretariado para mulheres e atou na escola de enfermária. Depois foi reitora da *Universidad Comunera*, sendo a primeira mulher a ocupar tal cargo. Em 1946 ajudou a formar a *Unión de Democratica de Mujeres*. Ver em: VALINOTTI, Ana Barreto. *Op. Cit.*, 2011, p. 171-172.

que criou o secretariado para jovens. Também uma mulher, [chamada] Mary Del Piño, uma valente mulher que ia às delegacias. Havia médicas e profissionais de tudo. E havia senhoras como minha mãe que havia trabalhado toda a sua vida, que sempre esteve próxima do partido devido a sua família e então estava casada e com seus filhos. Havia muitos níveis de militância no *Partido Liberal*. Mas *Coca*<sup>228</sup> é a que teria uma carreira política, como tal.

[TS-] E era isso que ia te perguntar, sobre a carreira dela dentro do *Partido Liberal*. Como ela conseguiu no ano de 77 se tornar uma Deputada?<sup>229</sup>

[RL-] Por seu ativismo político. Ela era atuante e militava forte. Era muito admirável, porque te falo que desde então, o ativismo era recorrer ao interior, e ter muito contato com a base. E muito do que se fazia era clandestino. De repente havia coisas que deveriam fazer sem que se soubesse. Havia a ditadura que foi muito longa e houve diferentes momentos também. Havia momentos com um pouco de liberdade, *um pouquinho*! Por algum motivo, por alguma pressão das embaixadas. Mas ela sempre fez um ativismo aqui e no interior, recebendo todo o tipo de gente em sua casa. Ou seja, ela foi uma militante, não tenho nenhuma dúvida. E quando viu, aproveitou a oportunidade de estreiar em uma lista [de convencionais]<sup>230</sup>.

Essa fala de Rafaela G. de Laino é muito importante, porque além de ligá-la a uma familiarização com o partido, mostrando, aliás, que em sua casa fazia-se jantares com grande número de pessoas. Aponta que havia muitas mulheres que atuavam em diversas profissões. Quando

---

<sup>228</sup> *Coca* é um apelido muito comum usado para falar de Carmen Casco de Lara Castro. Perguntei a várias/os entrevistadas/os, mas não sabiam me dizer a origem dele, Luis F. Lara Castro disse que era um apelido de infância. Encontrei alguns textos que mencionavam carinhosamente: *Doña Coca* e *Ña Coca* para falar da personagem em questão.

<sup>229</sup> O ano em que Carmen de Lara Castro se elegeu pela primeira vez foi 1968, depois 1973.

<sup>230</sup> LAINO, Rafaela Guanes. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 14.

indica que Carmen de Lara Castro teve uma carreira política, deixa explícito que foi pelo trabalho atuante dentro do partido. Enfatizando que “Coca” conseguiu maior espaço dentro das listas, militando entre as cidades, indo ao interior e congregando pessoas para participar e votar no partido, fazendo contato com a base. Essa questão do ativismo dela no interior do país e o contato com a base também aparece em outras falas, principalmente na dos filhos que contaram que levavam sua mãe para as campanhas no interior do país.

Para Rafela Guanes de Laino o ativismo de Carmen de Lara Castro foi único, uma vanguarda na luta pelos direitos humanos e pelas mulheres. Quando perguntei se Carmen de Lara Castro havia participado da luta pelo sufrágio, Rafaela Guanes de Laino respondeu:

[RL-] Não recordo. Isso foi em 63, 62, foi o voto no Paraguai. Ah tá, me recordo!... Bom, estou falando de quando era muito pequena. Não me recordo! Em 60 era muito pequena! Mas é possível que tenha estado... Ela era jovem nessa época, também havia comissão pela volta dos exilados. Eu penso que ela e muitas outras mulheres apoiaram isso, estou segura! Havia muitas pequenas comissões por todos os lados, digamos. Dentro do partido como carreira política eu a vejo mais enfocada na parte dos direitos das pessoas, em uma missão integral sobre os atropelos e um apoio permanente à família e às mulheres. E também havia muitas lideranças no partido como ela, mas no interior do país. Em muitas localidades havia mulheres fortes. Essas mulheres fortes que até os policiais tinham medo, havia várias no meu partido.

[TS-] Mulheres que trabalhavam desde o interior?

[RL-] Sim, mas ela teve esse perfil de ser meio única. Não porque foi a única, mas que foi a única que logrou essa visibilidade ou conseguiu integrar esse organismo. Sempre se teve a presença de muitas mulheres no partido, mas não era fácil chegar a essa especificidade e ocupar lugar nesse organismo diretivo <sup>231</sup>.

---

<sup>231</sup> LAINO, Rafaela Guanes. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 16.

Quando Rafaela Guanes conta sobre as mulheres do *Partido Liberal*, o fez com base nessas memórias familiares e suas vivências na política. Certamente não saberia informar especificidades da vida de Carmen de Lara Castro, mas infere que ela poderia ter participado das lutas pelo sufrágio, mas não se recordava, pois não tinha muitas lembranças desse período. Contudo, discorre que havia várias organizações do partido e que Carmen de Lara Castro poderia estar vinculada a alguma delas. Pode-se entender que suas recordações sobre Carmen de Lara Castro estão mais voltadas para a atuação com os direitos humanos, ação em que se destacou, e período em que esteve mais próxima dela.

Outro ponto importante, é que informa que havia outras mulheres que foram lideranças no partido, mas que Carmen de Lara Castro foi a única a conseguir cargos diretivos. Na entrevista não mencionou a influência da família ou do seu esposo, Mariano Luis de Lara Castro, para que ela almejasse tais cargos. Na percepção de Rafaela Guanes de Laino, Carmen de Lara Castro realizou uma abertura no âmbito dos direitos humanos e foi através dele que conseguiu adquirir altos postos na direção do partido. Cabe destacar ainda que se há poucas informações sobre a trajetória dessas mulheres que se destacaram nos partidos e na política, são ainda mais raras as informações sobre essas que foram líderes em outras localidades, e que não faziam parte dessa elite política de Assunção.

Sobre a informação de que muito do que faziam no partido era de forma mais clandestina, ou pelo menos tentava-se fazer. Pode-se entender pela vigilância da polícia e das *seccionales* do *Partido Colorado*, que também funcionam vigiando e incitando medo <sup>232</sup>. A polícia atuava, para além de outras ações, reprimindo as assembleias e reuniões dos partidos proscritos e até mesmo dos reconhecidos pela Junta Eleitoral. É importante mencionar, segundo o estudo de François Chartain, que nesse contexto ditatorial o *Partido Liberal Radical*, deixou que seus partidários tivessem dupla afiliação em função da manutenção dos empregos, já que para obter serviço no Exército ou em outros empregos públicos as pessoas deveriam ser coloradas <sup>233</sup>.

---

<sup>232</sup> ARDITI, Benjamín. *Op. Cit.*, p. 168.

<sup>233</sup> CHARTRAIN, François. *Op. Cit.*, p. 415. Sobre a questão da vigilância aos partidos e a relação clientelística da ditadura ver em: BRUN, Diego Abente. *Op. Cit.*, p. 13, ARDITI, Benjamín. *Op. Cit.*, 1992, p. 32-40.



Para os companheiro de luta, Nelson Garcia Ramirez<sup>234</sup> e Domingo Laino, ambos do *Partido Liberal Radical* na década de 1970. Esses apontam, em entrevistas separadas, que foi a partir do envolvimento com os direitos humanos que ela acendeu no partido e que a tradição política familiar a ajudou, além do apoio que teve de seu esposo e filhos. Nesse sentido destaco a narrativa de Domigo Laino que foi membro do diretório do *Partido Liberal Radical* e presidente do *Partido Liberal Radical Autentico* em algumas ocasiões.

[TS-] No *Partido Liberal* em que ela militou primeiramente, quando foi que ela iniciou sua participação?

[DL-] Ela era de família liberal. E bom, por tradição, já estava dentro do partido.

[TS-] E ela teve uma trajetória muito grande dentro do partido.

[DL-] Sim, foi importante. Ela ocupou a vice-presidência do partido. Ocupou cargos no diretório. Foi deputada comigo, fomos deputados juntos. Foi senadora. Não sei se *Coca* chegou a ser senadora. Não me recordo, mas foi parlamentar e várias vezes e reeleita. Estávamos no mesmo movimento, dentro do *Partido Liberal Radical Autêntico* e havia vários movimentos. O dela, era o nosso que era o que enfrentava mais a ditadura.

[TS-] Essa é minha grande pergunta como ela conseguiu ser deputada durante a ditadura?

[DL-] Bom, eu também consegui.

[TS-] Sim, mas ela era mulher.

[DL-] Sim, era mulher. Mas de certa parte era de nossa equipe, fazia parte do movimento *Cambio para Liberación...* *Coca* tinha muita sensibilidade social à parte de sua sensibilidade política. E bom, via em nosso grupo algo mais sério, que tinha pensamentos e direção política, e ela foi para o nosso movimento. Ela também foi cofundadora do movimento.

---

<sup>234</sup> Da entrevista com Nelson Garcia Ramirez necessito mencionar que ele havia lido um texto que apresentei no evento *ACIAGAS*, possuía o livro de atas do congresso. Nesse sentido em algumas questões levantadas na entrevista ele me dizia que eu já sabia a resposta, que estava no meu texto. RAMIREZ, Nelson Garcia. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 13/01/2015. Assunção, Paraguai.

[TS-] E havia outras mulheres dentro do movimento?

[DL-] Sim. Rafaela minha esposa, a acompanhou sempre também, mas ela tinha filhos pequenos e não assumia a responsabilidade política direta, mas evidentemente, ela e um grupo de mulheres se reuniam e trabalhavam.

[TS-] Mas com funções tão grandes dentro do partido, havia outras mulheres?

[DL-] Como?

[TS-] Carmen foi vice-presidenta com o senhor no *Partido Liberal Radical Autentico*, depois foi senadora. Sempre esteve no diretório com grandes funções. Creio que não havia outras mulheres que tivessem a atuação que ela teve.

[DL-] Bom, o que passa é que ela se dedicava inteiramente a política, mas não só se dedicava, ela foi uma mulher que apontava que a defesa dos direitos humanos era muito importante. Era muito permanente. Ela não tinha férias. Ela ia ao (departamento de) investigações e visitava os presos, os comunistas, os liberais. Tinha uma visão muito ampla. Evidentemente, essa coragem, essa dedicação também... Não era nenhuma acadêmica, de maneira nenhuma. Era uma mulher lutadora que combatia, e bom, tinha o apoio de sua casa, de seu lar, de seu marido. Nós reuníamos na sua casa, fazíamos boas reuniões. *Uma vez todos fomos presos!* Ela foi muito emblemática <sup>235</sup>.

A fala de Domingo Laino é importante, pois ele se envolveu com o *Partido Liberal* pelo grupo de jovens chamado *Club liberal ALON* <sup>236</sup>.

---

<sup>235</sup> LAINO, Domingo. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 16/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 3- 4.

<sup>236</sup> Fundado em 1945, de forma clandestina durante o governo de Higinio Morínigo, o *Club liberal ALON*, congregou jovens estudantes secundaristas, universitários, entre outros, funcionando até o ano de 1977, quando o *Partido Liberal Radical* cindiu. Segundo o historiador Claudio Fuentes Armandans, esse clube atuou tanto de forma pacífica quanto violenta, e a ênfase era do grupo era a formação de militantes liberais. O nome ALON era o pseudônimo usado pelo intelectual liberal, José de la Cruz Ayala (1863-1892), em suas publicações nos jornais da época. Ele esteve na formação do partido em 1887, e foi um dos principais pensadores desse. Em função de suas atividades contrárias ao *Partido*

Depois, foi adentrando os círculos do *Partido Liberal*, ficou ao lado da oposição radical quando esse partido se dividiu. Durante a entrevista, ele enfatizou que Carmen de Lara Castro sempre acompanhou o lado certo da luta contra a ditadura que, aliás, era o lado dele. Quando perguntei se havia outras mulheres no Partido, apontou sua esposa, Rafaela Guanes de Laino, e nenhuma outra mulher. Rafaela G. de Laino, começou a atuar mais enfaticamente já nos fins da década de 1970/1980 em torno de grupos de mulheres, mas durante a ditadura não ocupou cargos dentro do partido, apesar de ter trabalhado nas campanhas de retorno de seu esposo, quando esse estava exilado. Como, Domingo Laino, mas Rafaela Guanes de Laino também evidência, ela não se candidatou a cargos, mas, foi atuante no partido naquele momento, pois, tinha filhos menores e havia repressão<sup>237</sup>.

No *Archivo del Terror*, encontrei alguns *boletins de voto* das vertentes liberais e de outros partidos durante o regime stronista, já que como uma polícia que espionava, saber dos integrantes e mobilizações dos partidos e movimentos sociais era algo recorrente. No ano de 1977, encontrei um boletim de voto do movimento *Cambio para Liberación*, que foi uma tentativa de unir o partido que estava rachado desde 1963<sup>238</sup>. Nele vários homens compõem a lista do Diretório do Partido e Carmen de Lara Castro é a única mulher a participar dele. Depois na lista de suplentes aparece o nome de Elida Lizza. Essa tentativa de unir o partido não foi reconhecida pela Junta Eleitoral, como apontou Paul Lewis<sup>239</sup>, somente o *Partido Liberal* e o *Partido Liberal Radical* em suas formas separadas, foram reconhecidos. Nesse interím, muito complexo e pouco estudado de cisões no partido e dos conflitos dentro dele, criou-se outro partido o *Partido Liberal Radical Autêntico* em 1978 que se absteve das eleições, e os outros dois partidos liberais, o *Liberal* e o *Radical*, seguiram participando das eleições.

Cabe destacar que em outros momentos o *Partido Liberal Radical Autentico* usou termos semelhantes a esse “*cambio para liberación*”,

---

*Colorado*, foi perseguido e exilado, sendo morto no exílio em Buenos Aires. Informações em: Disponível em: <[http://www.portalguarani.com/3129\\_claudio\\_jose\\_fuentes\\_armadans/25695\\_jose\\_de\\_la\\_cruz\\_ayala\\_pensador\\_liberal\\_por\\_claudio\\_fuentes\\_armadans.html](http://www.portalguarani.com/3129_claudio_jose_fuentes_armadans/25695_jose_de_la_cruz_ayala_pensador_liberal_por_claudio_fuentes_armadans.html)> Acesso em 07 jul. 2016.

<sup>237</sup> LAINO, Rafaela Guanes. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p 6, 7.

<sup>238</sup> Ver em Anexo 3.

<sup>239</sup> LEWIS, Paul. *Op. Cit.*, 1986, p. 402-405.

dessa forma não sei precisar sobre qual período Domingo Laino estava tratando. Se foi essa tentativa de unir o grupo, quando ainda era deputado pelo *Partido Liberal Radical* em 1977, ou, em um período posterior que usaram esse um lema parecido. Como já foi enfatizada anteriormente, a memória nem sempre é cronológica, ela é seletiva, subjetiva e cria uma ordem de fala. Na narrativa de Laino, encontramos algumas possibilidades de pensar esse movimento que ele e ela participaram dentro do partido. O importante disso é que ele expõe que o lado mais combativo da ditadura, era a/o dela/e em detrimento dos outros partidos opositores e liberais.

É certo que havia outras mulheres que atuavam dentro do partido, mas comumente realizavam os trabalhos de base, organizando as festas, arrecadando dinheiro, trabalhando na tesouraria, na secretaria e os altos cargos ficavam para os homens do partido. Ainda cabe mencionar, que na narrativa de Laino sobre a militância de Carmen de Lara Castro, ela era extremamente ativa e se dedicava por completo ao partido, quiçá se ela não fosse “tão atuante” não teria conquistado seu espaço junto ao partido, algo que talvez outras mulheres não conseguiram realizar. Ressalto também, que uma das características mencionadas por ele quando expõe os fatores da atuação de Carmen de Lara Castro dentro do partido, foi a família, já que por tradição familiar, ela era *Liberal*, como se isso fosse uma espécie de herança.

Outro ponto interessante – e que está presente em outras entrevistas – é que quando perguntei sobre como Carmen de Lara Castro conseguiu ser deputada. Domingo Laino respondeu que ele também conseguiu, nesse sentido equiparou os cargos políticos. Mas ao enfatizar que ela não era uma “acadêmica”, algo que outros entrevistados mencionaram<sup>240</sup>, ele se coloca em outro patamar, o do político, do homem político e acadêmico que possui estudo e graduação, sendo essa uma distinção em sua narrativa. Noto também que Laino não recordou, mas ela foi senadora, juntamente com ele em 1989, pelo mesmo partido.

Para Carmen de Lara Castro os termos que foram usados para descrever sua atuação política foram: a “sensibilidade”, a “coragem” e a “dedicação” distinguindo assim a própria maneira de uma mulher atuar na política. Evocando Carmen de Lara Castro como uma mulher sem formação acadêmica e que praticamente agia

---

<sup>240</sup> PAREDES, Claudio Roberto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 03/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, PAZ, Alfredo Boccia. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora.

instintivamente/naturalmente como uma mulher/mãe que se dedica ao cuidado com o ser humano. Sendo que esses termos geralmente são destinados às mulheres como uma figuração da feminilidade e da benevolência, e são sentimentos e virtudes marcados e ressignificados nesse excerto, pelo gênero e que distinguiu os comportamentos.

Esse discurso de Domingo Laino pode ser compreendido se pensarmos a cultura em que está inserido. O Paraguai, nesse caso é necessário refletir, que foi escrito, e assim, apresentado no início da conquista *española* como um país com muitas mulheres “a disposição” dos colonizadores, um “país de Maomé”, o que na realidade mascarou por muito tempo a violência da colonização espanhola<sup>241</sup>. Escritores no pós-guerra da Tríplice Aliança, também trataram de contar sobre a conquista de forma romantizada com o mito de uma nação Guarani e da *mestizaje*, em que o mestiço explicaria à identidade paraguaia. Nesses escritos nacionalistas as mulheres tem uma função central: de reprodutora. Muito dessas figurações estão presentes nos discursos dos entrevistados<sup>242</sup>.

Como nos ensina Bárbara Potthast, e outros autores<sup>243</sup>, a representação das mulheres na escrita paraguaia é figurada pela doçura,

---

<sup>241</sup> A autora discute o rol das mulheres a partir de diversos textos, e conta que durante a conquista, os indígenas dentro de uma cultura exogâmica entregavam suas mulheres como prenda nas alianças com os espanhóis, como uma garantia para que as relações entre espanhóis e guarani lograssem êxito. Quanto mais mulheres tivesse o homem guarani, numa relação poligâmica, mais prestígio social e político ele detinha. Bárbara Potthast, indica que foi nesse intermício que o Paraguai recebeu o epíteto de “Paraíso de Mahomá” e foram os sacerdotes católicos que reclamaram a imoralidade que reinava em Assunção. A autora propõe no livro, contar outra história da mulher paraguaia, não mais submissa ao homem, mas realizando uma história problema, mostrando a partir de documentos que as mulheres foram fundamentais na economia, como agricultoras, cozinheiras, lavadeiras, vendedoras, e que a sociedade possuía profundos traços da cultura Guarani em que as mulheres desempenhavam o trabalho na agricultura e cuidado com os animais. É importante também a análise que da Guerra da Tríplice Aliança, apontando que as mulheres foram soldadas da agricultura, abastecendo as tropas e chegaram a manejar armas, nos períodos finais da guerra. POTTHAST, Bárbara. “Paraíso de Mahomá “o país de las mujeres? Assunção: Fausto ediciones, 2011, p. 17-50, 386-393.

<sup>242</sup> Ibidem, p. 6-9.

<sup>243</sup> ORTOLAN, FERNANDO LÓRIS. *Op. Cit.*, 2010, CAPDEVILA, Luc. No país das mulheres ou crônica da morte anunciada do homem paraguaio: 1864-1870. In: MINELLA, Luzinete Simões, FUNCK, Suzana Bornéo (orga.). *Saberes e fazeres de gênero: entre o local e o global*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006, GONZÁLEZ, Wilma Mancuello. *Op. Cit.*, 2013, p.47-49.

pela abnegação, pela valentia e pela maternidade. Nesse mesmo país em que as mulheres são tão consideradas em músicas, nos poemas e nos livros, por dar origem à nação paraguaia, elas foram excluídas do mundo das decisões políticas <sup>244</sup>. Isso primeiramente me soava como um paradoxo, mas compreendi depois de diversas leituras que, esses discursos enaltecedores tratavam de propor um lugar destinado para as mulheres paraguaias, construindo uma identidade de gênero que ligavam a mulher à maternidade e ao doméstico, e aos homens a decisões políticas, realçando uma lógica patriarcal.

Escolhi essa narrativa de Domingo Laino, mas poderia ser de outras/os entrevistadas/os que definem o espaço político como generificado – apresentando a participação das mulheres a partir de estereótipos de gênero. Isso também é evidenciado quando perguntava se Carmen de Lara Castro sofreu censura no partido. Muitas/os destacaram que ela não sofreu censura. “Pois seus companheiros de luta a queriam bem e a respeitavam” <sup>245</sup>. Nas entrevistas orais ou no recorte de jornal, que destaquei anteriormente, essa tentativa de amenizar as tensões existentes no período e no partido são comuns.

Entretanto, naquele momento, era difícil manter o partido unido devido à repressão e os próprios interesses dos partidários que brigavam entre si pela estratégia a seguir e/ou pelos cargos no *diretorio*. Até porque, pessoas, ideias e atuações políticas também diferem. Nas entrevistas as tensões e os conflitos sempre estão vinculados ao lado dos repressores, da polícia stronista e dos colorados. Nas falas dos companheiros de Carmen de Lara Castro os conflitos não são ditos, são suavizados em prol de uma história de luta, tanto sua quanto da outra, mais coesa, respeitosa e admiradora.

---

<sup>244</sup> Ver em diferentes leituras: POTTHAST, Bárbara. *Op. Cit.*, 2006, p. 89- 104. Disponível em < <http://www.redalyc.org/pdf/3055/305526864009.pdf> >, GONZÁLEZ, Wilma Mancuello. *Op. Cit.*, 2013., MAKARAN, Gaya. La imagen de la mujer en el discurso nacionalista paraguayo. *LatinoAmérica*, Revista de Estudos Latinoamericanos, v. 57, 2013/2. Disponível em: < <http://www.sciencedirect.com/science/journal/16658574>>. CAPDEVILA, Luc. *Op. Cit.*, 2006.

<sup>244</sup> RIVAROLA, Mirtha M. *Op. Cit.*, p. 490

<sup>245</sup> RAMIREZ, Nelson Garcia. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 13/01/2015. Assunção, Paraguai, p. 6.

As memórias muitas vezes criam narrativas positivas para que se possa conviver com o passado no presente<sup>246</sup>, com isso não quero dizer que são falsas narrativas, mas que muitas vezes os não ditos, conscientes ou não, ocultam as tensões que podem/devem ter ocorrido. É preciso estar atenta/o que a memória oral é a construção do passado que não é mais aquele que se viveu<sup>247</sup>. Quando se narra, se recria, se reconstrói subjetivamente os acontecimentos e situações que se viveu de acordo com as motivações e intenções do presente<sup>248</sup>. Nas entrevistas de Laino e Ramirez, essa suavização da discriminação das mulheres e dos conflitos que deve ter sucedido no partido, podem ter ocorrido de maneira intencional. Para que não ficassem registrados na investigação ou junto à fala deles e não serem “classificados” como machistas nesse trabalho, entre outras possibilidades.

Nas narrativas dos filhos, Carmen de Lara Castro aparece como uma mulher apaixonada pela política que teve na família o apoio necessário para alcançar seus postos políticos e reconhecimento de sua luta. É necessário frisar que não foi Mariano Luis Lara Castro, o esposo advogado e intelectual, que fez carreira política – o que seria normal, dado os altos vínculos políticos de sua família. Mariano L. Lara Castro era de afiliação liberal e atuava dentro dos círculos políticos do partido, mas, com menor participação do que Carmen de Lara Castro. Sem maiores dificuldades, poderia ter adquirido cargos parlamentares como outros da oposição, mas se dedicou a docência na Universidade Católica na área de Administração e Direito – publicou trabalhos sobre a Guerra do Chaco<sup>249</sup> e é recordado nas entrevistas como um grande intelectual.

Em duas entrevistas, uma informação diferente sobre a carreira política de Carmen de Lara Castro emerge, e ocorrem nas narrativas de

---

<sup>246</sup> THOMSON, Alistair. Recompondo a memória: Questões sobre a relação entre História Oral e as memórias. *Projeto História*. São Paulo, (15), abr. 1997, p. 56-58.

<sup>247</sup> Assim como a escrita da história também não é a “cópia” do passado.

<sup>248</sup> JELIN, Elizabeth. *Op. Cit.*, 2002, p. 24-30.

<sup>249</sup> Durante a investigação não foi realizada um estudo sobre as publicações e ações de Mariano Luis Lara Castro. No site Portal Guarani, um anuário sobre a Guerra do Chaco leva o nome dele. Podendo ser tanto o autor como compilador dos trabalhos. Disponível em: <[http://www.portalguarani.com/2553\\_mariano\\_luis\\_lara\\_castro/19132\\_la\\_preparacion\\_de\\_la\\_defensa\\_nacional\\_y\\_la\\_conduccion\\_militar\\_y\\_diplomatica\\_de\\_la\\_guerra\\_del\\_chaco\\_por\\_mariano\\_luis\\_lara\\_castro\\_.html](http://www.portalguarani.com/2553_mariano_luis_lara_castro/19132_la_preparacion_de_la_defensa_nacional_y_la_conduccion_militar_y_diplomatica_de_la_guerra_del_chaco_por_mariano_luis_lara_castro_.html)> Acesso em 14 jun. 2016.

Fernando Lara Castro<sup>250</sup> e na de Jorge Lara Castro, destacarei essa, pois ao contar sobre a atuação de seu pai durante a ditadura trouxe mais detalhes:

[JC-] Meu pai se dedicava a docência, ele era decano da universidade, basicamente um intelectual, mas curiosamente também uma pessoa também bastante aberta para uma cultura machista e, que apoiava incondicionalmente a minha mãe. Também era parte do partido, com autoridade no diretório. Só que vinculado ao âmbito da universidade. Então ele também tinha um apoio efetivo [do partido] até o ponto de que quando elaboraram uma lista de [candidatos em 1967]. [...] Como efeito da constituinte veio a abertura política e as eleições. E foi aí que mamãe entrou como deputada. Mas, primeiro deram a oferta da candidatura ao papai, porque era homem. Então ele disse: – Quem faz política desde a base é ela, é ela quem merece algo nesse âmbito <sup>251</sup>.

Essa narrativa de que teriam oferecido a candidatura primeiramente a Mariano L. de Lara Castro, aparece nas duas entrevistas que realizei com Jorge de Lara Castro – uma em 2014 e outra em 2015 – e também na de Fernando Lara Castro. Mas como mencionei anteriormente, nenhuma outra pessoa me contou este detalhe. No entanto, a narrativa aponta para a influência que Mariano L. Lara Castro teria dentro do partido, e que também não reconheceram primeiramente a figura política de Carmen de Lara Castro, mesmo atuando dentro dele “desde 1947”. Talvez, por ela ser uma mulher, o convite não foi estendido de modo direto a ela, o que ajuda a refletir o quanto era fechado o partido para a participação de mulheres na política representativa. Quiçá porque Mariano Luis Lara Castro tinha um emprego estável na Universidade Católica e havia muito desemprego para atuantes da oposição, ele ofereceu a oportunidade a sua esposa. Outra situação possível, é que o partido concedeu a candidatura a ele para não “desrespeitar” sua atuação

---

<sup>250</sup> CASTRO, Fernando Adolfo Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 21/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p.3.

<sup>251</sup> CASTRO, Jorge Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 22/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora. (Segunda entrevista), p. 4 .



no partido, e não ferir a hierarquia patriarcal. Quando ele declinou do convite foi apresentado à oportunidade para Carmen de Lara Castro participar do parlamento, o que seria também uma espécie de permissão marital para a candidatura política de sua esposa.

Jorge de Lara Castro enfatizou que seu pai por reconhecer a luta de sua mãe que já atuava dentro do partido, ofereceu sua vaga na lista de candidatos. Dessa forma, narra seu pai como um homem diferente dos outros da sociedade, pois não era machista e foi o grande companheiro de Carmen de Lara Castro. Com isso, ele enfatiza a importância de seu pai como um motivador para que ocorresse a carreira política de sua mãe.

Cabe assinalar também que no *Partido Colorado* duas mulheres já atuavam como parlamentares,<sup>252</sup> e talvez os integrantes do diretório *Partido Liberal Radical* também quisessem fazer com que o partido tivesse “ar democrático”. Porém é preciso realçar que esses espaços foram conquistados pelas mulheres e não foi uma “simples doação de espaços políticos”. A isso é importante assinalar que a trajetória de Carmen de Lara Castro se deu no âmbito de crises no partido, mas também e de abertura de espaços dentro do *Partido Liberal Radical*. A tradição familiar masculina de ambos os lados pode ter sido um fator para sua investidura na política e para lograr maior espaço dentro do partido. Entretanto, não deve ter sido desprovido de lutas e tensões.

Apesar de que nas entrevistas os companheiros de luta apontam que ela era muito respeitada dentro do partido, Carmen de Lara Castro foi a única mulher que adquiriu cargos no diretório naquele período e atuou como parlamentar, talvez porque suas manifestações não fossem “radicais” ou “acadêmicas”. Talvez por levantar a questão dos direitos humanos e praticamente se reverter como uma mãe, *madriña*, que cuidava dos presos políticos, foi mais “respeitada”. E pode ocupar cargos porque não agredia as hierarquias de gênero construídas culturalmente<sup>253</sup>.

Das entrevistas e entrevistadas/os quando questionadas/os sobre a participação política de Carmen de Lara Castro e seus projetos políticos,

---

<sup>252</sup> No ano de 1963, Dolores de Miño e Bienvenida de Sánchez foram as duas primeiras mulheres a serem eleitas a cargos parlamentares no Paraguai e eram do *Partido Colorado*. VILLALBA, Juan Roque Galeano. Honorable Congreso de la Nación- revisión Histórica. Assunção, [s. e.], 2000, p. 197. [Digitalizada por Biblioteca y Archivo Central del Congreso Nacional]. (Anexo 2)

<sup>253</sup> A questão da mãe paraguaia está composta no próprio mito de origem do povo paraguaio, sendo um importante constructo na identidade dessa sociedade, contribuindo para estabelecer e reforçar uma visão coletiva e esferas do que é um homem/mulher paraguaio/a. GONZÁLEZ, Wilma Mancuello. *Op. Cit.*, 2013, p. 47.

poucos recordam. Entretanto é algo difícil já que muitos dos que foram apresentados durante a ditadura foram negados – e a maior parte da bancada era Colorada. Nelson García Ramírez, que trabalhou juntamente com Carmen de Lara Castro no *Partido Liberal Radical*, comentou que reclamavam pelos presos políticos, para que o Estado informasse sobre eles, mas os projetos e os pedidos não vingavam.

Carmen de Lara Castro foi eleita para o cargo de Deputada Nacional em 1968 e reeleita em 1973, nesse interím seguiu atuando na política e na *Comisión de Derechos Humanos*. Desse período e dos projetos, um dos que foi aprovado pelo congresso e pelo qual é comumente recordada é o “*Día de la Mujer Paraguaya*”, 24 fevereiro <sup>254</sup>. Esta data foi levantada pela pesquisadora Idália Flores<sup>255</sup>, e visava homenagear as mulheres que durante a guerra da Tríplice Aliança, na *Asenbléa de Mujeres Americanas*, “doaram suas jóias” para custear os gastos da Guerra em defesa da pátria.

A “doação das joias” foi tão marcante na história do pós-guerra, que durante a Guerra do Chaco (1932-1935), fez-se uma doação que remontava essa assembleia e atuação das mulheres em torno da guerra da Tríplice Alianza<sup>256</sup>. Segundo Ana B. Valinotti, primeiramente foi feita uma publicização para doação do ouro e outros objetos por meio dos jornais, principalmente alianças de casamento. E a *Comisión Nacional de la Colecta de Oro*, salientou que ao final da doação, os nomes das/os

---

<sup>254</sup> Ver Anexo 1.

<sup>255</sup> Idalia Flores G. de Zara (1929-2009) estudou Relações Públicas na *Universidad Nacional de Asunción* e foi uma das fundadoras do *Instituto Femenino de Investigaciones Históricas* em 1964. A missão desse instituto era recuperar a documentação da Guerra da *Triple Alianza* que estava no Brasil. Entre os documentos mais requeridos, estava o *Livro do Oro* que continha o nome das mulheres que doaram jóias e objetos de valor para a Guerra. Em 1975, ela presidiu uma comissão que pediu a documentação que estava na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. No dia 5 de dezembro de 1975, a esposa de Ernesto Geisel entregou a esposa de Stroessner o *Libro de Oro*. É importante mencionar que desde 1964, Idália Flores fez diversas conferências sobre o papel das mulheres na Guerra, e impulsionou a data comemorativa do dia das mulheres a Carmen de Lara Castro. Posteriormente publicou livros sobre história paraguaia e as mulheres, ainda que, com um olhar positivista para a história, foi uma das primeiras mulheres a escrever sobre o assunto. Informações retiradas do livro: VALINOTTI, Ana Barreto. *Op. Cit.*, p. 2011, p.358-360.

<sup>256</sup> *Ibidem.*, p. 238-239.

doadoras/es seriam publicados e ficariam ao público perenemente<sup>257</sup>. Chegou-se a realizar reuniões com mulheres e homens em algumas regiões do país para a entrega dos objetos de valor que foram publicados, mas a autora citada não expõe a fonte de onde tirou essas informações.

Sobre a escolha desse dia da mulher, comemorado em 24 de fevereiro, já foram feitas muitas críticas salientando a subordinação das mulheres a Solano López, entre outras discussões<sup>258</sup>. Ana Barreto Valinotti, sobre esse assunto sustenta que no ano de 1970, no marco das comemorações do centenário da guerra, a historiadora Beatriz Rodriguez Alcalá lançou um artigo no jornal, que foi um pontapé para as posteriores discussões, enfatizando que deveriam visibilizar as *Reconstrutoras* do pós- guerra já que todas “las presencias” da guerra, centravam-se nos personagens homens<sup>259</sup>.

Nesse ínterim a *Asociación de Graduadas Universitarias*, também reclamaram qual eram as mulheres que deveriam ser recordadas, mas a figura a ser eternizada eram as *Residentas*, que teriam seguido as tropas durante o conflito – em realidade, essa palavra designa que as mulheres eram residentes de tal localidade, as “residentas” foram as trasladadas devido à evacuação das regiões pelo avanço da guerra, mas também pode indicar as que queriam acompanhar a guerra em função de suas famílias. Elas, de forma geral serviram como soldadas agrícolas na subsistência do exercito<sup>260</sup>. A tensão sobre qual mulher deveria ser recordada é importante, pois, mostra os conflitos políticos em torno da personagem em discussão. Porém, o que não ficou claro nos livros, é se chegou a ser debatido naquela época sobre o exercício de violência do exército e de López, já que muitas vezes as mulheres que acompanharam as tropas ou as *destinadas*<sup>261</sup> foram obrigadas a isso por forças superiores.

Na época em que a lei do dia da mulher foi aprovada em 1974, também deve ter tido reações diversas, pois, evidenciava um tipo de

---

<sup>257</sup> Talvez como no livro do “oro” que continha o nome das mulheres que doaram suas joias na guerra da Tríplice Aliança.

<sup>258</sup> CESPEDES, Roberto. Calendários para construir la memoria- identidade. El caso de <<Decidamos>> (2003-2012) de Paraguay. *Rev. Int. Investig. Cienc. Soc.*, v.8, n.1, jul. 2012, p. 48- 49.

<sup>259</sup> VALINOTTI, Ana Barreto. *Las Mujeres*. Assunção: El lector, 2013, p. 105. (Colección 150 años de la Guerra Grande).

<sup>260</sup> POTTHAST, Bárbara. *Op. Cit.*, 2011, p. 296-302.

<sup>261</sup> Como foram chamadas as mulheres que foram consideadas traidoras, por ter um ente na família que se opôs a Lopez ou por elas mesmas, e que foram encaminhadas a zonas distantes para trabalhar em campos de concentração. *Ibidem*, p. 308-310.

mulher: as “leais a López” e se silenciou sobre as outras que foram vítimas da guerra e as que também deram subsistência a ela. Foi construída, assim, uma memória positiva sobre o conflito, escondendo a violência. A residenta, a figura escolhida para ser recordada, então, “fue descrita no tanto por su capacidade de trabajadora sino reducida a su rol de madre abnegada que defendía ferozmente y com todos los médios su familia y su Pueblo [...] por la causa nacional”<sup>262</sup>.

Ao recordar desse projeto de lei promovido por Carmen de Lara Castro, desde a câmara de representantes, Rafaela Guanes de Laino, enfatizou que:

[RL-] Te digo Tamy, hoje é uma data... Que eu sei que está sendo contestada pelas feministas. Eu também me considero feminista e o feminismo é muito amplo. Sou feminista por causa da equidade de gênero. E se considera que é uma data em que as mulheres, fizeram um ato de submissão por ter entregado suas jóias ao Mariscal, ao General López e etc. Mas penso... Sou também historiadora e as coisas tem que ser lidas em seus contextos. Por isso eu entendo a *Coca*, eu a compreendo e, bom, foi um ato de submissão, mas hoje [entendemos] a partir da consciência de gênero. Mas, esse dia devemos a *Coca*. [...] Que foi dar um pouco de visibilidade a historia da mulher paraguaia e seu papel que sempre foi muito importante<sup>263</sup>.

É por essa data que Carmen de Lara Castro é recordada, todos os anos como deputada nacional, justamente porque se criou um dia para lembrar das mulheres e suas participações na guerra. É interessante a fala de Rafaela Guanes, pois, não chega a estar em desacordo com a comemoração, mas compreende que sinaliza um tipo de mulheres e não outras, e que a compressão da ideia de submissão se faz atualmente a partir da discussão de gênero. De modo que compreende que *Coca* ao

---

<sup>262</sup> POTTHAST, Bárbara. Algo más que heroínas. As diferentes funções e memórias da guerra da Tríplice Aliança. *Diálogos*, Revista do Departamento de História e do Programa de Pós- Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá. 10, n.1, 2006, p. 100. Disponível <<http://www.redalyc.org/pdf/3055/305526864009.pdf>> Acesso em 10 jun. 2016.

<sup>263</sup> LAINO, Rafaela Guanes. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 15.

ênfatisar essa data como um dia a ser recordado, buscava visualizar que as mulheres fizeram parte da história na guerra.

Segundo Roberto Céspedes, a data de 24 de fevereiro instituída pela Lei 498, passou a ser usada pelo regime Stronista nos discursos nacionalistas, porque as mulheres que são visibilizadas nessa data são as que buscavam “salvar” a pátria<sup>264</sup>. Outro ponto que pode ajudar a entender esse conflito em torno da “mulher paraguaia” foi ressaltado por Ana Barreto, já que em meados da década de 1960, valorizava-se a figura das *Residentas*. Colocou-se uma placa de bronze em homenagem a elas no interior do *Panteón de los Heroes* e mudou-se o nome de uma rua, a Sarmiento passou a chamar-se *La Residenta*<sup>265</sup>.

A mãe e a mulher são figuras centrais na cultura e identidade paraguaia e estão ligadas a maternidade, a doçura e a bravura, estereótipos embasados e inspirados na bíblia, nas canções e na literatura escritas por homens<sup>266</sup>. E encontra no mito da mestiçagem e na história da Guerra da Tríplice Aliança o fortalecimento desses discursos que atribuem a mulher à pátria e a/aos filhas/os<sup>267</sup>. A data do *Día da Mujer Paraguaya* apresentada para o congresso por Carmen de Lara Castro não foi desprovida de tensão.

Segundo Ana Barreto Valinotti, Carmen de Lara Castro teria visado às mulheres “reconstrutoras” – que com o fim da Guerra teriam reerguido o país<sup>268</sup>. Com o Centenário da Guerra da Tríplice Aliança, tanto o *Partido Liberal* quanto o *Colorado* possuíam projetos políticos de uma imagem de mulher a ser homegeada e que foi debatido amplamente. Para os *Colorados*, havia um problema caso a figura das reconstrutoras fossem as elegidas: 1º- Porque poderiam ser atreladas ao grupo que,

---

<sup>264</sup> LAINO, Rafaela Guanes. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 15.

<sup>265</sup> VALINOTTI, Ana Barreto. *Op. Cit.*, 2013, p.106.

<sup>266</sup> Pode-se estender isso, como salienta Sonia Montecino ao falar da cultura e presença central da figura da mãe na América Latina. MONTECINO, Sonia. Identidades de género en América Latina: mestizajes, sacrificios, y simultaneidades. *Debate Feminista*, Vol. 14, oct, 1996, p. 199-201. Disponível em: <<http://www.debatefeminista.com/PDF/Articulos/identi705.pdf> > Acesso em 10 jun. 2016. GONZÁLEZ, Wilma Mancuello. *Op. Cit.*, 2013.

<sup>267</sup> GONZÁLEZ, Wilma Mancuello. *Op. Cit.*, 2013, p. 47-49, 77-79, 91-99, 120-134.

<sup>268</sup> LOPÉZ, Cristina. Disputas políticas e históricas: una tenaz lucha femenina. *ABC color*, 24 feb. 2013. Acesso em: <<http://www.abc.com.py/edicion-impresa/locales/disputas-politicas-e-historicas-una-tenaz-lucha-femenina-542384.html> > Disponível em 15 mai. 2016.

posteriormente, chamou-se de “*Liberais*”, que vieram do exílio da Argentina no pós-guerra, e que havia lutado ao lado dos aliados. 2º- Ao chamá-las de *Reconstrutoras* ocorreria um conflito político, pois, Benardino Caballero que foi presidente desse país no pós-guerra (1880-1882, 1882-1886), e que se atribuiu a ele o início do *Partido Colorado*, durante o Stronismo ele foi chamado de *I Reconstrutor*, e Stroesser foi intitulado de *II Reconstrutor*. Caso o projeto das mulheres liberais vingasse, de aprovar o dia das mulheres lembrando as Reconstrutoras, seriam elas e não eles, os verdadeiros reconstrutores do país<sup>269</sup>.

Algo interessante e discutido por Luc Capdevila é a figura do sobrevivente da guerra como um duplo problema para aquela nação. Primeiro porque dava sinal de que esses homens não sacrificaram suas vidas pela pátria e o outro era o sentimento de culpa pela guerra. De um país que a população foi reduzida drasticamente, a imagem que emergiu das cinzas da guerra foi a da mulher. Como sugere Bábara Potthast, a importância das mulheres na guerra, para além de outras, foi a manutenção alimentícia da população e do exército, além dos esforços para a reconstrução socioeconômica do país <sup>270</sup>. Entretanto, a figura que foi criada na década de 1920, não é a dessa heroína, mas sim a *residenta* por ser uma figura pacificadora e recorrente no imaginário coletivo antes mesmo do final da guerra<sup>271</sup>.

Nesse interím, criou-se uma data vinculada à imagem das mulheres *residentas* que foram as “*fiéis*” a Solano López até o fim, e que não eram mulheres vindas do estrangeiro. Dentro de um regime autoritário com viés nacionalista que aproximava a imagem de Stroessner a de López e a de Benardino Caballero<sup>272</sup>. A figura dessas mulheres somaria ao ideal que o stronismo pregava: que fossem patriotas e fiéis ao regime. Além disso, a ideia de homenagem à mulher paraguaia e seu dia era sublinhar que a mulher paraguaia era única, afastando assim, as mulheres paraguaias da comemoração do dia 8 de março e suas raízes feministas <sup>273</sup>.

<sup>269</sup> VALINOTTI, Ana Barreto. *Op. Cit.*, 2013, p. 104-112.

<sup>270</sup> POSTTHAT, Barbara. *Op. Cit.*, 2006, p. 98.

<sup>271</sup> CAPDEVILA, Luc. *Op. Cit.*, 2006, p.76-85.

<sup>272</sup> SOLER, Lorena. Claves históricas del régimen político en Paraguay. López y Stroessner. *Diálogos*, Revista do Departamento de História e do Programa de Pós- Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, v. 11, n. 1/n. 2, 2007, p. 39- 44. Disponível em <[www.redalyc.org/pdf/3055/305526867002.pdf](http://www.redalyc.org/pdf/3055/305526867002.pdf)>, SZWAKO, José Eduardo León. *Op. Cit.*, p. 80-92.

<sup>273</sup> MAKARAN, Gaya. *Op. Cit.*, 2013, p.61-62.

Se o projeto que Carmen de Lara Castro apresentou, com a alcunha de Idália Flores, para o dia da mulher Paraguaya é de 1974. A ideia de visibilizar a *Residenta*, como vimos, é anterior. Com o pouco que tive acesso das atas parlamentares do Congresso Nacional<sup>274</sup>, no que diz respeito às intervenções de Carmen de Lara Castro, a proposta de evidenciar mulheres estava presente desde o ano de 1970, com o pedido para que erguessem um monumento as mulheres <sup>275</sup>.

DIPUTADA CARMEN CASCO DE LARA CASTRO. Señor Presidente, Honorable Cámara: El paraguay es reacio a levantar estatuas a sus héroes, el Paraguay, decimos, es un país sin monumentos.

Hace años que estaba en el sentimiento general, de que lo mujer paraguay merecía un monumento, y se toma como figura principal lo indiscutido mujer de la guerra grande. Pasaron los años y esos deseos no se materializaron, cuando un grupo de mujeres honraron en placa de bronce el recuerdo de Los Residentas, y no hace mucho tampoco, una voz de mujer pidió se honrara o lo reestructora<sup>276</sup>. Opiniones muy respetables, dignas de ser

---

<sup>274</sup> No ano de 2014 entrei em contato com a *Biblioteca y Archivo Central del Congreso Nacional* e requeri os debates parlamentares dos períodos em que Carmen de Lara Castro foi deputada e, posteriormente senadora - 1968-78, 1989-1983 – já que a biblioteca está digitalizando as atas e era possível fazer esse intercâmbio de documentos. Quando fui participar em maio do evento ACIAGAS fui até a biblioteca para pegar parte da documentação que já estava digitalizada, e o que faltou foi enviado por email, mas havia um grande problema nisso tudo, entregaram somente as páginas em que havia intervenções de Carmen de Lara Castro no Congresso. Dessa forma, optei nesse trabalho, em apenas apresentar algumas intervenções, visto que não possuo o restante dos debates para inferir com maior atenção a análise.

<sup>275</sup> CAMARA DE DIPUTADOS. 10 jul. 1970, p. 10-11. In: *Biblioteca y Archivo Central del Congreso Nacional*, Assunção, Paraguai. Digitalizado pela Biblioteca y Archivo Central del Congreso Nacional em 2014. (Acervo da autora).

<sup>276</sup> A partir das leituras realizadas, Beatriz Rodríguez Alcalá é quem emergiu como uma voz dissonante em 1970 e que apontava para as mulheres reestrutoras do período pós-guerra. Ver em: LOPEZ, Cristina. Disputas políticas e históricas: una tenaz lucha femenina. *ABC color*, 24 feb. 2013. Acesso em: <<http://www.abc.com.py/edicion-impresa/locales/disputas-políticas-e-historicas-una-tenaz-lucha-femenina-542384.html>>

escuchadas. [...] Creyendo propicio este año del Centenario de nuestra tragedia heroica, presentando el proyecto pertinente, una estatua a la mujer de la Epopeya Nacional. A todas, a las Residentes heroica del vía crucis sagrado y a todas las rectoras que convirtieron en azada sus bayonetas rotas. Pero la historia no puede hacerse con mitos ni leyendas, había que darles su verdadera proyección. Las mujeres, heroínas eran todas las que acompañaron al ejército en su trágico éxodo, la que levantó de entre cenizas el civismo paraguayo, el parto más doloroso de la mujer de nuestra tierra. Pero, la guerra comenzó en 1864, la residente en 1868 y la rectora en 1870, pregunto, señores Diputados, si es olvidar o ambas y hablar de la mujer de la Epopeya Nacional? No son ambas protagonistas del más sublime sacrificio y autoras infortunadas de la más grande tragedia? [...]

En mi proyecto, recalco, recogido por compartir comunes sentimientos y presente a esta Cámara para darle la legalidad necesaria. Por ello con extrañeza se nos quiere hacer comprender que un proyecto es diferente de otro. Es como decir que la cabeza no es porte del cuerpo a pesar de ello, no puedo negarme a firmar un dictamen para erigir un monumento a La Residente, o a la rectora, cuyas facetas contempla mi proyecto, cosa que nadie nunca se podrá negar [...].

Las que trabajaron en esta idea fueron las universitarias graduadas, pero no puedo calar que los trámites corrientes, no hayan sido en el presente caso, debidamente observados como lo establece el artículo 114, guardando la prioridad de presentación. Me queda así, la íntima satisfacción de haber sido intérprete de un deseo general, abriendo una brecha por el que canalicen proyectos posteriores y aunque menos amplios que el mío, consagren a la mujer paraguaya aquello que decía Ignacio A. Pane: <<Ella fue la vestal del patriotismo, siempre encendió con su palabra



ardiente, faro de intensa luz que al heroísmo, condujo al paraguayos combatientes>>.<sup>277</sup>

A princípio, pela fala de Carmen de Lara Castro a proposta era de um monumento visualizando a *Mujer de la Epopeya Nacional*, todas elas, independente de tratar das *residentas* ou das *reconstrutoras*, pois faziam parte daquele cenário.

Dessa tensão política, Carmen de Lara Castro ao apresentar o projeto, mostrou-se como uma porta-voz das representações que culminaram na mulher da guerra da Tríplice Aliança, mas não deixou de chamar a atenção para a *reconstrutora* em seu projeto. A ideia dos liberais de chamarem atenção para as *reconstrutoras* era política, recordava os abalos da guerra em detrimento do governo autoritário de López, e nesse sentido ligando Solano López a Stroessner. Pelo o que podemos compreender desse trecho Carmen de Lara Castro, sinalizou algumas datas: 1868, com a evacuação de Assunção e a *Residenta*, 1870, com o fim da guerra e a *Reconstrutora*. Ela pergunta aos deputados se ambas não eram as mujeres da Epopéia Nacional? Em sua fala destacou que ambas eram heroínas, vítimas da guerra de “um parto doloroso”, que mereciam ser recordadas em um “país sem monumentos” e que esperava que esse não fosse à última das homenagens para as heroínas da Guerra Grande.

Sem saber como continuou a discussão parlamentar, sabemos do resultado dele que foi a lei 213/1971 com o monumento *La Residenta*. Em um país que o herói comumente é masculino, a homenagem trazia à tona a mulher heroína da guerra em meio às comemorações do centenário do fim da guerra, materializada em um monumento: com as vestimentas puídas, a mulher ereta tem a bandeira e uma das mãos e, na outra um menino que aponta uma direção a seguir e aos pés, um soldado morto. Isso remete a ideia de que no período final da guerra só teriam sobrevivido mulheres e crianças<sup>278</sup>.

---

<sup>277</sup> CAMARA DE DIPUTADOS. 10 jul. 1970, p. 10-11. In: *Biblioteca y Archivo Central del Congreso Nacional*, Assunção, Paraguai. Digitalizado pela Biblioteca y Archivo Central del Congreso Nacional em 2014. (Acervo da autora).

<sup>278</sup> Luc Capdevila mostrou que no início da guerra já se falava nos da hecatombe masculina. CAPDEVILA, Luc. *Op. Cit.*, 2006, p. 70-76.

Figura 7- *La Residenta*

Fonte: Disponível em <[http://www.abc.com.py/imagenes/2012/03/21/la-residenta-una-palabra-exclusiva-del-lexico-nacional-104013\\_308\\_464\\_1.jpg](http://www.abc.com.py/imagenes/2012/03/21/la-residenta-una-palabra-exclusiva-del-lexico-nacional-104013_308_464_1.jpg)> Acesso em 15 jun. 2016

O outro projeto de lei, o 498 que tornou o dia 24 de fevereiro como *Día de la Mujer Paraguaya* assinalava que se fosse feito nas escolas uma homenagem para as mulheres que no ano de 1867, realizaram uma Assembleia em defesa da pátria<sup>279</sup>. Em 6 de Dezembro de 1974, Carmen

---

<sup>279</sup> Há uma discussão na historiografia atual que debate essa “entrega das jóias”, levantando a ideia que não foi de maneira tão espontânea quanto apresentam os escritores nacionalistas. Ver em: VALINOTTI, Ana Barreto. *Op. Cit.*, 2013, p. 32-33, 110. POTTHAST, Bárbara. *Op. Cit.*, 2011, p. 281-296.

de Lara Castro expondo suas reflexões sobre o projeto de lei, chamou atenção para sua importância no presente, não falava somente da mulher do passado, mas do presente. Pedia nele, que em todos os municípios fosse escolhida uma rua para ter o nome de “*Mujer Paraguai*”, e atentava que essa data se vinculava a outra comemoração, ao ano que seria instituído pela ONU como da Mulher (1975). Dessa fala ao congresso de três páginas, destacarei alguns excertos:

DIPUTADA CARMENCASCODE LARA CASTRO. Señor Presidente, Honorable Cámara: Quisiera que mi voz tuviera la sonoridad de una música y al mismo tiempo la fuerza capaz de hacer llegar a todos los rincones de mi Patria y América, todo lo que siente el corazón de una ciudadana paraguaya, orgullosa que en esta 'Honorable Cámara Se honre a la Mujer Paraguaya. [...] Ello mi proyecto trata del pasado que es parte de la historia y de la mujer de hoy que la vemos en el transitar diario, entre ellas quizás reconozcáis a vuestra propia madre, que os ayudó a llegar a una meta, quizás recordáis a la que ya no está o sintáis la felicidad de tenerla aún o la veáis reflejada en vuestra compañera o en la joven que he destacado en vuestra propia hija. Señores Diputados,' quisimos englobar nuestro homenaje en un todo, como lo hicieron con el nombre de "SOLDADODESCONOCIDO" – los valientes desaparecidos, yo rindo mi homenaje a todas las mujeres que las merecen, con la frase de "HONOR ALA MUJER PARAGUAYA".[...]Señor Presidente, Honorable Cámara: Perdonadme haber defendido un proyecto de una manera muy especial, pero he hecho con todo sentimiento y ojalá que los colegas así lo comprendan y den sus votos favorables, para que el próximo 24 de febrero conmemoremos la fecha, embargado en el mismo espíritu bajo nuestra bandera, con el lema glorioso de aquellas mujeres unidas con el único motivo de salvara la Patria. Nada más <sup>280</sup>.

---

<sup>280</sup> CAMARA DE DIPUTADOS. 6 dez. 1974, p. 9-10. In: *Biblioteca y Archivo Central del Congreso Nacional*, Assunção, Paraguai. Digitalizado pela

O discurso de Carmen de Lara Castro foi aplaudido, pela descrição na ata, e o projeto aceito. Nele diversas vezes evocou a figura da mãe, do sentimento maternal, falou de mulheres que naquele momento trabalhavam e estudavam, mas sempre se referia às mulheres com a carga do discurso maternal, tão desenvolto na cultura escrita e falada do Paraguai. É certo que apresentou outros projetos vinculados aos direitos humanos que não foram aprovados nessa época. Entretanto é por essa data que é lembrada ainda nos dias atuais, sem que, muitas vezes, apareçam as tensões dessa data comemorativa.

Tanto o dia 24 de fevereiro, criado em 1974, apresentado por Carmen de Lara Castro, quanto o dia da mãe paraguaia 15 de maio, criado na década de 1940, são datas que fortalecem a maternidade e o sacrifício da mulher paraguaia, realizando uma representação da mãe sofrida e em defesa da pátria. Essas foram e são usadas para fortificar identidades e memórias ligadas a “atributos de mulheres” vinculadas ao privado e ao doméstico. Esta figura imagética da mulher paraguaia vem sendo reclamada e problematizada por mulheres e feministas, como salientou Rafaela Guanes em entrevista. Mas também, por pesquisadoras/es como Wilmar Mancuello, Ana Barreto, Bárbara Potthast Gaya Makaran, Sandra Caponi, Luc Capdevila, Roberto Céspedes, entre outras/os.

### **3.3. “*Por ser mujer, hay que trabajar como tres hombres*”- mulheres paraguaias e os espaços de poder político**

“A política tem sido vista tradicionalmente como uma atividade masculina<sup>281</sup>”, muitas vezes o político/público tem sido o local masculino por excelência e o privado ligado ao local feminino, tratando de favorecer e sustentar que existem atitudes e características distintas entre mulheres e homens<sup>282</sup>. Essas divisões de esferas, e de trabalho generificadas nada mais fazem do que impor barreiras, econômicas, sociais e culturais para a participação de mulheres na política. Como aponta o estudo de Clyde Soto e Carmen Echaury, *Los Saberes del poder* – que evidenciava as mulheres que participaram de partidos políticos (e alguns homens de partidos) para apreender sobre as dificuldades específicas das mulheres para alcançar o “poder” político.

---

Biblioteca y Archivo Central del Congreso Nacional em 2014. (Acervo da autora).

<sup>281</sup> VILAGRA, Sarah Patricia Cerna. *Op. Cit.*, 2014, p. 1.

<sup>282</sup> ECHAURI, Carmen, SOTO, Clyde. *Los saberes del poder*. Assunção: Salesiana. 1993, p. 13.

Los espacios partidarios, se han mantenido o alejados de los intereses de las mujeres, o inaccesibles para ellas [...] Una de las reflexiones más reiteradas entre las políticas es que no basta la militancia y el trabajo constante para acceder al poder político, sino que es necesario complementar esto con saberes especiales, con *un savoir fair* político. Según las mismas afectadas, el déficit de las mujeres no está en la intensidad de su militancia, sino en la escasa práctica que poseen para desenvolverse en la cotidiana política <sup>283</sup>.

Desse estudo realizado no início da década de 1990 as autoras descreveram que as mulheres muitas vezes não se sentiam capacitadas – faltava o conhecimento dos estatutos, das leis, da economia e da oratória, outro problema é que eram os homens que decidem quem estaria nas listas de candidatas/os, isso limitava e delimitava muitos mais a participação de mulheres no partido e na política. Sendo que o perfil de idade dessas mulheres era de quarenta e cinco anos ou mais, casadas e que já tinham uma trajetória social<sup>284</sup>. Apesar de que esse trabalho questione mulheres na década de 1990, muitas das que participaram já faziam política partidária em períodos anteriores, além disso, é importante ressaltar que nesse momento de transição democrática no Paraguai se ampliou a discussão sobre a participação de mulheres na política e a crítica aos partidos políticos.

Desse panorama de dificuldades, enfatizo que na década de 1960 os partidos políticos ainda eram mais fechados para participação de mulheres. Nesse sentido, poucas atuavam politicamente em partidos políticos nos postos de decisão. Ainda que não sejam exatos, encontrar os números que apontem sobre a participação de mulheres em partidos políticos, ou, em cargos legislativos na década de 1960/1970. A FLASCO na década de 1990 lançou a investigação *Mujeres Latino Americanas en Cifras*, nesse trabalho encontrei algumas pistas sobre as mulheres no parlamento do Paraguai.

Entre essas décadas era realmente reduzida a participação de mulheres.<sup>285</sup> Entretanto esses dados possuem imprecisões e apontam que

---

<sup>283</sup> Idem.

<sup>284</sup> Ibidem, p. 23

<sup>285</sup> Nesse estudo no Parlamento de 1968-19873: na Câmara de deputados 2 mulheres (composta por 60), e na Câmara de senadores 1 mulher (composta por

em entre 1968-1973 havia apenas duas mulheres na Câmara de Deputados e que eram do *Partido Colorado*. A partir de outras leituras e documentos, percebo que entre esses anos, já havia uma representante do *Partido Liberal Radical* (cisão do Partido em 1963) e era Carmen de Lara Castro. Sobre esses anos, não encontrei trabalhos que fizessem uma apuração da participação das mulheres no campo do legislativo. O que o estudo da FLASCO mostra é que a participação das mulheres até as décadas de 1990, não teria aumentado, algo que foi impulsionado pelas cotas de participação feminina e que foi uma luta das mulheres.

Durante a pesquisa entrei em contato com a *Biblioteca y Archivo Central del Congreso Nacional* e requeri alguns documentos, dentre eles, uma lista com os nomes de deputadas/os e senadoras/es, das décadas em que Carmen de Lara Castro participou do Congresso Nacional, para poder mensurar a participação de mulheres no campo legislativo. E, assim, poderia saber quem eram e quantas mulheres participaram do parlamento nessa década (1968-1978). Entre os anos de 1968 a 1973 havia apenas duas mulheres no parlamento – uma Senadora pelo *Partido Colorado*, Dolores de Miño, e uma mulher deputada pelo *Partido Liberal Radical*, Carmen de Lara Castro. Entre os anos de 1973 a 1978 havia uma Senadora Leonidas Paez de Virgilli, *Colorada*, e duas Deputadas pelo *Partido Liberal Radical*, Carmen de Lara Castro e Ligia Prieto Centurión<sup>286</sup>. Com isso enfatizo que a participação das mulheres no parlamento paraguaio não era tarefa fácil, muito menos durante a ditadura. Essas mulheres que participaram ativamente da política nesses anos eram da elite, possuíam carreira dentro de seus partidos e suas famílias também possuíam grandes vinculações dentro destes espaços.

Desses apontamentos feitos sobre as dificuldades para as mulheres ascenderem em um partido político e das possibilidades, exponho a reposta de Carmen de Lara Castro dada a Norma Cotas em uma entrevista, citada anteriormente. Quando questionada sobre “situación

---

30 pessoas). Nos anos de 1973-1978: na Câmara de deputados 3 mulheres (composta por 60 pessoas), e na Câmara de senadores 1 mulher (composta de 30 pessoas). Ver em: <http://www.eurosur.org/FLASCO/mujeres/paraguay/part-3.htm> Acesso em 25 jun. 2015

<sup>286</sup> VILLALBA, Juan Roque Galeano. *Op. Cit.*, 2000, p. 199-200. [Digitalizada por *Biblioteca y Archivo Central del Congreso Nacional*]. Acervo da autora. (ANEXO 2)

actual de la mujer<sup>287</sup>”, no fim da década de 1980, com um olhar “experiente”, “sóbrio” e, sobretudo, resignificado, respondeu:

[CC-] Yo pienso que la mujer tiene que capacitarse, luchar y conquistar. El hombre esta muy acostumbrado a dirigir la sociedad, es dueño de los cargos más importantes, pero ahora hay una avalancha de mujeres capacitadas, y en este momento en el mundo ya no puede haber esa marginalización. Pero la importancia ser ia que una mujer ocupe un lugar importante, no por ser mujer, con coquetería, sino porque valen realmente. Yo creo que podemos llegar a conseguir lo que queremos, aunque con mucho más sacrificio que los hombre, porque a veces las mismas mujeres se interponen para que sus compañera sigan adelante. [...]

[NC-] Estaba de acuerdo con el papel en aquella época, con el sitio que le daban a la mujer dentro de la política ?

[CC-] Yo no estaba de acuerdo con el papel que le querían y le quieren dar a la mujer en la política que es de vender entradas, fritas empanadas y trabajar solamente en asistencia social. Fue así como salimos al campo para concientizar a los campesinos, recorrimos toda la república prácticamente en momentos muy difíciles hicimos una campaña para que la mujer también ingrese a los comités, conseguimos elegir a muchísimas mujeres convencionales para asambleas y tres presidentas de comités. La campana era no aceptar ningún cargo de comisión de fiestas que no fuera mixta, es decir queríamos que la mujer ocupara su lugar de acuerdo con su capacidad. Mis recuerdos me llevan a ese grupo de mujeres que sin tener esa intención de llegar a cargos políticos y trabajaran solamente por idealismo tan grande de sacrificarse sin obtener nada a cambio <sup>288</sup>.

---

<sup>287</sup> CODAS, Norma Bachero. Conociendo a Carmen de Lara Castro. Nosotras ABC Color. 1989. In: *Centro de Documentación y Archivo para la Defensa de los Derechos Humanos*. Assunção, Paraguai. 00185F0023. (Acervo autora).

<sup>288</sup> CODAS, Norma Bachero. Conociendo a Carmen de Lara Castro. Nosotras ABC Color. 1989. In: *Centro de Documentación y Archivo para la Defensa de los Derechos Humanos*. Assunção, Paraguai. 00185F0023. (Acervo autora).

Nessa entrevista Carmen de Lara Castro apontou para a posição privilegiada dos homens, e também, para competição entre as mulheres dentro dos partidos. Chamando atenção para as atividades que “tradicionalmente” as mulheres realizavam dentro do partido, como: a assintencia social e os trabalhos de arrecadação, festas, entre outras. Sua fala é elucidadora por várias questões, claramente que tinha intenções em seu discuso. Essa entrevista foi realizada em 1989, não sei precisar se antes de ser eleita a Senadora ou depois. É certo que encorajava as mulheres a conquistar seu espaço, porque mereciam, porque teriam capacidade de atuar politicamente, e não mais como somente organizadoras no interior do partido.

A partir do exposto, apontou que não estava de acordo com o “papel” das mulheres dentro do partido, nem no passado e nem no momento da entrevista. Então fala que foi a partir da luta, de ir ao interior, possivelmente para buscar um eleitorado dentro do partido, “conscientizar campesinos” para a participação de mulheres, de não aceitarem participar de organização de festas composta somente por mulheres, que conseguiram lograr maior participação de mulheres como presidentas em alguns comitês e para estarem nas listas convencionais.

Com isso, podemos ver na mescla de vozes, e com a devida atenção as intenções e motivações de fala. Que havia conflitos dentro do partido e marginalização das mulheres. Não era tão fácil e respeitosa dentro do partido como afirmaram Nelson Ramirez e Domingo Laino. Outro ponto que destaco é que falou que muitas mulheres trabalhavam dentro do partido a vida toda e não obtinham nenhum cargo em troca, talvez não fosse porque não desejassem, é claro que podia ocorrer, porém em um ambiente de luta intensa, de conflitos internos por cargos dentro do partido, e sendo mulheres teriam que trabalhar mais do que os homens para obter os mesmos postos.

Dessa entrevista de Norma Bachero Codas, sua última questão enfatizou algo muito importante e, que foi levantada por mim nas entrevistas realizadas em 2014 e 2015 sobre as possíveis motivações de Carmen de Lara Castro para atuar politicamente. Ainda que bastante distinto do questionamento feito por mim para pessoas que conheceram Carmen de Lara Castro. Destaco, e aproximo a pergunta, assim, como sua resposta, para mesclar as vozes e as memórias sobre Carmen de Lara Castro:

---



Para usted la política es una vocación o una pasión?

No sé si se puede mezclar vocación con pasión. Yo creo que me gusta la política, vibro con mis ideales y los comparto con mis compañeros, y es algo muy interesante que me há dado grandes satisfacciones, así como ha tenido grandes desilusiones, porque a veces cuando uno pretende surgir te quieren aplastar la cabeza. Sobre todo me siento muy bien dentro de la política por que mi misión siempre ha sido atender a los perseguidos, Desde el 58 hasta nuestros días he dedicados mi vida a defensa de los derechos humanos <sup>289</sup>.

Carmen de Lara Castro salienta algo bastante importante nesse trecho, que atendia presos políticos desde 1958 e essa era a missão de sua vida e que fazia política desde seus ideais, ou seja, não era uma vocação ou uma paixão, de forma mesclada. Porém, ela elegeu ao narrar, a palavra missão, um sacrifício e uma escolha de se entregar as pessoas perseguidas pela ditadura.

Apesar de ter feito uma crítica à participação de mulheres nos partidos que atuavam realizando somente atividades de assistência social, “sem pensar” em um cargo político. Atenta que as mulheres deveriam conquistar seus espaços dentro partidos, para além dessas tarefas, muitas vezes, excludentes. Porém, ela mesma teve uma carreira política distinguida por meio do auxílio às pessoas presas, o que não deixa de ser assistência social. E, como as/os entrevistadas/os mencionaram em sua casa realizavam reuniões do partido, festas, jantares, ou seja, ela também passou por essas atividades. Entretanto ela se “sacrificou”, mas obteve algo em troca, conquistou uma carreira política reconhecida por sua capacidade, mas que não foi construída sem desilusões, como ela mesma inferiu.

O gênero distingue social e culturalmente atribuições para mulheres e homens, a missão de Carmen de Lara Castro é um doar- se por questões de ideais, com um propósito, que pode ser entendido como marcadamente feminino que foi a assistência as pessoas presas e

---

<sup>289</sup> CODAS, Norma Bachero. Conociendo a Carmen de Lara Castro. *Nosotras ABC Color*. 1989. In: *Centro de Documentación y Archivo para la Defensa de los Derechos Humanos*. Assunção, Paraguai. 00185F0023. (Acervo autora).

necessitadas. Nas memórias narradas trazidas aqui, a maioria dos entrevistados ressaltou essas atividades de assistência social como um dos fatores para que Carmen de Lara Castro alcançasse postos dentro do partido. Nenhum dos entrevistados homens, quando falavam de suas atividades realçavam suas próprias ligações familiares com a política ou, que se realizaram algum tipo de assistência social para almejar os postos dentro do partido. Contavam como entraram no partido e foram ascendendo em cargos sem dificuldades. Então, por que, quando mencionaram Carmen de Lara Castro, sua trajetória tinha que ser ligada a família? Sua trajetória de ajuda a pessoas presas, pelas mulheres no *Amparo a la Mujer*, na revista *Cuñatai*, no departamento Feminino ou, sua vontade de atuar politicamente não bastavam por si só? Parece que não, tinha que estar atrelados a outros condicionantes.

As atividades de Carmen de Lara Castro, inicialmente, dentro do partido eram diferentes das realizadas por homens, pois estava relacionada a discursos de identitários de gênero, que culturalmente no Paraguai está ligado à maternidade, ao privado e a exclusão das mulheres dos espaços de decisão na política<sup>290</sup>. Então muito de suas ações pelo partido foram para conseguir dinheiro, emprestar a casa para as reuniões do partido, oferecer jantares e festas organizados por mulheres. Porém, por meio dessas atividades consideradas “femininas”, Carmen de Lara Castro ascendeu no partido e, outras poucas mulheres também.

Geralmente, ter um familiar ligado a política “facilitava” a entrada no partido. Duas entrevistadas, com familiares ligados a esse ambiente partidário, Rafaela Guanes de Laino e María Victoria Riart de Garcia, trabalharam com o *Partido Liberal* por anos, atuando nessas mesmas práticas vistas como “femininas”, mas não adquiriram postos, por estarem dedicando-se a família. E, no caso de María Victoria Riart a família e ao trabalho como contadora<sup>291</sup>. Nesse sentido, ter um familiar ligado ao partido e, estar dentro dele realizando ações não era o bastante para ascender politicamente dentro dele.

A ideia de uma mulher empregar cargos políticos naquele momento, mesmo que tardio, pensando na longa luta de mulheres para maior participação dentro dos partidos, aparece nas memórias desses entrevistados como algo comum somente se for atrelado à família. Essa

---

<sup>290</sup> Certamente se podem fazer essas observações com uma mirada mais ampla, visualizando a América Latina, de forma em não pensar o Paraguai como caso isolado.

<sup>291</sup> DE GARCIA, María Vítctoria Riart. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 14/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 5.

informação nos incita a pensar o quão era fechado e elitista esse ambiente para uma mulher ocupar cargos decisórios dentro do partido. Não conheci relatos de mulheres que ingressavam na política naquela época sem ter um familiar conhecido nesse cenário. Além disso, pondero como essas memórias estão/são marcadas por gênero, hierarquizando posições, ações e distinguindo esferas do político como masculino.

Porque é com naturalidade que os entrevistados enfatizam que as mulheres realizavam as ações de assistência para o partido ou, como quando apontam que Carmen de Lara Castro não era uma acadêmica ou uma intelectual – como ponto de distinção. Esse ambiente do partido é descrito por esses entrevistados, consciente ou inconsciente, como marcadamente masculino. Entretanto, era um lugar extremamente demarcado por mulheres que davam aos partidos, sua estrutura e organização. É lamentável que seus nomes e suas histórias, não aparecem com frequência nos livros e nos jornais quando narram sobre o *Partido Liberal*, com exceção de mulheres que se destacaram como é o caso de Carmen de Lara Castro. Essa reflexão foi adquirida depois de inúmeras conversas com as historiadoras paraguaias, entrevistadas/os e, com a *Academia Liberal de Historia*.

A memória enquanto individual e parte da coletividade é constituída em um trabalho de construção de si com base em um passado, marcada pelo presente e com olhos para o futuro. Sendo social e culturalmente assinalada. As narrativas dessas pessoas entre/vistadas dão sentido e valor as ações suas ações e também, sobre Carmen de Lara Castro quando questionadas/os. Valendo-se de suas lembranças legitimadas pela experiência vivida e construídas ao longo do tempo e espaço, contaram-me sobre uma Carmen de Lara Castro “muito feminina”<sup>292</sup> – em oposição às mulheres políticas que se “masculinizavam”. Sobre uma grande senhora, muito bonita<sup>293</sup> e sempre arrumada<sup>294</sup>.

Fazendo uma relação entre História Oral e as memórias, Alistair Thomson expõe que,

---

<sup>292</sup> RAMIREZ, Nelson Garcia. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 14/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora. p. 20.

<sup>293</sup> ARGANA, Luis Manuel Escobar. (Tício Escobar). Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 22/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p.16.

<sup>294</sup> LAINO, Rafaela Guanes. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p.19.

[...] O processo de recordar é uma das principais formas de nos identificarmos quando narramos uma história. Ao narrar uma história, identificamos o que pensámos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. [Ou ser lembrada/o]. As histórias que relembramos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais. [...] <sup>295</sup>.

Refletindo sobre esse processo de recordar que se dá em uma entre/vista, compreendo que as memórias narradas sobre si e sobre Carmen de Lara Castro realizam um duplo processo de identificação e narração. Pois, recordam de suas vidas e também, da de Carmen de Lara Castro buscando imprimir uma identidade para si e para a outra que também é recordada na entre/vista. Nesse processo, contam como gostariam de ser lembrados, como Carmen de Lara Castro é recordada por elas/es, ou, como gostariam que ela fosse retratada por mim.

Ela foi uma professora e trabalhou em escolas de Assunção até 1965, como contam seus filhos, mas essa sua atividade quase não é recordada, foi uma política paraguaia que atuou nas esferas dos direitos humanos, e pela visibilidade e ingresso de mulheres na política. Suas lutas e inquietações políticas buscaram amenizar a tortura, a violência que ocorriam em seu país, além de ter em sua ação a busca pela maior participação das mulheres na política. Carmen de Lara Castro como uma mulher de seu tempo e da elite política. Não poderia estar alheia as discussões de mulheres feministas, que no espaço urbano de Assunção lançavam em revistas, jornais e *clubs* debates sobre educação, política e maternidade. Então, embora não tenha encontrado narrativas em que ela se identificasse ou rechaçasse o feminismo, não se pode negar que ela teve influências <sup>296</sup>.

Teve formação católica e, foi professora de Francês e Educação Moral e Cívica em colégios de Assunção, participou do *Partido Liberal*, lançou-se na assistência as mulheres com o *Instituto de Amparo a la Mujer* e, também de pessoas presas por motivos políticos durante à ditadura stronista. Carmen de Lara Castro era casada e tinha seis filhos homens quando foi Deputada Nacional aos 49 anos de idade. Era uma

<sup>295</sup> THOMSON, Alistair. *Op. Cit.*, p. 51. O que está escrito entre colchetes e sublinhado é interferência da autora na interpretação do texto e citação.

<sup>296</sup> BAREIRO, Line, SOTO, Clyde, MONTE, Mary. *Op. Cit.*

mulher ligada à elite política paraguaia e pode envolver-se no parlamento que raramente, adentravam mulheres. Como é lembrado, seu tio foi presidente, Marical Estigarribia, seu pai herói de guerra, seu sogro ministro das relações exteriores e seu esposo professor na Universidade Católica. Porém, nada disso seria suficiente se Carmen de Lara Castro não possuísse agência para participar do partido, do diretório e do parlamento. A partir desse prisma, compreendo que sua ação política dá nessa relação entre sua agência, o privilégio de ser da elite e o contexto em que viveu. Nenhum espaço foi doado para ela, todos foram conquistados. Se havia facilidades particulares para o ingresso no partido, também houve dificuldades em sua trajetória que perpassam as questões de gênero.

Nesse sentido, atando as memórias narradas (e impressas) sobre Carmen de Lara Castro, interpreto que ela foi uma mulher que inspirou outras mulheres que entraram mundo partidário<sup>297</sup>. Na atualidade o movimento e partido feminista, socialista e ecologista *Kuña Pyrenda*, tem uma foto de Carmen de Lara Castro em uma das salas de seu comitê e se vê nela um estímulo para outras mulheres<sup>298</sup>. Dentro do *Partido Liberal Radical Auténtico* em uma campanha encabeçada por Eduardo Nakayama para o Diretório do partido no ano de 2016, busca-se uma *Renovación Azul* e um dos temas é *volver a las raíces*, ou seja, aquele passado que criaram como glorioso de presidentes liberais e de opositores às ditaduras. Nessa campanha, entre as imagens que são realçadas, está lá, Carmen de Lara Castro<sup>299</sup>.

---

<sup>297</sup> Sugere em seu livro que Carmen de Lara Castro possuiu uma militância feminista. PAREDES, Roberto. *Mujeres rebeldes por la patria*. Assunção, Paraguai: Servi Libro, 2011, p. 61.

<sup>298</sup> Em outubro de 2015 realizei uma entrevista com Lilian Soto na Central do Partido que fica em Assunção e pude ver o retrato de Carmen de Lara Castro na parede. A entrevista foi realizada para as demais pesquisas do Laboratório de Estudos de Gênero e História.

<sup>299</sup> Ver

em:

<<https://www.facebook.com/444003209126013/photos/a.452561064936894.1073741828.444003209126013/457001741159493/?type=3&theater>> Acesso em 15 jun. 2016.



#### 4. CAPÍTULO 3 – MEMÓRIAS DE LUTA, MEMÓRIAS EM LUTA: A COMISIÓN DE DEFENSA DE LOS DERECHOS HUMANOS E CARMEN DE LARA CASTRO

Hoy, 17 de Junio, la Comisión de Defensa de los Derechos Humanos del Paraguay celebra el décimo aniversario de su creación hace diez años. El 17 de Junio de 1967, era fundada esta Comisión por un grupo de dirigentes políticos, sacerdotes, profesores y representantes de las organizaciones religiosas, obreras y juveniles. [...] Larga y penosa ha sido y sigue siendo la lucha por los derechos humanos fundamentales en el Paraguay. Ella está regada con sangre y con lágrimas y fecundada con la muerte heroica de mártires conocidos e innominados, con el sufrimiento de las madres y el llanto inocente de los niños [...] En un momento en que la sola referencia a los derechos humanos era considerada subversiva y peligrosa, esta Comisión trabajó para hacer consciência sobre la necesidad de una vigencia real y efectiva de los derechos humanos en el Paraguay, por el mejor trato a los presos, por la liberación de los inocentes, por su asistencia jurídica, social y religiosa, por sus familiares abandonadas o deshechas <sup>300</sup>.

Esse excerto faz parte de um texto que foi selecionado pela professora Cristina Scheibe Wolff durante sua pesquisa em microfilmes da NACLA, durante seu pós-doutorado (2010 a 2011) <sup>301</sup>. Refere-se ao

---

<sup>300</sup> CASTRO, Carmen de Lara. Declaración de la Comisión de Defensa de los derechos humanos del Paraguay. Jun. 1977, Assunção, Paraguai Jun/1977. In *The North American Congress on Latin America (NACLA) Archive on Latin Americana*. Wilmington, DE: Scholarly Resources Inc., 1998. Rol 2, file 9, Frames 1153, 0003, File 9. (Disponível no Acervo do LEGH).

<sup>301</sup> O acervo de microfilmes da *North American Congress on Latin America* (NACLA), contém uma variada documentação sobre a América Latina que vai desde recortes de jornais a documentos originais dos governos dos períodos de 1966 a 1986. A professora Cristina Scheibe Wolff, trouxe um substancial número de microfilmes para serem pesquisados pelo Laboratório de Estudos de Gênero e História. A documentação que era encaminhada para a NACLA ou coletada por

aniversário de dez anos da *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos do Paraguay*. No documento, Carmen de Lara Castro faz uma reflexão fecundada sobre suas memórias e vivências do tempo que decorreu desde a criação da *Comisión* em 1967 até o ano de 1977. Apontando que os objetivos e os motivos para continuar com essa organização era trazer para a realidade paraguaia a necessidade de se lutar pelos direitos humanos, inferindo que essa militância era considerada subversiva pelo regime.

Além dessas informações, que apresentam uma gama de grupos sociais que estariam envolvidas com a *Comisión* desde sua criação, mas como veremos, a CODEHUP não parece ter tido tanto apoio no início, quicá pela repressão do próprio regime. Em outro ponto do texto, fez questão de agradecer o auxílio de pessoas e organizações que ajudaram a *Comisión* como: a Igreja Católica, as outras igrejas cristãs, a Anistia internacional e a Cruz Vermelha Internacional. Expondo que não lutavam sozinhas/os, havia reconhecimento internacional e nacional, e apesar do momento “sombrio” em que viviam, a *Comisión* continuava seus esforços, denotando que o panorama de violações de direitos humanos não havia mudado, por isso seguiam lutando<sup>302</sup>. O saldo ou resultado desse período “sombrio é negativo, regado a sangue e lágrimas” representados na “morte heróica de mártires reconhecidos ou não conhecidos”, em que as mães e as crianças eram as que choravam sobre as famílias que ficavam desfeitas.

---

pesquisadoras/es associados, está disponível em microfilmes e pode ser localizados em diversas bibliotecas americanas. Dentre a documentação trazida pela professora, encontra-se um uma miscelânea de revistas, recortes de publicação e esse documento datilografado sob a autoria Carmen de Lara Castro em que conta sobre os 10 anos da *Comisión*. Não tenho maiores registros de como esse documento citado está nesse arquivo em questão, entretanto, é importante mencionar que não encontrei uma cópia do mesmo documento no *Archivo del Terror* onde pesquisei em janeiro de 2015. Para saber mais sobre a NACLA: <<https://nacla.org/nacla-archive-latin-americana>> Acesso em 28 jun. 2016.

<sup>302</sup> É importante mencionar que o tema dos direitos humanos, com suas organizações de proteção multilateral/internacional passou a ser uma preocupação desde a Segunda Guerra Mundial devido os horrores dessa guerra. Já havia organizações anteriormente que se dedicavam ao tema dos direitos humanos mas as discussões eram outras. Sobre o assunto, ver em: QUADRAT, Samatha Viz. *Op. Cit.*, 2008, p. 364-3965, ALVES, J. A. Lindgren . Os direitos humanos como tema global. São Paulo: Perspectiva, Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 1994, p. XXVI-XXXVII.



Sobre isso, possivelmente ela estivesse falando que mais homens foram presos/mortos/desaparecidos e era a esposa, a mãe, e as filhas/os que choravam a perda da família. A mãe, a mulher, dentro de uma literatura recorrente do Paraguai é lembrada como aquela que reconstruiu o país depois da Guerra Grande, ou Tríplice Aliança, no sentido de reprodutora e de guardiã da cultura – em um país que perdeu mais da metade da população. Então para além desse momento enfático das prisões, dos desaparecimentos e das mortes que estava vinculado ao presente em que discursava, a fala de Carmen de Lara Castro pode estar ligada a esse discurso emotivo que liga a mulher, a mãe e uma família destruída, seja pelas guerras, seja pela ditadura. Atento para esse caráter maternal do discurso e o visualizo em um panorama agregado pelas lutas em torno do ideal da mulher paraguaia a ser lembrada e homenageada, discutida no capítulo anterior.

Acerca da fundação da *Comisión*, a escolha da data para sua formalização foi 17 de junho de 1967, dia do aniversário de Carmen de Lara Castro. Essa data pode ser considerada especial tanto para essa presidenta, uma homenagem, quanto uma data em que se poderia realizar uma reunião informal durante uma festa de aniversário sem gerar suspeitas<sup>303</sup>. Essas informações sobre a escolha da data de aniversário de Carmen de Lara Castro para formalizar a *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos del Paraguay* não apareceu nas entrevistas e não foi um questionamento durante a pesquisa de campo, mas posterior a ela. Portanto, é uma pergunta sem maiores respostas, somente hipótese sobre a data de fundação dessa organização.

No ano de 1967, Carmen de Lara Castro já possuía uma bagagem de conhecimentos acerca dos cárceres paraguaios, dado que já realizava visitas às pessoas detidas há pelo menos uma década. Nesse ano estava iniciando sua carreira parlamentar como deputada nacional pelo *Partido Liberal Radical*. Portanto, a ideia de organizar um grupo de intelectuais de respeito, unidos sob o manto de uma fachada apartidária, promovendo sentimentos cristãos e patrióticos para reclamar a falta de direitos humanos no Paraguai, e sob a presidência de Carmen de Lara Castro, foi, no mínimo uma estratégia para se defenderem da repressão. Não mais

---

<sup>303</sup> As diversas violações a reuniões, proibições de assembleias, de movimentos políticos, de atos cívicos, entre outros, eram justificados pela Constituição Nacional e com base em outras leis 294/1955 de Defensa de la Democracia e o Editó Policial Nº 3, que proibia toda reunião depois de 1 hora da madrugada. ARDITI, Benjamín. *Op. Cit.*, p. 58, BLANCH, José M., ACUÑA, Edith, BAREIRO, Line (et. al.). *Op. Cit.*, p. 334.

enquanto pessoas isoladas que defendiam a causa das pessoas presas, e contrárias à violência, mas uma organização apoiada por vários setores da sociedade.

No Paraguai, as organizações de direitos humanos emergiram nas décadas de 1960 e 1970 <sup>304</sup>, mas certamente havia outras instituições que sem levar a bandeira dos direitos humanos, também faziam o papel de salvaguardar a vida humana diante dos abusos do Estado. De modo geral, muitos trabalhos foram produzidos sobre as violações de direitos humanos cometidas durante o regime do General Alfredo Stroessner<sup>305</sup>. Porém, a violência não foi uma novidade do Stronismo, mas foi durante esse período que se criou uma nova estrutura de repressão e controle, como aponta José Luis Simon, “los atropelos a tales derechos se convierten en una política sistemática desde el Estado”<sup>306</sup>. Este mesmo autor explicita que o terror causado pela repressão, pelas ameaças, pelas prisões, pelas torturas, pelos desaparecimentos e pelas mortes, desde campesinas/os a opositoras/es, foi tão grande que criou “em cada habitante dessa terra uma segunda pele: a pele do medo”<sup>307</sup>.

Tendo em vista essa exposição, este capítulo tem como tema central a discussão da emergência da luta pelos direitos humanos no Paraguai, com enfoque na resistência de Carmen de Lara Castro a frente da *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos del Paraguay*, assim como as outras organizações criadas no período. Para isso está dividido em três eixos temáticos que se desenvolveram através de quatro tópicos: 1º- Expõe sobre a criação e atuação da *Comisión* através das pessoas que se associaram a ela, 2º- Sobre as memórias acerca da *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos*, 3º e 4º- Propõe abordar as outras organizações que emergiram nesse país durante a ditadura, buscando promover e exibir, por meio das memórias, uma leitura das alianças entre pessoas e grupos que acionaram em prol dos direitos humanos.

As perguntas que são lançadas para esse capítulo emergem de algumas perguntas realizadas durante as entrevistas e das memórias das/dos entrevistadas/os. E elas servirão de guia para a estrutura e

---

<sup>304</sup> O autor José Simon recorda que na década de 1950 não havia organismo de direitos humanos no Paraguay e grande parte dos opositores estavam no exílio. Entretanto, desde os inícios de 1950 a OEA era brindada com cartas de denúncias sobre as violações de direitos humanos. SIMON, José Luis. *Op. Cit.*, p.54- 60.

<sup>305</sup> Ver bibliografia dessa dissertação que conta com uma vasta referência a trabalhos que focalizam esse período da história recente no Paraguai.

<sup>306</sup> SIMON, Jose Luis. *Op. Cit.*, p.54.

<sup>307</sup> Ibidem, p.15

discussão desse texto: O que foi a *Comisión de Defensa de los Derechos de Humanos del Paraguay*? Quando foi criada a *Comisión*? Para quê e a quem servia? Quem participava? Como eram realizadas as denúncias? Qual foi a importância de Carmen de Lara Castro nessa organização de direitos humanos? Para alcançar esses questionamentos, como nos demais capítulos dessa dissertação, farei uso das entrevistas orais e de documentos selecionados no *Archivo del Terror*.

As memórias de/em luta contam, com suas distintas vozes, sobre essa personagem, a partir da década de 1960 em diante, pois, são os períodos mais recordados por todas/os as/os entrevistadas/os tanto quando abordam a trajetória de Carmen de Lara Castro, quanto suas próprias experiências durante a ditadura. Visto que a maioria das pessoas entrevistadas teve nessas décadas seus próprios envolvimento com os partidos de oposição, com os movimentos estudantis, organizações de esquerda e com os direitos humanos.

As perguntas, assim como as respostas de cada pessoa entrevistada, nunca foram idênticas. Já que em cada nova “entre/vista” se estabelecia outro tipo de situação, de observação e de diálogo, mesmo que eu tenha seguido um “pré-roteiro”, as questões sempre se modificavam, seguindo um rumo e um ritmo que eram dados pelas pessoas envolvidas nas entrevistas. As memórias, como nos ensinou Portelli, são únicas, uma vez que as pessoas aprendem as experiências vividas de formas diferentes<sup>308</sup>. Aqui, as memórias orais, “são de luta”, dado que trazem a perspectiva da ação contra a ditadura, e “em luta”, pois além de serem diferentes umas das outras, realizam um contínuo processo de rememorar, de criação subjetividades, identidades em um “trabalho” de esquecer e de lembrar<sup>309</sup>.

#### **4.1. Uma história da emergência da *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos del Paraguay***

[...] La Comisión era creada en medio de un horizonte sombrío, en que la vigencia de los derechos humanos sólo estaba en la letra de la Constitución y los Códigos de nuestro país. La Comisión Paraguaya de Defensa de Los Derechos Humanos tenía como principal finalidad entonces,

<sup>308</sup> PORTELLI, Alessandro. *Op. Cit.*, 1997, p. 16.

<sup>309</sup> JELIN, Elizabeth. *Op. Cit.*, 2002, p. 4-6.

y sigue teniendo hoy, una lucha pacífica, pero firme por el respeto a los derechos humanos fundamentales de la persona humana, sin discriminaciones de ideología, ni diferencias políticas, religiosas, sociales o económicas. Nos interesa fundamentalmente la defensa del hombre como tal, creado por Dios a su imagen y semejanza, valor supremo de todo cuanto existe sobre la faz de la tierra. Como paraguayos, como hombres y como cristianos, nos duele ver el menosprecio con que se trata a los perseguidos, a los explotados, a los oprimidos y a los marginalizados [...] <sup>310</sup>.

A luta pelos direitos humanos, conforme Carmen de Lara Castro, servia para ajudar a quem precisava de auxílio, sem fazer distinções de partido ou de ideologia, enfocando na ideia da luta pacífica em favor das pessoas marginalizadas, oprimidas e exploradas. Sua elaboração de Direito Humanos, segundo o trecho destacado, perpassava pela ideia bíblica de que o homem era feito a semelhança de Deus <sup>311</sup>, incorporando o sentido de que todas as pessoas deveriam ter o tratamento igual. Além dessa perspectiva dos direitos humanos com fundo religioso, percebi que a leitura dos direitos humanos em Carmen de Lara Castro, seguia uma concepção de respeito à dignidade humana de que todas as pessoas nascem iguais e possuem os mesmos direitos, assim como evidencia a Declaração dos Direitos Humanos de 1948<sup>312</sup>. Durante a pesquisa não me deparei com explicações de Carmen de Lara Castro sobre os direitos humanos, descortinando esse conceito filosófico que se tornou uma palavra de ordem diária para Carmen de Lara Castro em meio ao tempo

---

<sup>310</sup> CASTRO, Carmen de Lara. Declaración de la Comisión de Defensa de los derechos humanos del Paraguay. Jun. 1977, Assunção, Paraguai Jun/1977. In *The North American Congress on Latin America (NACLA) Archive on Latin Americana*. Wilmington, DE: Scholarly Resources Inc., 1998. Rol 2, file 9, Frames 1153, 0003, File 9. (Disponível no Acervo do LEGH).

<sup>311</sup> Sobre a passagem bíblica do livro de Gênesis, ver em <[http://www.bibliaon.com/versiculo/genesis\\_1\\_26-28/](http://www.bibliaon.com/versiculo/genesis_1_26-28/)> Acesso em 01 jun. 2016.

<sup>312</sup> Para conferir a Declaração de Direitos Humanos: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Declara%C3%A7%C3%A3o-Universal-dos-Direitos-Humanos/declaracao-universal-dos-direitos-humanos.html>>

que esteve à frente da *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos*<sup>313</sup>.

O discurso de Carmen de Lara Castro, acima citado, apelava para o sentimento humano e cristão de que todas as pessoas deveriam ser respeitadas por serem seres humanos, algo que não ocorria no Paraguai mesmo quando os direitos humanos estavam na letra da lei da Constituição. Sendo assim, o preâmbulo da Constituição Nacional da Republica do Paraguai de 1967, os direitos humanos são ressaltados, e é também o tema do capítulo V e o capítulo III quando aborda a questão da Nacionalidade<sup>314</sup>. Nele o Estado garante a vigência dos direitos: individuais, sociais, de educação e cultura, econômicos, dos trabalhadores e políticos, o que sabemos que não ocorreu na prática. A ideia de que os direitos humanos estejam desde o início na Constituição aponta para a luta de longa data de pessoas e grupos para a “garantia” dos direitos humanos. Como aparece nos livros essa Constituição foi usada para denunciar o Estado Paraguaio pelas violações cometidas<sup>315</sup>, assim como por Stroessner, que a usava em consonância com as leis (294 e 209) para enfatizar que no Paraguai não havia violações de direitos humanos<sup>316</sup>.

---

<sup>313</sup> Contudo, minha definição de direitos humanos enquanto historiadora que lê e interpreta o passado desde um presente, é interpelado pelas leituras de Bobbio que ensina que os direitos humanos como entendemos atualmente, tem várias elucidações e também formas de se entender, mas afirma que são históricos e nascidos de circunstâncias de lutas e não um dado da natureza. As três declarações (1777, 1789, 1948) trouxeram conflitos e reflexos para as constituições modernas e sobre a maneira que foram usadas pelo Estado com relação ao indivíduo/coletividade/Soberania/Limites. Foram “construídos jurídico historicamente voltado para o aprimoramento político da convivência coletiva”. BOBBIO, Norberto. *Op. Cit.*, p. 353-35., ver em: BOBBIO, Norberto. *A Era dos Direitos.*, 9. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, p. IX.

<sup>314</sup> PARAGUAI. Constituição (1967). *Constitución de la Republica del Paraguay*: promulgada em 25 de agosto de 1967, p.1. Ver em: <<http://www.cedep.org.py/wp-content/uploads/2012/09/CONSTITUCION-NACIONAL-1967.pdf>> Acesso em: 10 mai. 2016.

<sup>315</sup> SIMON, José Luis. *Op. Cit.*, p. 54-55, 115-134, 180- 214, BLANCH, José M., ACUÑA, Edith, BAREIRO, Line (*et. al*). *El precio de la Paz*. Assunção: Centro de Estudios Paraguayos Antonio Guasch, 1991, p. 166, 342.

<sup>316</sup> Tal afirmação é feita a partir das leituras, mas teria que se realizar um estudo mais profundo sobre os discursos efetuados por Stroessner além dos produzidos pelas organizações e pessoas que denunciavam as violações de direitos humanos ressaltando a Constituição. Sendo esse um tema que mereceria uma boa investigação.

Como se evidencia a partir de leituras sobre o período<sup>317</sup>, foi a partir de 1954 que se criou um aparato para a manutenção legal da violência. Como explicita José Luis Simón, em uma análise sobre o sistema stronista, no Paraguai havia uma mescla entre o sistema político e jurídico que dava respaldo para que houvesse uma diferença entre “el país legal (la constitución y sus leys) y el real, la verdadera ley del Paraguay: “*el mbaraté*,”<sup>318</sup> la ley del más fuerte o simplemente o de la selva<sup>319</sup>”. Nesse sentido, a Constituição e o sistema jurídico paraguaio ficavam limitados pelo Estado de Sítio que era usado permanentemente e em conjunto com as Leis 294/1955 e 209/1970.

O Stronismo foi perspicaz e utilizou da legalidade jurídica e legislativa que ficavam a mercê do Executivo para violentar, reprimir e inculcar medo na sociedade, utilizando-se de: uma fachada democrática, uma constituição que assegurava diversos direitos à população paraguaia, um sistema de repressão eficaz, um discurso de paz e progresso extremamente nacionalista e anticomunista, que criava uma imagem de um presidente progressista que governava com a “Constituição em uma mão e as leis em outra<sup>320</sup>”.

Foi por meio do embasamento legal da declaração Universal dos Direitos Humanos e da Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem assinadas, ambas em 1948, além das Constituições Paraguaia de 1940 e de 1967, que muitas/os paraguaia/os reclamaram seus direitos de nacionalidade, de propriedade e de pertencer ao país mesmo com posições ideológicas contrárias ao governo (que parecia ser a principal reivindicação na década de 1950)<sup>321</sup>. Essas declarações e Constituições possibilitaram argumentos legais de pessoas que se encontravam no exílio ou lutavam pelas/pelos presas/os e familiares exiladas/os, já que preconizavam uma série de garantias que não eram asseguradas<sup>322</sup>. Essa

---

<sup>317</sup> Basicamente as que compõem a escrita desse trabalho. É preciso pontuar que o stronismo herdou uma Constituição declarada em 1940, essa também dava era extremamente autoritária e dava ao Executivo amplos poderes. Para saber mais: SOLER, Lorena. *Op. Cit.*, 2014, p. 176.

<sup>318</sup> Palavra em Guaraní que significa: forte, vigoroso. Ver em: <<http://www.iguarani.com/?palabra=mbarate>> Acesso em 20 mai. 2016.

<sup>319</sup> SIMON, José Luis. *Op. Cit.*, p. 56.

<sup>320</sup> ARDITI, Benjamín. *Op. Cit.*, p. 58.

<sup>321</sup> Sobre os grupos que se organizavam desde o exílio e que denunciavam as atrocidades cometidas por esse regime já na década de 1950, ver em: SIMON, Jose Luis. *Op. Cit.*, 1992, p. 59- 60

<sup>322</sup> COMISIÓN DE LA VERDAD Y JUSTICIA. *Op. Cit.*, T. I, 2008, p. 157- 168.

foi uma das armas do jogo de defesa e de ataque contra o Governo Paraguaio criados pela oposição e por vítimas para denunciar o Estado.

No íterim da década de 1960, Carmen de Lara Castro reclamava a falta dos direitos reconhecidos na Carta das Nações Unidas em 1948 e na Constituição Paraguaia de 1967 que afirmavam a vigência dos direitos humanos em seus artigos <sup>323</sup>. E desde a década de 1950 visitava as prisões em paralelo ao seu trabalho como professora de colégios em Assunção, mas o auxílio as/os presas/os era prestado com a bandeira do *Partido Liberal*, como foi apontando anteriormente, portanto, quando fundaram a Comissão de Defesa pelos Direitos Humanos já se conhecia os cárceres paraguaios.

Para escrever a trajetória de Carmen de Lara Castro na luta pelos direitos humanos é necessário recordar de suas ações anteriores à *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos*. Como narrou Luís F. Lara Castro em sua entrevista, a *Comisión* teria sido um resultado da experiência de sua mãe no *Instituto Amparo a la Mujer*. Mas pode ser somado pela vivência no Departamento de mulheres do *Partido Liberal* em que visitava as prisões e levava assistência aos presos <sup>324</sup>.

Sobre os primórdios da *Comisión*, não obtive muitas informações, mas em algumas entrevistas esse período é recordado, como na de Luis Alfonso Resck, realizada em 2012:

[TS-] Bueno... el señor fue secretario de Carmen de Lara Castro, en la Comisión.

[LR-] Fui miembro, por ahí me volvía secretario, porque no fue reconocida la Comisión oficialmente...

[TS-] Era clandestina?

[LR-] Clandestina era...

[TS-] Y la Comisión surge en el '67, '64... ¿[cuando] la comisión fue creada?

[LR-] Más o menos en el '64.

[TS-] ¿Pero cómo surge la organización?

---

<sup>323</sup> Afirmação feita com base na leitura de parte das 114 intervenções de Carmen de Lara Castro no Congresso Nacional Paraguaio entre os anos de 1968 a 1978, obtidas pela *Biblioteca y Archivo Central del Congreso Nacional*. Documentos esses que compõem o acervo da autora, e que foram descartados para a escrita desse texto, já que em sua maioria, as atas incompletas, enfocando somente na fala de Carmen de Lara Castro, desse modo perde-se toda a discussão que se fazia na Cámara de Representantes.

<sup>324</sup> CASTRO, Luis Félix Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 13/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 2.

[LR-] No, la primera fue muy irregular, muy informal, éramos 5, 6, nada más... Una persecución mortal... ¿me entiendes?... Nosotros sobrevivimos por una voluntad... bien afianzada y una fe *inquebrantable*, y una efectiva solidaridad entre sus miembros, y un compromiso con el pueblo hasta las últimas consecuencias, llegamos al '89 ¿me entiendes? Después de haber sufrido persecuciones <sup>325</sup>.

Luis Alfonso Resck é um personagem bastante conhecido no âmbito nacional e internacional devido à sua luta contra as ditaduras e os governos repressivos <sup>326</sup>. Foi membro da *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos* e, foi o presidente da *Comisión Nacional de los Derechos Humanos* (CONADEH). Essa organização foi fundada em 12 de junho 1993, por várias personalidades que fizeram oposição ao regime stonista <sup>327</sup>.

Sobre esse excerto da entrevista compreendo que nos primórdios da *Comisión* havia um diálogo ou uma troca de informações entre as pessoas que visitavam as prisões ou que estavam envolvidas no tema dos direitos humanos, e apesar de não citar os nomes, afirma que eram poucas as pessoas comprometidas. Realizada de forma clandestina e informal, possivelmente dado a repressão do regime daquele período. Contrariando até mesmo a fala destacada de Carmen de Lara Castro, que foi citada no início desse capítulo, em que relatava que várias pessoas e organizações teriam composto a *Comisión* em seus primórdios: “[...] era fundada esta Comisión por un grupo de dirigentes políticos, sacerdotes, profesores y representantes de las organizaciones religiosas, obreras y juveniles

---

<sup>325</sup> Essa foi a única entrevista que não foi transcrita por mim, mas foi realizada pelo Laboratório de Estudos de Gênero e História e se insere em minha pesquisa de Iniciação Científica em meados de 2012. RESCK, Luis Alfonso. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital Transcrita por Paolo Andrés Mondino. 14/06/2012. Assunção, Paraguai. Acervo do LEGH, p. 9.

<sup>326</sup> Visto que desde o governo de Higinio Morínigo (1940-1948), Luis Afonso Resck já se colocava na oposição aos governos autoritários e foi diversas vezes preso.

<sup>327</sup> Essas informações sobre a CONADEH pode ser encontrada nas entrevistas de Dionsio Gauto e Julian Vera que estiveram no início dessa organização, o primeiro como coordenador e o segundo como membro. Assim como na ATA de Assembléia Geral. 12 de junho de 1993. Disponível no acervo da CONADEH. (Digitalizado). Acervo da autora (13/06/2012).



[...]³²⁸”. Talvez, a fala de Carmen quisesse dar maior sentido à luta e a *Comisión* ou enfatizar que tinha apoio de vários setores da sociedade mesmo sendo essa uma organização vista como subversiva.

As memórias de Resck levantam a ideia de uma perseguição mortal contra as pessoas que se opunham ao regime desde a *Comisión*, de fato ele foi diversas vezes preso e barbaramente torturado e exilado entre os anos de 1981 a 1986³²⁹. Segundo sua narrativa, podemos entender que as pessoas que estiveram na *Comisión* também foram atingidas pela repressão policial de distintas formas, entretanto, “sobreviveram” até o ano da “derrubada” da ditadura.

Segundo ele, foi o sentimento de fé e de solidariedade que fez “sobreviver” todos os membros da *Comisión*, mesmo sofrendo perseguições. O uso dos termos “fé e solidariedade” são importantes, pois sugerem que o sentimento cristão e religioso estava presente entre as pessoas envolvidas, sendo um ponto em comum. Além desse sentimento solidário, precisaram desenvolver estratégias no sentido de formar alianças e amizades para se defenderem da repressão como: estar vinculadas/os a pessoas das igrejas, das embaixadas, do governo e de organismos internacionais. A essa sobrevivência das pessoas que organizaram a *Comisión* pode-se adicionar essa vinculação internacional e reconhecimento nacional.

Alguns dos entrevistados quando narram sobre a criação da *Comisión* comumente lembram o ano de 1967³³⁰, assim como Carmen de

---

³²⁸ CASTRO, Carmen de Lara. Declaración de la Comisión de Defensa de los derechos humanos del Paraguay. Jun. 1977, Assunção, Paraguai Jun/1977. In *The North American Congress on Latin America (NACLA) Archive on Latin Americana*. Wilmington, DE: Scholarly Resources Inc., 1998. Rol 2, file 9, Frames 1153, 0003, File 9. (Disponível no Acervo do LEGH).

³²⁹ RESCK, Luis Alfonso. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p.4-5.

³³⁰ Dos entrevistados que falam ou confirmam a data de criação da *Comisión*: CASTRO, Luis Félix Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 13/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p.2, GALEANO, Dionisio Gauto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 2, VERA, Julian Monges. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. 16/01/2015. Assunção, Paraguai. Gravador Digital. Acervo da autora, p. 4, CASTRO, Jorge Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. 03/05/2014. Assunção, Paraguai. Gravador Digital. Acervo da autora, p.4, CASTRO, Fernando Adolfo Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. 21/01/2015. Assunção, Paraguai. Gravador Digital. Acervo da autora, p. 4,

Lara Castro também evidenciava, como o ano de instauração da *Comisión*. Todavia, as memórias nunca são iguais e correspondem às conexões e as vivências que refletem no presente as ações de um passado que, no caso da História Oral retorna em forma de pergunta.

Na entrevista de Nelson García Ramírez que foi editor do periódico semanário *El Radical*<sup>331</sup> e que se identificou como membro da *Comisión* no período, expôs que,

[TS-] A formalização da Comissão de vocês, de Direitos Humanos de começou na década de 60?

[NR-] Não. Bom, começou na década de 60, mas antes na década de 50, 58, 57, já tinham começado a trabalhar. Uma das primeiras comissões do mundo, a primeira comissão que começou a se envolver com a luta pelos direitos humanos<sup>332</sup>.

A resposta de Nelson García Ramírez foi evocada por meio da minha pergunta que já anunciava que a *Comisión* teria sido criada na década de 1960. Contudo, ele enfoca que os trabalhos com direitos humanos já havia iniciado anteriormente, mas que a formalização se deu na década de 1960, sem se posicionar em um ano exato. Talvez a ideia de que ela teria sido construída em anos anteriores, remeta as visitas de mulheres nas prisões em anos anteriores a *Comisión*. Outro ponto importante é a ênfase de que foi umas das primeiras organizações do mundo, todavia, outras já existiam anteriormente<sup>333</sup>. Entretanto, dizer que

---

PAREDES, Claudio Roberto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. 03/05/2014. Assunção, Paraguai. Gravador Digital. Acervo da autora, p. 3-4.

<sup>331</sup> O Jornal *El Radical* era um semanário do *Partido Liberal Radical* que atuou entre os anos de 1967 a 1977. Em meio a este período de tempo, foi várias vezes fechado e suspenso, sendo definitivamente encerrado em 1977, ano também em que parte do *Partido Liberal Radical* decide participar nas eleições, e a outra parte abstencionista do partido funda o *Partido Liberal Radical Autêntico*. Para mais informações: PAZ, Alfredo Boccia. *Op. Cit.*, 2004, p. 80, LÓPEZ, Miguel H. *Los silencios de la palabra*. Assunção: SERVILIBRO, 2003, p. 27, LEWIS, Paul. *Paraguay bajo Stroessner*. 2 ed. México: Fondo de Cultura Economica, 1986, p. 333.

<sup>332</sup> RAMÍREZ, Nelson García. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 14/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 8.

<sup>333</sup> Como se pode evidenciar nos trabalhos que enfocam o tema dos direitos humanos: QUADRAT, Samatha Viz. *Op. Cit.*, 2008, SIKKINK, Kathryn. *Op. Cit.*, 2006.

foi uma das primeiras denota a relevância que Nelson Ramirez Garcia dá a essa organização e ao trabalho que foi desenvolvido no Paraguai.

Somente Luis Alfonso Resck ressalta o ano de 1964 como o de princípio dessa organização, levando em conta essa primeira formação clandestina e informal. Insisto nessa informação, pois Luis Alfonso Resck sustenta que a CONADEH, organização que ele presidiu até o ano de 2016, era uma continuação da antiga *Comisión* da qual ele fez parte como membro na década de 1960<sup>334</sup>. Dessa forma, a CONADEH seria uma das organizações de direitos humanos mais longevas e antigas da América Latina. Na segunda entrevista que fiz com Luis Alfonso Resck, no ano de 2014, enfatizamos o tema da ditadura, da luta pelos Direitos Humanos e sobre o trabalho de Carmen de Lara Castro. Em um momento da entrevista estávamos dialogando sobre a dificuldade de realizar reuniões nesse período em que havia os *piragues*<sup>335</sup> controlando as casas, ele conta que apesar do controle e repressão:

[TS-] E ela continuou a luta na comissão?

[AR-] Ela continuou a luta, além da luta política, a luta também em especial pelos direitos humanos. Porque não há luta política que não implique indiretamente nos direitos humanos e não há direitos humanos que não suponham tacitamente os direitos políticos, liberdade e democracia. Depois, morreu a senhora de Castro.

[TS-] Sim, em 1993. Hoje é o dia de aniversário dela. 8 de maio de 93, faz então 21 anos da morte de Carmen.

[AR-] Felicito-lhe, ótima recordação! Recordo-me. Então, ela morreu e depois isso... Entende? Nasceu um novo organismo de direitos humanos, mas para mim foi uma continuação.

[TS-] Mas é outro tempo, já não era como antes!

---

<sup>334</sup> Foram realizadas duas entrevistas com Luis Alfonso Resck, uma em 2012, transcrita em Espanhol pelo LEGH, e outra em 2014, com o enfoque na pesquisa sobre trajetória e memória de Carmen de Lara Castro. O professor Resck faleceu em junho desse ano, e era o presidente da CONADEH. Não possui informação de em que ano ele teria assumido a presidência dessa organização.

<sup>335</sup> Segundo várias pessoas entrevistadas, *pirague*, é uma palavra Guaraní que denota o sentido de pés de pluma ou pés aveludados, fazendo referência ao silêncio de uma pessoa que espia. No dicionário Guaraní consultado, essa palavra significa delator ou espião, ver em: <  
<http://www.iguarani.com/?palabra=pirague>> acesso em 02 jun. 2016.

[AR]- Era outro presidente, depois me nomearam até hoje em dia. Porque eu tenho muita vinculação internacional, tenho muito peso político pelos meus antecedentes <sup>336</sup>.

Além das reflexões sobre política, direitos humanos e democracia que no seu entender estão imbricadas e sobre o peso de suas vinculações internacionais, o que chama a atenção é a afirmação acerca da “continuidade” da *Comisión*. A conexão das lutas na fala de Resck é um dado importante, pois enfoca que com a morte de Carmen de Lara Castro, nasceu uma organização de direitos humanos que no caso é a CONADEH.

Todavia, ocorre um problema de datação formal quando pesquisamos sobre a CONADEH, o site dessa organização indica que ela foi criada em 1964, isso pode ser evidenciado desde o logo dessa organização, de suas notas oficiais e nos materiais que apresentam Luis Alfonso Resck como seu presidente <sup>337</sup>. Essa periodização da CONADEH pode ser compreendida, entre outros fatores, como uma forma de legitimar a luta individual de Resck e da organização de direitos humanos da qual foi presidente. Além de poder ser conectada a luta de Carmen de Lara Castro e sua *Comisión*, mas, ainda assim, não faz alusão sobre essa origem no site. Pode-se até entender a luta de Resck pelos direitos humanos como uma continuação, como ele mesmo o faz, mas não se pode fazer o mesmo com a instituição criada em 1993, já que não seguiu os mesmos objetivos e estrutura da *Comisión*, visto que se inseriu em um contexto de Democracia, e, além disso, possui nomenclatura diferente <sup>338</sup>. Teria que se fazer um estudo mais aprofundado sobre a CONADEH para se especificar a reivindicação dessa data e sobre a origem dessa organização. Porém se faz importante ressaltar sobre isso desde a

---

<sup>336</sup> RESCK, Luis Alfonso. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Assunção, Paraguai. Gravador Digital. 07/05/2014. Acervo da autora. p.5.

<sup>337</sup> Ver em < [http://www.conadeh.org.py/quienes\\_somos.html](http://www.conadeh.org.py/quienes_somos.html)> Acesso em 23/03/2016, Sobre uma fala de Luis Alfonso Resck:<<http://cabildoccr.gov.py/ejemplo-de-vida-y-luchador-por-los-derechos-humano/>> Acesso em:11 mai. 2016. Na apresentação do Congresso de 2011: <<http://www.conadeh.org.py/Documentos/Congreso%20DDHH.pdf>> 04/06/2016. Outra reportagem em que ele comenta sobre a fundação da *Comisión*, mas conectando a CONADEH < <http://conadehpy.blogspot.com.br/2009/09/link-lamento-que-lugo-no-haya-creado-el.html>> 05 mai. 2016.

<sup>338</sup> Esse tema não será expandido na dissertação, mas aparece em pelo menos duas entrevistas: Juan Vera De Monges e Dionísio Gauto Galeano que fizeram parte da criação da CONADEH em 1993.

entrevista de Resck, já que ele criou a data de 1964 como ponto de partida para a CONADEH.

Retomando a discussão sobre a emergência da *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos*, é importante pensar porque a CODEHUP foi formalizada em 1967. Essa questão pode ter diversas respostas e podem estar imbricadas com: o suporte legal da Constituição Nacional no que diz respeito aos direitos humanos, a oposição *Liberal*, do qual Carmen de Lara Castro fazia parte, foi reconhecida pelo regime, o recebimento de apoio de pessoas respeitadas na sociedade paraguaia ou um momento em que houve possibilidade de aliança entre as pessoas que a fundaram.

Possivelmente a conexão entre o governo e o *Partido Liberal Radical* reconhecido pela Junta Eleitoral, trouxe um maior espaço de mobilização para a oposição. Outro ponto relevante é que se criou um organismo de direitos humanos autônomo, não mais vinculado a departamento de partidos políticos. Além disso, em 1968, Carmen de Lara Castro tornou-se deputada nacional e obteve imunidade parlamentar <sup>339</sup>, que pode ter funcionado somente no papel da constituição, mas pode ter sido mais um componente para compreender sobre a organização que tinha Carmen de Lara Castro como presidenta.

Sobre as/os fundadoras/es da *Comisión* obtive alguns nomes que foram lembrados durante as entrevistas como: Carmen de Lara Castro, Jéronimo Irala Burgos e Luis Alfonso Resck. E o único documento que encontrei no *Archivo del Terror* e que apresenta uma lista nominal de participantes da *Comisión* está sem datação, mas acredito que se refira ao fim da década de 1970 e início da década de 80 – devido à menção a Martin Lara Castro e a Tício Escobar, pois ambos ingressaram nesse período como narraram durante suas entrevistas <sup>340</sup>.

---

<sup>339</sup> Do artigo N°142 sobre imunidade parlamentar, ver em:< <http://www.cedep.org.py/wp-content/uploads/2012/09/CONSTITUCION-NACIONAL-1967.pdf>> Acesso em: 10 mai. 2016. >PARAGUAI. Constituição (1967). *Constitución de la Republica del Paraguay*: promulgada em 25 de agosto de 1967, p. 18.

<sup>340</sup> ARGAÑA, Luis Manuel Escobar. (Tício Escobar). Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 22/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 2.

Figura 8- Mesa Directiva de la *Comisión de los Derechos Humanos del Paraguay*

00097F2138 MESA DIRECTIVA DE LA COMISION DE DEFENSA DE LOS  
DERECHOS HUMANOS EN EL PARAGUAY.-

Presidente : Carmen Dejesús Casco de Lara Castro  
 Vice-Presidente : Prof.Dr.Jerónimo Irala Burgos  
 Miembros : Prof.Dr.Miguel Angel Martinez Yaryes  
 : Fulgencio Bareiro Rodas  
 Secretaria Gral. : Dra.Olga Ceballero  
 : Enrique Gossen  
 Coordinador Gral. : Dr.Luis Manuel Escobar Argaña (Ticio)

EQUIPO DE TRABAJO

DR.MANUEL RADICE  
 DR.ADRIANO IRALA BURGOS  
 HERNAN GUGGIARI  
 ESTELA DE PALAU  
 GLORIA MUÑOZ  
 MARIA ELENA PEREZ E.  
 MARTA FERRARA  
 ELIDA LIZZA H.  
 ROSALBA ARGANA DE ESCOBAR  
 SARA RIVAROLA DE LATERZA  
 ARTURO PEREIRA  
 CUSTODIA DE IBAZABAL  
 RUDI TORGA  
 ELFRIDE GOSSEN  
 MARTIN LARA CASTRO  
 MABEL VALDOVINOS  
 DR.GUSTAVO PANIAGUA  
 CARLOS MATEO BALMELLI

-----0000-----

MESA DIRECTIVA de la Comisión de los Derechos Humanos en el Paraguay. Disponible no Centro de Documentación y Archivo para la Defensa de los Derechos Humanos. Assunção, Paraguai. 00097F2138. (Acervo Autora).

Sobre o documento citado é relevante frisar que faz parte de uma série de listas datilografadas pela polícia stronista e que tinha o sentido de controle, pois, em sua sequência apresenta diversos partidos paraguaios com os nomes das pessoas os compunham. Destaco aqui as organizações e as datas que foram listadas na série documental<sup>341</sup>: *Partido Liberal*

<sup>341</sup> Disponible no Centro de Documentación y Archivo para la Defensa de los Derechos Humanos. Assunção, Paraguai. 00097F2129-097F2140. (Microfilme). Acervo autora.

*Radical (1988-1990), Partido Revolucionário Febrerista (1988-1990), Partido Liberal Radical Autentico (1988/1990), Partido Liberal Tette (sem data), Partido Liberal (sem data), Partido Demócrata Cristiano (1986), Junta del Gobierno, Movimiento Popular Colorado (1987-1990).*

Entre esses documentos que denominam os partidos citados, a *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos* aparece quicá por sua envergadura ou proximidade com os partidos e a atuação de denúncia contra o regime. Dessa lista desenvolvida pela polícia stronista não possuo clareza se todas as pessoas nomeadas participavam da *Comisión* ou estavam listadas para serem enquadradas pela polícia devido a algum envolvimento com as/os organizadoras/es. Algo interessante é que o nome de Luis Alfonso Resck não aparece entre as/os participantes, talvez porque já estivesse no exílio, por esquecimento dos policiais ou, até mesmo por alguma cisão entre o grupo.

Conversando posteriormente com Martin Lara Castro sobre essa lista de pessoas membros da *Comisión*<sup>342</sup>, ele afirmou que recordava de algumas pessoas, mas outras deveriam ter ajudado ou eram colaboradores. Note-se que muitas pessoas citadas no documento compõem a *Equipo de trabajo*. Martin Lara Castro explicou que se tratava das pessoas que colaboraram de alguma forma, mas que não se recordava de todas, podendo evidenciar que muitas pessoas listadas não fossem tão atuantes na *Comisión*.

É relevante que muitas pessoas que são indicadas nesse documento não foram lembradas nas entrevistas. Das pessoas que são recordadas nelas, destaco: Elida Lizza<sup>343</sup>, Maria Elena Perez Echauri<sup>344</sup>, Manuel

---

<sup>342</sup> Conversa inicialmente realizada por email e posteriormente por meio do *WhatsApp* no dia 11 jun. 2016.

<sup>343</sup> RAMIREZ, Nelson Garcia. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 14/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 13, CASTRO, Martín Alejandro Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Gravador Digital. Acervo da autora, p. 1, DE GARCIA, Maria Vitctoria Riart. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Gravador Digital. Acervo da autora, p. 1, CASTRO, Luis Félix Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. 13/01/2015. Assunção, Paraguai. Gravador Digital. Acervo da autora, p. 16.

<sup>344</sup> ARGAÑA, Luis Manuel Escobar. (Tício Escobar). Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 22/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 11, DE GARCIA, María Vitctoria Riart. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 14/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p.1, CASTRO, Martín Alejandro Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Gravador Digital.

Radice<sup>345</sup>, Custódia de Irrazabal<sup>346</sup>, Miguel M. Yaryes<sup>347</sup>, Adriano e Jerónimo Irala Burgos<sup>348</sup>, Luis Alfonso Resck<sup>349</sup>, Tício Escobar

---

Acervo da autora, p. 1, CASTRO, Fernando Adolfo Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 21/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p.11, CASTRO, Jorge Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 22/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora. (Segunda entrevista), p. 4, CASTRO, Luis Félix Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. 13/01/2015. Assunção, Paraguai. Gravador Digital. Acervo da autora, p.16.

<sup>345</sup> CASTRO, Martín Alessandro Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Gravador Digital. Acervo da autora, p.1.

<sup>346</sup> CASTRO, Martín Alejandro Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 1, CASTRO, Fernando Adolfo Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 21/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 11.

<sup>347</sup> CASTRO, Martín Alejandro Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Gravador Digital. Acervo da autora, p.1, CASTRO, Jorge Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. 03/05/2014. Assunção, Paraguai. Gravador Digital. Acervo da autora, p. 4.

<sup>348</sup> CASTRO, Martín Alejandro Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Gravador Digital. Acervo da autora, p.1, CASTRO, Jorge Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. 03/05/2014. Assunção, Paraguai. Gravador Digital. Acervo da autora, p. 3, ARGAÑA, Luis Manuel Escobar. (Tício Escobar). Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 22/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 11, RAMIREZ, Nelson Garcia. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 13/01/2015. Assunção, Paraguai, p. 20, CASTRO, Luis Félix Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 13/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 16.

<sup>349</sup> CASTRO, Martín Alejandro Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Gravador Digital. Acervo da autora, p.1, ARGAÑA, Luis Manuel Escobar. (Tício Escobar). Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 22/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p.11, RAMIREZ, Nelson Garcia. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 14/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p.20, CASTRO, Luis Félix Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. 13/01/2015. Assunção, Paraguai. Gravador Digital. Acervo da autora, p. 16, PAREDES, Claudio Roberto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. 03/05/2014. Assunção, Paraguai. Gravador Digital. Acervo da autora, p. 2.



Argañá<sup>350</sup>, Pastor Ilhe<sup>351</sup> e Rosalba Argaña de Escobar<sup>352</sup>. Possivelmente essas pessoas sejam lembradas, pois, algumas delas tinham relações de parentesco com as/os entrevistadas/dos, outras tinham laços de amizade, ou, talvez, por terem se destacado na política de alguma forma e por isso foram lembradas/os. Não há como saber ao certo porque algumas pessoas foram recordadas e outras esquecidas, teria que se aprofundar o problema sobre a construção da *Comisión*, mas não foi o enfoque das entrevistas em si. Ainda sobre o assunto, alguns entrevistados não se lembravam de nenhuma pessoa durante a entrevista para além de Carmen de Lara Castro quando mencionávamos sobre a *Comisión*<sup>353</sup>.

Ainda sobre o documento do *Archivo del Terror* é significativo que a *Comisión* apareça entre os partidos políticos, já que a série não tratava somente sobre a oposição, pois apresenta o nome de pessoas do *Partido Colorado* e da Junta do Governo. Na série o nome de Carmen de Lara Castro, é exibido duas vezes em organizações diferentes: tanto como presidenta da *Comisión*, quanto na lista de pessoas integrantes do *Partido Liberal Radical Autentico* evidenciada como membro titular<sup>354</sup>.

Publicamente a *Comisión* não era tolerada pelo regime, fazia parte dos inimigos stronistas<sup>355</sup>, não possuía amparo legal, todavia possuía uma

---

<sup>350</sup> CASTRO, Martín Alejandro Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Gravador Digital. Acervo da autora, p.1.

<sup>351</sup> ARGAÑA, Luis Manuel Escobar. (Tício Escobar). Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 22/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p.2.

<sup>352</sup>ARGAÑA, Luis Manuel Escobar. (Tício Escobar). Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 22/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p.11.

<sup>353</sup> CASTRO, Jose Manuel Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Gravador Digital. Acervo da autora, DE VARGAS, Francisco. [Pancho]. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. 16/01/2015. Assunção, Paraguai. Gravador Digital. Acervo da autora, p.4. LAINO, Rafaela Guanes. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora.

<sup>354</sup> Outras mulheres são apresentadas nessa lista da pessoas que compõem o *Partido Liberal Radical Autentico* 1988/1990, são elas: Edda De Los Rios Laterza, Adalita Del Puerto Schaerer, Clarisa Miranda. MESA DIRECTIVA de la Comisión de los Derechos Humanos en el Paraguay. In: *Centro de Documentación y Archivo para la Defensa de los Derechos Humanos*. Assunção, Paraguai. 00097F2133-34. (Acervo Autora).

<sup>355</sup> Assim como qualquer organização que fizesse oposição, a *Comisión* era considerada inimiga ou subversiva por tratar de desqualificar o Estado Paraguai.

gama de pessoas da elite política paraguaia que mesmo atuando na oposição exerciam influência em embaixadas, em partidos políticos, em igrejas, entre outras instituições sociais que emergiram. Durante o regime falar de direitos humanos e denunciar as violações do Estado era visto como subversão e difamação. Então havia a necessidade de cautela na incorporação de seus membros e na articulação com as organizações internacionais de direitos humanos, embaixadas, igreja e pessoas que estivessem dispostas a auxiliar o grupo.

Enfatizando a questão do funcionamento da *Comisión* percebo que na década de 1960, ela atuava de forma mais simples, com menor número de integrantes e alianças com outras organizações. Dos arquivos policiais que conformam o *Archivo del Terror*, as décadas de 1950 e 1960, não são períodos tão detalhados como foram as décadas de 1970 e 1980, eventualmente por isso não encontrei documentos que apresentassem mais detalhes sobre a organização da *Comisión*. Como destacam investigadoras/res sobre o *Archivo del Terror*, foi na década de 1950 que no Paraguai se criou o *Departamiento Nacional de Asuntos Tecnicos* – DNAT<sup>356</sup>, e que foi se ramificando e se especializando não somente na investigação, como também no uso de torturas. Sendo as décadas de 1970 e 1980 as que possuem maior cobertura de informações e documentos <sup>357</sup>.

É relevante refletir sobre os documentos do *Archivo del Terror* e aquela lista de nome das pessoas integrantes da *Comisión* e como essas fontes nos fazem compreender sobre o período ditatorial. Por mais que seja um documento policial e que claramente foram escritos, datilografados ou sequestrados por um agente da repressão stronista. Fazem-nos confirmar e refletir, entre tantos usos que os documentos do *Archivo del Terror* podem trazer, que durante o stronismo, a polícia paraguaia teve um sistema de repressão extremamente controlador e eficaz.

---

Afirmo isso com base nas leituras que abordam o tema sobre ditadura e os direitos humanos no Paraguay, as entrevistas e documentos do *Archivo del Terror*.

<sup>356</sup> NICKSON, Andrew. *Op. Cit.*, 2010, p. 289.

<sup>357</sup> Essa informação pode ser evidenciada no site que compõem a base de dados do *Projecto Memoria Histórica, Democracia y Derechos Humanos*. Com uma busca rápida se pode perceber que a quantidade de documentos produzidos e sequestrado pela polícia cresceu drasticamente entre essas décadas. Disponível em <[http://www.aladin0.wrlc.org/gsd/collect/terror/terror\\_s.shtml](http://www.aladin0.wrlc.org/gsd/collect/terror/terror_s.shtml)> Acesso em 9 mai. 2016 . Para saber mais, ver em: PAZ, Alfredo Boccia, AGUILAR, Rosa Palau, GONZÁLEZ, Myrian Angélica. *Es mi informe- los archivos secretos de la policía de Stroessner*. 5 ed. Assunção: CDE, 2014, p. 113-120.

Como evidenciado por Ludmila da Silva Catela, muito dos documentos guardados pela polícia – como fotos, livros, cartazes, documentos, cartas, revistas e, etc – foram roubados ou criados durante os anos de ditadura e foram usados como provas para incriminar a/o inimiga/o. Esses fragmentos do passado repressivo que compõem, nesse caso o *Archivo del Terror*, usados no presente se dão no revês do sentido em que eles foram criados ou roubados: o de reconstruir a história de pessoas e movimentos sociais em geral, de “mostrar os segredos” do período e dar significado a verdade e justiça contra a impunidade, entre outros <sup>358</sup>.

O número de documentos produzidos ou sequestrados pela polícia stronista, expandiu durante as décadas, de modo geral desde 1970, mas de modo peculiar, os documentos em que Carmen de Lara Castro é citada também denotam essa ampliação. Ou seja, uma maior investigação da polícia sobre essa personagem que também coincide com o período em que ela atuou seja na política partidária, seja na luta pelos direitos humanos <sup>359</sup>.

## 4.2 As memórias sobre a *Comisión*: sua organização e seu funcionamento

Em entrevista com algumas pessoas envolvidas diretamente com a *Comisión* como Tício Escobar Argaña, Martín Lara Castro e Luis Alfonso Resck, pude compreender sobre o que faziam e o que era essa organização, além de como eles apresentam a atuação de Carmen de Lara Castro dentro dela. O relato a seguir é de Tício Escobar Argaña, que na

---

<sup>358</sup> CATELA, Ludmila. El mundo de los archivos. In: JELIN, Elizabeth, CATELA, Ludmila (Org.). *Los Archivos de la represión*, documentos, memória y verdade. Madrid: Siglo XXI, 2002, p. 212-213.

<sup>359</sup> Como mencionei anteriormente, foi feito um grande levantamento de fontes no *Archivo de Terror* no ano de 2015. Entretanto como esse trabalho se propõe discutir memórias e, também devido ao curto tempo do mestrado. A documentação selecionada no *Archivo* foi “descartada” do texto, com exceção de uns documentos que foram agregados a análise. Todavia, destaco que a afirmação sobre a ampliação da polícia sobre a personagem de Carmen de Lara Castro pode ser verificado no site do site do *Proyecto Memoria Histórica, Democracia y Derechos Humanos*. Disponível em < <http://www.aladin0.wrlc.org/gsd/cgi-bin/library?e=d-01000-00---off-0terror--00-1--0-10-0---0---0prompt-10---4-----0-11-11-es-50--20-home---01-3-1-00-0-0-11-0-0utfZz-8-00&a=d&cl=CL2.3>> Acesso em 12 mai. 2016

década de 1970 foi colega de Jorge Lara Castro no curso de Direito <sup>360</sup>. Em entrevista conta que se envolveu com a questão do Movimento Estudantil e dos direitos humanos, mas não soube precisar como ele teria conhecido Carmen de Lara Castro ou a partir de quando fez parte da *Comisión* como Cordenador Geral <sup>361</sup>. Segundo Tício Escobar sua mãe, Rolsaba Escobar Argaña, era amiga de “Coca” e que também fazia parte da *Comisión*, seu pai, Jorge Hipólito Escobar, foi um dos fundadores do Partido Demócrata Cristiano, e também era amigo de “Coca”. Então, Carmen de Lara Castro, já fazia parte do círculo de amizade de sua família, talvez, por isso, não sabia evidenciar como a conheceu <sup>362</sup>. No excerto que segue, Escobar comenta o que era a Comissão e o que fazia:

[TE-] Basicamente o trabalho da *comisión* era denunciar os casos de denúncias de violações de direitos humanos, proteger os presos políticos, ajudá-los e visitá-los quando estavam presos. E iniciar a parte do seguimento jurídico, que não havia muito, mas era algo. Por exemplo, quando eu estive preso, em uma das vezes, a *Comisión* foi a que fez uma questão jurídica, foi um dos poucos casos em que se acercaram de um processo jurídico. [...].

Era uma questão mais pragmática, porque uma das funções era o trabalho de consciência: os congressos, os encontros e levar para as pessoas a importância dos direitos humanos, e isso era muito difícil de fazer. Então praticamente o que se fazia era ir juntando as pessoas de peso do meio para ir se construindo uma certa muralha contra à repressão, contra um aspecto da repressão. E *Coca* fazia muito isso e visitava os presos nas prisões. Ela salvava muitas vidas porque bastava que ela fosse

---

<sup>360</sup> ARGAÑA, Luis Manuel Escobar. (Tício Escobar). Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 22/01/2015. Assunção Paraguai. Acervo da autora, p. 6.

<sup>361</sup> ARGAÑA, Luis Manuel Escobar. (Tício Escobar). Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 22/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 6.

<sup>362</sup> Tício destaca a participação de sua mãe na *Comisión*, dizendo: “Minha mãe trabalhou também na Comissão. Minha mãe trabalhou e ela era absolutamente amiga de *Coca*”. ARGAÑA, Luis Manuel Escobar. (Tício Escobar). Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 22/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p.5.

ao cárcere de tal lugar e dizer: – fulano tá aqui! Sei que está aqui e mostravam que estava ali! Isso significava que para essa pessoa que salvaram a sua vida <sup>363</sup>.

A fala de Tício Escobar sintetiza o que muitas/os entrevistadas/os apontam sobre o que era a *Comisión*. De formas diferentes, mas, muito próximas, as narrativas sobre o ofício dessa organização enfocam nas questões dos auxílios, das denúncias, das visitas e do “trabalho de consciência”. A ênfase na denúncia e na visita às pessoas presas como uma condição para mantê-las vivas, aparece também na narrativa de Alfredo Boccia, Francisco De Vargas, Julian Monges de Vera, Jorge de Lara Castro, José Manuel Lara Castro, para apenas citar as pessoas que foram auxiliadas por Carmen de Lara Castro<sup>364</sup>.

Falar sobre tortura, denunciar os atropelos aos direitos humanos, pode ser entendido também como uma forma usada para congregiar pessoas para participarem da *Comisión*, além de buscar salvar vidas. A empatia gerada pelos discursos, pelo sofrimento das pessoas presas, poderia criar a consciência para a ação ou, pelo menos, alertar sobre o que ocorria no Paraguai, visto que a maioria das pessoas presas eram torturadas<sup>365</sup>. Os congressos e os encontros mencionados no trecho da entrevista podem ser localizados no final da década de 1970, quando a

---

<sup>363</sup> ARGAÑA, Luis Manuel Escobar. (Tício Escobar). Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 22/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 14-15.

<sup>364</sup> PAZ, Alfredo Boccia. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Gravador Digital. Acervo da autora, p. 11, DE VARGAS, Francisco. [Pancho]. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. 16/01/2015. Assunção, Paraguai. Gravador Digital. Acervo da autora, p.3, MONGES, Julian Vera. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 16/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 1-2, CASTRO, Jorge Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Assunção, Paraguai. Gravador digital. 03/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 6-7, CASTRO, Jose Manuel Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 4-5.

<sup>365</sup> Sobre a questão da empatia e direitos humanos ver em: WOLFF, Cristina Scheibe. Pedacos de alma: emoções e gênero nos discursos da resistência. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 23(3): 975-989, setembro-dezembro/2015. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.1590/0104-026X2015v23n3p975> > Acesso em 9 mai. 2016, HUNT, Lynn. *Op. Cit.*, 2007, p. 267, p. 105-106.

*Comisión* já possuía alianças com outras organizações e não estava mais sozinha no cenário paraguaio.

Outro ponto interessante de sua fala é a que desperta para a ideia de que bastava Carmen de Lara Castro encontrar a pessoa desaparecida no cárcere que não poderiam mais sumir ou matar a pessoa. Essa é uma questão apresentada por outros entrevistados, e dá a entender que ao visitar e encontrar alguém que estava desaparecida/o, ela poderia anunciar em periódicos ou levar a conhecimento de outras pessoas, o paradeiro ou a situação em que se encontrava a pessoa presa. Desse modo, salvava vidas. Porém, sua fala também mostra que ela era alguém com boa relação pública no país.

Do que pude averiguar, sobre o trabalho desenvolvido por Carmen de Lara Castro e sua equipe, era que tinham o objetivo de: auxiliar, denunciar e informar, para “construir muralhas” contra a violência Estatal. Com apoio de pessoas e grupos a *Comision* ampliou suas/seus integrantes<sup>366</sup>, assim como suas intervenções na medida em que as organizações de direitos humanos emergiram e que as notícias e dados sobre a violência estatal eram trocados no Paraguai, saindo do país em direção ao Norte e a Europa.

A ideia de “trazer pessoas de peso” para a *Comisión* faz muito sentido, dado que deveriam ser pessoas que compartilhassem dos objetivos e que pudessem somar na luta pelos direitos humanos. Essa é uma questão que emergiu na entrevista de Tício Escobar, quando ele refletiu sobre o envolvimento de Carmen de Lara Castro na política e na *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos*. O excerto é longo, mas infere sobre essas questões que permeiam a pesquisa,

[TE-] [...] Ela se envolveu na política partidária com um sentido de justiça. Nesse momento o Partido mais forte, mais popular e mais opositor era o *Partido Liberal Radical Auténtico*. Chamava-se *Partido Liberal*, depois que se repartiu, ficou *Partido Liberal Radical* que foi quando os Levi Rufinelli se lançaram para o governo. Daí, formaram o *Partido Liberal Auténtico*. Ela teve militância partidária sempre. Interessou-se pelo partido e foi uma das figuras mais dignas. Como te disse, nesse momento, havia líderes e eram muito

---

<sup>366</sup> Isto pode ser evidenciado na narrativa de Luis Alfonso Resck quando afirmou que 1960, poucas pessoas fundaram a *Comisión* e a “a lista de pessoas membros” da década de 1980 em que aparecerem outros possíveis nomes de integrantes.

respeitados, queridos e com muito prestígio dentro do partido. Não como agora que são tudo... Nesse momento o *Partido Liberal* era a oposição mais interessante que havia, porque o *Partido Febrerista* que era um partido um pouco mais de esquerda, era muito pequeno. A *Democracia Cristiana* era de um padre que a fundou, também, era um pouco mais progressista, mas muito pequeno e não havia outra coisa. Ela desde aí, começou a se preocupar pelos direitos humanos e foi envolvendo o partido. E no aparato do partido, e em grande parte, forçou-os a agir. O trabalho pelos direitos humanos foi um trabalho do partido que ela praticamente tomou para si. Mas ela começou com uma militância pelos direitos humanos independentemente. Dentro de um quadro partidário, *Coca* tinha sua autonomia. Ela nunca se chocou com seu partido, óbvio que havia discussões de direito, mas tinha autonomia.

[TS-] Até porque a Comissão tinha pessoas de outros partidos.

[TE-] Claro, tinham de outros partidos, Resck era da Democracia Cristã. Quase todos eram da Democracia Cristã. Resck, depois o pastor Ihle da Igreja [Evangélica del Río de la Plata], Jerónino Irala Burgos que era da Democracia Cristã, Irala Burgos, minha mãe. E ela tinha uma amiga pessoal que também era *Liberal* que trabalhava com os direitos ....

[TS-] Elisa Lizza?

[TE-] Elena Perez Echauri. Maria Elena creio que era como se chamava. Ela era uma pessoa que era como sua sombra, estava todo o tempo com ela e a ajudava. E era uma senhora... é muito interessante pensar que era um fenômeno estranho por que elas eram pertencentes da aristocracia paraguaia<sup>367</sup>, da antiga oligarquia paraguaia, então tinham também

---

<sup>367</sup> Até onde pude rastrear D. Martin Echauri foi governador do Paraguai no período em que era Colônia da Espanha, talvez decorra desse fato a ideia de alta origem familiar. DE CHARLEVOIX, Pierre François Xavier. *The History of Paraguay*. 2. v. Universidade de Michigan: L. Davis, 1769, p. 267 Disponível em <<https://books.google.com.br/books?id=JAJGAAAAMAAJ&pg=PA267&dq=don+martin+echauri+paraguay&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwj7nfD97tXMAhVGj5AKHVy7CDMQ6AEIHZA#v=onepage&q=don%20martin%20echauri%20paraguay&f=false>> Acesso em 12 mai. 2016.

uma série de relações que vinham de sua origem de classe alta. Não alta enquanto questões de dinheiro, mas uma ascendência de família...

[TS-] Um nome?

[TE-] Sim, eram sobrenomes da aristocracia paraguaia, Echauri. Sobrenomes históricos dentro do Paraguai. O pai [de Carmen de Lara Castro] já havia perdido dinheiro por questões políticas, quando os *Colorados* lhes tiraram as propriedades<sup>368</sup>... Mas, Lara Castro era um sobrenome e Casco Miranda também. Ela foi sobrinha de Mariscal Estigarribia e de Julia Miranda Cueto<sup>369</sup> que eram famílias aristocráticas. E isso não significa o mesmo que hoje em dia, que são famílias de poder econômico e tal, por serem políticos, mas naquela época eram importantes socialmente...

[TS-] conhecidas?

[TE-] Eram muito conhecidas e com muito prestígio. Eram as boas famílias de Assunção. E ainda assim, dá um certo aspecto particular. Ela ia de carro e *pá, pá, pá!* Ia se movendo por todo lado! Ía a Igreja, as embaixadas e falava com certas pessoas que tinham dinheiro e eram opositoras. Então foi esse um elemento que ela usou. Ela tinha o aparato do partido e depois do Congresso, e também, tinha uma posição social na alta sociedade. Não era uma mulher de origem popular e campesina...<sup>370</sup>.

Desse excerto muitas análises poderiam ser feitas, desde a situação política dos partidos, pois Escobar vê no *Partido Liberal Radical Auténtico* a ala mais interessante e opositora do período. Fazendo uma distinção do partido em um momento atual que pode ser considerado “desprestigioso”, já que foi envolvido em vários casos de corrupção, entre outros problemas. Escobar ressalta o prestígio do sobrenome e da

---

<sup>368</sup> Aqui está falando da família Casco Miranda.

<sup>369</sup> Tia de Carmen de Lara Castro, casada com José Félix Estigarribia.

<sup>370</sup> ARGANA, Luis Manuel Escobar. (Tício Escobar). Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 22/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 9, GALEANO, Dionisio Gauto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 11-12.



autuação das pessoas que faziam parte dessa organização durante a ditadura stronista <sup>371</sup>. Outro ponto importante são as cisões do *Partido Liberal*, pois, foram vários os rachas ocorridos no partido, essas que são recordadas geralmente, são as que tiveram maior destaque na política ou que foram reconhecidas, mas tiveram outras, como o: *Partido Liberal Unido*, *Partido Liberal Tetê*. E evidenciam um jogo complexo e pouquíssimo estudado sobre as cisões e as tentativas de unir o *Partido Liberal* durante o regime stronista <sup>372</sup>.

O *Partido Liberal Radical Autentico* foi criado em 1978, e é considerado o mais opositor das outras correntes *Liberales*, pois colocou-se na oposição no sentido de não participar mais das eleições a partir de 1977. Ele foi formado a partir de várias cisões internas no *Partido Liberal Radical*. E Domingo Laino, Miguel Angel Martínez Yaryes, Carmen de Lara Castro e Carlos Alberto González foram a/os expoentes desse novo partido não reconhecido. Depois no ano de 1979, formaram o *Acuerdo Nacional* que congregou os partidos abstencionistas reconhecidos ou não pela *Comisión Electoral*, como: o *Partido Febrerista*, *Movimiento Popular Colorado* – MOPOCO – e *Partido Demócrata Cristiano* <sup>373</sup>.

---

<sup>371</sup> Faço um adendo, já que essa é uma longa discussão dentro da história política paraguaia, para a questão do desprestígio, pois desde a década de 1940, quando o *Partido Liberal* é deposto do ambiente do poder Estatal sofreu vários ataques que, aliás, eram bastante comuns na imprensa que era opositora ao partido, chamando-os de legionários, de traidores e faziam alusão as tropas que se opuseram a Solano López durante a Guerra Tríplice Aliança desde a Argentina. Além disso, durante a presidência de Higinio Morínigo o *Partido Liberal* se tornou proscrito e muitos de suas/seus membros expulsos/os. E durante a ditadura, apesar de tolerado, o *Partido Liberal* era a oposição ao *Colorado*. Na década de 1980, o *Partido Liberal Radical Autentico*, tornou-se um dos importantes partidos de oposição que buscou unir forças contra Stroessner, como, por exemplo, a congregação de vários partidos com o nome *Acuerdo Nacional*. Para saber mais: SOUZA, José Carlos. *Op. Cit.*, 56-77, p.185-186, LEWIS, Paul. *Op., Cit.*, p. 319- 405.

<sup>372</sup> O autor Alfredo Boccia Paz, em seu dicionário do stronismo, traz uma tabela com as diversas cisões do *Partido Liberal* que entre o ano de 1962 a 1979 foram de número de catorze divisões internas. PAZ, Alfredo Boccia. *Op. Cit.*, 2004, p. 75.

<sup>373</sup> Alguns livros que investigam o stronismo apresentam um panorama das cisões dos partidos, mas não aprofundam suas análises, sendo esse um tema que merece novas investigações. Os trabalhos de Ardití, Brun e Lewis, já citados na dissertação, apresentam algumas características mais gerais sobre os partidos, principalmente o *Colorado* é o mais estudado, dado que foi o partido de Stroessner, porém não conheço trabalhos que tratem dos outros partidos nesse

Na narrativa, Carmen de Lara Castro é apresentada como a impulsionadora dos direitos humanos dentro do partido, além de parecer ter bastante autonomia dentro dele. A questão da alta origem social é recorrente em várias entrevistas e, como já foi mencionado nos capítulos anteriores, e é agregada a atuação política de Carmen de Lara Castro. A *Comisión* é situada então, como uma organização de pessoas da alta origem, não financeiramente abastadas, mas de prestígio, pertencentes à oligarquia política do Paraguai. Dentre as pessoas recordadas por Tício Escobar, vários personagens homens são enfatizados e conectados a seus partidos, mas, quando ressalta a questão do prestígio e reconhecimento de origem familiar, logo cita as mulheres que participaram da *Comisión*, enfatizando que esse foi um fenômeno estranho, quando trata das mulheres dessa organização.

Algo que chama atenção é quando se recorda de Maria Elena P. Echauri. Como alguém pode ser uma sombra de outra pessoa? A ideia de “sombra” assemelhasse como algo que permanece na inércia – que na fala de Escobar é entendida como algo quase natural – por quatro possíveis motivos: 1º- Uma pessoa que não quer aparecer publicamente, que atua no anonimato, 2º- Uma pessoa que segue outra, sem ter sua própria raiz de ação, 3º- Pessoa que está sob o amparo de outra, 4º- Pode apresentar, também, o entendimento de que Carmen de Lara Castro era a representante principal da *Comisión*, no sentido de ofuscar as outras pessoas que dela faziam parte, agindo como sombras entorno dela. No entanto, por que essa mulher é tratada como uma sombra?

A meu ver, os homens da *Comisión* também seriam sombras ofuscadas por Carmen de Lara Castro, visto que de modo geral, somente sua figura é ressaltada quando se trata da *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos*, mas não são lembrados dessa forma enquanto sombras. As pessoas que foram destacadas como participantes dessa organização durante o texto aparecem principalmente nas memórias orais, até onde pude averiguar não são comumente citadas/os nos livros. O fato de estar com Carmen de Lara Castro, auxiliando seja nas visitas e no recolhimento de roupas e víveres para as pessoas presas, o que poderia ter sido uma ação de Maria Elena Perez Echauri, era uma ação importante dado que era um risco agir <sup>374</sup> mesmo que estivesse na “sombra da outra”,

---

período abordado. Para saber sobre esses partidos, indico o livro de Paul Lewis: LEWIS, Paul. *Op. Cit.*, 1986, p. 319- 415.

<sup>374</sup> Possivelmente, por ser uma pessoa de “alta origem” não sofreria abusos advindos da repressão da mesma forma que uma pessoa vinda do campo, ou uma pessoa da classe trabalhadora, ou de alguma etnia indígena.

nesse sentido o termo sombra parece amenizar a participação dessa mulher na *Comisión*.

A reflexão de Tício Escobar infere que a origem de Carmen de Lara Castro, foi uma facilitadora para buscar alianças na luta pelos direitos humanos e para o arrecadamento de fundos econômicos. O fato de ser deputada nacional, também com imunidade política e destaque em seu partido, já que era a única mulher, naquele período de 1968-1973 a conquistar um cargo parlamentar pelo *Partido Liberal Radical*, também desperta para essa relação de alianças entre “pessoas de peso”. Como Escobar atenta, Carmen de Lara Castro não era uma mulher de “origem popular”, sua posição social, certamente favoreceu sua agência. É relevante perceber que não eram só as mulheres as pessoas com “sobrenome” importante, mas a maioria das pessoas que participaram dessa organização<sup>375</sup>, até mesmo ele, Tício Escobar Argaña e sua mãe, Rosalba Escobar Argaña eram/são pessoas reconhecidas pelo sobrenome.

Destaco ainda, que é interessante a relação que ele fez da participação dessas mulheres na *Comisión* como um “fenômeno estranho”, pois eram mulheres de classe alta realizando ajuda as pessoas presas. Porém, pensando na atuação das mulheres, principalmente as de elite, era consideravelmente normal a ação delas em organizações de caráter caritativo, pois, desde final do século XIX em Assunção, foram organizadas comissões e instituições de amparo a pessoas necessitadas. Claramente que a situação aqui se modifica, pois, a *Comisión* era vista pela polícia como um grupo de subversivas/os contra o regime o que torna a presença e atuação de mulheres da elite como um “fenômeno estranho”.

É fulcral pensar nessa *Comisión* e suas articulações pessoais, regionais e internacionais, para compreender as memórias acerca de Carmen de Lara Castro, já que muitas pessoas entrevistadas participaram dessa organização e/ou foram auxiliados de alguma forma por ela. Importante também é conhecer o contexto histórico em que emergiu para continuar a exposição sobre o funcionamento da *Comisión*. Essa organização existiu nas duas casas em que Carmen de Lara Castro residiu durante sua vida e isso ocorreu até sua morte em maio de 1993. Primeiro em uma casa da Rua *Nuestra Señora de Asunción*, número 870, no centro de Assunção, bastante próxima aos centros de detenção e tortura como a

---

<sup>375</sup> Seria necessário realizar um estudo sobre cada família para reforçar seus destacamentos sociais e culturais. Todavia, esse é um problema que não será abordado no trabalho, até onde pude investigar, várias pessoas citadas, foram importantes na política, no meio acadêmico, em setores importantes da igreja, artistas plásticos renomadas/os, entre outros.

*Comisaría*<sup>376</sup> Tercera, o *Departamiento de investigaciones* e *La Tecnica*, depois em uma casa projetada por seu filho Fernando Lara Castro, na Rua *Dr. Migone*, número 870, já no final da década de 1980<sup>377</sup>.

Carmen de Lara Castro no momento em que se tornou presidenta dessa organização era deputada pelo *Partido Liberal Radical*. Nesse sentindo, era uma parlamentar visivelmente comprometida com seu partido, mas também, presidenta de uma organização que não buscava ter vínculos políticos. Todavia, como muitas pessoas entrevistadas narraram, às reuniões do partido, além de convenções, de festas e de jantares, ocorriam em sua casa, pois, o partido não tinha uma sede<sup>378</sup>. E era a mesma casa onde funcionava a *Comisión*. Então, mesmo que a organização não tivesse um caráter não partidário, visto que as/os membros eram de partidos diferentes e atendia pessoas de diferentes partidos, a organização estava diretamente conectada ao *Partido Liberal Radical*, já que nessa casa havia pessoas que eram reconhecidamente partidárias.

De forma a continuar a exposição, destaco dois trechos da narrativa de Luis F. Lara Castro, pois recorda das funções que sua casa teve ao longo do tempo,

[LC-] [...] o *Partido Liberal* não tinha um local aonde se reunir e faziam a reunião em minha casa, na rua *Nuestra Señora de Asunción*, 870. E, que foi um grande problema também para nós. Porque tinha policiais na frente sempre! E não havia muitos candidatos que queriam ser membros do diretório nesse momento, não havia! Nessa época coincidiu também que

---

<sup>376</sup> A palavra *comisaría* é muito usada nas entrevistas, de modo que deixei o termo original e que designa esses espaços que foram usados para prender e torturar, podendo ser entendida como delegacias de polícia.

<sup>377</sup> CASTRO, Fernando Adolfo Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Assunção, Paraguai. Gravador digital. 21/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 10.

<sup>378</sup> RAMIREZ, Nelson Garcia. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 14/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 3- 15, LAINO, Rafaela Guanes. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p.12, CASTRO, Fernando Adolfo Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 21/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 5- 6.

minha mãe foi presidente da Comissão de Direitos Humanos e, tampouco havia candidato como hoje para se membro dessas organizações. Ao sair da casa tinham policiais te olhando [...] <sup>379</sup>.

[...] [TS-] Tinha muitas pessoas que ajudavam a *Comisión*?

[LC-] Não havia. A maioria das pessoas eram todas voluntárias. E por muito tempo funcionou na minha casa. Minha mãe viveu ali e depois se mudaram. Durante todo esse tempo a fundação nunca teve um local próprio que não fosse minha casa <sup>380</sup>.

Quando estive em Assunção no ano de 2015, momento em que realizei a maioria das entrevistas que compõem esse trabalho, caminhei por vários locais que apresentam para mim um significado de luta e resistência, como a *Comisaría Tercera* que fica em frente ao *Museo de la memoria* — onde funcionava um centro de tortura e detenção, conhecido como *La Técnica*, lugar que foi fechado em 24 de Dezembro de 1992 <sup>381</sup>. Outro local que conheci, foi a casa 870, da Rua *Nuestra Señora de Asunción*. Hoje, não é mais uma casa pertencente à família Lara Castro, mas ainda mantém a fachada da casa que um dia fez parte dessas narrativas <sup>382</sup>.

Na fala de Luis Lara Castro, o movimento na casa, as reuniões do partido, a organização de direitos humanos que existia com ajuda de pessoas voluntárias, além daquelas que eram reconhecidas como organizadoras/es, eram um empecilho para quem vivia ali. Com o entra e sai de pessoas membros do partido ou da *Comisión*, além da própria atuação de sua mãe em ambas as organizações, fazia com que a casa fosse cercada por policiais. Essa informação sobre a polícia que te olhava, ou

---

<sup>379</sup> CASTRO, Luis Félix Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 13/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p.8

<sup>380</sup> Ibidem, p. 9.

<sup>381</sup> Dois dias depois de encontrarem os documentos que ficaram conhecidos como *Archivo del Terror*, o juiz Luis María Benítez Riera ordenou o fechamento da Técnica. PAZ, Alfredo Boccia, AGUILA, Rosa Palau, SALERNO, Osvaldo. *Paraguay: los Archivos del Terror- los papeles que resignificaron la memoria del stronismo*. Assunção: Servicios Graficos del Poder Judicial, 2007, p. 32.

<sup>382</sup> A casa foi vendida, mas não sei informar o por que ou em que data, mas hoje outra família reside nela.

anotava coisas, ou *bisbilhotava*, é compartilhada também por outras pessoas entrevistadas.

A compreensão de não haver local para reunião é outro ponto interessante, visto que em apenas uma casa, congregavam-se pessoas de partidos e provavelmente até ideologias distintas. A narrativa dá impressão que Carmen de Lara Castrou abraçou essas “causas”, que muitas pessoas não podiam ou não queriam enlaçar, e as “colocou em sua casa”, local que poderia “tomar conta” mais de perto. Possivelmente, o sobrenome Casco Miranda de Lara Castro enquanto de respeito, sua posição no partido e como parlamentar fez dessa casa um local da resistência opositora. Essa casa será retomada novamente ao longo do texto, mas pensando as relações entre a casa, dado que foi um local em que abrigou duas organizações e as pessoas que ali circulavam, as organizações regionais que emergiram no Paraguai e sua vinculação com as outras que, dispostas em diversos locais do mundo, ajudaram a *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos* <sup>383</sup>.

#### **4.3. Apoios, denúncias, novas organizações e alianças na luta pelos direitos humanos**

[...] Vimos también el apoyo moral de organismos internacionales y de personalidades y presencia de representantes de entidades del exterior que vinieran para prestigiar este Congreso. Y se llevarán recuerdos de un encuentro sencillo, modesto, en su presentación, pero digno de respeto por el equilibrio, la autenticidad que duro durante la reunión. Llevarán también esos amigos de la convicción de que no somos una comisión sin apoyo, sin transcendencias, sino una comisión que unía todos, hicimos lo posible por llevarla adelante. Que en su once años de vida aunados siempre por el espíritu amplio con una altivez ciudadana y con verdadero patriotismo jamás tuvo en cuenta bandera política ni situación social. Nuestras informaciones jamás fueron falsas ni tan siquiera exageradas, por que la realidad cruel porque callarla. [...] <sup>384</sup>

<sup>383</sup> Apêndice 4 foto da casa de Carnen de Lara Castro, rua *Nuestra Señora de Asunción*, n. 870, Assunção/Paraguai. 20/01/1015.

<sup>384</sup> CANTERO, Alberto. Informe. 11 de dec. 1978. In: *Centro de Documentación y Archivo para la Defensa de los Derechos Humanos*. Assunção, Paraguai.

A destacada citação é parte da fala de Carmen de Lara Castro no encerramento do I Congresso de Direitos Humanos, que ocorreu em 8 a 10 de dezembro de 1978 em Assunção, na *Fonoplatea* da *Radio Cháritas*<sup>385</sup>, não obteve informações se o evento foi emitido pela rádio. Nele celebraram o 30º aniversário da Declaração dos Direitos Humanos de 1948, aproveitando a data de um pacto internacional, para fazer uma série de discussões sobre os direitos humanos no Paraguai. Nele estiveram aproximadamente 400 pessoas, esse é um número alto para uma reunião em plena ditadura e que promovia uma discussão ampla sobre os direitos humanos. No discurso de encerramento, que só foi possível ter acesso “graças” a um informe dirigido ao Don Pastor Milciades, mais conhecido nos livros como *Pastor Coronel*<sup>386</sup>, Carmen de Lara Castro acerta ao dizer que a *Comisión* não estava sem apoio.

Como naqueles excertos trazidos anteriormente, acerca da comemoração dos dez anos da *Comisión*, a ênfase de que não estavam sozinhas/os na luta é recorrente. Porém, nesse trecho ela não reivindica a participação de diversos grupos apoiadores na criação da *Comisión*. Outro ponto que chama a atenção é a defesa sobre suas denúncias, enfatizando que a realidade era tão cruel e não deveriam se calar diante dela, e que, portanto, não precisaria falsear ou exagerar sobre a situação do país. Esse trecho dá a entender que ela deveria ter sido acusada de ter exagerado sobre as condições de pessoas presas ou sobre a situação dos direitos humanos no Paraguai, mas não obtenho maiores informações se ela estava respondendo a alguma acusação específica.

No documento policial, são citados como participantes do congresso: embaixadores da Alemanha e Inglaterra, mas sem nomear, Robert White, embaixador estadunidense, Wendy Turdhal da Anistia

---

00051F0122 - 00051F0132. (Acervo Autora). (O trecho foi citado como está no informe).

<sup>385</sup> De acordo com Alfredo Boccia Paz, a Rádio Cháritas foi criada na década de 1920 pelo franciscano tucumano Luis Lavorel e em 1987 essa rádio é entregue para a Conferencia Episcopal Paraguaia e sofre toda uma reestruturação. PAZ, Alfredo. *Op. Cit.*, 2004, 56-67.

<sup>386</sup> Segundo o *diccionario usual del stronismo*, Pastor Coronel foi chefe da policia capital desde 1968, antes dessa data foi funcionário do Ministério de Educação, mas seu destaque foi no *Departamiento de Invetigaciones* onde modernizou as estratégias de informação, convertendo esse local em um centro “nevrálgico” da repressão política. Foi preso após o golpe e condenado, por suas implicações na tortura e morte, a 25 anos de prisão, morrendo em cárcere no ano 2000. PAZ, Alfredo Boccia. *Op. Cit.*, 2004, p. 66-67.

Internacional, o bispo de *Concepción Monseñor Marisevich*, pessoas vinculadas ao Discípulos de Cristo dos Estados Unidos, Carlos José Ghilandi da Conferência Episcopal do Brasil, representantes do *Paz e Juiça da America Latina*, entre outras personalidades do *Partido Liberal Radical Autentico*, *Partido Revolucionario Febrista* e da *Democracia Cristiana*. Provavelmente devido a essas personalidades de peso o Congresso possa ter ocorrido sem maiores problemas, como por exemplo, uma intrusão ou repressão policial para que o evento não acontecesse.

Esse documento traz uma transcrição das comunicações orais feitas durante o evento, como se fossem resumos sobre os assuntos tratados, são 11 páginas que abordam os três dias do congresso. Pontuando a partir do olhar do policial: do que se tratava, do que falavam as comunicações orais, quem estava presente, quantas pessoas havia na *fonoplatea*, de quem falavam – pois, expuseram denúncias contra o regime. Algumas das comunicações orais nesse informe são mais detalhadas do que outras, a epígrafe destacada anteriormente é um exemplo, em que buscou-se trazer mais elementos do que pode ter sido dito por Carmen de Lara Castro.

É importante fazer um adendo que durante a investigação não havia tido acesso a outros documentos que informassem sobre esse evento para além das entrevistas e dados gerais nos livros. Mais uma vez, nesse trabalho, o documento policial produzido para controlar e culpar as organizações, talvez de difamação e de ideias subversivas, está sendo usado no sentido de recompor a história dessa organização e sobre Carmen de Lara Castro. Diferente de outras organizações de direitos humanos<sup>387</sup>, a *Comisión* foi encerrada após a morte de Carmen de Lara Castro e a possível documentação que foi gerada durante os 26 anos de atuação, perdida. Os filhos de Carmen de Lara Castro sinalizaram que alguns documentos sobre a *Comisión* ainda estão na casa em que moravam, mas não consegui alcançar esse material.

A partir desse documento do *Archivo del Terror*, citado anteriormente, pude perceber que o apoio moral a que Carmen de Lara Castro se referia não era somente das pessoas e organizações estrangeiras que poderiam levar do evento várias denúncias que foram feitas, mas também para as pessoas que foram assistir e apresentar temas no congresso. Retomarei o I Congresso de Direitos Humanos durante esse capítulo, mas o trecho descrito de Carmen de Lara Castro, nos ajuda a pensar o contexto de luta pelos direitos humanos no Paraguai e também

---

<sup>387</sup> Como a CIPAE, por exemplo, que possui biblioteca, mas infelizmente não estavam atendendo nos períodos em que estive no Paraguai.



sobre a emergência dos direitos humanos como um tema importante na América Latina, pois infere sobre pessoas e organizações que poderiam estar apoiando a *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos*.

É preciso destacar que as denúncias de violações aos direitos humanos foram enviadas para órgãos internacionais desde o início do regime stonista <sup>388</sup>. Nesse sentido, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos – CIDH/OEA, após ter iniciado suas atividades no ano de 1960, informou que recebeu diversos comunicados e denúncias de prisões ilegais, torturas e outras violações, e realizou um informe que foi discutido no terceiro ciclo de sessões em 1961 <sup>389</sup>.

Esse organismo interamericano já estava ciente de que no Paraguai se vivia sob Estado Sítio, com inúmeras pessoas presas ilegalmente. No ano de 1965 a CIDH estudou a hipótese de averiguar *en terreno* a situação paraguaia e posteriormente, dois encarregados<sup>390</sup> foram ao Paraguai e investigaram a situação. No mesmo ano, foi apresentado um informe sobre as averiguações feitas e mostravam que o Estado Paraguaio agia em contradição com a Constituição Nacional de 1940, naquela época vigente, destacando que o Estado de Sítio era permanente e que a oposição não podia participar da vida política do país, entre outras violações <sup>391</sup>.

Diante das contínuas cartas e denúncias recebidas na CIDH, tentou-se realizar mais algumas expedições *in loco*, juntamente com os pedidos de explicações sobre alguns casos de pessoas presas ilegalmente. Quando não eram ignorados os pedidos, pelos subsequentes Ministros de Relações Exteriores paraguaios, as respostas enfatizavam que os direitos humanos não eram violados no Paraguai. O informe de 1978, narrava as diversas tentativas de contato com governo desde 1965, e expõe que as

---

<sup>388</sup> Após pontuar o mesmo relatório da OEA de 1978. Em uma parte muito interessante do livro, Simón destaca um relatório feito pela Liga Internacional de Direitos Humanos, que tornou-se livro em 1981 e que foi um dos primeiros trabalhos de investigação publicados. Salienta que o informe/livro foi produto de três missões realizadas no Paraguai entre 1976 e 1979, por especialistas para averiguar a situação dos direitos humanos. SIMÓN, José Luis. *Op. Cit.*, p. 57-58, 116-117.

<sup>389</sup> No informe de 1978 é comentado que já vinham recebendo denúncias desde 1961, portanto construí um histórico de antecedentes ao relatório de 1978, dizendo que as violações continuavam. [http://www.cidh.org/countryrep/Paraguay78sp/introduccion.htm#\\_ftn3](http://www.cidh.org/countryrep/Paraguay78sp/introduccion.htm#_ftn3)

<sup>390</sup> <[http://www.cidh.org/countryrep/Paraguay78sp/introduccion.htm#\\_ftn3](http://www.cidh.org/countryrep/Paraguay78sp/introduccion.htm#_ftn3)>  
Acesso em 10 mai. 2016.

<sup>391</sup> Idem.

denúncias aumentaram amplamente nos finais da década de 1960 e em meados de 1970. Além de relatar os casos, aprofunda o tema dos direitos humanos, sobre a Constituição Paraguaia e pedia que uma série de medidas fosse efetivada para garantir que os direitos humanos fossem respeitados.

O relatório da CIDH<sup>392</sup> é relevante, entre outros motivos, pois, aponta para a ideia de que havia resistências pela vigência dos direitos humanos no Paraguai, antes mesmo da criação da *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos del Paraguay*, e que as organizações de direitos humanos internacionais sabiam o que ocorria nesse país já na década de 1960<sup>393</sup>. Os estudos sobre o período apresentam que ocorreu uma maior visualização e intervenção dos organismos internacionais de direitos humanos no Paraguai a partir de 1970<sup>394</sup>, quando também, outras ditaduras emergiram no Cone Sul, como no Chile (1973), no Uruguai (1973) e na Argentina (1976).

Todavia, por quase uma década, a *Comisión* foi à única em território paraguaio que tinha o caráter de organização em prol dos direitos humanos <sup>395</sup>. Outras instituições também devem ter realizado o acompanhamento de pessoas presas, pois, como vimos, era reduzido o número de ações dessa *Comisión*. Das pessoas entrevistadas, muitos ressaltaram que essa organização tinha um sentido majoritariamente de auxílio e de denúncia, e que poucos foram os casos jurídicos abraçados por ela. Isso é explicado pelos entrevistados porque muitos dos advogados não conseguiam recorrer à justiça, no sentido de que era ineficaz, ou que eram reprimidos pelas atividades políticas <sup>396</sup>. Porém, acredito que deveriam dar auxílio jurídico no sentido de instrução as famílias e as

---

<sup>392</sup> Não tive acesso a outros relatórios do período para além desse da CIDH que está disponível na internet.

<sup>393</sup> No livro de Paul Lewis, *Paraguay bajo Stroessner*, o autor comenta de informes da Anistia Internacional nos anos de 1966 e 1971, que denunciavam os maus tratos com os presos políticos, assim como a violência estatal. LEWIS, Paul. *Op., Cit.*, 1986, p. 320-325.

<sup>394</sup> Ver em: LUIS SIMON, *Op. Cit.*, p. 112 -113, 180-181, BLANCH, José M., ACUÑA, Edith, BAREIRO, Line (et. al). *Op. Cit.*, p. 166, 342, 399.

<sup>395</sup> A partir de leituras dessas bibliografias e entrevistas, apurei que essa era foi à primeira organização paraguaia pelos direitos humanos durante a ditadura.

<sup>396</sup> ARGANA, Luis Manuel Escobar. (Tício Escobar). Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 22/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 9, GALEANO, Dionisio Gauto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 12-13.

peessoas presas, visto que vários representantes da *Comisión* eram advogados ou estudantes de Direito como: Jerónimo e Adriano Lara Burgos, Tício Escobar, os filhos dois Carmen de Lara Castro: Jorge Lara Castro e Luis Lara Castro, e seu esposo, Luis Mariano Lara Castro.

Da investigação, uma das primeiras instituições que aparecem como aliadas a *Comisión* é a *Conferencia Episcopal Paraguai* (CEP) e é oportunizada pela narrativa de Dionísio Gauto Galeano, entrevistado em janeiro de 2015. Nela contou-me que durante e após a ditadura participou de diversas ações pelos direitos humanos, primeiro como sacerdote e secretário geral da CEP e foi à partir do trabalho com a Igreja Católica<sup>397</sup>, no *Seminario Mayor Nacional del Paraguay* em 1969 que conheceu Carmen de Lara Castro.

[DG-] Eu era sacerdote. Estudei sete anos no exterior, passei quatro em Buenos Aires e três anos na Europa. Quando voltei comecei trabalhar no interior e ali se conhecia pouco da ditadura. Os meios de comunicação estavam totalmente nas mãos da ditadura e não havia outra forma de conhecer o que exatamente estava ocorrendo. Por isso nós a convidamos quando ela era senadora pelo *Partido Liberal Radical Auténtico*. Ela me impressionou muito. Porque conhecia perfeitamente a situação dos presos políticos, como estavam, onde estavam, como viviam e a partir daí nos conhecemos. Eu depois ocupei outro cargo muito importante, desde 72. Desde 72 fui secretario geral da *Conferencia Episcopal Paraguai*<sup>398</sup>.

A fala de Dionísio Gauto nos remete a algumas situações, primeiro que ele após ter estudado por alguns anos fora do Paraguai (1963-1969), atuou como pároco em Eusébio Ayala, sua interpretação sobre esse período enfoca que ali pouco se conhecia sobre a ditadura, pois, o regime detinha os meios de comunicação. Sobre os jornais, havia alguns que

---

<sup>397</sup> É importante pontuar que a Igreja Católica passa a se chocar com o regime stronista de forma mais aberta a partir de 1969, claro que havia casos isolados de sacerdotes que foram perseguidos, torturados. Segundo José Simón, a CEP nesse meio teve papel importante na denúncia contra a violência do regime através de cartas, de missas e do semanário *Comunidade*, fechado em 1969. SIMON, Jose Luis. *Op. Cit.*, p. 95-97, LEWIS, Paul. *Op., Cit.*, 1986, p. 346-351.

<sup>398</sup> Dionisio Gauto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 1.

faziam oposição à ditadura<sup>399</sup>, mas talvez não chegassem até o local em que era pároco, e ainda, poderiam estar escrito em Espanhol, quando parte da população era analfabeta e falava em idioma Guaraní. Essa observação de Gauto é relevante, porque não havia espaços de discussão sobre a ditadura, já que o controle e perseguição eram constantes. Além disso, muito dos encontros, dos congressos e das palestras que se que abordaram a temática das pessoas presas ocorria com maior incidência na década de 1980, e até onde pude perceber, eram feitos na capital, em Assunção. Todavia, de forma geral, as pessoas sabiam sobre o governo violento de Alfredo Stroessner, pois ele atravessou toda a sociedade paraguaia com suas *seccionais* do *Partido Colorado*, polícias e exército<sup>400</sup>.

Então, nesse ínterim, Carmen de Lara Castro, na memória de Gauto tem importância pelo conhecimento que possuía sobre a realidade das pessoas presas. O convite foi feito quando ela era deputada nacional pelo *Partido Liberal Radical*, e não senadora como foi evidenciado. A palestra de Carmen de Lara Castro pode ter influenciado Gauto, entre outros fatores que incidem sobre a própria atuação da Igreja Católica, para a situação das pessoas presas, já que desde 1972, na secretaria da *Conferencia Episcopal* começou a trabalhar com as pessoas presas pela ditadura. Desse primeiro contato, continuaram amigos e como narra Gauto, passaram a se ajudar, ele com dados da *Conferencia Episcopal* e ela com seus dados, retirados dos cárceres ou de outros meios,

[DG-] [...] E partir desse ano, também, passei a documentar a situação dos presos políticos. Formei um *fichero*, cada preso tinha uma ficha de dados que chegavam, pois era onde os familiares iam fazer a denúncia. Sobretudo, porque uma quantidade de presos eram *campesinos* e *obreros*

---

<sup>399</sup> Como o periódico do Partido Comunista *Adelante*, *El Pueblo* do Partido Febrerista, *El Enano* e *El Radical*, ambos do *Partido Liberal*, *El Pueblo* do *Partido Febrerista*, alguns clandestinos como o *Tata Piriri*, da *Organización Político Militar*, como o *Tetagua Sapucaí* do *Movimiento Paraguayo de Libertación*. Informações sobre as publicações podem ser encontradas principalmente nas entrevistas de Roberto Paredes, Dionsio Gauto Galeano e Nelson Garcia Ramirez.

<sup>400</sup> Segundo Arditi no Paraguai stronista havia 25 *seccionales* do *Partido Colorado* em Assunção e 221 no interior, essas tinham o sentido de controlar, pressionar pessoas, perseguir e dar assistência de forma clientelística. ARDITI, Benjamín. *Op. Cit.*, p. 168.

de setores populares, gente humilde. E não tinham outra forma de recorrer a advogados e a pagar caro, então, recorriam muito a *Conferencia Episcopal* e eu anotava. Então, fui formando um arquivo de dados e de fotos. E, foi daí, a relação que tive relação com Carmen de Lara Castro e sua equipe. Alguns muito amigos dela como Irala Burgos, Lorêncio... o sobrenome não me recorde nesse momento. Luis Alfonso Resck. [...]. Fazíamos intercâmbio de dados. Ela me passava os dados novos que tinha e eu passava os dados novos que eu tinha. E então, os nossos objetivos eram dois: por um lado, ir documentando os acontecimentos que ocorriam e, por outro lado, difundi-los no exterior, sobretudo, através da Anistia Internacional. Eu tinha muita relação com Anistia da Inglaterra, da Suécia e de vários países, e me vinham tantos cartões e tantas perguntas! E às vezes minha resposta saía em algumas revistas de outros países ao lado da resposta do governo. O governo respondia através de Mario Abdo Benitez, secretário privado de Strossner, dizendo: – Que não havia presos políticos e que esses presos são da lei 209 e 294!... E bom, legalmente estavam presos. Não eram presos políticos! E o que eu dizia era totalmente diferente. Bom, então trabalhamos muito <sup>401</sup>.

Não tenho informações sobre como a *Conferencia Episcopal* agiu diante desses casos que Dionío Gauto relatou, mas como uma organização religiosa, poderia ajudar pessoas de diferentes maneiras, desde abrigo a dinheiro ou a indicação de com quem falar. Percebe-se que ao fazer um *fichero* tinha objetivos de enviar para fora do país às informações que adquiriam sobre a situação paraguaia, além de documentá-los para, certamente, ter provas do que ocorria ali. A ajuda da Anistia Internacional<sup>402</sup> aparece na fala de Gauto conectada a década de 1970,

---

<sup>401</sup> Dionisio Gauto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 6.

<sup>402</sup> Apenas para situar, já que não tive acesso aos documentos, o autor Jose Luis Simon destaca em seu livro algumas publicações da Anistia Internacional na década de 1970 sobre as prisões, torturas e mortes no Paraguai. SIMON, Jose Luis. *Op. Cit.*, p. 131.

quando esteve à frente de um periódico da igreja chamado de *Sendero* que foi bastante combativo a regime stronista<sup>403</sup>.

O confronto com o governo aparece na fala de Gauto quando a Anistia Internacional, com quem possuía vínculos, pressionou o país a responder por abusos, ou por pessoas presas, o que era habitualmente negado com base em leis paraguaias. Em outras partes da entrevista narra sobre seus contínuos enfrentamentos não somente com o governo, mas até mesmo com a Igreja Católica, instituição da qual pediu afastamento em 1978. Não porque estivesse contrário a Igreja, mas porque estava comprometendo a *Conferencia Episcopal* e a Igreja com sua atuação de oposição ao regime<sup>404</sup>.

Outro ponto que destaco é que a ajuda da igreja as pessoas de origem humilde poderia ser um canal para pessoas presas e familiares. Pois acredito que nem sempre a *Comisión* era buscada, já que se localizava na casa de uma pessoa de um partido opositor<sup>405</sup>. Além disso, como aproximar-se de uma casa que comumente era vigiada pela polícia sem ser pego? É possível que para chegar até a *Comisión* se necessitasse de alguma pessoa que conhece a família Lara Castro ou alguma das pessoas que visivelmente eram da *Comisión*.

A que tudo indica a *Comisión* atuou com maior vigor denunciando as presões por razões de perseguição política, porém, essa distinção entre presos comuns e políticos no Paraguai se dá de maneira conflituosa. As pessoas entendidas como presas/os políticos eram qualquer pessoa que a polícia achasse que estava atuando contra o regime e eram encarceradas, e não apenas era um grupo de pessoas que faziam oposição ou que estavam em partidos, sindicatos e outras organizações sociais. Algo que é importante destacar é que Carmen de Lara Castro nessas trocas de informação com Dionísio Gauto também parece ter tido seu próprio *fichero*, pois obviamente recebia informações nos cárceres e fazia troca de dados com outras organizações. Algumas pessoas entrevistadas me contaram de algumas situações em que as denúncias das pessoas presas eram enviadas por meio dos objetos que foram produzidas dentro dos cárceres como uma flauta, uma harpa ou caixinhas de madeira. Era por

---

<sup>403</sup> Dionisio Gauto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 12

<sup>404</sup> Dionisio Gauto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 7.

<sup>405</sup> Dionisio Gauto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p.9

meio desses objetos que muitas vezes a *Comisión* ficou sabendo da situação de pessoas incomunicáveis ou sobre outras violações<sup>406</sup>.

Sobre a situação de denúncias sobre os abusos, Nelson Garcia infere que nem todas as famílias de pessoas presas pediam ajuda a *Comisión* ou denunciavam a situação publicamente, pois, o medo era grande e é um fator presente nas entrevistas. Sobre o silêncio das famílias, Ramirez destaca que:

[TS-] As famílias de desaparecidos e de pessoas presas iam até ela para pedir ajuda?

[NR-] Sim, iam, mas a maioria tinha medo. Tinham parentes que não abriam a boca para não comprometer-se. Era difícil receber ajuda. O temor era tremendo. O temor era muito grande. Eu que trabalhava no jornal [*El Radical*] e tratava de falar com os familiares para saber notícias dos presos, mas me custava profundamente<sup>407</sup>.

O medo e o silêncio são uma tônica na ditadura no Paraguai, sem dúvida que o medo foi recorrente em muitas famílias de pessoas presas, exiladas, desaparecidas e mortas. Falar ou reclamar por suas/seus parentes presas/os, era um risco que poderia ser alto para muitas pessoas: ser presa para averiguação e, ainda, não receber informações. Apresentar-se diante do jornal como parente de alguém que foi presa/o, desaparecida/o poderia custar amizades, empregos, liberdade, entre outros fatores. Então muitas pessoas não se envolviam e nem buscavam ajuda diretamente, outras procuravam pessoas que pudessem falar por elas, como um advogado, a igreja ou a *Comision*.

O “custavam profundamente” a que se refere Nelson Ramirez pode ser tanto de ir atrás dessas pessoas para colocar notícias no jornal em que ele trabalhou, chamado de *El Radical* um semanário da oposição liberal que fazia denúncias contra o *Partido Colorado* e o regime. Mas também, o “custo” pode ser no sentido de ele ter sofrido alguma retaliação, ou incomodações posteriores com essas pessoas que se declararam no jornal.

---

<sup>406</sup> Principalmente nas entrevistas de Dionisio Gauto, Ticio Escobar e Martin Lara Castro.

<sup>407</sup> RAMIREZ, Nelson Garcia. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Assunção, Paraguai. Gravador digital. 14/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 13.

Durante a ditadura no Paraguai existia meios de publicação da oposição que claramente eram controlados, por vezes suspensos e fechados, como é o caso do periódico *El Radical* de Nelson Ramirez ou o *Sendero* de Dionisio Gauto Galeano que eram porta-vozes de organizações que foram se opondo à ditadura de maneira mais forte nas décadas de 1960 e 1970, como o *Partido Liberal Radical* e a Igreja Católica. Essas duas publicações aparecem em várias entrevistas como lugares de denúncia ao regime e abordavam o tema dos direitos humanos, inclusive Carmen de Lara Castro teria feito algumas publicações e dado entrevistas a esses periódicos<sup>408</sup>.

Outras organizações tanto paraguaias, quanto internacionais aparecem nesse momento da década de 1970, tornando-se mais atuantes na libertação de pessoas presas e exigindo mudanças do Estado paraguaio. De nenhuma forma, busco apresentar todas as organizações e suas vinculações, mas pontuar principalmente às relações de apoio aos direitos humanos que aparecem nas entrevistas, dado que as pessoas entrevistadas estiveram articuladas nesse meio e período. Percebo que *Comisión* cresceu enquanto Carmen de Lara Castro estava no parlamento e suas conexões com outros grupos e pessoas são ampliadas, da pequena organização na década de 1960, houve uma relação de estreitamento com a *Conferencia Episcopal*. Além disso, outra com organização crucial que emergiu nessa década que foi o *Comité de Iglesias para Ayudas de Emergencia* (CIPAE)<sup>409</sup> e que também atuou numa relação de apoio com essas outras organizações.

Na década de 1970, após a repressão a uma organização clandestina, chamada de *Operación Político Militar* (OPM)<sup>410</sup> que foi

---

<sup>408</sup> Somente para esclarecer, não foi feito um estudo sobre as falas de Carmen de Lara Castro nesses jornais. De modo que são possíveis fontes de análise para investigações futuras.

<sup>409</sup> Sobre a CIPAE, o livro *El precio de la paz* expõe que o Conselho Mundial de Igrejas através de sua oficina de direitos humanos na América Latina estimulou a criação do *Comité de Iglesias*. Essa organização teve como coordenador o padre José Maria Blanch e a Conferencia Episcopal, a Igreja Luterana e os Discípulos de Cristo tinham responsabilidade sobre ela. A partir do Comitê de Igreja várias denúncias foram feitas na Europa pela Anistia Internacional com apoio do Conselho Mundial de Igrejas. BLANCH, José M., ACUÑA, Edith, BAREIRO, Line (et. al). *Op. Cit.*, p. 400.

<sup>410</sup> Segundo Milda Rivarola, a *Operación Político Militar* ou *Operação Primero de Marzo* – OPM foi uma guerrilha armada que antes mesmo de agir (1974-1977) foi desmantelada. Sua matriz de pensamento estava vinculada a ideia de guerra prolongada, com o marxismo-leninismo como “método científico”. Apesar de ter



arduamente perseguida, e documentada nos arquivos policiais<sup>411</sup>, com suas/seus participantes presas/os e torturadas/os, mortas/os e desaparecidas/os. Foi criada a CIPAE numa conjunção de três igrejas: a Luterana, a Discípulos de Cristo e a Católica. Segundo Gauto, que esteve envolvido na formação da CIPAE, essa se inspirava na *Vicaria de la Solidaridad* do Chile<sup>412</sup>.

Um dos entrevistados que foi coordenador da CIPAE e disse ter sido membro da *Comisión*, chama-se Francisco *Pancho* De Vargas, durante o período foi atuante o como advogado de pessoas presas por razões políticas. Sobre esse assunto, contou que:

[TS-] E o que era a CIPAE?

[FV-] O que?

---

se iniciado, como ideia no Chile por meio de estudantes que vivenciavam a revolução de Salvador Allende, quando retornaram ao Paraguai, retomaram suas ideias e atuaram desde a universidade. A maioria das/os participantes eram jovens e universitárias/os de classes médias/altas, suas ações se estenderam com as/os *campesinas/os* e tiveram vinculações com o grupo guerrilheira/o *Montoneros* da Argentina. O livro *El Precio de la Paz*, registrou o número de 416 pessoas presas entre maio e abril de 1976, mas essa onda repressiva torturou mas de mil pessoas no *Departamiento de Investigaciones*, na *Comisaría Tercera*, e outras. Deixando um saldo de morte de 17 pessoas, sendo três mortes causadas em enfrentamentos armados. RIVAROLA, Milda. *La resistencia armada al Stronismo*. Assunção: ABC Color, El Lector: 2014, p. 15-18. Colección 60 años del Stronismo), 54-56, BLANCH, José M., ACUÑA, Edith, BAREIRO, Line (et. al). *Op. Cit.*, p. 207.

<sup>411</sup> PAZ, Alfredo Boccia, AGUILAR, Rosa Palau, GONZÁLEZ, Myrian Angélica. *Op. Cit.*, 2014, p. 132-133.

<sup>412</sup> Segundo Kathryn Sikkink, o golpe chileno de 1973 foi um divisor de águas na postura das organizações de direitos humanos Internacionais devido à violência do regime. Um dos grupos de direitos humanos que mais se destacou e que foi inspiração para vários outros, foi a *Vicaria de La Solidaridad* (1976-1992) que era de responsabilidade da Igreja Católica. Anterior a essa havia sido criado o *Comité de Cooperación para la Paz* (1973-1976), e era composta por várias Igrejas Cristãs que tinha a missão de auxiliar juridicamente e socialmente pessoas atingidas pela repressão, foi fechado no ano de 1975. A *Vicaria* foi criada, então, no ano de 1976, continuando o trabalho que havia sido iniciado com o *Comité*. SIKKINK, Kathryn, A emergência, evolução e efetividade da rede de Direitos Humanos da América Latina. In: JELIN, Elizabeth, HERSHBERG, Eric (Org.). *Construindo a democracia: direitos humanos, cidadania e sociedade na América Latina*. São Paulo: EDUSP, NEV/USP, 2006, p.105. Sobre a *Vicaria* ver em: < <http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-3547.html>> Acesso em: 18 mai. 2016.

[TS-] O Comitê de Igrejas?

[FV-] O *Comité de Iglesias* foi criado em 21 de setembro 1976. Quando se criou o penal de Emboscada, um campo de concentração. Eu fui ao penal como advogado e fui preso em 76. Aí, havia 21 crianças menores de um ano. Havia 496 presos. 21 crianças que nasceram no calabouço com suas mães. Foi uma época muito dura. Em 10 de abril de 76, no Centro de Investigações se matou 27 pessoas [...]<sup>413</sup>

[TS-] E qual é a diferença entre a Comissão e o *Comité de Iglesias*?

[FV-] Nós dávamos muito bem. O *Comité de Iglesias* era a parte Cristã. Eu tinha a meu cargo 18 advogados para ajudar os presos políticos, os camponeses, as ocupações de terra. Tinham quatro programas, programa um, programa dois, programa três e programa quatro. O [programa] um era dos presos políticos, o [programa] dois era dos familiares dos presos políticos, porque geralmente quem era preso era um pai de família, e sua família buscavam ajuda e assim... O programa quatro era um programa que ajudava os presos comuns, [...]. Nós criamos uma oficina para os ex-presos do Paraguai. Funcionava uma oficina de carpintaria, onde se ensinava os presos que saíam em liberdade, para que tivessem uma profissão, porque depois de vinte anos quando saíam já não tinham família. Não tinha nada. E tantos presos que saíam em liberdade e cometiam delito para voltar ao cárcere. [...]<sup>414</sup>.

A entrevista de Francisco de Vargas traz vários elementos sobre a *Comisión* e sobre Carmen de Lara Castro, mas foi uma das entrevistas mais difíceis de realizar, primeiro porque morava em uma localidade mais distante de Assunção, em *Areguá/Patiño*, segundo porque suas memórias são bastante atormentadas pelas torturas que sofreu e que o marcaram fisicamente. Ao narrar sobre o passado pareceu abalado, não somente pelas torturas, mas, pela conjuntura atual de seu partido o *Partido Liberal*

---

<sup>413</sup> DE VARGAS, Francisco. [Pancho]. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. 16/01/2015. Assunção, Paraguai. Gravador Digital. Acervo da autora. p. 4.

<sup>414</sup> DE VARGAS, Francisco. [Pancho]. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. 16/01/2015. Assunção, Paraguai. Gravador Digital. Acervo da autora. p. 5.

*Radical Autentico*. Vargas militou nele desde jovem no *Club Alon*, foi deputado e senador pelo PLRA, mas contou que fazia dez anos que se isolou, assim como sua esposa, da política partidária.

Muitas informações lançadas em uma entrevista são realmente percebidas no depois, durante sua transcrição e análise, em que se podem perceber as diversas “camadas da memória individual e as pluralidades do passado”<sup>415</sup> que são narradas por cada entrevistado/a. Ao trazer a fala de De Vargas recordei do sentimento de angústia que pairou durante a entrevista<sup>416</sup>. Nem todas as pessoas tocavam em um assunto *tão delicado* como a tortura, mas ele as trazia em meio as suas recordações sobre o período. Eu mesma, após ter lido diversos trabalhos sobre o assunto, jamais tinha feito uma entrevista em que a outra pessoa contasse, tocando em seu corpo, sobre as marcas deixadas ao longo da vida por um torturador e que não foram superadas.

A empatia pela narrativa de De Vargas me faz lembrar o texto de Alistair Thomson quando expõe sobre memórias traumáticas e enfatiza que a entrevista que aborda um período sombrio, pode trazer informações que para a/o pesquisadora/or e pode até ser gratificante, mas prejudicial para a/o entrevistada/o, “ao contrário do terapeuta, eu, como historiador[a] oral, não estava por perto para juntar os pedaços das lembranças que não eram seguras”<sup>417</sup>. Após a entrevista, o sentimento que tive foi exatamente esse, o que acontece com as/os entrevistadas/os depois da entrevista? Como mantive uma boa relação com todas as pessoas que entrevistei, a única alternativa que tinha era fazer uma chamada telefônica, para escutar a voz e tentar perceber se estava estremecida. Agradei novamente pela oportunidade de ouvi-lo e enfatizei que suas memórias eram muito importantes para a pesquisa e para o Paraguai.

Retomando a citação de Francisco De Vargas, ela é marcante pela precisão numérica, passados mais de 30 anos do ocorrido, ainda se recorda das pessoas que estavam presas em *Emboscada*, local, que segundo ele, deu sentido para a criação da CIPAE e que tinha uma aliança

---

<sup>415</sup> THOMSON, Alistair. *Op.Cit.*, p. 52

<sup>416</sup> Nessa entrevista meu companheiro Douglas Tambani Flores também esteve presente.

<sup>417</sup> Nesse texto Thomson trata das memórias de veteranos de guerra e como em alguns casos eles recompõem suas vidas e histórias. Esse trecho em particular me fez repensar muitas vezes o quanto trabalhar com História Oral é importante e ao mesmo tempo delicado, dado que as memórias não são outra coisa que falas sobre a vida. Toda experiência com História Oral é nova, não sabemos o que vai ocorrer em uma entrevista, ou nesse caso, após ela. THOMSON, Alistair. *Op.Cit.*, p. 68.

Cristã. Certo que por se tratar de informações que eram importantes para ele enquanto advogado de defesa de pessoas presas, e também como membro da CIPAE, elas são recordadas nos dias atuais quase como em um informe apontando-o numericamente quem estava ali. Porém também atenta para o trauma que está ligado com a repressão física e psicológica que sofreu, mas nem todas as pessoas conseguem dar voz a elas.

Como Tício Escobar contou, quando Paz estava escrevendo um livro sobre as torturas e os médicos colaboradores e também os que salvavam as vidas, ele não conseguiu escrever sobre as torturas a que foi submetido quando preso <sup>418</sup>. Mesmo não sendo o eixo desse trabalho, a memória traumática da tortura, muitas pessoas as narraram, pois viveram e sentiram no cotidiano da prisão. A ideia aqui não é fazer uma análise do trauma, mas apontar como ainda está viva na memória e compõe as narrativas das pessoas entrevistadas sobre suas lutas durante a ditadura.

A ideia de que o *Penal de Emboscada* era um “campo de concentração” está disposta em vários livros<sup>419</sup>. Esse local não foi construído para manter as pessoas presas, mas foi usado de modo improvisado dado ao grande numero de pessoas encarceradas nessas ações repressivas da década de 1970, que foram mantidas ali sem julgamento até que por pressão nacional e internacional, começaram a soltar as pessoas presas<sup>420</sup>.

Atuando como advogado foi preso ao visitar o local, não tenho informações sobre sua prisão, mas De Vargas foi diversas vezes preso pela atuação como advogado e vinculado ao *Partido Liberal Radical* <sup>421</sup>. Ainda que não tenha aprofundado na resposta, que buscava saber a diferença entre a CIPAE e a *Comisión*, ele indicou que ambas se “davam muito bem”, possivelmente, essa afirmação tem o sentido de que as organizações se ajudavam, como outros entrevistados informam.

Sobre a organização da CIPAE, De Vargas descortina os programas sociais desenvolvidos e que vinha no sentido de amparar às pessoas presas sendo elas comuns ou políticas. Além disso, atento que

---

<sup>418</sup> ARGAÑA, Luis Manuel Escobar. (Tício Escobar). Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. 22/01/2015. Assunção, Paraguai. Gravador Digital. Acervo da autora, p. 17.

<sup>419</sup> RIVAROLA, Milda. *Op. Cit.*, p. 64.

<sup>420</sup> *Ibidem.*, p. 64-65.

<sup>421</sup> Relato de Francisco De Vargas sobre uma das vezes em que esteve preso e barbaramente torturado em 1969. Ver em: PAZ, Alfredo Boccia, PORTILLO, Carlos, ARESTIVO, Carlos. *Médicos, ética y tortura en el Paraguay*. Assunção: Arandurã, 2006, p. 133-139.

contava com uma equipe grande de advogados que poderiam auxiliar nos casos jurídicos e que podiam estar mais bem assessorados por ser uma organização de Igrejas Cristãs. Fora os programas desenvolvidos pela CIPAE – que não preciso a data de quando foram criados – um dos papéis importantes foi também a documentação e denúncia das torturas e perseguições<sup>422</sup> que foram relevantes, pois, várias organizações internacionais passaram a pressionar o Paraguai com cartas buscando saber informações sobre as/os pessoas presas<sup>423</sup>.

A *Comisión* presidida por Carmen de Lara Castro, diferentemente da CIPAE, não possuía um grupo de advogados ou um programa social, até onde pude perceber. Havia advogados que eram membros da *Comisión*, mas não sei quais ou como faziam o assessoramento jurídico a pessoas presas, segundo alguns entrevistados essas ações eram menores dentro da organização<sup>424</sup>. Cabe lembrar que a *Comisión* funcionou na casa de Carmen de Lara Castro, e segundo contam, não conseguiriam alugar algum local que se dispusesse a ser sede da *Comisión* e não havia dinheiro para a locação de um imóvel<sup>425</sup>. Era uma organização voluntária que recebia ajuda financeira de pessoas e de grupos, em função disso, que acredito que tenha ficado por tanto tempo em um domicílio residencial. Além disso, mostra também certo poder de Carmen de Lara Castro já que apesar de sua casa ficar cercada por policiais, até onde pude verificar a *Comisión* não deixou de existir até sua morte.

#### **4.4. Por dentro das prisões e da ditadura stronista- Carmen (e as outras organizações eram) a ligação com o mundo exterior**

Essa frase destacada no título foi falada por Alfredo Boccia Paz durante a entrevista quando contava que algumas pessoas ligadas ao Partido Comunista ficaram por mais tempo nos cárceres e era Carmen de

---

<sup>422</sup> PAZ, Alfredo Boccia, AGUILAR, Rosa Palau, GONZÁLEZ, Myrian Angélica. *Op. Cit.*, 2014, p.152.

<sup>423</sup> *Ibidem*, p. 153.

<sup>424</sup> ARGANA, Luis Manuel Escobar. (Tício Escobar). Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. 22/01/2015. Assunção, Paraguai. Gravador Digital. Acervo da autora, p. 9, Dionisio Gauto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 12.

<sup>425</sup> Sobre a questão do financiamento da *Comisión* os relatos são mais esparsos e envolvem outras instituições e o próprio partido, mas não será aprofundado na análise pois demandaria outras leituras e discussão de fontes.

Lara Castro a ligação com o mundo exterior<sup>426</sup>. Pois ela fazia visitas regulares às prisões, e também, denunciava os casos para jornais, e a organizações internacionais. As organizações citadas nas entrevistas como a CIPAE, a *Conferencia Episcopal* e a *Comisión* também fizeram denúncias sobre as pessoas desaparecidas, mas segundo contam, não era tarefa fácil.

Então, essas pessoas ou representantes de instituições que iam aos cárceres e realizava assistência às pessoas presas, deveriam trocar dados sobre a situação para poderem além de se informar, enviar cartas para fora do país, ou, pedir para alguém que já estivesse fora do Paraguai o fizesse. Na entrevista com Alfredo Boccia Paz, mas isso ocorreu em outras também, eu questionava como Carmen de Lara Castro entrava nas prisões, já que nos livros sobre o assunto sempre mostram a brutalidade do regime e a dificuldade para receber informações sobre as pessoas presas. Porém, Carmen de Lara Castro é lembrada como alguém que realizava visitas aos presos/os, para essa questão, destaco a entrevista com Alfredo Boccia Paz:

[TS-] O que eu não compreendo é o que ela fazia quando ia na prisão?

[AP-] Tem que pensar que até 1980 ser um preso político era desaparecer da sociedade. Simplesmente. Não tinha... Teu nome não aparecia em nenhum jornal, em nenhuma rádio. Era uma pessoa que deixou de ir ao trabalho ou a faculdade, que só a família ou em torno mais próximo sabia que ele estava preso, a sociedade estava num ambiente de tanto medo que não perguntava muito.

[TS-] Sim

[AP-] E, a partir de 1979, 1980 foi diferente. Porque a polícia já não tinha essa liberdade absoluta de fazer o que quisesse e o que bem quisesse com você, porque saia assim pequenininho no jornal, fulano de tal foi preso ontem e está na delegacia central, qualquer parte. E isso fazia diferença entre a vida e a morte, entre ter alguma possibilidade de fazer um *Habeas Corpus* ou alguma dessas coisas que tentavam fazer para, mas pelo menos a polícia estava obrigada a admitir que tinha um cara preso, então não podia matar, não podia bater demais, aparecer com ferimentos.

---

<sup>426</sup> PAZ, Alfredo Boccia. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Gravador Digital. Acervo da autora, p.4

Porque já estava, já era publico que estavam nas mãos da policia. Em 1960 e 1970 até 80, isso não existia, a família ia para a delegacia ao departamento de investigação, ao ministério de interior, como foi na Argentina na época.

[TS-] Sim, ou no Brasil

[AP-] *No Brasil menos né.* A polícia respondia: – Ele não está aqui, nós não sabemos nada dele, não está aqui! E fazer o quê? Então para o próprio preso era uma sensação de desamparo absoluto. Porque não existia como entidade jurídica, nem como pessoa física, nem como fato de imprensa, então ele podia desaparecer, como aconteceu com muitos e a polícia dizia: – não sabemos! está Desaparecido! Quando a família tomava finalmente, a primeira atitude, a primeira medida era procurar os órgãos oficiais policiais ou do Ministério do Interior. Se lá ninguém dava nenhuma reposta, a seguinte dias após era *Doña Coca*. Se *Doña Coca* começava a perguntar: – tenho informações que João está aqui! E vou fazer a denúncia! Eu quero falar com ele! Eu trouxe a comida para ele! Eu quero ver ele! Eu vou para embaixada da Alemanha! Vou para embaixada de Daqui e de lá! Forçava a polícia a apresentar o cara, admitir que estava preso ou soltá-lo ou mandar para o exílio ou mandar para o judiciário que era outra coisa, ai você já era uma pessoa física, já tinha um advogado, dai não podiam matar [...] <sup>427</sup>.

A narrativa de Alfredo Boccia Paz é comovente quando trata de contar sobre a importância que Carmen de Lara Castro teve no Paraguai, pois ele mesmo foi preso político na década de 1980, e mesmo que estivessem em outro ambiente, como ele mesmo infere em que não o policial não poderia fazer “mais o que quisesse”. Foi por meio da ação de Carmen de Lara Castro que ele pode sair do país a convite da Embaixada da Alemanha<sup>428</sup>. Essa fala de Alfredo Boccia Paz está atravessada pela vivência como médico do CIPAE, como partidário do *Partido Liberal Radical Autêntico*, e entre outras situações, por ser pesquisador sobre a ditadura tendo publicado diversos livros sobre o assunto.

---

<sup>427</sup> PAZ, Alfredo Boccia. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Gravador Digital. Acervo da autora, p. 3-4.

<sup>428</sup> *Ibidem*, p. 11

A ideia de que a pessoa presa perde o contato com o mundo real é encontrada em diversos testemunhos e livros<sup>429</sup> – e foi usado como uma forma de tortura, entre as muitas outras. Então, conforme Paz, a presença de Carmen de Lara Castro buscando saber sobre a pessoa que estava presa era fundamental para mantê-la viva. Os contatos que poderia ter com as embaixadas, com os organismos regionais e internacionais, talvez fizessem a polícia, em muitos casos, deixá-la visitar as/os presas/os. Notadamente não era sempre que realizava visitas ou conseguia chegar até as pessoas presas.

Segundo o livro *El precio de la Paz*, a maioria das/os presos políticos de Stroessner eram detidas/os sem ordem judicial ou qualquer documento escrito, apenas com uma ordem de prisão em nome da ordem superior e sem necessidade de prova. Não eram somente as pessoas com envolvimento políticos as que eram presas, poderia ser qualquer pessoa, por qualquer arbitrariedade policial. De forma que simplesmente eram acusadas/os de subversão e depositadas/os nos cárceres. Esse mesmo livro explicita que as acusações contra as/os presos políticos não tinham precedentes no código penal, então foram criadas leis especiais (209/55 e 294/70) para que pudessem ser processadas/os e condenadas/os da forma correta, mas, apesar disso, nem todas as pessoas presas eram julgadas<sup>430</sup>.

É necessário fazer um adendo sobre a informação acerca das pessoas presas, sem dúvida o nome dessas pessoas que desapareciam quando encarceradas não apareciam nos jornais, nos rádios e na televisão

---

<sup>429</sup> O Informe Final da *Comisión de Verdad y Justicia* expõe que as prisões de “19.862 detenidos, en el 91%” eram ilegais em sua maioria e feitas de forma arbitrária, a vítima não tinha acesso a um advogado, era privada de sua liberdade e mal sabia porque estava sendo presa COMISIÓN DE LA VERDAD Y JUSTICIA.. *Informe Final*: Anive haguã oiko- Las principales violaciones de los Derechos Humanos. T. II. Assunção: JC Medina, 2008, p.16-17.

<sup>430</sup> Esse passo a passo de como agir quando uma pessoa era presa e desaparecida, que narrou Alfredo Boccia Paz, é encontrado no livro *El precio de la paz*, claro que nem sempre ocorria dessa forma: primeiro se recorria a vários órgãos oficiais, quando da negativa deles, buscava-se os jornais para tentar denunciar e as pessoas que poderiam intervir no caso. A constatação de que a pessoa desaparecida estava viva se dava quando a família ou alguém recebia a roupa suja da/o presa/o e entregava os alimentos, os remédios e roupas limpas. Sabendo do paradeiro, então, tentava-se averiguar a questão jurídica (*Habeas Corpus*, *Recurso de Amparo*) e procurar pessoas do governo, de organizações de direitos humanos ou da Igreja para que pudessem interceder e pressionar para que a/o presa/o fosse julgada de alguma forma, BLANCH, José M., ACUÑA, Edith, BAREIRO, Line (et. al). *Op. Cit.*, 1991, p. 331-332.



que eram controlados pelo Estado, quando muito, eram citadas/os como subversivas/os nos jornais e programas de rádio do regime<sup>431</sup>. Mas é necessário enfocar no esforço de enviar notícias, para jornais opositores e pedir ajuda para as pessoas que estavam presas, sobretudo em meados da década de 1970<sup>432</sup>. Dado que em muitos casos, sem o apoio de pessoas e das organizações de direitos humanos, um número muito maior de pessoas teria morrido/desaparecido. A fala de Alfredo Boccia Paz sinaliza bem o que era ser uma pessoa presa entre essas décadas, percebendo que houve modificações no comportamento dos repressores e do regime.

Outro ponto importante da narrativa é essa mudança de ambiente na década de 1970 e 1980, isso sinaliza que entre essas décadas, até meados de 1983, o Paraguai viveu seu apogeu econômico, impulsionado pela construção da Itaipú<sup>433</sup>. Entretanto, ao mesmo tempo em que houve um “milagre econômico” para poucas pessoas<sup>434</sup>, a luta pelos direitos humanos teve uma maior presença em organizações atuando e cooperando no Paraguai. O que não quer dizer que diminuiu a violência do regime, cabe lembrar a repressão a grupos camponeses como a Ligas Agrárias<sup>435</sup>, a OPM, o *Movimiento Paraguayo de Libertación* (MOPAL)

---

<sup>431</sup> Como, por exemplo, o programa a *Voz Colorada* e o jornal *Diário Pátria* que por vezes anunciavam ataques contra subversivas/os. Ibidem, p. 306-307.

<sup>432</sup> Ibidem, p. 331.

<sup>433</sup> Principalmente da Itaipú, mas também teve reflexos do dinheiro absorvido pela *Alianza para el progreso* de John Kennedy desde 1961. NICKSON, Andrew. *La Guerra Fria y el Paraguay*. Assunção: ABC Color, El Lector: 2014, p. 35-37. (Colección 60 años del Stronismo).

<sup>434</sup> SIMON, Jose Luis. *Op. Cit.*, p. 109.

<sup>435</sup> As *Ligas Agrárias Cristianas* se iniciaram na década de 1960, com a ajuda da Igreja Católica dentro da ideia da Pastoral Social, da Teologia da Libertação e seguindo princípios do *Concílio Vaticano II* e *Medellín*. Alguns sacerdotes auxiliaram na organização das comunidades que viviam do plantio comunitário, escolas *campesinas* de alfabetização, dentro de uma experiência de autogestão solidária. Foram organizadas em várias localidades do país, outras Ligas também ocorreram fora do Paraguai. O governo como de hábito, foi destruindo as ligas que estavam se organizando entre as décadas 196-1970, e foram reprimidas em momentos e locais distintos, contudo o ato final de destruição ocorreu em conjunto com a queda da OPM. E antes disso, no ano de 1972, vários sacerdotes jesuítas foram expulsos das comunidades e do país. Após a queda de Stroessner, segundo Mirta Rivarola, os movimentos camponeses voltaram a se organizar. RIVAROLA, Milda. *Op. Cit.*, p.57-66, PAZ, Alfredo Boccia, AGUILAR, Rosa Palau, GONZÁLEZ, Myrian Angélica. *Op. Cit.*, 2014. p.126, BLANCH, José M., ACUÑA, Edith, BAREIRO, Line (et. al). *Op. Cit.*, p. 176-178.

<sup>436</sup>, o *Ejército Paraguayo Revolucionário* – EPR<sup>437</sup>, entre outros que ocorreram na década de 1970<sup>438</sup>.

Além disso, a mudança de ambiente pode indicar para além do esforço local que foi primordial para salva-guardar vidas, a postura dos Estados Unidos com relação ao tema dos direitos humanos no mundo, com a presidência do Democrata Jimmy Carter em 1977-1981<sup>439</sup>. Esse

---

<sup>436</sup> O *Movimiento Paraguayo de Liberación* foi uma pequena organização clandestina criada em 1970-71, tinha uma orientação marxista e faziam atividades de promoção política não armada, tinham uma publicação chamada *Tetagua Sapucaí*. A repressão desse grupo foi feita pela aproximação com o EPR, mas as ações da EPR não tinha vínculos com o MOPAL, quando a policia reconheceu isso, continuou a busca em outros setores. Foram presas/os 23 pessoas no mês de novembro e dezembro de 1974. PAZ, Alfredo Boccia. *Op. Cit.*, 2004, p. 137, BLANCH, José M., ACUÑA, Edith, BAREIRO, Line (et. al). *Op. Cit.*, p. 186-190.

<sup>437</sup> O *Ejército Paraguayo Revolucionário* foi criado desde a Argentina em conjunto com exiladas/os Paraguaiois e o grupo EPR argentino. Segundo o livro *El precio de la Paz*, foram presas 12 pessoas em 24 de novembro de 1974, de acordo com os testemunhos o próprio Stroessner assistiu os interrogatórios. RIVAROLA, Milda. *Op. Cit.*, p. 52-53, BLANCH, José M., ACUÑA, Edith, BAREIRO, Line (et. al). *Op. Cit.*, p. 184-185.

<sup>438</sup> Em conformidade com as reflexões de Milda Rivarola e Cristina Scheibe Wolff acerca das guerrilhas, esquerdas, armadas ou não, e as demais organizações clandestinas no Cone Sul, é importante entendê-las como organizações que não se construíam isoladamente, pois havia uma certa circulação de informações, ideias e serviços, que, claramente tem que ser olhada em suas especificidades, mas, como em qualquer análise histórica não pode ser desconectadas dos processos históricos globais. RIVAROLA, Milda. *Op. Cit.*, 2014, p.55-57, WOLFF, Cristina Scheibe. Feminismo e configurações de gênero na guerrilha: perspectivas comparativas no Cone Sul (1968-1985). *Revista Brasileira de História*, vol. 27, nº 55, São Paulo, dez.2007, p. 19-38. Disponível em < Disponível em <> Acesso em 05 jun. 2016> Acesso em 05 jun. 2016.

<sup>439</sup> Após oito anos de governos *Republicanos*, uma Guerra no Vietnã (1955-1975), uma invasão mal sucedida em Cuba (Baía dos Porcos), o escândalo Watergate, o governo de Jimmy Carter, tinha um olhar para a defesa dos direitos humanos desde os Estados Unidos para a América Latina, deixando em segundo plano a luta anticomunista. No Paraguai a administração de Carter era chamada de carter-comunismo. SIMON, Jose Luis. *Op. Cit.*, p. 109, p.112, NETO, Waldemar Dalenogare. A Política Externa dos Direitos Humanos De Jimmy Carter. In: *XXVIII Simpósio Nacional de História: Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios*, XXVIII, 2016, Florianópolis, ISBN: 978-85-98711-14-0. Disponível em

momento, da presidência de Carter nos Estados Unidos é bastante celebrado nos livros<sup>440</sup> e aparece em algumas entrevistas<sup>441</sup>. Nesse período, no Paraguai teve uma importância circunstancial à presença do embaixador dos Estados Unidos, Roberth White que esteve nesse país entre os anos de (1977-1980). White atuou juntamente com os grupos de direitos humanos e, até mesmo pressionando o governo paraguaio para a soltura de Domingo Laino<sup>442</sup>, por exemplo, que havia sido preso e incomunicável<sup>443</sup>. Não se pode negar que o apoio estadunidense ajudou a diminuir, por exemplo, o número de presos no Paraguai no ano de 1978. Contudo não se pode esquecer que esse país financiou a maquinaria de repressão<sup>444</sup> e deu apoio diplomático desde o início dessa ditadura civil-militar. A cooperação dos Estados Unidos foi cúmplice nas violações de direitos humanos no Paraguai.

Como sugere Andrew Nickson, os Estados Unidos agiu de forma indiferente diante das repressões ou manifestações contra o regime no

---

<[http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anaais/39/1426801446\\_ARQUIVO\\_ANPUHWALDEMAR.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anaais/39/1426801446_ARQUIVO_ANPUHWALDEMAR.pdf)> Acesso em 09 abr. 2016.

<sup>440</sup> Apenas para citar alguns: BLANCH, José M., ACUÑA, Edith, BAREIRO, Line (et. al). *Op. Cit.*, p. 166, SIMON, Jose Luis. *Op. Cit.*, p. 94, 112, PAZ, Alfredo Boccia, PALAU, Gonzalez. *Op. Cit.*, p. 286, BRUN, Diego Abente. *Op. Cit.*, p. 53-55.

<sup>441</sup> PAZ, Alfredo Boccia. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 5, PAREDES, Claudio Roberto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 03/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 7, LAINO, Rafaela Guanes. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 8.

<sup>442</sup> Segundo Diego Abente Brun, Robert White durante sua estadia em Assunção, devido seu comprometimento com a causa dos direitos humanos, era visto com maus olhos por parte do *Partido Colorado* e pelos demais perpetradores de violações dos direitos humanos. BRUN, Diego Abente. *Op. Cit.*, 2014, p. 54

<sup>443</sup> LAINO, Rafaela Guanes. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 8, CASTRO, Luis Félix Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. 13/01/2015. Assunção, Paraguai. Gravador Digital. Acervo da autora, p.19.

<sup>444</sup> A autora Milda Rivarola aponta que a ajuda estadunidense, dentro do marco da Guerra Fria, deu-se tanto no auxílio a treinamentos para aperfeiçoamento da repressão como cursos de contra insurgência, na criação da *Dirección Nacional de Asuntos Técnicos*, quanto ajuda econômica em que entre os anos de 1953 a 1961 o governo recebeu em média 0,6 milhões de dólares e entre os anos de 1963 a 1974 mais de 24 milhões de dólares para a ajuda militar. RIVAROLA, Milda. *Op. Cit.*, p.16-17. (Colección 60 años del Stronismo).

Paraguai. A exemplo disso, o autor aborda dois momentos: a ação *callejera*<sup>445</sup>, que se coloca as/os estudantes como as/os principais atuantes em 1969, com a visita de Nelson Rockefeller ao Paraguai, ou diante da *Pascua Dolorosa* que deteve pessoas envolvidas, ou não, com a OPM em 1976<sup>446</sup>. O mesmo autor comenta que foi somente no período de decomposição<sup>447</sup> do regime stonista que os Estados Unidos começou a se preocupar com a democratização desse país, realizando críticas a Stroessner<sup>448</sup>.

Além do financiamento que foi importante para adequar todo o sistema de repressão e até mesmo sustentação do regime<sup>449</sup>, com sua rede de corrupção em diversas instituições<sup>450</sup>. Tampouco, pode-se olvidar do *Operativo Cóndor* em que partir de 1975, foi ampliado os esforços militares entre os países vizinhos para matar, desaparecer, prender/torturar pessoas consideradas subversivas numa ação conjunta das forças armadas: Chilena, Brasileira, Uruguiaia, Argentina e Paraguaia. Com auxílio da *Central Intelligence Agency* (CIA) e outras centrais de inteligência que também dispuseram de informações e serviços<sup>451</sup>.

A ênfase nesse apoio mútuo entre os países para reprimir faz com que a luta pelos direitos humanos faça ainda mais sentido, pois muitas vezes, não foram as campanhas vindas desde o exterior que salvaram vidas, de fato foram frulcrais, mas tem que se levar em conta que sem as denúncias e os esforços locais, o regime poderia ter matado, torturado e desaparecido com muitas outras pessoas. Das organizações paraguaias de direitos humanos pude perceber desde os livros e dos documentos do

---

<sup>445</sup> Manifestações de rua.

<sup>446</sup> NICKSON, Andrew. *Op. Cit.*, 2014, p. 33-35, 67.

<sup>447</sup> Esse autor, em sua análise sobre o regime, faz uso de um recorte de três etapas do stonismo, sendo elas: 1ª) a fase de consolidação do regime- 1954-1967, 2ª) a fase de expansão- 1968-1981, 3ª) a etapa de decomposição -1982-1989. Pode-se ver uma explicação das etapas em: NICKSON, Andrew. *Op. Cit.*, 2010.

<sup>448</sup> NICKSON, Andrew. *Op. Cit.*, 2014, p. 67-70.

<sup>449</sup> BRUN, Diego Abente. *Op. Cit.*, 2014, p. 55.

<sup>450</sup> Ibidem, p. 34-35.

<sup>451</sup> Ver em: PADRÓS, Enrique Serra. A Operação Condor e a conexão repressiva no Cone Sul: a luta pela verdade e justiça. *Oragon*, Porto Alegre, jul-dez, 2009, p. 19-26. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/organon/article/viewFile/29506/18191>> Acesso em: 25 ju. 2016., PAZ, Alfredo Boccia, LOPEZ, Miguel H., PECCI, Antonio V., GUANES, Gloria Giménez. *En los sótanos de los generales- los documentos ocultos del Operativo Condor*. Assunção: SERVILIBRO, EXPOLIBRO, 2002, p. 49-50, 134-135.

*Archivo del Terror*, que se denunciavam não somente as prisões aos organismos internacionais, abordavam também sobre o financiamento americano ao Paraguai <sup>452</sup>, sobre o problema das questões de terras, sobre a perseguição aos *campesinos* e indígenas, para além das pessoas presas. Apesar da abordagem desse trabalho focar nas memórias da ação de Carmen de Lara Castro e das pessoas entrevistadas, não se pode excluir as outras demandas que eram realçadas na luta pelos direitos humanos.

Na ânsia de perceber as vinculações de Carmen de Lara Castro com outros grupos e pessoas, foi-se percebendo que apesar de muitas vezes ser lembrada como uma mulher solitária e solidária na luta, ela não foi uma mulher sem apoio, não agiu sem ajuda ou sem imunidade política e isso aparece justamente nas entrevistas. Talvez se tivesse tentado agir sozinha, não tivesse ido tão longe com a *Comisión*. A última organização que emergiu na década de 1970, e que pude rastrear, foi encontrada durante duas entrevistas, uma com Roberto Paredes e outra com Tício Escobar, ambos foram organizadores do que foi chamada de *Juventud Paraguaya por los Derechos Humanos* (JPDH).

No informe de 1978 da OEA no capítulo VII, em que aborda o direito de reunião e associação, comenta que a senhora Carmen Casco de Lara Castro, deputada e presidenta da *Comisión* “y los integrantes de la recién formada Juventud Paraguaya por los Derechos Humanos” <sup>453</sup> estavam sofrendo perseguições devido a sua atuação pelos direitos humanos, entre tantas outras denúncias desse informe de 1978.

Sobre a organização da Juventude Paraguaya pelos Direitos Humanos há pouquíssimas informações <sup>454</sup>, até mesmo quando se busca no *Archivo del Terror* os anos cobertos pela polícia stronista são 1977 a 1979 <sup>455</sup>. A partir das entrevistas orais e do informe da OEA, pude inferir que essa foi criada entre os anos de 1977/1978 e, que realizaram uma campanha de solidarizarão aos presos no ano de 1978, chamada de “por

---

<sup>452</sup> SIMON, Jose Luis. *Op. Cit.*, p.60-62.

<sup>453</sup> Disponível em <<http://www.cidh.org/countryrep/Paraguay78sp/cap.7.htm> > Acesso em 1 mai. /2016.

<sup>454</sup> Não há informações sobre a *Juventude Paraguaya por los Derechos Humanos*, mesmo quando aparecem nos livros: PAZ, Alfredo Boccia, AGUILAR, Rosa Palau, GONZÁLEZ, Myrian Angélica. *Op. Cit.*, 2014, p. 176, RIVAROLA, Milda. *Op. Cit.*, p. 84.

<sup>455</sup> Aparecem 14 documentos acerca dessa organização Ver em: <http://www.aladin0.wrlc.org/gsd/cgi-bin/library?e=d-01000http://www.aladin0.wrlc.org/-00---off-0terror--00-1--0-10-0---0---0prompt-10---4-----0-11-11-es-50---20-home---01-3-1-00-0-0-11-0-OutfZz-8-00&a=d&c=terror&cl=CL3.9.23> Acesso em 07 abr. 2016

una navidad sin presos”, como adesão a uma das resoluções do I Congresso de Direitos Humanos que, aliás, participaram<sup>456</sup>.

Contando sobre como conheceu Carmen de Lara Castro e trabalhou com ela, Roberto Paredes informou sobre a repressão e sobre a criação de um grupo organizado e que tinha vínculos com a *Comisión*. Na década de 1960, Paredes esteve envolvido com o grupo de esquerda, chamado de MOPAL que foi desarticulado após a uma tentativa de assassinato a Stroessner pelo EPR. Esses dois grupos clandestinos estavam em contínuo intercâmbio, mesmo se o MOPAL não tivesse tido envolvimento com essa ação, os dois grupos foram perseguidas/os e presas/os, entre outras pessoas que foram presas acusadas de terem envolvimento com a ação<sup>457</sup>. A fala de Paredes evidencia essas questões, destaco aqui, um excerto da entrevista:

[TS-] Como é que o senhor conheceu a Carmen?

[RP-] Quando eu saí da prisão... Eu cai [preso] em dezembro de 74 e saí em dezembro de 77. Quando eu saí da prisão que era um campo de concentração, onde todos ficavam juntos, homens mulheres [...] Aqui na *Emboscada*, uns 50 quilômetros de Assunção. Mas, como eu te falava... pela pressão do governo norte americano, sobretudo, os europeus também, inclusive até o Japão pressionava Stroessner. Ele ia libertando as pessoas, soltando. Quando saí tinha uns 80, 100 presos, mais ou menos, não era muito. Mas, eu saí com um propósito que era de estruturar uma ação legal de apoio à luta pela libertação dos demais presos. Na Juventude Paraguaia pelos direitos humanos trabalhamos em coordenação com o grupo da Comissão Nacional dos Direitos Humanos com *Coca* Lara Castro e Resck. Tinha

---

<sup>456</sup> POR uma navidad sin presos. Assunção: *ABC Color*, 15/12/1978, p. 20. (Microfilmado). Disponível no Centro de Documentación y Archivo para la Defensa de los Derechos Humanos. Assunção, Paraguai. 0229F0606. Acervo da autora.

<sup>457</sup> Foram presas 24 pessoas de partidos políticos como o *Colorado*, *Partido Liberal Radical Autentico* e *Febrerista*, e outras tantas do *Partido Comunista Paraguayo* foram presas/os torturadas/os, e alguns foram mortos, acusadas/os de participar do MOPAL e do ERP Argentino. RIVAROLA, Milda. *Op. Cit.*, p. 52-53.

dias que eu dormia na casa da *Coca*, porque eu era muito perseguido na época, eu era um...

[interrupção- Paredes atende o telefone]

[TS-] Então, como o senhor conheceu a Carmen? O senhor saiu da prisão e formou um movimento...

[RP-] Saí da prisão e formei um movimento e trabalhamos de imediato com o grupo da Carmen, fizemos muitos amigos e fomos muito amigos. Tivemos uma amizade muito forte com Carmen e com Resck, porque eles dois eram as pessoas que mais trabalhavam sobre esse negócio dos presos políticos. E nós na Juventude éramos mais fortes politicamente. Porque diferente deles, como te falei, éramos um pouco mais aventureiros, mais arrojados por um lado, por outro lado tínhamos vínculo direto com os familiares dos presos, porque nos conhecíamos da prisão. Entendeu? Éramos pessoas de confiança das filhas, das mães, dos pais e das pessoas que estavam nas prisões. Então para a Coca era uma vantagem trabalhar conosco, certo?

[TS-] Sim.

[RP-] Por um lado. Por outro lado, nós tínhamos um desenvolvimento intelectual diferente. Ela era do *Partido Liberal*, a Coca, inclusive sem formação doutrinária liberal muito forte. O outro era Democrata Cristão. Nós éramos marxistas, na maioria, tínhamos muito mais leitura. Sabíamos escrever, comunicados, panfletos e tudo isso. Então assinamos juntos, mas quem na verdade trabalhava, éramos nós. Só que no momento em que a polícia nos prendia. Nós dizíamos que eles eram nossos chefes. Eles eram da oligarquia intocável, sabe. A Coca Lara Castro nunca foi presa. Ela é descendente de Mariscal Estigarribia.

[TS-] Sim.

[RP-] A mulher de Estigarribia, era irmã da mãe da Coca Lara Castro, ou seja, ela era de uma oligarquia poderosa <sup>458</sup>.

---

<sup>458</sup> PAREDES, Claudio Roberto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. 03/05/2014. Gravador Digital. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 8.

A entrevista com Roberto Paredes foi impulsionada devido a escrita de um de seus livros “*Mujeres Rebeldes por la Patria*”<sup>459</sup>, nele, entre outras biografias de mulheres, trazia uma sobre a militância de Carmen de Lara Castro. Então com a oportunidade de ir a Assunção em 2014, programei uma entrevista em que pudesse abordar sobre a atuação de Carmen de Lara Castro, visto que Paredes sinalizou, em conversas por email, que trabalhou com ela desde a *Comisión*. Desse excerto, destaco que a JPDH, na fala de Roberto Paredes, teria emergido praticamente por sua vontade de mudar a situação dos presos no país, e que segundo sua narrativa eram poucos, mas ainda assim estavam em situação de risco

Carmen de Lara Castro e Luis Alfonso Resck são lembrados como pontos de apoio para realizarem suas atuações nessa organização juvenil pelos direitos humanos, pois na realidade por serem mais jovens e de esquerda eram mais “aventureiros”. Em outra parte da entrevista, que se conecta com a citação acima destacada, Paredes conclui que as ações de seu grupo eram mais “ousadas”: “invadimos o palácio do Lopez, por exemplo, com Stroessner dentro [...]”<sup>460</sup>. Nesse sentido, indica tanto uma diferença de geração entre eles que eram mais arrojados que a/o “Chefes”, quanto de leituras que tinham da realidade paraguaia, já que eram vinculadas à esquerda marxista<sup>461</sup>, além disso, diferencia o tipo de ação que realizavam, podendo ser percebida tanto pela ideia de trabalho, quanto pela “maior” vivência da prisão.

Nesse caso, ele teria a conexão com as/os familiares porque conheceu essas pessoas durante o período de cárcere e isso seria uma vantagem para a *Comisión*, tê-los próximos e ajudando na conscientização das pessoas jovens sobre os direitos humanos. Acredito que a vantagem era poder congregar mais pessoas para a luta dos direitos humanos e o vínculo com outras pessoas presas. Porém, essa conexão e confiança das famílias e das pessoas presas, supostamente Carmen de Lara Castro também as possuía. Mas, ela poderia ser vinculada ao *Partido Liberal Radical Autentico*, que na época era um partido de oposição não reconhecido pelo regime, e isso poderia ser um ponto de afastamento das famílias das pessoas presas, nesse sentido o apoio da JPDH seria importante.

Outro ponto relevante de sua entrevista é que a pressão de vários países fez com que soltassem a maioria das/os presas/os que estavam

---

<sup>459</sup> PAREDES, Roberto. *Op. Cit.*, 2011, p. 59-69.

<sup>460</sup> PAREDES, Claudio Roberto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 03/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 2.

<sup>461</sup> *Ibidem*, p.8.



encarceradas/os. A *Emboscada* foi um dos lugares que teve de ser acionado, pois já não funcionava, era um antigo reformatório, devido ao grande número de pessoas que foram presas nessa época. Levá-las/os para tão longe de *Assunção*, teve vários efeitos, para além de tentarem isolá-los. Esse cárcere não estava adequado, como a maioria, para receber pessoas.

A fala de Paredes é de contrastes e até mesmo destoa de outras que geralmente endossam a imagem de Carmen de Lara Castro como uma “heroína” e sua visão da ditadura é um pouco mais ampla, fala que a oposição podia ter periódicos, e por mais que a o regime fosse autoritário e arbitrário, tinha circulação de ideias<sup>462</sup>. Durante a entrevista ele indica que a atuação de Carmen de Lara Castro foi significativa na década de 1970<sup>463</sup>, mas não era tão relevante quanto parece ser<sup>464</sup>,

[RP-] Eram poucas as denúncias [feitas por ela], por exemplo, você faz greve de fome porque um oficial veio e te golpeou com cassete. Então ela pegava, fazia uma nota e mandava pôr nos jornais. Falavam Carmen Lara Castro, presidenta da comissão de direitos humanos denunciou [...] <sup>465</sup>.

A ênfase de Paredes durante a entrevista foi a de mostrar que ela era uma mulher da “Oligarquia Paraguaia”<sup>466</sup> e com pouca leitura da doutrina de seu partido. Que ela teve seus méritos, mas que não foi uma “heroína” ou uma mulher da esquerda, destacando-a como uma mulher

---

<sup>462</sup> Como exemplo o Partido Comunista Paraguaio que não era tolerado, tinha um periódico *Adelante*. PAREDES, Claudio Roberto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 03/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 3-4.

<sup>463</sup> PAREDES, Claudio Roberto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 03/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 3.

<sup>464</sup> Esse tema foi discorrido no texto: SILVA, Tamy Amorim. Por que a Carmen de Lara Castro? Reflexões sobre a História Oral e a Escrita Biográfica. X Semana de História Política. X, 2015, Rio de Janeiro, UERJ. Disponível em: <<http://semanahistoriauerj.net/wordpress/wp-content/uploads/2016/01/anais-semana-de-historia-2015.pdf>> Acesso em 15 mai. 2016

<sup>465</sup> PAREDES, Claudio Roberto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 03/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 8.

<sup>466</sup> PAREDES, Claudio Roberto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 03/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 9

de origem familiar oligarca e sem formação política e que poderia realizar suas atividades sem ter sido golpeada pela ditadura. O que difere da escrita de seu livro, nele Carmen de Lara Castro é abordada com a imagem da uma *militante de la alma* muito importante e incansável na luta pelos direitos humanos. Notadamente, o livro tem o caráter de positivar a luta de 21 mulheres que se opuseram ao regime, sendo um importante aporte e um país com poucos livros que se dedicam as mulheres e a resistência. Claramente não é um livro de pesquisa histórica, mas tem esse teor de visibilizar as mulheres, sendo um trabalho impulsionado pela *Secretaria de la Mujer*<sup>467</sup>.

Diferente do livro, em que Paredes não poderia tecer suas críticas sobre a atuação de Carmen de Lara Castro, a entrevista mostra outra versão sobre a mesma personagem que foi escrita por ele. É importante atenuar essas variações sobre essa personagem para verificar que existem diferentes “Carmen’s”, as que são escritas geralmente são personificações de mães, muito bravas e que se sacrificam em prol das/o filho ou da família, e nesse caso, em prol de pessoas presas. E a outra, que é falada nas entrevistas, remete ao cotidiano, as recordações e que possuem outras relações de sentido, sendo um lugar tanto para construir uma Carmen de Lara Castro como uma heroína, quanto uma que é exposta por seus vínculos familiares, sociais e que não deixa de ser caracterizada pela bravura. Mas ainda assim, se dá em outro trato, já que também parte dos questionamentos da pesquisadora que investiga a personagem.

Em outra entrevista, as atividades da JPDH também são contadas e nos explicam com “outro olhar”, a emergência desse grupo juvenil. A forma em que descreve a criação e atuação desses é diferente da leitura de Paredes, é um pouco mais ampliada, no sentido de trazer outras pessoas para a história narrada:

[TE-] Era mais a questão de ativismo, não tinha produção teórica, não teve periódico, não teve manifesto. Era pura atividade política...

[TS-] E quem organizava as atividades?

[TE-] Luis, meu nome oficial é Luis Manuel Escobar, mas meu apelido é Tício. É meu nome de

---

<sup>467</sup> Contudo poderia ter sido escrito por autoras reconhecidas como feministas e que tem diversos livros publicados sobre a temática como: Line Bareiro, Clyde Soto, Mary Monte, Graziella Corvalán, Lilian Soto, entre tantas outras que se vinculam ao CDE. Os motivos e intenções desse livro ter sido escrito por um homem não foram estudados nessa investigação, mas claramente é uma interrogação que me faço.

guerra. Roberto Paredes, Fredy Luis que mora em São Paulo e Ernesto Heisecke. E nós fundamos em 70 [a Juventude Paraguaya por los Derechos Humanos], e éramos um pouco a ala da esquerda. E, aí se dava numa conexão interessante porque os outros setores da comissão de defesa dos direitos humanos que eram Luis Afonso Resck, Adriano Irala Burgos, Jerónimo Irala Burgos, Pastor Ihle. Tinham um pouco medo porque éramos mais de esquerda, mas *Coca* era... Ela alimentava isso, para ela parecia interessante que a comissão também tivesse... Ela não entendeu isso com ciúmes ou como se fôssemos adversários, ao contrário, lhe parecia que isso nutria. Como eu era membro da comissão meu papel era um pouco duplo. Essa comissão tinha ações e relações com estudantes, com movimentos de camponeses, fazíamos atividades como manifestações. Era bastante invisível não uma era atividade política que se tinha em outros planos, mas sim como de exigir, por exemplo, que no *Partido Liberal Radical* ou na Comissão mesmo de terem uma posição mais firme em determinadas questões. *E isso era pedir demais. Porque éramos muito jovens e muito radicais!* E *Coca* era assim como um fator de conciliação e cumpriu um papel importante porque ela era uma figura intocável dentro da oposição e dentro dos movimentos de esquerdas.

[TS-] Como vocês criaram essa Juventude? Como começou?

Começou com reuniões dos setores de cada partido. Cada partido tinha um setor mais de esquerda do *Partido Colorado*, do *Partido Liberal*, da Democracia Cristã, então, começamos a nós juntar.

[TS- ] E a Juventude começou?

[TE-] A juventude mais radical dentro do partido cristão, começaram a ficar um pouco inquietos, porque eles estavam um pouco *aposentados* [risos]. Então, decidimos pelos direitos humanos, nos demos conta que o que tínhamos todos em comum era o tema dos direitos humanos. Então, foi aí que se criou esse movimento e foi aí que se gerou como uma atitude de alerta, de crítica e de discussão. Éramos Intermediários entre o trabalho da *Coca* e os movimentos da juventude, por exemplo: os

Movimentos Estudiantis tanto do colégio como da universidade. E dávamos um pouco... Uma parte mais fresca a comissão que era muito formal, muito jurídicista e de assistência. E nós achávamos que não era só assistência aos presos políticos e de denúncia, também tinham que trabalhar um pouco com as causas, os contextos, os vínculos e gerar feitos políticos a partir disso. Que a *Comisión* gerasse efeitos políticos desde outro lugar e mais firmes, para impedir que se ocorressem as mortes e produzissem detenções. E nós ajudamos muito com uma logística mais ágil, por exemplo, como esconder os presos, asilá-los em uma embaixada. Isso que era a *Juventud*. A *Comisión* era de gente mais velha e era difícil esse movimento, então nós, entrávamos a noite, rodeávamos a embaixada. Fazíamos atos mais dinâmicos nesse sentido... Creio que não era melhor e nem pior. A *Coca* fazia o trabalho de denúncia internacional com a lei nas mãos, e era uma figura respeitada por todos, mas baseada sempre em princípios constitucionais. Depois ela foi senadora e então era uma figura como de conciliação <sup>468</sup>.

Diferente da memória de Roberto Paredes, a fala de Tício Escobar desperta que a criação dessa organização juvenil foi realizada por algumas pessoas com vinculação de esquerda, por perceberem que os partidos não lhes davam o espaço de ação que necessitavam, e talvez, autonomia. Escobar não se recorda de panfletos ou de trabalhos desenvolvidos pela *Juventud*, nesse primeiro momento da entrevista, mas em outra parte conta que fizeram um trabalho escrito sobre a situação das pessoas presos no Paraguai<sup>469</sup>. Para ele a JPDH era a ala *mais a esquerda e mais radical*, por serem jovens e com leituras diferentes sobre o mundo e tipos de atuações. Nesse sentido, faziam o intermédio de ação junto a outros grupos que a *Comisión* não atuava com tanto vigor, compreendendo que na *Comisión* por seus membros serem pessoas mais velhas e por serem de

---

<sup>468</sup> ARGANA, Luis Manuel Escobar. (Tício Escobar). Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 22/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p.2.

<sup>469</sup> ARGANA, Luis Manuel Escobar. (Tício Escobar). Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 22/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora,, p.10

partido políticos tradicionais, eram pessoas com ações mais conservadoras.

Algo interessante é como narra Carmen de Lara Castro, uma mulher *intocável* e mais jurista, conectada a Constituição e com ações que visavam à denúncia e o auxílio. Na sua interpretação, a importância dela, entre outros fatores destacados, se dava por conseguir conciliar os dois grupos: os mais radicais e as pessoas mais conservadoras. Conseguindo ver no apoio da *Juventud* uma aliança na luta pelos direitos humanos. Outra atuação, que Escobar salienta sobre Carmen de Lara Castro, que aparece em algumas entrevistas, talvez também pela militância de seu filho Jorge Lara Castro, foi a de asilar pessoas perseguidas em sua casa<sup>470</sup>.

Segundo Escobar que frequentava tanto a *Juventude* quanto a *Comisión*, a atuação da JPDH também era de cobrar maior posicionamento da *Comisión* em relação ao contexto em que viviam. Nesse momento da entrevista, acredito que Escobar refletiu que essas exigências de posicionamento eram demasiadas para um grupo de pessoas conservadoras, podendo ser evidenciado pelo “era pedir demais, porque éramos muito jovens e muito radicais”.

Relevante também na entrevista de Escobar, em outros trechos não citados, é que nem todos da *Comisión* viam com bons olhos a ação da *Juventude* vinculada a *Comisión* por serem mais de esquerda e a organização tinha uma reputação mais formal. Esse fator parece não ter incomodado Carmen de Lara Castro, como no relato acima, em que o “frescor” das diferentes gerações e ideias “lhe parecia interessante”. Mas, em um relato posterior, Escobar aponta que Carmen de Lara Castro, apesar de ser uma personagem de conciliação entre os grupos, também tinha seus medos dessas possíveis vinculações. Escobar conta que Carmen de Lara Castro, dizia-lhe: “*Estás metido com gente comunista*,

---

<sup>470</sup> Fala que Carlos Pocho Livieres dos Montoneros esteve vivendo na casa de Carmen de Lara Castro. ARGÑA, Luis Manuel Escobar. (Tício Escobar). Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 22/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 4. Outra/os pessoas falam da relação de asilo na casa de Carmen de Lara Castro: LAINO, Rafaela Guanes. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 14, PAREDES, Claudio Roberto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 03/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p.8, CASTRO, Martín Alejandro Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 6, PAZ, Alfredo Boccia. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. 07/05/2014. Gravador Digital. Acervo da autora, p. 5.

*subversiva e vais ter muitos problemas!*[Imita a voz de Carmen de Lara Castro]... Ela procurava que essas pessoas não entrassem dentro da estrutura da *Comisión*<sup>471</sup>”.

A meu ver essa aproximação de grupos com diferentes posições era uma vantagem para a *Comisión*, contanto que ficassem em uma distância segura, e que não atuassem de maneira que fosse contrária a visão da *Comisión*.

É importante assinalar que Tício Escobar Argaña tem em suas memórias, Carmen de Lara Castro como uma “mãe” e muito presente em sua história com os direitos humanos. Ele mesmo me disse durante a entrevista que não conseguiria fazer uma análise “muito crítica”, justamente porque ele nunca havia pensando nela de forma analítica<sup>472</sup>. Quando estive preso, em uma das vezes, contou-me que Carmen de Lara Castro o visitou todos os dias, quando sua mãe não podia visitá-lo em função do impedimento policial<sup>473</sup>. Além disso, a irmã de Tício Escobar é casada com Jorge de Lara Castro, o que fez com que as famílias se unissem ainda mais. Então, a interpretação de Escobar passa por esses vínculos afetivos, o que não exclui a possibilidade do uso de suas memórias, aliás, todas as pessoas entrevistadas foram próximas de Carmen de Lara Castro, até mesmo Paredes que fez uma fala “mais crítica”, enfatizou que dormiu na casa *Coca*, várias vezes porque era uma pessoa procurada e ali recebia asilo<sup>474</sup>.

Atento para isso, pois, foi uma questão comentada por Escobar durante a entrevista quando fiz uma pergunta sobre a participação de Carmen de Lara Castro pelos direitos humanos, ele não se sentiu capaz de responder, e disse: “*Eu não sei*. Eu a conheci já apaixonada por isso. Não

---

<sup>471</sup> ARGAÑA, Luis Manuel Escobar. (Tício Escobar). Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 22/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 4.

<sup>472</sup> ARGAÑA, Luis Manuel Escobar. (Tício Escobar). Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 22/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 13.

<sup>473</sup> ARGAÑA, Luis Manuel Escobar. (Tício Escobar). Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 22/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p.5-6, 19.

<sup>474</sup> PAREDES, Claudio Roberto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 03/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 8.

tenho uma mirada histórica sobre isso. Não posso analisar isso. Para mim era natural vê-la assim, esse era seu mundo e sua paixão”<sup>475</sup>.

Escobar tem formação em Direito e Filosofia, é crítico de arte e diretor do *Museo de Barro*, sendo um relevante intelectual Paraguaio. Essa sua narrativa é importante, pois mostra sua capacidade de ver que sua memória sobre Carmen de Lara Castro é afetiva e que não realizou um estudo sobre ela, dessa forma não se sentia capaz de analisá-la historicamente<sup>476</sup>. Todavia, nesse trabalho, não se fez uma busca pela verdade sobre a Carmen de Lara Castro, em se tratando de memória, interessou-me saber o que recordavam e como lembravam as/os entrevistadas/os. As memórias são entendidas por mim como verdades contadas e vividas, no sentido de que foram incorporadas de algum modo por essas pessoas, e trazidas em meio à entrevista por meio da fala.

De acordo com Escobar essa *Juventud* teria continuado seus trabalhos por uns cinco anos, mas não foi levado adiante, pois seus membros começaram a sair do país para o exílio devido à perseguição do regime<sup>477</sup>. Ele também era muito visado, mas, continuou no país. A exemplo do acossamento da polícia stronista, segundo o livro *El Precio de la Paz*, 14 jovens foram presos em 13 de junho 1979 na sede do *Partido Revolucionário Freberista* (PRF), chamada de *Casa del Pueblo*<sup>478</sup>, no qual estavam realizando uma reunião da JPDH. E foram presos por dois dias por estarem com material de distribuição sobre a inundação do Rio Paraguai no qual pediam para o Estado decretar Emergência devido à situação calamidade<sup>479</sup>.

---

<sup>475</sup> ARGAÑA, Luis Manuel Escobar. (Tício Escobar). Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 22/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 13.

<sup>476</sup> ARGAÑA, Luis Manuel Escobar. (Tício Escobar). Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 22/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 13.

<sup>477</sup> Cita dois membros Roberto Paredes e Frederico, Fredy Luis. Ibidem, p. 4.

<sup>478</sup> A *Casa del Pueblo* era sede do *Partido Revolucionário Febrerista* que desde 1964 foi reconhecido pela Juta Eleitoral para participar das eleições municipais do outro ano, mais tarde esse partido tornou-se abstencionista, mas ainda assim era um partido reconhecido de modo que poderia ter um jornal do partido. Nesse local na década de 1970 e 1980, muitos partidos vinculados ao *Acuerdo Nacional* (PLRA, PDC, MOPOCO e PRF), grêmios e outros grupos sociais se reuniam ali com certa legalidade. PAZ, Alfredo Boccia. *Op. Cit.*, 2004, p.49.

<sup>479</sup> BLANCH, José M., ACUÑA, Edith, BAREIRO, Line (et. al). *Op. Cit.*, p. 232-233

Talvez as ações da *Juventud Paraguaya por los Derechos Humanos* de “cobrar” mais ação tenha influenciado a *Comisión* a realizar os Congressos que discutiam o tema dos direitos humanos. Já que Tício Escobar tinha o trabalho, dentro da *Comisión*, de fazer as atas e ajudar nos encontros <sup>480</sup>. Sobre o Congresso de Direitos Humanos, Tício Escobar contou que:

[TS]- Eu vou regressar a uma pergunta, sobre o Congresso de Direitos Humanos. Como vocês conseguiram fazer um Congresso de Direitos Humanos em plena ditadura?

[TE-] Porque foi um momento que... *Coca* manejava muito bem a pressão política internacional contra Stroessner. Então para o Stroessner, por exemplo, foi um desprestígio muito grande não deixar entrar aqui, Perez Ezquivel, creio que ele iria participar desse Congresso. Negociou-se com a ajuda da Igreja e havia uma pressão que tinha a ver com a permanência e uma certa debilidade da ditadura e com um controle muito férreo do que se podia fazer ou não. Aproveitou-se um resquício e esteve a ponto de não sair, mas saiu. Minha mãe também trabalhou bastante na organização desse encontro que era uma organização pequena e muitas pessoas não se atreviam a ir, tinham medo.

[TS-] Sim.

[TE-] Mas foi uma coisa como um marco histórico, não tanto por ter sido um Congresso impressionante com muitas conclusões, mas de ter sido feito, sua ação mesma já marcava uma inflexão. Foi um único e primeiro, uma única ação nesse nível e então para nós que lutamos foi uma vitória. Recebemos ameaças, recebemos todos os tipos de pressões. O diário *Patria* oficial combateu muito isso, mas bom, conseguimos fazer <sup>481</sup>.

O impacto desse congresso deve ter sido grande em uma capital bastante vigiada pela polícia. A fala de Escobar aponta para três direções que se cruzam: 1º- Que Carmen de Lara Castro manejava bem as

---

<sup>480</sup> Ibidem, p. 7.

<sup>481</sup> Ibidem, p. 8-9.



organizações internacionais e nacionais em plena ditadura, 2º- Que o governo fazia uma trabalho de desprestigiar o evento 3º- A debilidade da ditadura. Da fala de Ticio Escobar é preciso mencionar que não foi no primeiro encontro em que Perez Ezquivel foi convidado e proibido para entrar no país, mas em sua segunda versão, no ano de 1982<sup>482</sup>, e que ocorreu um terceiro congresso em 1987. Contudo, percorrendo a fala de Tício Escobar ele parece estar comentando sobre o primeiro encontro, pois diz que foi o único, entretanto ele fez uma mescla com os outros dois congressos que ele participou.

O evento em sua memória parece ter o sentido de vitória, pois estavam em um momento bastante delicado, que apesar de ter grandes pessoas participando do Congresso, e até mesmo uma maior visualização sobre os direitos humanos, era uma primeira vez que se fazia um encontro com esse tema no Paraguai.

A ideia da ligação com a Igreja pode ser compreendida no próprio local onde ocorreu, na *Radio Cháritas* que é da Igreja Católica. Outro ponto, relevante da fala de Escobar é que o evento sofreu ameaças do regime até mesmo no jornal. Nelson Garcia Ramirez, também se recorda do Congresso que também participou, segundo ele:

[NR-] Eu fui o secretario do ato que fizemos no local da rádio *Cháritas*, ela realizou dois ou três congressos de direitos humanos. Era um ato político, opositor. Ela organizou com as personalidades que a apoiavam: Jerónimo Irala Burgos, professor Resck que a apoiavam. E eu fui o secretario que fazia as apresentações, e estes atos eram clandestinos. A rádio quase foi fechada, foi fechada... Era uma radio católica, foi a única rádio que nos permitiu fazer um ato de direitos humanos. Ela foi a principal protagonista de todos e organizou todos [os congressos]<sup>483</sup>.

O protagonismo de Carmen de Lara Castro é recorrente em toda a entrevista de Nelson Garcia Ramirez. No mesmo sentido de Escobar, vê nesses congressos uma oposição política, embora a *Comisión* não tivesse partido, percebem-no como uma ação política de luta contra à ditadura. Ramirez aponta que foi algo “clandestino”, mas de fato não ocorreu na

<sup>482</sup> SIMON, José Luis. *Op. Cit.*, 1992, p.193.

<sup>483</sup> RAMIREZ, Nelson Garcia. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 14/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 19-20.

clandestinidade, pois como Escobar aponta, foi denunciado até mesmo no jornal e, além disso, teve um número alto de pessoas participando, pelo menos em sua primeira edição. Outro ponto relevante que agrega a narrativa de Escobar é que tiveram dificuldades para fazê-lo e o apoio da Igreja, com um local para sediar o evento foi fundamental. Nesse evento Ramirez participou como apresentador.

De todas as/os entrevistadas/os, as pessoas que recordam do Congresso são: Alfredo Boccia Paz<sup>484</sup>, Fernando Lara Castro<sup>485</sup>, Martin Lara Castro<sup>486</sup>, Nelson Garcia Ramirez e Tício Escobar Argaña. Cada um a sua maneira recordaram do Congresso, no caso dos filhos de Carmen de Lara Castro, Ramirez e Escobar, porque eles participaram em algum desses Congressos, já na narrativa de Paz, sua memória está vinculada a sua situação de investigador da ditadura. Nessas entrevistas o assunto sobre os Congressos emergiu da fala dessas próprias pessoas, não foi um questionamento feito a partir do roteiro de entrevistas.

---

<sup>484</sup> PAZ, Alfredo Boccia. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 16.

<sup>485</sup> CASTRO, Fernando Adolfo Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 21/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p.7-8.

<sup>486</sup> CASTRO, Martín Alejandro Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 9.

Figura 9 - I Congresso de Direitos Humanos



Da esquerda para a direita: Martínez Yaryes, Miguel Abdón Saguier, Tício Escobar , Monseñor Jorge Livieres Bank, Carmen de Lara Castro, Jerónimo Irala Burgos, Luis A. Resck , Mariano Lara Castro, Nelson García Ramírez. Fonte: DICTADURA Y MEMORIA. *Dictadura y memoria*- un espacio para la reflexión desde los derechos human

A foto traz uma mesa com muitos homens e Carmen de Lara Castro está ali ao centro, debatendo algo com seu esposo Mariano Luis Lara Castro que está um pouco mais ao lado e a frente, tapando Luis Alfonso Resck. Das pessoas que as compõem a mesa, alguns são do *Partido Liberal Radical Auténtico* e da *Democracia Cristiana* que participavam da *Comisión*, um representante da Igreja Católica, além de Ticio Escobar que era da *Juventude por los Derechos Humanos* e também era secretario da *Comisión*. Atrás da mesa, ao lado dos dizeres que apresentam o nome do Congresso, uma representação de uma grade que é atravessada por pássaros que voam no sentido do céu, fazendo alusão a liberdade das pessoas no Paraguai. Do local que a foto foi tirada, aparecem várias cabeças, mas sem aparecer seus rostos. Essa imagem foi retirada de uma revista que se dispõe a discutir memória e lembrar a ditadura e a repressão, nessa edição em específico recordava a Carmen de Lara Castro e sua atuação na luta pelos direitos humanos, entre outros assuntos tratados.

Ao longo dessa exposição lancei a ideia de que Carmen de Lara Castro possuía um círculo de amizade e de alianças com organizações e pessoas que fizeram a *Comisión* crescer em número de pessoas integrantes, assim como de ações. Realizar Congressos de Direitos Humanos vai ao encontro disso: do bom manejo e apoio de Carmen de Lara Castro e da *Comisión*.

Com efeito, foram organizados e produzidos três Congressos de Direitos Humanos no Paraguai pela *Comissão de Defensa de los Derechos Humanos* durante a ditadura (1978, 1982, 1987). Entretanto, aprofundar o tema sobre esses três eventos escapa a proposta de debate desse texto, já que demandaria outras leituras e estudos. Dessa forma vou apenas pontuar brevemente sobre o primeiro já que é recordado por Tício Escobar como um “momento histórico” e também por Nelson Garcia Ramirez. A partir de documentação do *Archivo del Terror*, encontrei um documento policial que possuía o caráter de informar seus superiores, nesse caso Pastor Coronel. Esse documento que foi escrito pelo aparato repressivo, recebe outra tônica que não mais de documento secreto policial que vigiava, mas de promover o conhecimento sobre o período e sobre as resistências “subversivas”.

O primeiro Congresso de Direitos Humanos, como já foi salientado, ocorreu em 1978 entre os dias 8 e 10 de novembro. Havia quatro mesas de comunicações orais que eram coordenadas por pessoas que faziam parte da *Comisión*. Nesse evento, fez-se denúncias sobre os maus tratos contra as mulheres, homens e crianças, desde camponeses a pessoas presas, desde trabalhadoras/es a populações indígenas. Pediu-se o fim do Estado de Sítio e das diversas leis que cerceavam a liberdade, fez-se recomendações e que as conclusões fossem encaminhadas a *Conferencia Episcopal*, já Luis A. Resck informou que faria uma sanção a Corte Interamericana de Direitos Humanos relatando algumas informações que detinha sobre tortura. Além disso, analisou-se a conjuntura social e econômica do país, entre os diversos temas abordados. O policial que fez o documento, Alberto Cantero<sup>487</sup>, indicou que nessa reunião havia dois cartazes: 1º- que anunciava o *I Congreso de los*

---

<sup>487</sup> Iniciou seus trabalhos com a polícia em 1959, como datilógrafo da *Dirección de Política*, depois passou a atuar nos interrogatórios, esteve envolvido na repressão a OPM. Foi diretor do Departamento de *Política y Afines do Departamento de Investigaciones* da Polícia da Capital de 1976 e esteve nesse cargo até pouco depois do golpe em 1989. Foi preso nesse mesmo ano, sendo condenado pela morte e tortura de pessoas. Essas informações foram retiradas em: PAZ, Alfredo Boccia. *Op. Cit*, 2004, p. 46.

*Derechos Humanos* e listava 26 pessoas desaparecidas seguido da frase: *Donde Están?*<sup>488</sup> 2º- Possuía palavras chaves sobre a luta que a *Comisión* e outras pessoas, grupos, encabeçaram no Paraguai:

COMISIÓN DE DEFENSA DE LOS DERECHOS HUMANOS DEL PARAGUAY. 11 AÑOS DE LUCHA POR LOS DERECHOS HUMANOS. POR LA LIBERTAD. POR EL DERECHO DE VIVIR SIN MIEDO. POR LA DEMOCRACIA. POR LA JUSTICIA Y EL RESPETO. POR LA IGUALDAD. POR LA DEFENSA DEL CAMPESINO. CONTRA LA TORTURAS. 1967-1978<sup>489</sup>.

As memórias orais como narrativas do presente, apresentam leituras de um passado de luta. Todas as pessoas entrevistadas se envolveram de alguma forma com os direitos humanos durante a ditadura civil-militar e outras continuaram nesse caminho. Por mais diferentes que sejam essas memórias, dado as situações singulares e as miradas sobre o passado, elas nos fazem aprender sobre esse período, sobre a Carmen de Lara Castro e sobre a *Comisión*. Por meio das memórias pude entender que a *Comisión*, apesar de pequena, teve uma importância real que foi salvar vidas: seja com as visitas regulares aos cárceres e o auxílio com víveres e roupas, seja com o asilo na casa de Carmen de Lara Casto, seja por meio das denúncias a nível internacional ou nacional. Porém, nada disso poderia ter ocorrido se ela não tivesse tido uma rede de apoio junto à igreja, junto a seu partido e até mesmo de uma *juventude esquerdista*. A ideia desse tópico foi justamente trazer uma discussão sobre a *Comisión* e as outras organizações, deslocando o olhar sobre a Carmen de Lara Castro para percebê-la como alguém que possuía muitas amizades importantes. Busquei aproveitar as memórias e salientar a importância dessas pessoas, não apenas porque falam da Carmen de Lara Castro, mas porque suas trajetórias também são de luta pelos direitos humanos.

---

<sup>488</sup> Acervo Autora. CANTERO, Alberto. Informe. 11 de dec. 1978. In: *Centro de Documentación y Archivo para la Defensa de los Derechos Humanos*. Assunção, Paraguai. 0051F0131. (Acervo Autora).

<sup>489</sup> CANTERO, Alberto. Informe. 11 de dec. 1978. In: *Centro de Documentación y Archivo para la Defensa de los Derechos Humanos*. Assunção, Paraguai. 00051F0132. (Acervo Autora). (O trecho foi citado como está no informe).

O que pude perceber nessas memórias e nos livros é que as organizações de direitos humanos tiveram uma atuação relevante, relatando as violações que ocorriam no Paraguai e exigindo que agissem de acordo com os pactos assinados junto a OEA, a ONU e a Constituição Nacional, sobretudo a partir de 1970. O *I Congreso de los Derechos Humanos* é um exemplo do apoio tanto internacional, quanto nacional a *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos*, visto a quantidade de pessoas e também as personalidades que estiveram presentes prestigiando o evento. A presença dele nas memórias enquanto evento político é importante por justamente ter sido o primeiro que ocorreu no Paraguai.

## 5. CAPÍTULO 4 – MULHERES EM AÇÃO CONTRA O REGIME STRONISTA: GÊNERO E MEMÓRIAS

Carmen de Lara Castro é lembrada, muitas vezes, como a personificação de *La madre coraje*: aquela que cuida, dá apoio e auxilia, como uma mãe corajosa que enfrentou a polícia stronista. Várias foram as narrações sobre Carmen de Lara Castro, pois as pessoas viveram ou, leram ou, escutaram situações diferentes vividas por ela. Nesse capítulo vou analisar essas memórias diferentes e fragmentadas, e as formas de contar a trajetória de Carmen de Lara Castro.

Muitos trabalhos quando tratam de gênero e memórias abordam o que as mulheres e homens recordam buscando perceber as diferenciações e como suas vidas são relatadas. Algumas investigações apontam que as mulheres recordam geralmente do cotidiano, da vida privada e homens da vida política e pública<sup>490</sup>. Entretanto, como refletiram Adriana Piscitelli e Suely Koffes, não é que as mulheres e homens se recordem de maneiras específicas segundo sua biologia, o âmbito social ou os papéis sexuais, as memórias orais estão de acordo com a trajetória pessoal e suas respectivas construções associadas às identidades de gênero<sup>491</sup>.

Nas entrevistas que fiz no Paraguai e que foram transcritas, há um número maior de entrevistados homens do que mulheres. Nesse capítulo resolvi focar a análise na interpretação das narrativas de homens, uma vez que eles se envolveram diretamente com as organizações de direitos humanos e viveram diversas situações com a personagem em questão. Busco, então, expor como contam sobre a atuação da Carmen de Lara Castro à frente da *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos*, e porque ela foi à presidenta dessa organização durante seus 26 anos de existência.

---

<sup>490</sup> PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. A Mulher e o espaço público. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, n. 18, v. 9, 1989, p. 9-18, JELIN, Elizabeth, *Op. Cit.*, 2002, p. 107-115.

<sup>491</sup> Para esse tipo de leitura, ver em: PISCITELLI, Adriana G. Tradição oral, memória e gênero: Um comentário metodológico. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 1, fev. 2005. ISSN 1809-4449. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1683>>. Acesso em: 26 abr. 2016, KOFES, Suely, PISCITELLI, Adriana. Memória de “histórias femininas: memórias e experiências”, *Cadernos Pagu*, (8/9), 1997, p. 348. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51165>> Acesso em: 26 abr. 2016.

É importante sinalizar que essa parte do texto foi construída por memórias orais de sujeitos compreendidos enquanto homens e identificados com o gênero masculino, portanto, trazem leituras de suas próprias atuações contra a ditadura em comparação com a de Carmen de Lara Castro e as demais mulheres. Obviamente, tenho que fazer um adendo sobre a minha participação na entrevista, já que como historiadora oral, tive um papel na construção dessas fontes. Ao incitar questões sobre Carmen de Lara Castro, eles também tiveram que refletir suas posturas e vivências em relação a ela/as, demarcando diferenças nas experiências. A intenção, então, é mostrar que as memórias das pessoas entrevistadas ao narrarem sobre a trajetória de si e de Carmen de Lara Castro não fogem ao gênero: essas memórias por mais diferentes e fragmentadas que sejam, remetem às mulheres narradas como mães e a atuação delas ao sacrifício pela família ou pela pátria, e eles diferenciam-se delas tanto no trabalho com os direitos humanos quanto no que toca à violência que sofreram pelo regime stronista.

### **5.1. - *La madre coraje*- os disfarces, as lembranças e as ações de *Doña Coca***

Na entrevista de Dionísio Gauto, ao relatar sobre Carmen de Lara Castro, conta sobre uma história que é recordada também em outras entrevistas, sobre quando ela se disfarçou para visitar pessoas presas e traz esse termo pelo qual foi recordada: *La madre coraje* ou *la madriña*:

[TS-] Vou fazer umas perguntas que faço a todas as pessoas...

[DG-] *Madriña de las vitimas* e outros a chamavam de *madre coraje*, *madre coraje*... Algumas pessoas diziam: – Ela era Senadora e poderia entrar em qualquer parte! Mas depois de deixar de ser Senadora, continuou entrando. Tenho uma história, não sei se conhecem<sup>492</sup>. Aqui os presos são sequestrados em carros sem placas e números, com polícias civis que os levavam e desapareciam. As pessoas não sabiam, os parentes não sabiam, foram em todas as delegacias, e por todas as partes se negava. E ela andava buscando. E depois de ser Senadora, uma vez. [Se emociona ao narrar, chora].

---

<sup>492</sup> Dionísio fala no plural, pois meu companheiro, Douglas Tambani Flores, esteve presente em algumas entrevistas em janeiro de 2015.



Às vezes me impressiona um pouco...  
[emocionado]

Uma vez, para ela buscar um desaparecido em uma policlínica, *Roberto Caballero*. Ela se vestiu de *chipeira* [pausa, emocionado]. Levava uma cesta de *chipa* na cabeça, vestiu-se e entrou para vender e oferecer *chipa* e aí descobriu que estava ali um dos desaparecidos <sup>493</sup>.

Ao lembrar a entrevista, essa é uma parte que me emociona ler e recordar. Dionisio Gauto começou falando sobre a Carmen de Lara Castro e suas ações como sacerdote. Então em um momento que eu iria começar a fazer as perguntas do roteiro, em sua fala, memória narrada, emerge a figura da *chipeira*<sup>494</sup>, como se precisasse contar mais sobre a Carmen de Lara Castro, interrompendo a minha própria fala. Em sua memória, ela era uma parlamentar, na época deputada e não senadora, e não poderia entrar em todas as delegacias,<sup>495</sup> mas continuamente, ela tentava. Essa história trata de uma maneira pela qual ela logrou seu objetivo: encontrar uma pessoa desaparecida.

Gauto enfatiza que após ter finalizado o mandato parlamentar, ela continuou sua busca pelas pessoas desaparecidas, como uma incansável mãe e madrinha das pessoas presas. Dessa forma, ele esclarece que pensa diferente das outras pessoas que acreditavam que ela poderia entrar em qualquer delegacia por ser uma deputada. Mas frisa que não era uma tarefa tão fácil, disse-me em outro momento da entrevista que havia locais em que existiam proibições de entrar e fazer visitar <sup>496</sup>.

A emoção dele ao lembrar-se dessa história me parece que é também a de recordar das pessoas desaparecidas, das famílias que

---

<sup>493</sup> GALEANO, Dionisio Gauto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 5.

<sup>494</sup> A *chipa* é uma comida típica do Paraguai sendo vendida em padarias, restaurantes, e nas ruas. Geralmente, com base nas minhas observações de viajante, eram as mulheres quem vendiam esse artigo alimentício. Aliás, era parada uma obrigatórias dos ônibus em que as mulheres entravam com suas cestas oferecendo *chipas*.

<sup>495</sup> Isso também é recordado em outro trecho da entrevista. Dionisio Gauto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 12.

<sup>496</sup> Dionisio Gauto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 13.

buscavam as/os filhas/os, os maridos, e das experiências dolorosas que viu, ouviu e viveu. Além disso, atenta para a bravura e a valentia, da ação de Carmen de Lara Castro diante de uma pessoa desaparecida. Algumas pessoas se “emocionam mais” do que outras ao falar de Carmen de Lara Castro e sobre o período como: Julian Vera, Maria Victoria Riart De Garcia e Dionísio Gauto. As lágrimas enxugadas poderiam ser de saudades, de tristeza, de ressentimentos por não poder ter ajudado mais ou de perceber que muito pelo o que lutaram, apesar de viverem em um momento diferente, continuam em um profundo espaço de luta, entre outras lembranças e sentimentos que podem emergir ao recordar desse passado/presente.

Essa história é recordada em algumas narrativas com variações como: de que ela teria ido a uma delegacia ver seu filho Jorge de Lara Castro<sup>497</sup>, de que ela pôs algo sobre a cabeça e foi ao quinto piso da policlínica policial e salvou a vida de Francisco De Vargas<sup>498</sup>, que ela teria ido à policlínica disfarçada de enfermeira ou de *chipera* para ver seu filho<sup>499</sup>. Os entrevistados contam essa situação que escutaram ou leram<sup>500</sup> sobre o ocorrido, porém, dois deles vivenciaram essa história: Francisco De Vargas e Jorge de Lara Castro. Ambos foram presos em 18 de novembro de 1969, pela acusação de terem agido contra a visita do ditador argentino Juan Carlos Onganía no Paraguai.

Francisco De Vargas contou-me que ela se disfarçou e salvou sua vida, assim como a de Jorge de Lara Castro que estava na mesma policlínica. Na entrevista, Jorge de Lara Castro contou o ocorrido, relatando que sua mãe se disfarçou e entrou na policlínica e foi ao terceiro piso, local em que eram atendidos os policiais e como não estavam ali, então subiu para o quinto andar: “[...] Nós estávamos em uma cela. Foi puro intercâmbio de olhares. Então para nós foi algo bom, porque nos deu

---

<sup>497</sup> RAMIREZ, Nelson Garcia. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Ddigital. 14/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 3.

<sup>498</sup> DE VARGAS, Francisco. [Pancho]. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. 16/01/2015. Gravador Digital. Acervo da autora, p. 3.

<sup>499</sup> ARGANÑA, Luis Manuel Escobar. (Tício Escobar). Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 22/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 19.

<sup>500</sup> Li sobre essa história em uma das publicações póstumas sobre a Carmen de Lara Casto. Ver em: MUNARRIZ, José Miguel. Carmen Casco de Lara Castro, uma defensora de los derechos humanos. *ACCION-* Revista paraguaya de reflexión y diálogo, Asunción, Jul.1993, ano 3, n. 135. Disponível no Centro de Documentación y Estudios, Assunção, Paraguai. (Digitalizado em maio de 2014/Acervo da autora).

ânimo, sabíamos que estávamos localizados, e ela ficou um pouco chocada por nossa situação”<sup>501</sup>.

Essa narrativa de Jorge Lara Castro reforça a ideia de que não era em todos os locais que sua mãe poderia entrar. Então, o disfarce usado por ela foi o mais o comum: o de uma *chipera*. Quem desconfiaria que fosse Carmen de Lara Castro quem estava ali? Uma deputada não trajaria roupas comuns ou um cesto de comidas para entrar em um hospital, uma vez que ela representava uma classe política e era bastante conhecida no Paraguai. A fala ainda pode nos fazer refletir como ela pôde saber do local em que seu filho estaria preso, talvez alguém tenha visto seu filho sendo levado para o hospital e lhe contou. Não sei de fato como ela conseguiu as informações sobre o paradeiro deles.

Sobre o encontro, ele evidenciou que na rápida troca de olhares percebeu que sua mãe estava chocada, talvez porque os viu machucados, ou, talvez por tê-los encontrado. Para ele esse intercâmbio de olhares os ajudou a perceber que foram encontrados, não eram mais pessoas desaparecidas, nesse sentido até se sentiram animados de que a polícia não poderia fazer com eles o que quisessem.

O episódio da prisão foi contado por ambos no livro: *Médicos, Ética e tortura en el Paraguay*, mas em nenhum dos dois textos produzidos por eles o auxílio de Carmen de Lara Castro é contado<sup>502</sup>. Eles narraram que teriam sido levados ao *Departamento de Investigaciones* e depois ao Hospital Militar devido aos golpes que sofreram. Segundo o relato de Jorge de Lara Castro sobre o acontecimento, ele e Francisco De Vargas foram encaminhados à policlínica e após três dias de acompanhamento médico, foram levados novamente ao Departamento de Investigações, local onde continuaram sendo “interrogados”<sup>503</sup> – não possuo informações de por quanto tempo estiveram presos. Talvez pela temática do livro, a narrativa sobre Carmen de Lara Castro não tivesse espaço naquelas páginas. Contudo, ao final do relato no livro, Jorge Lara Castro, comentou que em meio às torturas que sofreu, imaginava ouvir a voz de sua mãe, que combatia a ditadura e visitava as pessoas presas desde a *Comisión*<sup>504</sup>.

---

<sup>501</sup> CASTRO, Jorge Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 22/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora. (Segunda entrevista), p. 6.

<sup>502</sup> PAZ, Alfredo Boccia, PORTILLO, Carlos, ARESTIVO. *Op. Cit.*, 2006, p. 133-139, 140-143.

<sup>503</sup> *Ibidem*, p. 140-143.

<sup>504</sup> *Ibidem*, p. 143.

A forma como contaram esse acontecimento foi uma escolha que fizeram ao tratar de suas narrativas sobre a prisão e a tortura, é importante apontar essas versões, pois no livro parte da história é silenciada. Não compreendo a razão disso, porém na entrevista de ambos, a participação da Carmen de Lara Castro é realçada nessa situação do aprisionamento. Talvez, em virtude de a entrevista ter buscado saber da trajetória dessa personagem, a presença de Carmen de Lara Castro é sinalizada como uma salvadora diante da situação em que viveram.

A intenção das pessoas entrevistadas muitas vezes foi a de contar sobre Carmen de Lara Castro como uma protagonista, revelando as astúcias vividas por ela e com elas/es. Nenhuma/um entrevistada/o buscou colocar defeitos sobre sua personalidade mesmo quando diziam que ela era brava, como narrou Tício Escobar<sup>505</sup>. Nas narrativas o papel de Carmen de Lara Castro é dignificado, até mesmo Roberto Paredes que lançou críticas pela posição social e atuação de *Doña Coca*, fazendo uma leitura comparativa em relação a outras mulheres que ele considerava “mais interessantes” por serem militantes de esquerda – e, segundo ele, não era abordadas por investigações –, explicou que ela teve uma relevante participação na oposição paraguaia na defesa pelos direitos humanos.

Para Dionisio Gauto, apesar da barreira policial que dificultava de distintas maneiras encontrar o paradeiro e ter acesso às pessoas presas, Carmen de Lara Castro teria compartilhado de considerações por parte da polícia stronista. Isso foi enfatizado em outro trecho da entrevista em que faz uma análise sobre a perseguição do regime, no qual compreendeu que a família dela era muito reconhecida em Assunção. Relatando que as pessoas que foram “mais” perseguidas, presas e mortas foram as/os comunistas, as/os *campesinas/os*, as/os *obreras/os* e as/os indígenas<sup>506</sup>. Gauto nunca foi preso apesar de suas atividades contrárias ao regime stronista. Ainda sobre essa entrevista, ele fez uma espécie de comparação sobre as perseguições sofridas durante o stronismo e, porque acreditava que Carmen de Lara Castro não havia sido presa, pois:

[DG-] [...] Assim como eu que não me consideravam comunista, mas, anti-stroznista e

---

<sup>505</sup> ARGANA, Luis Manuel Escobar. (Tício Escobar). Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 22/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 19.

<sup>506</sup> Dionisio Gauto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 11.

anti-ditatorial. Não era comunista, porque eu dizia que: – Aqui faziam o mesmo que o governo comunista, isso sim! sequestravam, torturam e matavam! [...] <sup>507</sup>.

Essas reflexões sobre distintos momentos da entrevista de Gauto, que parecem contraditórias, mas não são, indicam para os contrastes do regime stronista. Mesmo que tivessem dificuldades de obter informações sobre as pessoas presas, tanto ele, quanto Carmen de Lara Castro tiveram suas vidas “respeitadas”, talvez pelo reconhecimento/status social (ele da Igreja Católica e ela da sua origem familiar, do *Partido Liberal* e a *Comisión*) que possuíam: mesmo sendo da oposição, eram vinculados a organizações internacionais.

Essas narrativas nos fazem atentar sobre dois temas que aparecem nas entrevistas: 1º- sobre Carmen de Lara Castro enquanto uma *madriña*, uma mulher valente, uma *madre coraje*, 2º- sobre a ideia de um “respeito” que o regime teria tido com Carmen de Lara Castro – e com as outras mulheres. Para compreender esses dois temas que aparecem nas memórias, como na fala de Dionísio Gauto, e sobre os contrastes do stronismo, vou retomar algumas entrevistas para expor como as mulheres e os homens que estiveram na *Comisión* ou nos partidos, são contados em relação ao regime.

## 5.2. – Na memória, os reforços de gênero- as mulheres e os homens da *Comisión*

[MC-] Bom, para começar um pouco o tema, queria dizer que a *Comisión* de Direitos Humanos na qual mamãe se desempenhava [o papel] como presidente. Foi uma eterna presidenta, porque ninguém queria tomar a presidência. Então, estava acompanhada por ilustres membros como era o Doutor Jérónimo Irala Burgos, que posteriormente foi membro da Corte Suprema de Justiça, o Doutor Ariano Irala Burgos que era seu irmão e que desenvolvia outro tipo de função desde a faculdade de Ciências Jurídicas e especificamente filosofia na Universidade de Católica. Depois estava professor Resck, depois tinham algumas amigas como Elida

---

<sup>507</sup> Dionísio Gauto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 14.

Lizza, a senhora Custódia De Irrazabal, também havia outra senhorita que se chamava Maria Elena Perez Echauri. Todas essas pessoas e outros políticos como Manuel Augusto Radice, depois Manuel Augusto Florentín que também foi deputado e senador. Bom, e depois o Doutor Angel Martinez Yaryes que foi presidente do *Partido Liberal Radical Autentico*, um médico muito prestigiado. O tema é o seguinte, ninguém queria tomar a presidência e colaboravam na maioria dos casos, *não quero dizer as escondidas*, mas não apareciam. Verdade que não apareciam, mas sempre davam uma valiosa contribuição, porque mamãe não se movia sozinha. Em termos de viagens, em termos de ajuda. Porque tinha essas pequenas senhoras que realmente eram lutadoras anônimas e muito valentes. Porque era uma época bastante difícil... Por exemplo, o que estamos fazendo hoje seria algo impossível. Porque havia uma série de pessoas que aqui se conhece como uma palavra em Guarani, [chamada de] *pyrague*, que significava pessoas do tipo espãs que trabalhavam para o governo ou para qualquer pessoa conectada ao governo. Então o que hoje eu falava a você, amanhã poderia estar preso. Com tudo o que isso acarretava, todos os castigos... [TS-] Mas essas mulheres faziam parte da Comissão?

[MC-] Sim

[TS-] Mas quando? Porque nos arquivos do *Archivo del Terror*, nos documentos elas não aparecem.

[MC] Sim, mas elas estavam aí, estavam aí. Porque mamãe não teria a capacidade de fazer as coisas sozinha. Apoiava-se nessas pessoas até sentimentalmente porque davam o apoio: – Tu podes! Vamos, vamos que eu te acompanho! Vamos terminar essa luta! Essa era a mensagem que as amigas lhe davam.

[TS-] Elas iam às delegacias com ela?

[MC-] Elas iam ou preparavam a comida para levar e a acompanhavam. De repente na delegacia não

entravam porque só podia entrar uma pessoa na visita<sup>508</sup>.

Na entrevista, Martín de Lara Castro recordou de várias pessoas que colaboraram com a *Comisión* e que lograram êxitos na política, além de algumas mulheres, amigas de sua mãe, que auxiliaram na organização de distintas maneiras. Sinalizou também que muitas pessoas ajudaram desde o anonimato, pois, segundo ele, tinha-se medo de se vincular com a *Comisión*. Até mesmo realizar uma entrevista seria algo que poderia levar a um encarceramento devido ao alto nível de espionagem, portanto, as pessoas que colaboravam na organização nem sempre apareciam, em função do medo de represálias.

Esse excerto destacado traz vários elementos para pensar a importância de Carmen de Lara Castro dentro dessa organização, mas, também, aponta para as outras pessoas, as anônimas, as relações de apoio, os sentimentos despertados em laços de amizade. Para além dos homens prestigiosos dessa organização, havia um grupo de mulheres que geralmente quando lembradas<sup>509</sup>, são apresentadas como apoiadoras, pessoas que auxiliavam Carmen de Lara Castro nesse ofício de visitar as pessoas presas e que nem sempre logravam êxito, sendo impedidas pela truculência policial. Como busquei mostrar nas discussões anteriores, Carmen de Lara Castro não se movia sozinha, e isso foi frisado na citação acima.

Aliás, quando ele salientou “não se movia”, é porque sua mãe não sabia dirigir, então muitas vezes quem a levava a uma *Comisaría* mais distante eram os seus filhos ou amigas/os. A ideia de que ninguém queria assumir a organização nos faz pensar nos problemas que podiam emergir dela, estar à frente como presidenta: era assinar os documentos enviados para os organismos internacionais e nacionais e fazer a interlocução em nome da *Comisión*, buscar apoios, alianças para as campanhas das pessoas presas, enfrentar e assumir os riscos de ser opositora/or, conseguir roupa e comida, denunciar nos jornais os abusos cometidos pelo Estado, entre outros ofícios, que certamente não busco encerrar. O que dizem as narrativas acerca desse assunto? O que falam sobre Carmen de Lara Castro e sobre as outras mulheres? O que os homens faziam dentro da *Comisión*?

---

<sup>508</sup> CASTRO, Martín Alejandro Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 1.

<sup>509</sup> Como foi mostrada nos tópicos anteriores.

Nesse sentido, as mulheres e ações de Carmen de Lara Castro, são contadas por meio dos relatos que enfatizam sobre as visitas aos cárceres, sobre a entrega de comida e de roupa para as pessoas presas. Porém, para além dessa ação, as visitas também tinham o intuito de saber como estavam as/os presas/presos, saber da situação delas/es: se havia sido torturadas/os, quantas pessoas havia nas *Comisarías* e o que ocorria por dentro dos cárceres. Todavia, quando se narrou sobre esse assunto e sobre as pessoas que iam até as delegacias para dar amparo, geralmente se indicou essa função as mulheres e não aos homens.

Esse é um ponto importante, pois, a maioria das mulheres quando associadas a essa organização são lembradas como “anônimas”, “sombras”, “mulheres valentes”, e que ajudavam Carmen de Lara Castro. Talvez, até onde pude averiguar, por não buscarem se envolver declaradamente com a *Comisión* ou até mesmo por terem sido esquecidas, já que pouco se escreveu sobre essa organização, e quando se fez, ressaltou-se a figura de sua presidenta. Se eram elas que davam o apoio e até mesmo subsistência à *Comisión*, como foi demonstrado nas narrativas durante o capítulo anterior, isso não foi exposto com relação aos homens que colaboraram com a organização, apesar de serem lembrados nas entrevistas, geralmente como “pessoas prestigiosas”, não se fala sobre o que faziam dentro dela, destacam suas ocupações na política e nos partidos.

Durante as entrevistas, quando perguntei o que a *Comisión* fazia e o que era? As respostas se moviam sempre em direção a atuação de Carmen de Lara Castro e as pessoas aglutinadas à organização como colaboradoras/es. Quando questionei Tício Escobar, Nelson Ramirez, Martin Lara Castro, Francisco De Vargas e Luis Alfonso Resck o que eles faziam na comissão? A resposta também ia nesse sentido que apontava para o auxílio que prestavam a Carmen de Lara Castro, sendo muito presente a afirmação de que eles as levavam nas *Comisarías* para realizar visitas.

Os homens, até mesmo os que participaram da *Comisión* aparecem como pessoas “ausentes” no trabalho de ida às prisões. Evidenciam somente o acompanhamento de Carmen de Lara Castro a porta da delegacia ou outro centro de detenção, dá-se a ideia de que suas funções eram outras, talvez mais ligadas às denúncias, entretanto, não obtive maiores informações das funções que desempenharam. Dos participantes da *Comisión*, sei de algumas de alguns de seus postos: Martin Lara Castro foi secretário, Tício Escobar foi coordenador geral e integrante da *Juventud por los Derechos Humanos*. Já Nelson Garcia Ramirez, Francisco De Vargas e Luis A. Resck, sei que foram membros e atuaram



em outras organizações. Contudo, outras personalidades importantes, e bastante recordadas, como os irmãos Irala Burgos, Martin A. Yaryes, não tenho informações sobre as suas atuações na *Comisión*.

O que os homens fizeram nessa organização aparece como um silêncio nas entrevistas. Durante a pesquisa entrevistei 14 homens e 2 mulheres, somente 4 desses disseram pertencer formalmente a *Comisión*<sup>510</sup>. Porém, mesmo quando havia oportunidade no diálogo, fazia-se questão de enfatizar o protagonismo de Carmen de Lara Castro, que, aliás, fica patente nas narrativas trazidas durante essa dissertação, com a exceção da entrevista de Roberto Paredes, como sublinhei no capítulo anterior. Indiscutivelmente as entrevistas realizadas por mim buscaram tratar da militância de Carmen de Lara Castro, sobre outras mulheres que estavam no partido e na *Comisión*, mas, também, tratei de abordar a trajetória da/o entrevistada/o. Se Carmen de Lara Castro era a líder principal e conectava todas as pessoas, desde sua casa, de sua ação, a atuação de outras pessoas é amenizada, visto que havia participação de homens e mulheres. Porém, isso pode ser também um dos reflexos da condução da entrevista, mas talvez alguns dos homens citados tivessem pouca atuação dentro da organização.

Com essas considerações a respeito da *Comisión* e sobre a participação de homens e mulheres, exponho que nas memórias quando tratam da atuação de mulheres, elas são recordadas como pessoas “valentes”, pois corriam perigo. Contudo ao falar delas dão a entender que o que elas faziam era “natural”: fazer comida, juntar roupas, enquanto os homens eram presos, eram políticos e tinham destaque na vida pública que também era “normal” a eles. Apesar de essas mulheres serem de famílias de reconhecidas em Assunção e participarem, algumas delas, do *Partido Liberal Radical*, não são consideradas como importantes politicamente, publicamente, como os homens são. Porque claramente eles estavam envolvidos nos partidos e na política “desde sempre”, já as mulheres, tiveram que conquistar seus espaços de participação nos partidos, primeiro dando toda a base para sua organização, mas não alcançavam os postos do diretório.

Pensando nessa relação, precisamos voltar um pouco na história das ações caritativas no Paraguai para entender porque o ofício de Carmen de Lara Castro, e das outras mulheres, são associadas como algo “natural”

---

<sup>510</sup> Como apontei na introdução, infelizmente não consegui realizar entrevistas com as mulheres que estiveram na *Comisión*: 1º- Porque já faleceram em sua maioria, 2º- Pelos contatos desenvolvidos durante a investigação.

<sup>511</sup>. Sem querer escrever uma “evolução” dos espaços formados por mulheres no Paraguai, proponho apenas sinalizar alguns aspectos que podem nos ajudar a pensar como essas organizações de auxílio são vinculadas às mulheres.

Em um período posterior a Guerra da Tríplice Aliança, em um país destruído, a reconstrução dele passou por uma criação de novos hábitos, de comportamentos e de modelos ideais para mulheres e homens. Como abordou Fernando L. Ortolan, os textos produzidos por periódicos daquele período construíram discursos de gênero que modelavam os espaços para mulheres e tinham em seu bojo a exclusão delas do âmbito político e valorização das tarefas do lar e da família – e com um adendo na educação, principalmente para a instrução de mulheres da elite <sup>512</sup>.

Nesse sentido, vale ressaltar que a participação de mulheres em associações de ordem filantrópica é algo que remete ao final do século XIX e meados do XX<sup>513</sup>, sobretudo, as pertencentes à elite política e econômica do país que emergia da Guerra Grande. Ana Barreto Valinotti indica em seu livro: *Mujeres que hicieron historia en el Paraguay*, que havia pelo menos dois caminhos para que as mulheres ascendessem publicamente, realizassem estudos e se organizassem em instituições, são eles: o magistério e as associações de beneficência<sup>514</sup>.

O magistério com a participação de mulheres é importante já que foi uma das consequências da Guerra da Tríplice Aliança, pois,

---

<sup>511</sup> Não há uma referência ideal a se fazer aqui, são vários os trabalhos sobre memória, gênero que compõem essa mirada desde Alessandro Portelli, Michael Pollack, Elizabeth Jelin, Sulely Kofes, Ana Paula Vosne Martins, Wilma Mancuello Gonzáles, Ana Barreto Vallinotti, entre outras e outros.

<sup>512</sup> ORTOLAN, FERNANDO LÓRIS. Dócil, elegante e caridosa. Representações das mulheres paraguaias na imprensa do pós-Guerra do Paraguai (1869-1904). (2010). Tese (Doutorado em História). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba: Paraná, 2010, p.15, 97-98.

<sup>513</sup> Teresa Valdés também sustenta a ideia de que as associações caritativas foram espaços para visibilidade social para as mulheres. VALDÉS, Teresa. De lo social a lo político- la acción de las mujeres latino-americanas. Santiago, Chile: LOM, 2000, p. 27-29.

<sup>514</sup> VALINOTTI, Ana Montserrat Barreto. *Op. Cit.*,, p. 103. Ver também em: ORTOLAN, FERNANDO LÓRIS. Dócil, elegante e caridosa. Representações das mulheres paraguaias na imprensa do pós-Guerra do Paraguai (1869-1904). (2010). Tese (Doutorado em História). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba: Paraná, 2010, p. 92-93.

anteriormente, eram os homens que ensinavam nas escolas desse país <sup>515</sup>. Isso nos remete a ideia de que as guerras, os conflitos fazem as hierarquias de gênero se modificar, por um lado reforçando as atribuições como a valentia, a virilidade ao homem que servia a pátria, por outro lado, para as mulheres foram considerados outros ofícios, entretanto, o cuidado com a casa e com a família também foram reforçados<sup>516</sup>. O magistério, como nos mostra Ana B. Vallinoti foi um ofício que se feminilizou com passar dos anos, mas como ressalta a autora não foi sem rechaço que as mulheres ocuparam esses espaços de ensino, esses lugares de saber e poder <sup>517</sup>.

As organizações das *damas caritativas* funcionaram no sentido de ajudar o próximo. Em Assunção em 1907, havia quatro desses espaços auxiliados por mulheres, como: um hospital, um asilo, um orfanato e um hospício<sup>518</sup>. Perseguindo essa ideia, essas atividades que são consideradas femininas por serem relacionadas ao cuidado, constituíram uma ponte para a transição da luta por conquistas sociais para mulheres. Muitas organizações de mulheres e jornais escritos por elas datam desse período, nesse encontro entre a docência e a caridade, já que muitas professoras participaram desses espaços.

Ressaltei isto, para apresentar e fazer uma espécie de ponte entre esses espaços ocupados por mulheres por via caritativa e a atuação das mulheres durante a ditadura. Já que não é por acaso que as mulheres faziam o trabalho de ir às prisões com maior frequência dentro da *Comisión*. Como nos ensina Ana Paula Vosne Martins, a bondade, o sacrifício e a castidade, são virtudes que foram se conectando como feminino ao longo do milênio e dentro de um percurso que perpassou por mudanças nos códigos de gênero. E os espaços da filantropia, da benemerência foram áreas usadas por mulheres, muitas vezes, para alcançar outros postos que eram negados a elas, como o da política. Não

---

<sup>515</sup> Essa feminização do magistério nos séculos XIX e XX, de que fala Ana Barrtero, foi uma tendência que estava ocorrendo também em outros países, para saber sobre o assunto, ver em: HAHNER, June E.. Escolas mistas, escolas normais: a coeducação e a feminização do magistério no século XIX. *Estudos Feministas, Florianópolis*, v. 19, n. 2, p. 467, jan. 2011. ISSN 0104-026X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000200010/19396>>. Acesso em: 14 jun. 2016 .

<sup>516</sup> É importante recordar que durante a Guerra da Triplíce Aliança as mulheres foram soldadas agrícolas, já que esse conflito bélico não duraria por tanto tempo sem a subsistência alimentícia. Sobre esse assunto: CAPDEVILA, Luc. *Op. Cit.*, 2006, p. 82-86, POTTHAST, Bárbara. *Op. Cit.*, 2011, p. 394-396.

<sup>517</sup> VALINOTTI, Ana Montserrat Barreto. *Op. Cit.*, p. 104-105.

<sup>518</sup> Ibidem, p.121.

irei aprofundar esse tema, pois a ideia foi apresentá-la como um ponto de ligação com a trajetória de Carmen de Lara Castro e pensar a própria naturalidade com que o auxílio das mulheres da *Comisión* é narrado nas memórias. Mas serve também para lembrar que as hierarquias de gênero se modificam e como esses espaços que foram se constituindo como naturais, puderam tomar outra vertente, dentro de outro cenário/espço, o da oposição<sup>519</sup>.

No segundo capítulo, abordei que no *Partido Liberal*, na década de 1950, havia o *Departamiento Femenino*, lugar em que Carmen de Lara Castro foi atuante, e que vejo como um resquício daquelas associações de caritativas – que foram se politizando e conquistando outros espaços – dado que nele um grupo de mulheres assistiam as pessoas presas. Além desse trabalho, também, realizavam festas para arrecadar fundos econômicos para o partido e faziam discussões sobre a participação feminina na política e no partido. O enfoque das mulheres não era mais o de sustentar casas de asilo e hospitais, tratava-se de um desdobramento dessas ações do início do século XX. Algumas poucas mulheres conseguiram se destacar dentro desses departamentos, e passaram a exigir seus lugares dentro da lista de voto já que em 1961, as mulheres tornaram-se cidadãos votantes no Paraguai.

Em outra situação, já em 1967, não era mais esse Departamento de mulheres do partido em que Carmen de Lara Castro estava inserida. O *Partido Liberal* já havia cindido por motivos políticos e desentendimento entre seus membros desde 1963. Ela com apoio de pessoas de alguns setores formaram a *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos*, que não poderia carregar uma bandeira política, dado os diferentes partidos das pessoas imbricadas. Era uma organização autônoma e mista, que por si só trazia traços de subversão quando se lançavam contra o regime. Mas, se na *Comisión* havia mulheres e homens, porque as narrativas sobre as funções dos homens dentro delas são silenciadas? Porque na fala dos entrevistados, eram as mulheres que faziam as visitas levando os artigos

---

<sup>519</sup> Sugiro sobre esse tema, dois textos de Ana Paula Vosne Martins. Essa autora apresenta em suas leituras sobre a virtude da bondade como algo que se tornou um sinônimo feminino, como um campo de luta, de hierarquias e códigos perpassados por gênero. Sendo a benevolência, o ato de caridade, uma ação de rasgos femininos atravessados de uma longa história. MARTINS, Ana P. Vosne. Bondade, substantivo feminino: esboço para uma história da benevolência e da feminilização da bondade. *História. Questões e Debates*, v. 59, p. 143-170, 2014, MARTINS, Ana P. Vosne. Gênero e assistência: considerações histórico-conceituais sobre práticas e políticas assistenciais. *História, Ciências, Saúde*, v. 18, p. 15-34, 2011.

necessários a sobrevivência das pessoas presas e não os homens? Será que na interpretação desses as mulheres estavam para ajudar as pessoas presas, enquanto eles estavam para serem presos?

Na entrevista realizada com Jorge Lara Castro essa relação fica bastante exposta, mas também ficou nas outras narrativas que compõem esse tópico:

[TS-] Os homens iam as delegacias ou somente as mulheres para visitar os presos, para levar comida?  
[JC-] Não, homens não. Os homens não iam não tanto por serem homens, mas porque eram mais abatidos. E eu a levava, porque ela tinha que percorrer as delegacias <sup>520</sup>.

Os homens levavam as mulheres para as delegacias, mas não tratavam de aparecer por lá para fazer visitas ou levar a comida, era como se ficassem na retaguarda para se caso ocorresse algo pudessem socorrê-las de carro. Jorge de Lara Castro indicou que as mulheres faziam esse trabalho, pois eram mais consideradas pela polícia do que os homens, que eram “mais abatidos”. A partir das narrativas pude perceber que essas ações são vistas como femininas, e compreendo isto fazendo uma interpretação que visualiza esse caráter da benevolência que liga as mulheres ao cuidado, e somado a isso, o caráter maternal e patriarcal, presentes na escrita paraguaia do pós-guerra e que nas memórias são reforçadas sem ser desconstruídas.

Evidente que homens também iam às prisões para visitar suas/seus parentes, mas isso quase não é apresentado nas entrevistas e nos livros. Como nos faz refletir Elizabeth Jelin quando pensamos a ditadura e “cerramos los ojos, hay una imagen que domina la escena” <sup>521</sup> : as mães, as avós (mas não os pais) com a dor e com o sofrimento da perda e da prisão, a truculência dos militares e dos policiais, as/os militantes jovens, as prisões, as torturas e as mortes <sup>522</sup>.

Perseguindo essa ideia de Elizabeth Jelin os símbolos da dor e do sofrimento parecem ser personalizados e corporalizados nas mulheres, enquanto os mecanismos institucionais parecem estar vinculados aos homens. É inegável que a violência do regime atingiu as todas as pessoas, mas incidiu de maneira diferente em homens e mulheres devido a

---

<sup>520</sup> CASTRO, Jorge Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. 22/01/2015. Gravador Digital. Acervo da autora. (Segunda entrevista), p. 5.

<sup>521</sup> JELIN, Elizabeth. *Op. Cit.*, 2002, p. 99.

<sup>522</sup> Idem.

distinções e hierarquias de gênero construídas em cada sociedade, período e cultura. O *Informe Final da Comisión de Verdad y Justicia* indica os números de pessoas violentadas, presas, torturadas, desaparecidas e mortas durante à ditaduras de Alfredo Stroessner. Ainda que em menor escala, as mulheres foram presentes e atuantes em diversos organismos: sindicais, *campesinos*, estudantis, guerrilheiros, partidários, entre outros <sup>523</sup>. Os números apresentam apenas o visível da ditadura, mas as marcas, as dores e como ela atingiu mulheres e homens é imensurável.

Ressalto isso, pois, na *Comisión* os homens não faziam os trabalhos das mulheres, pelo menos não nas memórias, pois, indicam que para elas esse “espaço” era demarcado como “feminino”. Porém se essa organização era mista e não poderia ser mais associada a uma organização caritativa figurada por mulheres, já que tinha um posicionamento político bem assinalado contra o regime e embasado em declarações de organismos internacionais de direitos humanos.

A partir do que foi exposto, trago alguns trechos de entrevistas que nos faz entender essas interpretações generificadas dos trabalhos da *Comisión* e trazem outros elementos para continuar a discussão. Pensando nessa relação de oposição da dor/sofrimento/feminino, ação/instituição/masculina, longe de concordar que podem ser diferenciados os sentimentos e as ações de pessoas, compreendo que as memórias trazem alguns desses recortes que muitas vezes distinguem o feminino e o masculino <sup>524</sup>. Os homens ao narrarem identificaram-se

---

<sup>523</sup> Um menor número de mulheres foram presas, segundo os dados que se dispõem. Mas, muitas mulheres foram presas, torturadas, principalmente as que se vincularam a grupos de esquerda como OPM e EPR, MOPAL, Ligas Agrárias para citar os que tiveram maior envergadura nas décadas de 1960-1970. Outras que se envolviam com Partido Comunista e Febreristas também foram mais vigiadas. Depois, temos a oposição tradicional e consentida com o *Partido Liberal*. Segundo o informe da *Comisión de Verdad y Justicia*, os dados mostram que mulheres e homens foram reprimidas/os do início ao fim do regime: as mulheres contabilizam 2.832 violações de direitos humanos, 2.571 detenções e 136 delas foram processadas e 37 desaparecidas, já sobre os homens se contabiliza que 17.292 foram presos e 1.659 processados e 300 desaparecidos. COMISIÓN DE VERDAD Y JUSTICIA. *Op. Cit.*, T. 1, 2008, p. 64-65.

<sup>524</sup> Com isso, faço um adendo de que essas diferenciações não são naturais ou fixas, mas construções sobre diferenças percebidas sobre os corpos. Como nos mostra Linda Nicholson nesse espaço que se define de Ocidente, a partir do século XVII, emergiu diversas explicações científicas, políticas, entre outros, sobre o que é ser mulher e ser homem, masculino e feminino, ou seja, distinções binárias sobre os seres e com suas definições. Atento para isso, pois essa

enquanto homens e políticos e ao visualizarem Carmen de Lara Castro e outras mulheres as identificam como valentes, *madres, madriñas*.

Segundo Dionísio Gauto, secretário da *Conferencia Episcopal* e coordenador da CIPAE:

[TS-] Quem visitava na prisão e ajudava a *Comisión*?

[DG-] As que visitavam eram mulheres mais velhas, mais de 70, 75 anos. Sobretudo, as que colaboravam eram as mais velhas, então as respeitavam um pouco mais, tinham mais de 70, 75 anos. A senhora Lara Castro não ia muito a *Conferencia Episcopal*, mas sua enviada sim. Com ela fazíamos os intercâmbios.

[TS-] Você se recorda de alguma dessas mulheres que ajudavam a *Comisión* que faziam essas mediações?

[DG-] Os nomes das mulheres eu não me recordo.

[TS-] Que participaram da comissão de Direitos Humanos, com a Carmen?

[DG-] Da *Comisión*, não lembro o nome dessas mulheres.<sup>525</sup>

Dionísio Gauto esteve envolvido com a *Comisión*, desde um trabalho de intercâmbio de informações, como já foi afirmado anteriormente. Segundo essa narrativa, eram as mulheres mais velhas que iam as prisões e elas seriam um pouco mais respeitadas pela polícia. Não obtive informações acerca da idade das mulheres que estavam envolvidas na *Comisión*, talvez elas não fossem tão idosas, mas o que se pode apreender do trecho é que eram as mulheres mais “velhas” as que faziam as visitas. Essas mulheres, para além de Carmen de Lara Castro, poderiam ser mais “respeitadas” pela polícia pela relação de gênero e geração.

A ideia de respeito às mulheres que iam ao cárcere aparece em outras narrativas, assim como a percepção de que eram mulheres mais idosas que se envolveram com a *Comisión*. Será que as mulheres quando iam às delegacias pedir por seus entes queridos eram mais respeitadas,

---

concepção bissexuada dos espaços, dos sentimentos e das ações não pode ser vista como natural, como uma tendência seguida rigorosamente. NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. In: *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.

<sup>525</sup> Dionísio Gauto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 15.

por serem mães e avós, em que sentido isso pode ser afirmado? Que tipo de respeito seria esse? O que dizem os entrevistados?

Como vimos às pessoas que eram presas por subversão, por algum ato considerado opositor ao regime, ficavam isoladas e desapareciam da sociedade, receber informações sobre o paradeiro delas era algo bastante difícil. Não me parece que por serem mulheres, avós e mães o tratamento dos policiais mudaria. Quando narram sobre o que Carmen de Lara Castro fazia nas *comisarías* os relatos são perpassados por vexames, exames nos víveres levados e humilhações, como contou Jorge Lara Castro:

[TS-] Eu acompanhava a ela e as outras senhoras, mas ficava a meia quadra da entrada a polícia. Era muito importante naquela época a comunicação através de um pedaço de pão. Isso eu aprendi quando estive preso. Um pedaço de pão, arroz ou o que fosse. Porque sabíamos que alguém estava lá por nós, e que na cela quando chegava algo, isso era nossa comunicação com o mundo exterior. Por que toda a polícia política tratava de te isolar para te convencer que te esqueceram, para que te convencerem: para que lutar?

[TS-] O que ela falava quando chegava em uma delegacia?

[JC]- Ela ia para levar comida, e bom, não tinha acesso aos presos, só de vez em quando. Ela ia algumas vezes, pouco. Mas era mais a força e briga corpo a corpo para que lhe dissessem [o local em que estava a pessoa presa]. E aí, por exemplo, de repente o policial tirava sua faca e cortava o saco de arroz e esparramava tudo. Era ela é quem tinha que juntar isso. *Uma paciência bárbara!* Outra vez, tentaram violentá-la e ela saiu correndo! Porque a ideia era essa, colocar medo.<sup>526</sup>

Jorge de Lara Castro acompanhou sua mãe e as mulheres que faziam visitas algumas vezes, levando-as de carro. De acordo com sua fala, não era sempre que sua mãe ia as delegacias levar as comidas ou visitar as pessoas presas. Porém o simples fato de levarem algum alimento, já as/os despertava de que alguém sabia de sua existência dentro do cárcere. Outro ponto que nos faz refletir sobre o respeito dos policiais

---

<sup>526</sup> CASTRO, Jorge Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 03/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 5.



é que eles tratavam de incomodar e colocar medo, tanto em Carmen de Lara Castro, quanto nas outras mulheres que a acompanhavam e iam aos cárceres.

Dessa narrativa, a ideia de mais consideração da polícia com as mulheres está fora de cogitação, era através do medo que os policiais atuavam incitando o terror para que sua mãe e as outras mulheres não retornassem as *comisarías*. Talvez, algumas mulheres que foram reclamar pelas pessoas detidas nas prisões não foram presas ou torturadas, “apenas mandadas embora”, mas não podemos fazer generalizações. Seria necessário realizar um estudo mais detalhado sobre a atuação dessas mulheres e a repressão.

Esse “respeito” de que falam as pessoas entrevistadas pode ser entendido por não terem sido detidas ou torturadas fisicamente, ou, realizando uma comparação com o sofrimento de outras mulheres que foram presas. Entretanto, isso parece amenizar a atuação dessas mulheres, ao enfatizar que eram mais respeitadas por serem mulheres idosas. Talvez, elas eram mais consideradas em relação ao que os entrevistados sofreram nos cárceres, mas o sofrimento e o medo de mães, pais, filhas/os, avós/ôs não pode ser medido.

Apesar de o cuidado com a família estar ligada “umbilicalmente” a mulher, dentro desse contexto paraguaio em que *la madre* tem um eixo central nas narrativas sobre a própria criação do país, sobre a conservação da língua Guaraní, sobre reconstrução após a guerra, e todo uma série de símbolos e imagens que fazem pensar a mãe/mulher como central na historiografia nacionalista e na memória<sup>527</sup>. E, que, geralmente pessoas mais idosas detêm o respeito em algumas situações. Durante a ditadura, no confronto com o regime, esses aspectos não parecem ter sido levados em conta a pensar na repressão que as organizações de mulheres mães e familiares sofreram<sup>528</sup>.

Como mostram duas autoras que se dedicam ao tema: Cristina Scheibe Wolff e Ana Rita Fontelles, o gênero pode ter sido uma estratégia reforçada, consciente ou inconsciente pelas as mulheres diante da repressão de suas/seus filhas/os, maridos, irmãs/irmãos. No sentido de usar símbolos comuns ligados à maternidade/família para mostrarem que

---

<sup>527</sup> GONZÁLEZ, Wilma Mancuello. *Op. Cit.*, 2013, p. 47-48.

<sup>528</sup> Um exemplo disso é as Madres da praça de maio que eram chamadas de loucas, mesmo sendo mulheres mais velhas e carregarem os símbolos associados como maternos, como a fraude na cabeça e nas mãos, as fotos dos filhos e fazendo uma manifestação extremamente pacífica, eram consideradas subversivas justamente por serem mães dessas pessoas inimigas do regime.

essas pessoas presas e desaparecidas também eram seres humanos apesar da truculência da polícia e do exército. Buscando a partir dos discursos, dos gestos, dos símbolos e das suas ações pedir apoio, ajuda, respostas, entre outros <sup>529</sup>.

Carmen de Lara Castro, e as outras mulheres que estavam vinculadas a *Comisión*, podem ter usado o gênero como justificativas em suas buscas pelas pessoas presas, principalmente nas denúncias e nas reportagens, pois, como vimos nas narrativas dela ao longo dessa dissertação, a figura da mãe é bem expressa como a que lamenta diante do desastre das famílias. Entretanto, suas ações nos cárceres demonstram o contrário, que ela era feroz contra os guardas, exigia respostas com base em suas ligações internacionais, nacionais com as embaixadas e em nome da *Comisión*.

Pelas narrativas das pessoas entrevistadas não pude inferir sobre os usos do gênero, dos símbolos que poderiam ligar as ações da *Comisión* à maternagem para além das visitas as pessoas presas. Como foram usadas em outras organizações como: O Movimento Feminino pela Anistia (1975-1979), no Brasil, as *Madres de la Plaza de Mayo* (1977), na Argentina, a *Asociación de Madres y Familiares de Uruguayos Detenidos y desaparecidos* (1976), no Uruguai, a *Agrupación de Familiares de Detenidos Desaparecidos* (1974-), no Chile, na Bolívia, tentou-se organizar as/os familiares de desaparecidas/os, mas não lograram êxito durante às ditaduras, somente em 1982 criaram uma organização chamada *Asociación de Familiares de Detenidos, Desaparecidos y Mártires por la Liberación Nacional de Bolivia* – ASOFAMD <sup>530</sup>.

Nesse cenário em que as mulheres faziam o trabalho de assistência às pessoas presas, esse ofício aparece em algumas entrevistas como vinculados ao feminino. Mas quando tratamos da *Comisión*, na fala de

---

<sup>529</sup> DUARTE, Ana Rita Fonteles. *Memórias em disputa e jogos de Gênero: O movimento Feminino pela Anistia no Ceará (1976-1979)*. 2009. Tese (Doutorado em História Cultural). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, 2009, WOLFF, Cristina Scheibe. Eu só queria embalar meu filho. Gênero e maternidade no discurso dos movimentos de resistência contra as ditaduras no Cone Sul, América do Sul. *Aedos: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS*, v. 5, p. 117-131, 2013. Disponíveis em < <http://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/44332>> Acesso em 05 jun. 2016.

<sup>530</sup> SILVA, Tamy Amorim. *Op. Cit.*, 2013, p. 70.

Alfredo Boccia Paz, havia algo a mais na ação de Carmen de Lara Castro que a fazia empreender tais ações:

Essa diferença é muito difícil de compreender hoje. Mas, naqueles anos tinha que ter muita coragem e deveriam, era o que diziam os homens, somente uma mulher poderia fazer isso. Era concepção patriarcal do próprio strosnismo, não se bate em mulher, se bate na própria na casa e não se bate em mulher alheia. Então a Carmen tinha essa espécie que em castelhano é *fuero*<sup>531</sup>, a palavra é *fuero* [parlamentario] que tem os deputados, senadores, para não serem denunciados <sup>532</sup>.

Somente as mulheres deveriam ir às prisões e reclamar pelas pessoas presas e pressionar os policiais? Elas não seriam reprimidas pelos policiais por serem mulheres, mães, avó? Acredito que não é tão simples, como venho discutindo, as mulheres foram reprimidas, mesmo quando se lançavam com reforços de gênero, e essa ideia de que elas eram mais respeitadas é uma construção social e cultural que entende a violência contra a mulher como algo “natural”, dentro de uma lógica patriarcal que vê a mulher como submissa ao homem. Mas há outro fator que envolve toda essa narrativa de que somente a Carmen de Lara Castro poderia exercer esse trabalho cansativo de ida aos cárceres: seu *status* político e sua imunidade como parlamentar.

Segundo o artigo 142 da Constituição Nacional do Paraguai sobre imunidade parlamentar: nenhum membro do Congresso poderia ser acusado e nem interrogado, somente preso se pego em flagrante e isso valia desde a eleição até o dia de finalização de seu mandato<sup>533</sup>. Estar na letra da Constituição não quer dizer que não ocorressem prisões às pessoas que ocupavam lugares nas bancadas do Congresso. Carmen de

---

<sup>531</sup> Essa palavra pode denotar vários significados, de acordo com o Dicionário Real Academia Espanhola: Pode ser competência jurisdicional especial que corresponde a pessoas em função de seus cargos, exemplo: *fuero parlamentario*. Ver em: <<http://dle.rae.es/?id=IYqmDg8>> Acesso em 19 jun. 2016

<sup>532</sup> PAZ, Alfredo Boccia. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p.4.

<sup>533</sup> Ver em: *Constitución de la Republica del Paraguay*: promulgada em 25 de agosto de 1967, p.18. Ver em: < <http://www.cedep.org.py/wp-content/uploads/2012/09/CONSTITUCION-NACIONAL-1967.pdf>> Acesso em: 10 mai. 2016.

Lara Castro foi vigiada, foi presa, teve seus filhos presos ainda quando era Deputada Nacional, mas ainda assim, continuou a frente da *Comisión*.

Como evidenciou Paul Lewis, a sociedade paraguaia possuía muitos contrastes, e durante a ditadura uma delas foi a variação com que a oposição política foi tratada. Segundo ele, as pessoas da oposição, eram poucas, e se conhecia essas pessoas “até pelo primeiro nome”<sup>534</sup>. Para esse autor, essas pessoas poderiam trabalhar e viver nesse país, mas com algumas restrições: não poderiam atacar publicamente ao presidente ou a membros das forças armadas, nem realizar manifestações de rua, assim como não podiam assumir mais de um dos postos do Congresso<sup>535</sup>.

Dentro dessa perspectiva a oposição era conhecida pelo nome e, principalmente sobrenome, podendo permanecer no país. Trazendo essa leitura para o objeto de estudo, pode-se entender essa relação entre o regime stronista e a oposição política. Um exemplo disso é que a casa de Carmen de Lara Castro, que foi local de reunião de seu partido e da *Comisión*. A isso se soma o *fuero* parlamentar, que apesar das prisões e perseguições, deve tê-la ajudado assim como suas vinculações políticas com as embaixadas, com seu partido, com as igrejas e, seu sobrenome, reconhecido socialmente. Acredito que esses fatores devem ter influenciado Carmen de Lara Castro a ficar a frente da *Comisión* por tanto tempo. Porque, nesse sentido, a imunidade parlamentar tinha a validade do mandato, e ela foi deputada nacional entre 1968-1978, depois disso continuou a frente da *Comisión*.

Voltando para o excerto da entrevista, a questão do “não se bate em mulher”, não é que Alfredo B. Paz acreditasse que as mulheres não sofriam repressões, aliás, ele fez uma investigação sobre o gênero na tortura<sup>536</sup>. Sua fala é atrelada ao sentido de que as mulheres foram menos reprimidas ou, até de que elas foram protegidas pela lógica patriarcal já que os homens só bateriam em mulheres no âmbito privado e não na delegacia. O que em si já denota a violência contra a mulher. Porém, quando ele trata de Carmen de Lara Castro, além do fato de uma distinção gênero, existia outro, o status social. Ao enfatizar que eram as mulheres que poderiam fazer esse trabalho de ir à prisão, lançava a ideia de que elas eram menos reprimidas, ou que as mulheres eram mais “respeitadas” na repressão. Esse era um dos fatores para, segundo ele, Carmen de Lara

---

<sup>534</sup> LEWIS, Paul. *Op. Cit.*, 1986, p. 329-331.

<sup>535</sup> *Ibidem*, p. 331

<sup>536</sup> PAZ, Alfredo Boccia. Represión política y género en la dictadura paraguaya. In: PEDRO, JoanaMaria, WOLFF, Cristina Scheibe (Org.). *Gênero, Feminismo e Ditaduras no Cone Sul*. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2010.

Castro ter ficado por tanto tempo a frente da *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos*.

Quando entrevistei Luis Alfonso Resck, ele me contou sobre sua longa luta contra os regimes autoritários, em sua narrativa destacou que foi perseguido político desde a ditadura de Higinio Morínigo por suas denúncias <sup>537</sup>. Sua interpretação sobre a presidência de Carmen de Lara Castro também corrobora com a ideia que as mulheres eram mais consideradas:

[TS-] Por que ela, Carmen de Lara Castro, foi a senhora que encabeçou, que foi a presidenta da Comissão. Por que ela e não o senhor?

[LR-] Ela foi presidenta por que foi ela quem começou. *Indiscutivelmente* foi ela. Nós na nossa situação não podíamos aparecer assim. Ela sempre era mais considerada, até mesmo na perseguição. Ademais nós queríamos que ela fosse presidenta em consideração de seus méritos. Por respeito e carinho, pois era uma mulher valente. Era uma mulher valente tinha que estimulá-la <sup>538</sup>.

A pergunta sobre a presidência de Carmen de Lara Castro, e não a dele buscava entender até mesmo porque ele foi eleito presidente da CONADEH, que a seu ver era a mesma organização. Na sua entrevista, ele enfatizou suas ações como mais conectadas a um círculo de organizações internacionais, e até mesmo que ele foi mais perseguido pelo regime a ponto de ter se exilado.

De acordo com essa narrativa, ela teria sido presidenta porque: 1º- Foi ela quem “começou”, talvez a organização ou até mesmo a visitar as pessoas presas, 2º- Os homens eram mais perseguidos, enquanto ela seria mais considerada pela repressão, 3º- Por seus méritos e por ser uma mulher valente. Aos homens, ou a ele, cabia o “anonimato” de suas atuações, pois “eles não poderiam aparecer tanto”, podendo remeter a seu partido *Democrata Cristiano* que não era reconhecido pelo regime ou até mesmo suas ações que eram vigiadas. A presidência contínua de Carmen de Lara Castro pode ser entendida, em suas palavras, como uma questão

---

<sup>537</sup> RESCK, Luis Alfonso. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 4.

<sup>538</sup> RESCK, Luis Alfonso. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 10.

unânime dentro da organização, devido aos méritos, pelo respeito e pelo carinho que tinham por ela.

Assim como Alfredo Boccia Paz e Luis Alfonso Resck, Nelson Garcia Ramirez também compartilha sua leitura de que as mulheres em geral e Carmen de Lara Castro foram menos perseguidas:

[NR-] Há pessoas que são importantes para conhecer, a que falar a verdade. As mulheres não foram perseguidas, foram respeitadas durante a ditadura. Certo que havia muitas mulheres presas, fundamentalmente as comunistas, mas tinha mulheres que foram respeitadas, famílias que foram respeitadas. Uma delas é Carmen de Lara Castro. A polícia cercava tudo, mas não se animava a entrar [em sua casa].

[TS-] Por que?

[NR-] Não sei... a respeitavam.

[TS-] Por causa da família de Carmen?

[NR-] Não sei, porque ela foi a primeira lutadora que se enfrentava abertamente. Nesse país machista se respeita quem tem valentia. Então a respeitavam. Eu creio que a respeitavam por isso. Por que, outras famílias. Veja. Fui perseguido e vou me esconder na casa de quem? Na casa que era de Mariscal Estigarribia, na casa da filha, Graciela. Nunca, jamais a polícia se animou a entrar porque era filha do Mariscal. E eram *Liberais*. Eu estudei com seus filhos, estudavam Direito. E nunca entraram ali. Tinham famílias que se respeitavam. O Mariscal, assim como Stroessner era militar. Ele respeitava o Mariscal Estigarribia. Ele Assistia todo 7 de setembro o aniversário da morte de Estigarribia, assistia no *Panteón de los Heroes* <sup>539</sup>.

Outros como Tício Escobar<sup>540</sup> e Roberto Paredes<sup>541</sup>, também sinalizaram essa interpretação de Nelson Garcia Ramirez com relação à

---

<sup>539</sup> RAMIREZ, Nelson Garcia. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 14/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora. p.17.

<sup>540</sup> ARGANA, Luis Manuel Escobar. (Tício Escobar). Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 22/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 10, 12,15.

<sup>541</sup> PAREDES, Claudio Roberto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 03/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 9.

imunidade política de Carmen de Lara Castro. Corroborando com a análise de Paul Lewis de que o regime stronista reconhecia a classe política e eram poupados a ponto de viverem e trabalharem no país. A interpretação de Nelson Ramirez frisa, acertadamente, que as famílias de origem política reconhecidas eram mais respeitadas do que outras, nesse sentido, algumas famílias e pessoas foram poupadas, enquanto outras foram dizimadas.

Stroessner, talvez não a respeitasse pela valentia, como foi afirmado. Acredito que não havia tanto respeito e admiração pela sua valentia, pois, ela fazia um trabalho que apontava para o sangue que corria nas mãos da polícia e do governo colorado. Era considerada pela polícia como uma inimiga, sendo uma pessoa continuamente vigiada, justamente por essa oposição. Quiçá o “respeito” ou “consideração” ocorresse em relação à sua família de origem e seus contatos políticos, mas não porque era uma mulher valente, já que a repressão policial não fazia diferença entre mulheres e homens<sup>542</sup>.

Nesse trecho, Nelson Garcia Ramirez destaca que havia mulheres que foram perseguidas, e ao mesmo tempo, informa que elas foram menos reprimidas e até foram mais consideradas pelo regime, e usou como exemplo os casos de Carmen de Lara Castro e de Graciela Estigarribia. Com isso quero afirmar o revés dessas considerações, pois, as mulheres foram presas, foram torturadas e sem dúvida, foram vigiadas e perseguidas. O menor número de aprisionamentos esconde as diversas formas de repressão que as mulheres passaram e viveram.

Segundo o Informe da *Comisión de Verdad y Justicia*, do estudo que foi realizado sob a base de dados de 2.059 testemunhos e apurou 9.923 casos vítimas diretas da ditadura<sup>543</sup>. Dos casos estudados verificou-se que 85,9% das vítimas foram homens e 14,1%, com uma proporção de aproximadamente a cada dez pessoas, nove eram homens<sup>544</sup>. Esse argumento de que as mulheres eram “mais respeitadas” só diz respeito ao número de prisões, de mortes e de desaparecimento, dado que mais

---

<sup>542</sup> Sobre toturas, repressões e relatos de mulheres que foram vítimas da violência stronista, cito apenas alguns trabalhos que conheço: AQUINO, Olga Caballero. Por orden Superior- testimonios de mujeres victimas de la dictadura en Paraguay. Servi Libro: Assunção, 2003. COMISIÓN DE VERDAD Y JUSTICIA. *Op. Cit.*, T. I, 2008, COMISIÓN DE VERDAD Y JUSTICIA. *Informe Final*: Anive haguã oiko- Las violaciones de derechos de algunos grupos en situaciones de vulnerabilidad y riesgo. T.III, 2008.

<sup>543</sup> COMISIÓN DE VERDAD Y JUSTICIA. *Op. Cit.*, T. 1, 2008, p.50

<sup>544</sup> *Ibidem*, p. 23.

homens, quantitativamente, participaram das organizações políticas, sindicais, *campesinas*, entre outros, e, portanto, mais homens foram presos, torturados e mortos. Claramente teria que se realizar um maior estudo sobre as violações de gênero ocorridas durante a ditadura. Porém essa questão de amenizar a ação das mulheres e inferir que eram mais respeitadas, somente naturaliza a violência do regime quando se trata de mulheres.

Porém, as mães de filhos e esposos presos não eram reprimidas pela polícia? As pessoas em geral não eram vigiadas pelas *comisarias*? Por que então se crê que mulheres eram mais respeitadas pela repressão? Como enfatizou Jennifer Brady em um estudo sobre a violência de mulheres no regime stronista, a maioria das que foram presas e torturadas eram jovens e politicamente ativas, mas tanto as mulheres jovens quanto as anciãs estiveram em perigo, mesmo quando não ativas politicamente.

Muchas veces olvidamos que la mujer también sufre abusos por parte del estado. La mujer como víctima de la violación de sus derechos humanos, es ignorada porque el hombre domina la esfera política y centra casi toda la atención sobre las violaciones de los derechos humanos <sup>545</sup>.

Como busquei evidenciar, as mulheres nas falas dos entrevistados são caracterizadas como mais respeitadas pelo stronismo, seguindo uma ideia de que não eram tão atuantes na política e nos movimentos sociais, e por isso, não teriam sofrido tantas perseguições, torturas e prisões. Porém é preciso ampliar o conceito de violência, refletindo até mesmo sobre o sofrimento das mães e dos pais dos próprios entrevistados que se não sofreram do mesmo que seus filhos, também foram atravessados pelas violações cometidas pelo regime stronista. Se Carmen de Lara Castro teve a vida poupada pela polícia devido a seus contatos e reconhecimento social, ela também sofreu outros tipos de violações, também foi presa, perseguida, hostilizada, teve seus documentos retidos para que não pudesse viajar para fora do país<sup>546</sup>, entre outros.

---

<sup>545</sup> BRADY, Jennifer E. *La tortura y detención de mujeres paraguayas bajo el régimen de Stroessner: um estudio sobre violencia estatal y mujeres*. [S. l. : s. n.], 1997, p.2.

<sup>546</sup> PAZ, Alfredo Boccia, AGUILAR, Rosa Palau, GONZÁLEZ, Myrian Angélica. *Op. Cit.*, 2014, p. 365.



### 5.3. Castigando a *la madre* – detenções, perseguições e torturas

Carmen de Lara Casto, segundo contam alguns das/dos entrevistados<sup>547</sup>, foi presa algumas vezes, mas em seguida era solta. Ela teve seus filhos presos, dois deles, como uma amostra de que o regime também atingia sua casa, apesar de seus contatos políticos e na política. Jorge Lara Castro e José Manuel Lara Castro foram presos ambos no ano de 1969, o primeiro era o membro da Federação de Estudantes da *Universidad Catolica*, já o outro, tinha 15 anos e conta que não tinha participação política.

Essa situação é vista pelos filhos como uma punição pela atuação de sua mãe, pelo menos no caso de José Manuel Lara Castro. Sobre esse assunto, trarei suas próprias narrativas. Primeiro a de Jorge de Lara Castro, faço um adendo que ele foi preso algumas vezes, sendo essa uma narrativa geral de suas prisões:

[JLC-] Eu pessoalmente assumi 50% de minha cota e 50% a cota de minha mãe na tortura e tudo.

[TS-] Eles torturavam o senhor para atingir sua mãe?

[JC-] Sim, claro. Me torturaram.

[...]

---

<sup>547</sup> CASTRO, Luis Félix Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 13/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 13-14, PAZ, Alfredo Boccia. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 2, 9, CASTRO, Fernando Adolfo Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 21/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 8, CASTRO, Martín Alejandro Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 11, LAINO, Domingo. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 16/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 5, RAMIREZ, Nelson García. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 13/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 15, DE VARGAS, Francisco José. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 14/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 10, CASTRO, Jose Manuel Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 10, RESCK, Luis Alfonso. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 7.

[JC-] Estive preso várias vezes. Em um ano estive três vezes preso, mas em duas vezes fui torturado. Porque, ao final, como a Comissão de Direitos Humanos funcionava lá em casa e como muitas vezes eu era o secretário, e guardava as entrevistas do que saía [nos periódicos] e fazia as fichas técnicas. Isso me ajudou muito. Porque a polícia aqui ficou com cara descoberta, porque o conceito da polícia era para que não houvesse dúvidas da repressão. Nos outros [países] se cobriam, aqui não. Aqui o que te torturava te encontrava na rua, no Centro.... Nós íamos ao Centro. Eu ia caminhando para universidade e na praça, em frente à catedral, e eu vi o que tinha me torturado...

548

Jorge de Lara Castro saiu do país no ano de 1976 e foi estudar no México, voltando somente em 1991, sobre os motivos de sua saída do país, não foram abordados no relato. Porém, cabe mencionar algumas ações que ele teve durante as entrevistas, pois foram marcantes pela relação que teve ao resignificar sua tortura e prisão, como se fossem símbolos de sua resistência, talvez ligando sua própria luta a de sua mãe. Na Primeira entrevista que realizei com Jorge de Lara Castro em 2014, ocorreu no hotel em que estava hospedada, ele me trouxe uma foto sua de perfil de quando havia sido preso, com os cabelos raspados, magro e abatido. Na segunda entrevista, quando fui a sua casa, ele me mostrou a mesma foto, mas em dimensão maior, em um quadro emoldurado que acredito compor os quadros de uma das paredes de sua casa. Essa presença da foto em ambas as entrevistas, podem indicar que ele não buscou esquecer o que lhe ocorreu durante a ditadura, e ao contrário, procura lembrar e mostrar.

Nas duas entrevistas, as narrativas sobre a tortura e o amparo de sua mãe foram bastante realçadas. Talvez não o torturassem somente para atingir sua mãe, como reagiu ao perguntar ao entrevistado, pois o uso de violência era um padrão nas delegacias paraguaias durante o stronismo em meio os interrogatórios, no qual infringiam dor, medo, e diversos outros sofrimentos. Ele era um ativista político desde a universidade, auxiliava sua mãe na *Comisión*, como os outros filhos de Carmen de Lara Castro, conduzindo o carro e ajudava na secretaria. Então, seus

---

<sup>548</sup> CASTRO, Jorge Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 03/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 5, 8.

aprisenamentos possuem relação tanto com relação suas atividades na Comisión quanto na Federação Estudantil.

Já a fala de José Manuel Lara Castro corrobora com o entendimento de que sua casa vivia vigiada, como narraram outros entrevistados, além disso, dá detalhes sobre a repressão policial, como eram os cárceres e sobre a atuação de sua mãe:

[JMC-] Com Stroessner sempre fomos perseguidos, nossa casa materna que estava sobre *Nuestra Señora de Asunción*, vinha a polícia e entrava. Justamente dali que me levaram, na frente da minha casa. E eu me encontrei na polícia com Jorge que já estava lá dentro, eram umas 15 pessoas lá dentro, a maioria era universitários, eu estava no curso, terceiro curso básico.

[TS-] No secundário?

[JMC-] Sim, mas a maioria que estavam ali já eram estudantes e profissionais.

[TS-] Fosse preso uma vez só?

[JMS-] Uma vez só.

[TS-] E por que te levaram?

[JMC-] Eu creio que por minha mãe. Como ela era muito contrária ao regime de Stroessner, brigava com as pessoas do governo e nesse momento não se calava. Quando me pegaram disseram que se confundiram. Não se confundiram sabiam muito bem o que faziam.

[...]

[JMC-] E, bom, quando eu entrei e dou um passo assim! E se levantou do banco [um policial]: – Aqui está outro Lara Castro! Ele estava vendo televisão se levantou e *pá, pá, pá!* me bateram. E, praticamente me fez cair adiante, no corredor. E ao sair do corredor, havia um espaço espaço aberto onde ao entrar *assim*, havia um banheiro, e ali do outro lado tinha uma cozinha, um dormitório onde dormia o chefe de polícia e uma escada que subia para cima, separando onde estavam os calabouços e as salas de tortura. Então quando eu entrei *assim*, vejo a *barbearia* e vejo a meu irmão sentado em uma cadeira, contra o espelho, ele estava vendado, taparam seus olhos. E me sentaram contra a parede, todos estavam contra a parede, e ali estivemos até às onze da noite, quase até a uma da manhã

estivemos ali. E daí nos mandaram cada um a uma peça. Eu fui primeiro ao calabouço com dois jovens que estudavam medicina. Ali não havia luz, dormi no chão, porque a cama era como essas camas de cimento. Como nos cemitérios onde se colocam os caixões. Então eu dormi no piso. Claro, tinham baratas e as portas tinham uma fresta *assim*, não se via nada dentro da peça. Segundo me inteirei, quando me levaram, voltaram outra vez a minha casa e meu pai ofereceu a eles para comerem algo... E disseram: – Ah, estamos aqui cuidando da casa para que não se tenha problema! Foi o que disseram, mas a intenção era outra. Era para ver quem entrava e quem saía [...] <sup>549</sup>.

A narrativa de José Manuel é extensa, selecionei apenas parte dela. Ao contar parecia que estava vendo a prisão, como em um filme, contou-me como era o cárcere, onde estavam dispostas as pessoas presas, parecendo falar de algo que ocorreu há pouco tempo, mas em realidade ocorreu há algumas décadas. Destaquei esse trecho, pois, conta do encontro com o irmão e sobre o engano da polícia. Nas duas entrevistas que fiz com Jorge Lara Castro ou nessa com José Manuel Lara Castro, eles não enfatizam se chegaram a se falar ou se ver nessa oportunidade em que foram presos no mesmo departamento, contam seus relatos sobre o que ocorreu, mas, sem cruzar essas informações. Jorge Lara Castro conta que seu irmão menor foi preso, mas não detalha sobre o ocorrido <sup>550</sup>.

Ainda sobre a fala de José Manuel, ele conta da experiência do cárcere como se fosse um sepultamento, o chão e as camas de cimento que pareciam caixões, as baratas que passavam pelo cárcere e a iluminação inexistente. Era como se enterrassem uma pessoa que estava viva. Na continuação de sua entrevista expõe que após dias detido, foi ao encontro de sua mãe no Congresso Nacional, lá ele viu que sua mãe acusou os *Colorados* pela prisão dele, e começou todo um conflito.

---

<sup>549</sup> CASTRO, Jose Manuel Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. 19/01/2015. Gravador Digital. Acervo da autora, p. 2-3.

<sup>550</sup> CASTRO, Jorge Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 03/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 7. CASTRO, Jorge Lara. Entrevista concedida a Joana Maria Pedro e Cristina Scheibe Wolff. Assunção, Paraguai, 20/02/2008. Acervo do LEGH/UFSC. Transcrita por Larissa Viegas de Mello Freitas, revisada por Andrei Martin San Pablo Kotchergenko, p. 13-14.

Encerraram a sessão e José Manuel foi para casa, mas as sequelas causadas pela agressão continuaram presentes:

[JMC-] E, bom depois disso eu tinha um pequeno temor, vamos dizer que quando via um policial eu me assustava. Minha mãe tinha uma amiga que morava em um lugar que se chamava *Caapucú*, perto do departamento de *Paracuari*, em uma fazenda. Era *Liberal* também, e eram pessoas muito amigas, trabalharam aqui em casa com a mamãe também. Então, pouco tempo depois que saí da prisão eu fui, creio que foi em novembro.

[TS-] De que ano?

[JMC-] Creio que não sei se foi 68 ou 69. Então fiquei no campo, praticamente fiquei até janeiro, fevereiro. Como queria me livrar de todo esse calvário que fizeram aqui comigo em Assunção. Lá era tranquilo, ninguém me incomodava.

[TS-] Você se recorda do nome dessa senhora?

[JMC-] Ela se chamava Elida Lizza<sup>551</sup>.

José Manuel Lara Castro ficou na casa de Elida Lizza, amiga de Carmen de Lara Castro, provavelmente, durante o recesso escolar. Segundo sua fala, ficou por lá para espairer, tentar esquecer um pouco o que tinha ocorrido. Depois que terminou o secundário, foi para *Corrientes* estudar Veterinária, não estudou em Assunção com alguns de seus irmãos. Jorge Lara Castro saiu do país e foi estudar em 1976 na *Universidad Autónoma do México*, onde teve a oportunidade de realizar sua pós-graduação em Ciências Sociais.

Nessas duas falas, a “culpa” da atuação de sua mãe é evidenciada para que tivesse ocorrido os encarceramentos, se na prisão de Jorge Lara Castro ela tinha apenas 50% da “parcela de culpa”, na de Jorge Manuel Lara Castro era “por inteiro”, pois como ele enfatizou, não se enganaram quando foram a sua casa. O que dá a entender que se sua mãe não lutasse contra o regime, talvez, nada teriam feito com ela ou com eles, mas em função de suas atuações, a família foi penalizada pela polícia, claramente a “culpa” ou a “penalização” é em detrimento de um governo autoritário e violento. No sentido de proteger seus filhos, principalmente José

---

<sup>551</sup> CASTRO, Jose Manuel Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 4.

Manuel Lara Castro, Carmen de Lara Castro o enviou para que ficasse na casa de uma amiga, pois estando em Assunção, ele poderia sofrer novamente um aprisionamento e tortura. Já, Jorge de Lara Castro, não possui clareza de como viveu os anos posteriores à repressão de 1969, isso não chegou a ser abordado. Mas, em outra entrevista, com as professoras Cristina S. Wolff e Joana M. Pedro, ele mencionou que nesse período, foi viajar para a Europa e ficou algum tempo por lá. Antes de ir ao México, também chegou a ministrar aulas na *Universidad Católica*, talvez, assim como seu irmão Luis F. Lara Castro <sup>552</sup> que era assistente de seu pai nas aulas de Direito<sup>553</sup>.

Carmen de Lara Castro também foi presa algumas vezes e por pouco tempo. Alguns dos filhos contam sobre um episódio em que ela teria ido participar de um evento na Espanha e quando voltou, logo foi presa. Sobre essa história, também existem variações, como narrou José Manuel Lara Castro, ela foi presa quando vinha de um evento e ficou por poucos dias na *Comisaría de Trinidad*, porque não podiam deixá-la presa por muito tempo já que era deputada<sup>554</sup>. Já Luis Lara Castro salientou que:

[TS-] Tua mãe chegou a ser presa?

[LC-] Sim, chegou a ser diversas vezes presa. A última vez que me recordo foi quando ela veio da Espanha.

[TS-] Ela veio da Espanha por quê?

[LC-] Participou de algum fórum, algum congresso na Espanha. E era deputada. No aeroporto a tomaram e levaram-na presa. Levaram-na para a delegacia de mulheres. Tiraram todos os seus folhetos que trouxe do congresso e depois a soltaram. Ou seja, eram atos vexatórios e humilhantes para fazer que ela cedesse um pouco em sua luta. Faziam de tudo, mas ela era mais forte,

---

<sup>552</sup> CASTRO, Luis Félix Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 13/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 6,

<sup>553</sup> CASTRO, Jorge Lara. Entrevista concedida a Joana Maria Pedro e Cristina Scheibe Wolff. Assunção, Paraguai, 20/02/2008. Acervo do LEGH/UFSC. Transcrita por Larissa Viegas de Mello Freitas, revisada por Andrei Martin San Pablo Kotchergenko, p. 9, 13.

<sup>554</sup> CASTRO, Jose Manuel Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 10.

como uma mulher, e sendo deputada não poderia ser detida<sup>555</sup>. [...]

Jorge de Lara Castro em entrevista para Cristina Scheibe Wolff e Joana Maria Pedro narrou sobre o ocorrido:

[CW-] E aí a levaram presa?  
[JC-] Sim, presa. Você pode imaginar, ela vinha da Europa, no mês de novembro, início de dezembro. Chegou aqui com um clima agradável de 40 graus, vestindo roupa de inverno. Então eu fui buscá-la na delegacia, e depois soube que ela tinha sido levada para a delegacia de mulheres, ela estava incomunicável. Depois de três a quatro dias, ela foi liberada. Ela tinha ficado por três horas no interior de uma caminhonete da polícia, em frente da delegacia, uma caminhonete toda fechada, onde ficou detida vestindo roupa de inverno. Ela quase teve um enfarte, ela já não era jovem!<sup>556</sup>.

Mesmo com essas variações de país e tempo em que passou no cárcere, entre as narrativas, os filhos de Carmen de Lara Castro contam sobre o mesmo evento, já quase no fim da ditadura, no ano de 1988, quando havia muitas manifestações contra o regime stronista e, também repressão. Esse encarceramento foi marcante, pois, ela foi presa no aeroporto e a deixaram isolada. Jorge de Lara Castro, na época vivia no México e havia ido a Montevideu, depois foi para casa visitar sua família, conta que quase não o deixaram entrar no Paraguai. Mas, quando chegou ao país se deu conta de que ela estava presa<sup>557</sup>.

No entendimento de seus filhos, esse aprisionamento foi realizado para colocar medo nela e em seus familiares. Pois, sem dúvida a polícia stronista sabia o que ela foi fazer fora do país. Tirar seus panfletos poderia

---

<sup>555</sup> CASTRO, Luis Félix Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 13/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 13-14.

<sup>556</sup> CASTRO, Jorge Lara. Entrevista concedida a Joana Maria Pedro e Cristina Scheibe Wolff. Assunção, Paraguai, 20/02/2008. Acervo do LEGH/UFSC. Transcrita por Larissa Viegas de Mello Freitas, revisada por Andrei Martin San Pablo Kotchergencko, p. 6.

<sup>557</sup> CASTRO, Jorge Lara. Entrevista concedida a Joana Maria Pedro e Cristina Scheibe Wolff. Assunção, Paraguai, 20/02/2008. Acervo do LEGH/UFSC. Transcrita por Larissa Viegas de Mello Freitas, revisada por Andrei Martin San Pablo Kotchergencko, p. 6

ser uma forma de saberem o que ocorreu no evento em que ela participou, mas também incriminá-la. Algo que chama atenção é que alguns deles enfatizaram que ela era deputada e por isso a soltaram após alguns dias, porém, nesse período ela já não era mais uma parlamentar. Talvez por pressão de alguma Embaixada, de sua família ou de outras pessoas envolvidas na *Comisión*, ela foi solta.

Segundo o livro *Testemuño contra el Olvido*, que traz o registro de várias pessoas encarceradas, Carmen de Lara Castro foi presa nos dias 9 a 12 de dezembro de 1988 na delegacia 12, que ficava no bairro da *Santísima Trinidad*<sup>558</sup>. Sobre o ocorrido, encontrei algumas informações. Naquela semana de dezembro de 1988, a instituição chamada *La Convergência Nacional por Los Derechos Humanos*<sup>559</sup> elaborou uma grande manifestação *callejera* que foi a *Marcha por la vida*, em comemoração aos quarenta anos da Declaração Universal dos Direitos dos Humanos.

De acordo com outro livro, *el precio de la paz*, alguns dias antes o Ministério do Interior proibiu a marcha e ordenou o aprisionamento de dirigente políticas/os. Apesar disso, a marcha ocorreu simultaneamente em várias ruas, dificultando a dispersão por repressão policial. Segundo os números da CIPAE, 89 pessoas foram presas nesse ínterim<sup>560</sup>. Carmen de Lara Castro foi presa quando chegou ao país vindo da Europa e foi levada para o cárcere<sup>561</sup>, seguindo esse raciocínio, ela nem conseguiu participar da marcha, mas talvez tivesse algum envolvimento.

Outro momento em que foi encarcerada, segundo seu filho Fernando Lara Castro, foi no ano de 1981, quando retornava da Alemanha, contou que lá fazia 4 graus e em Assunção 40, e a prenderam

---

<sup>558</sup> CIPAE. *Testimonio contra el olvido*, reseña de la Infamia y del terror. Paraguay 1954-1989. Paraguai: CIPAE, 1998, p. 96. Pode-se ver também no outro livros produzido pela CIPAE: BLANCH, José M., ACUÑA, Edith, BAREIRO, Line (*et. al*). *Op. Cit.*, p.552.

<sup>559</sup> Não obtenho maiores informações sobre essa instituição, não foi evidenciada nas entrevistas, somente aparece em alguns livros que abordaram o tema da *Marcha por la vida*. Esses informam que era uma organização que congregava mais de 30 movimentos sociais desde sindicatos a estudantis. BLANCH, José M., ACUÑA, Edith, BAREIRO, Line (*et. al*). *Op. Cit.*, 1991, p. 303-304.

<sup>560</sup> BLANCH, José M., ACUÑA, Edith, BAREIRO, Line (*et. al*). *Op. Ci.*, p. 303-304.

<sup>561</sup> Sobre a marcha ver em: <<http://m.ultimahora.com/a-25-anos-la-ultima-gran-movilizacion-contra-stroessner-n748599.html>> 09/06/2016



em uma delegacia de mulheres <sup>562</sup>. Essa informação é confirmada no livro de José Luis Simón, nele o autor enfatiza também, que, a *Comisión* passou a sofrer diversos ataques públicos de Stroessner, até mesmo em seu discurso de natal em 1980, salientou que essa organização era cúmplice do comunismo ao pedir “liberdade de delinquentes” em nome dos Direitos Humanos<sup>563</sup>.

Não obtive maiores informações sobre seus aprisionamentos e quais eventos ela participou na Europa. É certo que foi a Espanha e 1987 com Tício Escobar para participar das *Jornadas por la Democracia en el Paraguay*<sup>564</sup>. Segundo seus filhos ela foi também a Israel e a Alemanha participar de eventos, mas sobre esses, não possuo esclarecimentos. Nesse sentido apesar dos impeditivos do regime, os castigos infligidos a sua família como um todo, Carmen de Lara Castro conseguiu sair do país para realizar denúncias e participar de eventos relacionados a seu trabalho com os Direitos Humanos.

Nenhum outro narrou essas histórias contadas por seus filhos, alguns dos entrevistados contaram que ela não foi presa<sup>565</sup>, o que aproxima ainda mais da ideia de que ela era pertencente a uma elite política que foi poupada pelo regime. Não encontrei narrativas delas em que enfatizassem suas prisões, mas as de seus filhos foram salientadas em uma ocasião, como se as prisões efetivadas contra seus filhos tivessem mais força em seu discurso.

Este lugar lo visité muchísimas veces y he visto el cuerpo lacerado de mis hijos, con dedos quemados

---

<sup>562</sup> CASTRO, Fernando Adolfo Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 21/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 6

<sup>563</sup> O autor comenta tanto sobre a prisão de Carmen de Lara Castro em 1981, quanto sobre o discurso de Stroessner. SIMON, José Luis. *Op. Cit.*, p. 192.

<sup>564</sup> ARGAÑA, Luis Manuel Escobar. (Tício Escobar). Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 22/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 6.

<sup>565</sup> ARGAÑA, Luis Manuel Escobar. (Tício Escobar). Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 22/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, 13, Dionisio Gauto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p.14 , MONGES, Julian Vera. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 16/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 10. , PAREDES, Claudio Roberto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. 03/05/2014. Gravador Digital. Assunção, Paraguai. Acervo da autora, p. 8

de Jorge y José Manual, que fue raptado de mi casa a los 15 anos. Dijo.

Este lugar es terrible, donde las torturas se hacían con deleite. Donde cansado el torturador lo dejaba de hacer. En este lugar, había uma crudeza terrible. Expresó

En este momento, agradecemos esto por que es como un regalo de Navidad. Esto no es sólo una clausura simbólica, sino la clausura de toda la represión. Enfatizó<sup>566</sup>.

As prisões de seus filhos na narrativa de Carmen de Lara Castro, traz elementos de sofrimento familiar que são perpassados pela maternagem, pelo cuidado da mãe que se desespera a ver os filhos presos e torturados. Os símbolos ligados à maternidade são fortes e às representações por ela trazidos remetem ao marianismo tão presentes no imaginário latino americano<sup>567</sup>. Reforçar o gênero nesses momentos de tensão, pode ter sido usado pela personagem de forma consciente ou não, mas sua narrativa enfatiza que eles foram vítimas do regime, assim como ela.

No excerto, acima citado, Carmen de Lara Castro anunciava o fechamento de La Técnica, e foi um momento de grande comoção no Paraguai, pois, havia encontrado, dois dias antes, os documentos que foram chamados de “*Archivos del horror*”. Então, estavam vivendo em um momento de efervescência das memórias de vítimas da ditadura, que viram nessa descoberta a possibilidade de justiça e de verdade sobre o passado, a pensar que esse descobrimento foi amplamente publicizado pela mídia<sup>568</sup>. Além disso, esse centro de repressão foi fechado no dia de Natal, o que faz com que essa narrativa carregue outros elementos, ela

---

<sup>566</sup> MENORES de 15 años eran torturados. El Diario. 24 de dec. 1992, p. 6. Disponível no Laboratório de Estudos de Gênero e História. Disponível no Centro de Documentación y Archivo para la Defensa de los Derechos Humanos. Assunção, Paraguai. Fundo documental: Asamblea por el Derecho a la vida, dez. 1992. (Digitalizado em 2012/ Acervo LEGH/ Acervo Autora).

<sup>567</sup> Sobre o assunto, ver em: GONZÁLEZ, Wilma Mancuello. *Op. Cit.*, 2013, p. 77, MONTECINO, Sonia. *Op. Cit.*, p.199-201. Disponível em: < <http://www.debatefeminista.com/PDF/Articulos/identi705.pdf> > Acesso em 10/06/2016.

<sup>568</sup> No *Youtube* há vários vídeos sobre o descobrimento dos documentos conhecidos como *Archivos del Terror*, indico apenas um deles, mas dá para perceber foi amplamente midiaticado. Ver em: < <https://www.youtube.com/watch?v=faLmtjAFpAg> > Acesso em: 10/06/2016.

ênfatisa que o fechamaneto do departamento era como se fosse um presente de natal, que encerrava um período de violência e se iniciava outro, que se almejava por maiores esclarecimentos e liberdades civis, políticas e justiça social.

Nessa época Carmen de Lara Castro era Senadora pelo *Partido Liberal Radical Auténtico*, mas como frisei no segundo capítulo, sobre sua vida política quase não há lembranças por parte das/os entrevistadas/os. Ela seguia com na presidência da *Comisión*, mas nesse período já havia várias outras organizações de direitos humanos, e emergia distintos movimento de mulheres e feministas, de indígenas, de trabalhadoras/es, entre outros. Com isso não quero dizer que as violações de direitos humanos terminaram com a queda da ditadura, longe disso, continuou-se explorando e violentando majoritariamente os setores mais pobres.

Carmen de Lara Castro faleceu no dia 8 de maio de 1993, um dia antes das eleições gerais. As notícias sobre sua morte acompanharam os periódicos que lançaram várias homenagens que remetiam a sua longa luta contra a ditadura e pelos direitos humanos <sup>569</sup>. Sobre esse assunto, seus filhos e outros entrevistados disseram que, talvez, ela pudesse ter atuado mais firmemente em um período de democracia, entre outras reflexões que ficarão para próximos estudos sobre a memória dessa personagem em um período posterior à ditadura.

---

<sup>569</sup> Digitalizados, Acervo da autora: MUNARRIZ, José Miguel. Carmen Casco de Lara Castro, uma defensora de los derechos humanos. *ACCION*- Revista paraguaya de reflexión y diálogo, Asunción, Jul.1993, ano 3, n. 135. Disponível no Centro de Documentación y Estudios, Assunção, Paraguai. (Digitalizado em maio de 2014/Acervo da autora), SANCHEZ, Nacha. Coca Lara Castro una lucha sin limites. *ABC color*, Assunção, 20 mai. 1993. [suplemento Nosotras]. Acervo pessoal de José Manuel Lara Castro, Assunção, Paraguai. Digitalizado 19/01/2015. (Acervo Autora). TROCHE, Elsa. Murrió doña Coca de Lara Castro. *Noticias*, Asunción, 9 may. 1993, p.16-17 Disponível na Biblioteca Nacional de Assunção. Assunção, Paraguai. (Digitalizado em maio de 2014/Acervo da autora), ELÍAS, Margarita. Ña Coca se fue, nos queda su lucha. *ACCION* – revista paraguaya de reflexión y diálogo, Assunção, Jul.1993, ano 3, n. 135. Disponível no Centro de Documentación y Estudios, Assunção, Paraguai. (Digitalizado em maio de 2014/Acervo da autora), CARMEN Casco Miranda de Lara Castro - Há muerto uma mujer valiente. *ABC Color*, Assunção, 9 may. 1993, p. 8-9. [Política]. Disponível na Biblioteca Nacional de Assunção. Assunção, Paraguai. (Digitalizado em maio de 2014/Acervo da autora).

Faz 23 anos que ela faleceu, mas ainda é presente nas memórias e outros locais como ruas e praça<sup>570</sup>. Ela é comumente lembrada como uma mulher valente, já que vários entrevistados falam disso. Como se ela fosse uma “típica” *mujer paraguaya* retirada dos livros de história com escrita nacionalista, aquela que diante da guerra e do conflito, carrega a bandeira da paz e da união da pátria. A madre e a mujer, são figuras que comovem (para o bem ou mal) e é por ter sido uma espécie de “madre” para as pessoas presas que Carmen de Lara Castro é lembrada também, além de ter sido parlamentar (deputada e senadora) e presidenta da *Comisión*. A essa figura, são acarretadas alguns adjetivos como bravura, honestidade coragem, valentia e até beleza. Todos muito próximos à imagem de uma *mujer ideal*, dentro desse viés nacionalista, que é aquela que não choca e não rivaliza com os padrões normativos de gênero.

Como disse Alfredo Boccia Paz durante a entrevista, “é impossível falar de resistência à ditadura sem lembrá-la”<sup>571</sup>, talvez por ter sido uma mulher que ficou no limiar dos padrões de sua época: entre a subversão da oposição à ditadura, como mulher política em um período que poucas tinham destaque, e como presidenta da *Comisión* com reivindicações dos direitos humanos e com a exaltação da família.

\*\*\*

Nesse capítulo busquei enfatizar as narrativas sobre a atuação de Carmen de Lara Castro e das mulheres envolvidas na *Comisión*, para refletir, e assim desfazer, as ideias que amenizavam a participação das mulheres na resistência a ditadura stronista. Procurando perceber como os homens contavam sobre suas experiências na *Comisión*, mas também sobre a presidência de *Coca* a frente dessa organização de direitos humanos.

Sobre isso, Elizabeth Jelin, em um dos poucos e primeiros estudos sobre as relações de gênero e a participação das mulheres nos movimentos de direitos humanos nas décadas 1960 e 1970, salientou que uma das características do Cone Sul nesse período foi que essas organizações foram encabeçadas por mulheres. E, que na maioria das vezes essas associações tinham um ímpeto maternal dado aos discursos, aos símbolos, as posturas e as atuações. Aponta que inicialmente os movimentos eram

---

<sup>570</sup> Sobre os lugares de memória nomeados como a rua e a praça não vou aprofundar a análise, visto que a abordagem priorizou a história oral e focalizou o período de ditadura.

<sup>571</sup> PAZ, Alfredo Boccia. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Gravador Digital. Acervo da autora, p. 14.

“simplesmente uma dramatização e uma expansão, do papel feminino do cuidado devotado à família<sup>572</sup>”.

Acredito que ao generalizar essas posturas e tomadas de consciência, a autora, simplificou e criou uma identidade comum a todas as mulheres e grupos de familiares e de direitos humanos<sup>573</sup>. O âmbito dessas organizações não era só feminino, e tão pouco, despolitizado, fazer essas associações é amenizar as atuações de mulheres que, mesmo reforçando o gênero em prol da família, entre outros, lutaram contra as ditaduras, e foi isso que busquei tensionar durante o capítulo.

Carmen de Lara Castro, na contramão do que narrou Elizabeth Jelin, era uma mulher que já atuava politicamente, e ao organizar sua *Comisión*, apenas ampliou o que já fazia décadas antes, visitar as pessoas presas. Sua organização não era composta por familiares, mas por pessoas da oposição política, apesar de ter homens e mulheres atuantes, é a figura dela que é recordada, e muitas pessoas ficaram no anonimato, principalmente as outras mulheres que eram membras. Talvez isso possa ter ocorrido, pois, ela foi à única presidente da organização, além disso, poucos foram os textos escritos que abordaram de forma mais ampliada sobre a estrutura dessa organização.

Outro ponto, que se buscou refletir e desfazer é a ideia de que as mulheres eram “mais consideradas na repressão ou respeitadas”, isso dá a entender que era pelo fato de que, geralmente, a violência contra a mulher é natural ao patriarcado. Carmen de Lara Castro foi considerada pela repressão devido aos seus vínculos políticos e sociais, outras mulheres não tiveram a mesma “sorte”: foram presas, exiladas torturadas, desaparecidas e mortas, assim como suas famílias. Tratar de enfatizar essas relações, essas narrações é compreender como as hierarquias de gênero estão dispostas na memória e como adequam “locais próprios” para mulheres e homens e ações como femininas e masculinas. As narrativas sobre Carmen de Lara Castro e as mulheres que iam as prisões enfocam que era algo natural fazerem esses serviços, porque eram menos visadas que os homens, já que eram vistos como políticos, podendo ser presos. Todavia, essa narrativa não se adequa a trajetória de Carmen de Lara Castro.

Com isso, gostaria de sinalizar que o reforço de gênero não pode ser usado para amenizar a ação política dessas mulheres envolvidas na *Comisión*, pois suas ações não foram realizadas sem medo de represálias,

---

<sup>572</sup> JELIN, Elizabeth. *Mulheres, Gênero e Direitos Humanos*. JELIN, Elizabeth, HERSHBERG, Eric (Org.). *Op. Cit.*, 2006, p. 263.

<sup>573</sup> Idem.

tanto é que muitas pessoas, como dizem os entrevistados, ajudavam desde o anonimato. E, também, que se Carmen de Lara Castro teve sua vida poupada pela repressão, sua oposição ao regime não se fez sem luta e sem sofrer retaliações. Com isso quero positivar as atuações dessas mulheres e, mesmo que de maneira breve, visibilizá-las como participantes da resistência ao regime que, assim como os homens, também atuaram politicamente.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizar esta dissertação é tarefa árdua, pois os questionamentos, de fato, nunca se encerram e o sentimento de história inacabada permanece. Essa investigação abriu meus olhos e ouvidos para diversos cenários, possibilidades de escrita e instigou muitas reflexões a respeito de Carmen de Lara Castro, sobre os partidos políticos, as organizações de direitos humanos e de mulheres no Paraguai. Ao colocar um ponto final neste texto, desejo poder incitar novas pesquisas a partir de cada linha e página que o compõe.

O interesse em trabalhar a trajetória de Carmen de Lara Castro a partir de entrevistas orais foi despertado na escrita do projeto de mestrado e, posteriormente, pela bagagem de leituras das disciplinas e pelas atividades propiciadas pelo LEGH. Tais recursos, aliados as fontes que foram reunidas durante os 2 anos de investigação, foram exploradas para compreender como Carmen de Lara Castro era recordada no Paraguai. Nesse sentido, realizar as entrevistas foi realmente uma experiência de aprendizagem, de escuta, de sentir, de olhar, e de perguntar questões – que talvez nem as/os entrevistada/os tenham se perguntado em algum momento de suas vidas. Perceber os silêncios, as angústias, as alegrias, as questões que poderiam ser faladas ou não, também se aprende na experiência da “entre/vista”.

Talvez eu tenha conseguido realizar todas essas entrevistas em função de ser uma pesquisadora estrangeira, porque estava buscando saber sobre Carmen de Lara Castro e porque tive boas/bons intermediárias/os no diálogo com as pessoas contatadas. Não tive, nessa experiência com história oral, pessoas que se negassem a conversar comigo. Confesso que durante todo o processo de recolher relatos, senti-me uma pessoa privilegiada por ter tido essa experiência de escuta e compartilhamento de memórias, histórias e vivências.

Ao longo da escrita deste trabalho procurei refletir e analisar depoimentos orais e outras fontes, que tratavam de uma personagem que quando recordada no Paraguai, geralmente é contada com carinho, com emoção, com lágrimas, mas também com sorrisos. As pessoas que fizeram parte desta investigação, na condição de entrevistadas/os, narraram sobre um período de violência e de luta nesse país, onde as organizações de direitos humanos emergidas nas décadas de 1960 e 1970 ajudaram e, muito, a proteger e salvar pessoas da violência estatal. Sobre a relevância de Carmen de Lara Castro no cenário da ditadura, as memórias orais mostraram que ela foi importante no sentido de salvar

vidas, de denunciar os maus tratos, mesmo sofrendo represálias por sua ação.

É necessário evidenciar que a categoria gênero foi constantemente empregada nessa escrita e possibilitou enxergar como as mulheres e os homens contaram sobre a personagem e outras pessoas envolvidas nas organizações e partidos, muitas vezes delimitando os espaços e as ações como femininos ou masculinos. E meu papel na análise das entrevistas foi perceber e historicizar essas memórias a ponto de compreender sobre as contruções de hierarquias de gênero presentes nas narrativas.

Sendo assim, as histórias contadas por algumas pessoas entrevistadas, e as fontes do *Archivo del Terror*, nos fazem pensar em Carmen de Lara Castro como uma mulher valente, que fazia uso de estratégias variadas para obter como resultado o auxílio a pessoas presas e informações sobre as/os que se encontravam na situação de desaparecidas/os. Nas narrativas de Tício Escobar, Dionísio Gauto, Alfredo B. Paz, *Pancho* de Vargas, Nelson Ramirez, Domingo Laino, e claro, de seus filhos, ela era uma espécie de mãe que se arriscava pelas pessoas, que cuidava e que protegia, uma *madre coraje*. Muitos foram os adjetivos usados pelas pessoas entrevistadas quando falaram de Carmen de Lara Castro, mas, em praticamente todas as narrativas a palavra valentia foi destacada para descrever sua ação junto à CODEHUP.

Desse modo, destaco que a partir das fontes a longa presidência de Carmen de Lara Castro na *Comisión* pôde ser entendida na confluência de alguns fatores, como: 1º- Porque já realizava o ofício de visitar as prisões anteriormente à criação da CODEHUP, 2º- Porque era algo considerado mais feminino em função dos atributos como o auxílio e o cuidado serem vinculados a uma espécie de instinto maternal, 3º- Por ter tido o “apoio” de seu partido, 4º- Por ter se conectado a outras associações e pessoas que lutavam pelos direitos humanos, 5º- Pela *Comisión* ter sido sediada em sua casa.

Já sua atuação na política não foi tão associada à valentia, mas a ideia de que ela era uma mulher determinada, que tinha familiares já inscritos no partido, de modo que sua filiação se fez de forma mais fácil. Sua trajetória política, contudo, não se fez sem luta e sem resistência, como busquei salientar, ela já atuava dentro do partido desde 1947, quando esse estava proscrito, devido às diversas crises políticas ocorridas no após Guerra do Chaco (1932-1935). Nessa década, também, parte de sua família foi exilada na Argentina em função do envolvimento com a Guerra Civil de 1947. Nas décadas seguintes, Carmen de Lara Castro em meio a seu trabalho como professora passou a visitar as pessoas presas em delegacias do Paraguai junto a outras mulheres organizadas em seu



partido. E em 1967, dentro de um panorama de rachas do *Partido Liberal*, de uma nova Constituição, do reconhecimento do *Partido Liberal Radical* pela Junta Eleitoral, e com a oportunidade de fazer carreira parlamentar, candidatou-se a deputada nacional.

Nesse mesmo ano, criou a CONADEH que teve sua sede na casa de Carmen de Lara Castro durante os 26 anos de sua existência. O importante dessa organização é que não tinha vínculos diretos com nenhum partido, apesar das pessoas membras serem visivelmente participantes de partidos políticos. Além disso, foi à primeira comissão de direitos humanos, propriamente ditos, do Paraguai.

Apesar dessa trajetória que remonta as décadas de 1940, Carmen de Lara Castro quando recordada tem sua atividade política alçada à luta contra a ditadura stronista. Das memórias orais dos entrevistados homens, quando destacavam a ação de Carmen de Lara Castro, dentro do partido, muitas vezes, amenizaram as tensões que deveriam ter existido em função de sua guinada em direção ao diretório do partido, algo bastante raro para a época.

Os entrevistados homens, ao narrarem sobre a atuação de *Coca* e sua participação na política, faziam uma espécie de distinção entre ela e eles. Reforçando que ela não tinha formação acadêmica ou que não era uma intelectual liberal, eles destacavam que sua presença no partido estava articulada à relação que Carmen teve com a luta por direitos humanos, a assistência aos presos e seus vínculos familiares. A sua ação protagonista nas narrativas estava associada a atitudes de benevolência, algo já realizado pelas mulheres dentro dos partidos.

Usualmente a participação de mulheres nos partidos eram relacionadas às comissões de mulheres, ou de damas que faziam as festas e jantares para a arrecadação de recursos financeiros, trabalhavam junto à tesouraria, na secretaria, entre outros. Porém, Carmen de Lara Castro foi além, esteve no diretório do partido e foi deputada entre os anos de 1968-1978. Apesar dessa brecha que Carmen de Lara Castro teve para adentrar nas estruturas de seu partido, que são os vínculos de sua família, o que tentei apontar é que sem a agência dessa personagem, de sua intenção em militar politicamente, de atravessar esses espaços que foram construídos como masculinos, ela não teria ascendido na política ou na luta pelos direitos humanos.

Das narrativas orais, busquei atentar para as experiências pessoais, procurando entender seus envolvimento na resistência à ditadura, para até mesmo apreender seus lugares de fala sobre *Carmen*. Todas/os tiveram alguma participação na luta pelos direitos humanos e conheceram *Coca* durante a ditadura devido a sua militância. Com exceção dos filhos

dela, de *Pancho* de Vargas, de Rafaela Guanes de Laino, Tício Escobar e Maria Vitória de Riart, que já estavam relacionados com a personagem em questão desde o âmbito familiar.

Como ficou expresso pelas narrativas orais e pelos documentos do *Archivo del Terror*, Carmen de Lara Castro teve destaque no cenário político, sendo uma das poucas mulheres a atuar nesses espaços majoritariamente masculinos. E em seus discursos tratou de inspirar outras mulheres para adentrarem nos partidos e buscarem capacitação política. Porque, acertadamente, acreditava que as mulheres poderiam e deveriam atuar politicamente.

Sua atuação na *Comisión* se fez com auxílio de outras pessoas, que desde o anonimato ou numa presença mais constante, iam as delegacias, recolhiam alimentos e roupas para as pessoas presas, e buscavam informações sobre os cárceres. Sem o apoio de mulheres e homens, e das outras organizações que emergiram, como o CIPAE e a *Juventud Paraguaya por los Derechos Humanos* em meados da década de 1970, e os vínculos com as Igrejas, às embaixadas e organismos internacionais de direitos humanos, a *Comisión* liderada por *Carmen*, talvez não tivesse sobrevivido ao stronismo.

Para as pessoas entrevistadas, Carmen de Lara Castro é vista como uma mulher importante, pois salvou vidas, inspirou mulheres e homens para atentar para a importância dos direitos humanos. A percepção de sua presença e influência nos dias atuais pode ser vista no movimento de mulheres feministas como o partido *Kuña Pyrenda*, e pelo *Partido Liberal Radical Autentico* em campanhas políticas. Nas ruas e praças que foram alcunhados de Carmen de Lara Castro na década de 1990.

Além de protagonizar notícias no dia da *Mujer Paraguaya* todos os anos – data que visibiliza mulheres que durante a guerra da Tríplice Aliança, remetendo a *Primera Asamblea de Mujeres Americanas*, doaram suas jóias para ajudar nos custos da Guerra. Em praticamente todos 24 de fevereiro, ela é recordada em função do projeto de lei aprovado em 1974, quando era deputada. Ela também é lembrada por organizações de vítimas da ditadura stronista e quando o tema tratado são os direitos humanos no Paraguai.

Apesar da presença de Carmen de Lara Castro no Paraguai contemporâneo, minha investigação não focou em tempos atuais, talvez esse seja um tema para as próximas investigações acerca dos direitos humanos nesse país. Durante o trabalho, procurei refletir sobre as décadas em que ela iniciou sua participação na política partidária como deputada e como presidenta da CODEHUP na década de 1960, até o fim do regime stronista no ano de 1989. Claramente que, em se tratando de uma

investigação que se utilizou de entrevistas, a relação temporal levou em conta as construções das memórias orais das/os entrevistada/os e o que se recordavam sobre ela.

Ao todo essa dissertação tratou de aprofundar temas que emergiram nas entrevistas e que versavam sobre a participação de Carmen de Lara Castro na política, na *Comisión*, assim como, sobre o envolvimento que as pessoas entrevistadas tiveram durante o período. E mostrou que Carmen de Lara Castro teve uma presença ativa na trajetória das/os entrevistadas/os, que possuem diversas lembranças e vivências com ela.

O resultado manual da construção dos capítulos, e seus entrelaçamentos, criou essa teia de narrativas que, como adverti no início do trabalho, era uma possibilidade de tecer uma escrita sobre a trajetória de Carmen de Lara Castro. A teia aqui se encontra tecida e completa. Mas não foram esgotados seus assuntos, e também foram deixados soltos outros fios para se conectarem a essa história.



## 7. FONTES

### 7. 1. Entrevistas

ARGAÑA, Luis Manuel Escobar. (Tício Escobar). Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 22/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora.

CASTRO, Fernando Adolfo Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 21/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora.

CASTRO, Jorge Lara. Entrevista concedida a Joana Maria Pedro e Cristina Scheibe Wolff. Assunção, Paraguai, 20/02/2008. Acervo do LEGH/UFSC. Transcrita por Larissa Viegas de Mello Freitas, revisada por Andrei Martin San Pablo Kotchergenko.

CASTRO, Jorge Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 03/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora.

CASTRO, Jorge Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 22/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora. (Segunda entrevista).

CASTRO, Jose Manuel Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora.

CASTRO, Luis Félix Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 13/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora.

CASTRO, Martín Alejandro Lara. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora.

DE GARCIA, María Vitoria Riart. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 14/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora.

DE VARGAS, Francisco José. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 14/01/2015. Assunção Paraguai. Acervo da autora.

GALEANO, Dionisio Gauto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 19/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora.

LAINO, Domingo. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 16/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora.

LAINO, Rafaela Guanes. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora.

MONGES, Julian Vera. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 16/01/2015. Assunção, Paraguai. Acervo da autora.

PAREDES, Claudio Roberto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 03/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora.

PAZ, Alfredo Boccia. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora.

RAMIREZ, Nelson Garcia. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 13/01/2015. Assunção, Paraguai.

RESCK, Luis Alfonso. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador digital. 14/06/2012. Assunção, Paraguai. Acervo do LEGH/UFSC.

RESCK, Luis Alfonso. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Gravador Digital. 07/05/2014. Assunção, Paraguai. Acervo da autora.

## **7.2 Periódicos digitalizados**

CARMEN Casco Miranda de Lara Castro - Há muerto uma mujer valiente. *ABC Color*, Assunção, 9 may. 1993, p. 8-9. [Política]. Disponível na Biblioteca Nacional de Assunção. Assunção, Paraguai. (Digitalizado em maio de 2014/Acervo da autora).

ELÍAS, Margarita. Ña Coca se fue, nos queda su lucha. *ACCION* – revista paraguaya de reflexión y diálogo, Assunção, Jul.1993, ano 3, n. 135. Disponível no Centro de Documentación y Estudios, Assunção, Paraguai. (Digitalizado em maio de 2014/Acervo da autora).

MENORES de 15 años eran los torturados. *El Diario*. 24 de dec. 1992, p. 6. Disponível no Laboratório de Estudos de Gênero e História. Disponível no Centro de Documentación y Archivo para la Defensa de los Derechos Humanos. Assunção, Paraguai. Fundo documental: Asamblea por el Derecho a la vida, dez. 1992. (Digitalizado em 2012/ Acervo LEGH/ Acervo Autora).

MUNARRIZ, José Miguel. Carmen Casco de Lara Castro, uma defensora de los derechos humanos. *ACCION*- Revista paraguaya de reflexión y diálogo, Asunción, Jul.1993, ano 3, n. 135. Disponível no Centro de Documentación y Estudios, Assunção, Paraguai. (Digitalizado em maio de 2014/Acervo da autora).

PRIMERO Congreso Feminino *liberal*. *Así Es*. Assunção, ano III, n. 26, feb. 1965, p 23. Acervo pessoal de Nelson Garcia Ramirez, Assunção, Paraguai. Digitalizado 14/06/2012. (Acervo Autora).

SANCHEZ, Nacha. Coca Lara Castro una lucha sin limites. *ABC color*, Assunção, 20 mai. 1993. [suplemento Nosotras]. Acervo pessoal de José Manuel Lara Castro, Assunção, Paraguai. Digitalizado 19/01/2015. (Acervo Autora).

TROCHE, Elsa. Murrió doña Coca de Lara Castro. *Noticias*, Asunción, 9 may. 1993, p.16-17 Disponível na Biblioteca Nacional de Assunção. Assunção, Paraguai. (Digitalizado em maio de 2014/Acervo da autora).

### **7.3 Documentos da Biblioteca y Archivo Central del Congreso Nacional**

CAMARA DE DIPUTADOS. 10 jul. 1970, p. 10-11. In: *Biblioteca y Archivo Central del Congreso Nacional*, Assunção, Paraguai. Digitalizado pela Biblioteca y Archivo Central del Congreso Nacional em 2014. (Acervo da autora)

CAMARA DE DIPUTADOS. 6 dez. 1974, p. 9-10. In: *Biblioteca y Archivo Central del Congreso Nacional*, Assunção, Paraguai. Digitalizado pela Biblioteca y Archivo Central del Congreso Nacional em 2014. (Acervo da autora).

#### **7.4 Documentos Microfilmados**

CASTRO, Carmen de Lara. Declaración de la Comisión de Defensa de los derechos humanos del Paraguay. Jun. 1977, Assunção, Paraguai Jun/1977. In: *The North American Congress on Latin America (NACLA) Archive on Latin Americana*. Wilmington, DE: Scholarly Resources Inc., 1998. Rol 2, file 9, Frames 1153, 0003, File 9. (Disponível no Acervo do LEGH).

CODAS, Norma Bachero. Conociendo a Carmen de Lara Castro. Nosotras ABC Color. 1989. In: *Centro de Documentación y Archivo para la Defensa de los Derechos Humanos*. Assunção, Paraguai. 00185F0023. (Acervo autora).

CANTERO, Alberto. Informe. 11 de dec. 1978. In: *Centro de Documentación y Archivo para la Defensa de los Derechos Humanos*. Assunção, Paraguai. 00051F0122- 00051F0132. (Acervo Autora).

MESA DIRECTIVA de la Comisión de los Derechos Humanos en el Paraguay. In: *Centro de Documentación y Archivo para la Defensa de los Derechos Humanos*. Assunção, Paraguai. 00097F2133- 00097F2138. (Acervo Autora).



## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 3. Ed., 2005.

ALCALÁ, Guido Rodriguez. *Testimonio de la represion politica en Paraguay 1975-1989*. v. 3, Comité de Iglesias, Assunção: Editorial Estilográfica, 1990 (Serie Nunca Más).

ALVES, J. A. Lindgren. Os direitos humanos como tema global. São Paulo: Perspectiva, Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 1994.

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Maria Stella, NAXARA, Márcia (Orgs). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Unicamp, 2001, p. 15-34.

AQUINO, Olga Caballero. Por orden Superior- testimonios de mujeres victimas de la dictadura en Paraguay. Servi Libro: Assunção, 2003.

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Maria Stella, NAXARA, Márcia (Orgs). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Unicamp, 2001, p. 15-34.

AVELAR, Alexandre de Sá. Figurações da escrita biográfica. *ArtCultura*, Uberlândia, v.13, n.22, 2011. Disponível em <<http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF22/avelar.pdf>> Acesso em 06 jul. 2015.

ARDITI, Benjamín. Adiós Stroessner. CDE: Assunção, 1992.

BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: O mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAREIRO, Line, ECHAURI, Carmen. *Las recién llegadas. Mujer y política*. San José: IIDH, Estudios Basicos em Derechos Humanos IV, 1995. Disponível em: < <http://www.corteidh.or.cr/tablas/a12001.pdf> > Acesso em 06 jul. 2016.

BAREIRO, Line. La igualdad ante la ley. In: BAREIRO, Line, SOTO, Clyde, MONTE, Mary. *Alquimistas- documentos para otra historia de las mujeres*. Assunção: CDE, 1993.

BARBOSA, Ramiro. *El ocaso de la tirania (1986-1989)*. Comisión de Defensa de los Derechos Humanos, 1990.

BRADY, Jennifer E. *La tortura y detención de mujeres paraguayas bajo el régimen de Stroessner: um estudio sobre violencia estatal y mujeres*. [S. l. : s. n.], 1997

BLANCH, José M., ACUÑA, Edith, BAREIRO, Line (et. al.). El precio de la Paz. Assunção: Centro de Estudios Paraguayos Antonio Guasch, 1991.

BOURDIEU, Pierre. Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (Org). *Usos e abusos da História Oral*. 2 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BOURDIEU, Pierre, CHARTIER, Roger. *O sociólogo e o historiador*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BOBBIO, Norberto. *A Era dos Direitos*. 9. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de Política*. 7ª ed., Brasília, DF, Editora Universidade de Brasília, 1995.

BRUN, Diego Abente. *El régimen Stronista: Naturaleza, sustento y longividad*. Colección 60 años del Stronismo, n. 3, Assunção: El Lector, Abc Color, 2014.

CABALLERO, Montserrat González Oddone de. “*Otros verán nuestra vitoria*”- Breve biografía de Carmen Casco Miranda de Lara Castro. Assunção: [s. n.], 1994.

CAPDEVILA, Luc. No país das mulheres ou crônica da morte anunciada do homem paraguaio: 1864-1870. In: MINELLA, Luzinete Simões, FUNCK, Suzana Bornéo (orga.). *Saberes e fazeres de gênero: entre o local e o global*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

CESPEDES, Roberto. Calendários para construir la memoria-identidade. El caso de <<Decidamos>> (2003-2012) de Paraguay. *Rev. Int. Investig, Cienc. Soc*, v.8, n.1, jul. 2012, p.43- 61.

COMISIÓN DE VERDAD Y JUSTICIA. *Informe Final Anive haguã oiko-* Síntesis y Caracterización del Régimen. T. 1. Assunção: Paraguai: J.C. Medina. 2008.

COMISIÓN DE LA VERDAD Y JUSTICIA. *Informe Final Anive haguã oiko-* Las principales violaciones de los Derechos Humanos. T. II. Assunção: JC Medina, 2008.

COMISIÓN DE VERDAD Y JUSTICIA. *Informe Final Anive haguã oiko-* Las violaciones de derechos de algunos grupos en situaciones de vulnerabilidad y riesgo. T.III, 2008.

CORVALÁN, Graziella. La accion colectiva de las mujeres urbanas en el Paraguay. In: RIVAROLA, Domingo, et al. *Los movimientos sociales en el Paraguay*. Assunção: Paraguai: Centro Paraguayo de Estudios Sociologicos, 1986.

COSP, María Clara Santa Cruz. *Estudios de género y ciencias sociales en Paraguay*. Buenos Aires: CLACSO, nov. 2013. Disponível em: < <http://biblioteca.clacso.edu.ar/gsd/collect/clacso/index/assoc/D9172.dir/SantaCruzArticuloFinal.pdf> > Acesso em 06 jul. 2016.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Essa coisa de guardar...: homens de letras e acervos pessoais. *História da Educação*, Pelotas, v.12, n.25, maio-ago. 2008. Disponível em < <http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/viewFile/29194/pdf> > Acesso em 06 ju. 2016.

DAVIS, Natalie Zemon, *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987

DÁVALOS, Serafina. *Humanismo-* Serafina: Feminista paraguaya desde comienzos de siglo. Assunção: RP ediciones, 1990.

DICTADURA Y MEMORIA. *Dictadura y memoria-* un espacio para la reflexión desde los derechos humanos. Assunção: Arandurã, n.7-8, ano V, Jul-ago 2011, p. 18.

DOSSE, François. *O desafio biográfico- escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

ECHAURI, Carmen, SOTO, Clyde. *Los saberes del poder*. Assunção: Salesiana. 1993.

ECHAURI, Carmen. *Hacia una presencia diferente: mujeres, organización y feminismo*, Centro de Documentación y Estudios, Assunção, Paraguai, 1992.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. *Mozart sociologia de um Gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

FERRO, Marc. *O ressentimento na História – Ensaios*. Rio de Janeiro: Agir: 2009.

GONZÁLEZ, Wilma Mancuello. *Cantando a la madre: Una de-construcción de la figura materna en el nacionalismo paraguayo*. Assunção: Museu Etnográfico Andrés Barbeiro, 2013.

HAHNER, June E.. *Escolas mistas, escolas normais: a coeducação e a feminização do magistério no século XIX. Estudos Feministas, Florianópolis*, v. 19, n. 2, p. 467, jan. 2011. ISSN 0104-026X.

Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000200010/19396>>. Acesso em: 14 jun. 2016 .

HARDING, Sandra. *A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. Revistas de Estudos Feministas, Florianópolis*, v.1, n.1, 1993.

Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/15984>>. Acesso em: 19 Jun. 2016.

HEINZ, Flávio (Org.). *Por outra História das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

HTUN, MALA. A política de cotas na América Latina. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2001, vol. 9, n.1, p. 227-228. Ver em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2001000100013>. > Acesso em 18 jun. 2015.

KOFES, Suely. *Uma história em narrativas*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

KOFES, Suely, PISCITELLI, Adriana. Memória de “histórias femininas: memórias e experiências”, *Cadernos Pagu*, (8/9), 1997, p. 348. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51165>> Acesso em: 26 abr. 2016.

KOSTAN, David. Ressentimento — História de uma emoção. In: BRESCIANI, Maria Stella, NAXARA, Márcia (Orgs). *Memória e (re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Unicamp, 2001.

JELIN, Elizabeth. Mulheres, Gênero e Direitos Humanos. In: JELIN, Elizabeth, HERSHBERG, Eric (Org.). *Construindo a Democracia Direitos Humanos, Cidadania e Sociedade na América Latina*. São Paulo: EDUSP, 2006

\_\_\_\_\_. *Los trabajos de la memoria*. Madrid- Espanha: Siglo XXI, 2002.

\_\_\_\_\_. Ante, de, en, y Mujeres y Derechos Humanos. *América Latina Hoy*. Salamarca: Universidade de Salamarca. Novembro, n. 009, 7-23, 1994.

LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (Org). *Usos e abusos da História Oral*. 2 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

LEWIS, Paul. Paraguay bajo Stroessner. (Colección Popular 327). México: FUNDEC, 1986.

LORIGA, Sabina. O pequeno x: da biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. (Coleção História & Historiografia)

\_\_\_\_\_. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

LOPÉZ, Cristina. Disputas políticas e históricas: una tenaz lucha femenina. *ABC color*, 24 feb. 2013. Disponível em: <<http://www.abc.com.py/edicion-impresa/locales/disputas-politicas-e-historicas-una-tenaz-lucha-femenina-542384.html>> Acesso em 20 jun. 2016.

LÓPEZ, Magdalena. La democracia en Paraguay- Un breve repaso sobre los partidos políticos tradicionales, el sistema electoral y el triunfo de Fernando Lugo Méndez. *Revista Enfoques*, vol. III, n. 13, 2010. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3395877.pdf>> Acesso em: 06 jul. 2016.

MAKARAN, Gaya. La imagen de la mujer en el discurso nacionalista paraguayo. *Latinoamérica, Revista de Estudios Latinoamericanos*, v. 57, 2013/2. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/journal/16658574>> Acesso em 12 jun. 2016

MARTINS, Ana Paula Vosne. Bondade, substantivo feminino: esboço para uma história da benevolência e da feminilização da bondade. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 59, p. 143-170, jul./dez. 2013. Disponível em <<http://revistas.ufpr.br/historia/article/view/37037>> Acesso em 06 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. Gênero e assistência: considerações históricoconceituais sobre práticas e políticas assistenciais. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.18, supl. 1, dez. 2011, p.15-34. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702011000500002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702011000500002)> Acesso em: 06 jul. 2016.

MONIZ, Bandeira. A Guerra do Chaco. *Rev. bras. polít. int.* vol. 41 no.1 Brasília Jan./June 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-73291998000100008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73291998000100008)> Acesso em 06 jul 2016

MORAES, Ceres. *Paraguai: a consolidação da ditadura Stroessner 1954-1963*. (Coleção História). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

\_\_\_\_\_. A Guerra Civil de 1947 nas relações do Brasil com o Paraguai. *Web Revista Diálogos & Confrontos Revista em Humanidades* 44, V. 2. Jan/jul. 2013. (1ª Edição Especial). Disponível em: <  
[http://www.uems.br/dialogoseconfrontos/Arquivos/vol2\\_2013/foro/04.pdf](http://www.uems.br/dialogoseconfrontos/Arquivos/vol2_2013/foro/04.pdf) > Acesso em 10 jun. 2015.

MOREIRA, Mary Monte López. Cronología de acontecimientos en la lucha por los derechos políticos de las mujeres en Paraguay. In: MOREIRA, Mary Monte de López, BAREIRO, Line, SOTO, Clyde. *Al fin ciudadanas (1961-2011)- 50 años de derechos políticos de las mujeres en Paraguay*. Assunção: Centro de Documentación y Estudios, 2011.

MONTECINO, Sonia. Identidades de género en América Latina: mestizajes, sacrificios, y simultaneidades. *Debate Feminista*, Vol. 14, oct, 1996, p.199-201. Disponível em: <  
<http://www.debatefeminista.com/PDF/Articulos/identi705.pdf> > Acesso em 10 jun. 2016.

NICKSON, Andrew. *La Guerra Fria y el Paraguay*. Assunção: ABC Color, El Lector: 2014, (Colección 60 años del Stronismo).

\_\_\_\_\_. El regimen de Stroessner (1954-1989). TELESCA, Ignacio (Org.). *Historia del Paraguay*. Assunção: Taurus - Santillana, 2010. p. 265-294.

NETO, Waldemar Dalenogare. A Política Externa dos Direitos Humanos De Jimmy Carter. In: *XXVIII Simpósio Nacional de História: Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios*, XXVIII, 2016, Florianópolis, ISBN: 978-85-98711-14-0. Disponível em <  
[http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1426801446\\_ARQ\\_UIVO\\_ANPUHWALDEMAR.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1426801446_ARQ_UIVO_ANPUHWALDEMAR.pdf) > Acesso em 09 abr. 2016.

OKIN, Susan. Gênero, o público e o privado. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 16(2), maio-ago. 2008. Disponível em <  
<http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n2/02.pdf>> Acesso em 07 jul. 2016.

ORTNER, Sherry. Poder e Projetos: reflexões sobre a agência e uma atualização da Teoria da Prática. In: GROSSI, M, ECKERT, C, FRY, P. (Org.). *Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas*. Brasília: ABA, Blumenau: Nova Letra, 2007. Disponível em < <http://www.abant.org.br/conteudo/livros/ConferenciasDialogos.pdf> > Acesso em 06 jul. 2016.

ORTOLAN, FERNANDO LÓRIS. Dócil, elegante e caridosa. Representações das mulheres paraguaias na imprensa do pós-Guerra do Paraguai (1869-1904). (2010). Tese (Doutorado em História). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba: Paraná, 2010.

PASSERINI, Luisa. *A memória entre política e emoção*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

PAZ, Alfredo Boccia. Discurso político y memoria en la *transición*. *Accion*. Paraguai, nº 322. Marzo 2012.

\_\_\_\_\_. Represión política y género en la dictadura paraguaya. In: PEDRO, JoanaMaria, WOLFF, Cristina Scheibe (Org.). *Gênero, Feminismo e Ditaduras no Cone Sul*. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2010.

\_\_\_\_\_. *Diccionario Usual del Stronismo*. Assunção: SERVILIBRO, 2004.

PADRÓS, Enrique Serra. A Operação Condor e a conexão repressiva no Cone Sul: a luta pela verdade e justiça. *Oragon*, Porto Alegre, jul-dez, 2009. Disponível em < <http://seer.ufpr.br/organon/article/viewFile/29506/18191> > Acesso em: 25 ju. 2016.

PAZ, Alfredo Boccia, LÓPEZ, Miguel H., GIMÉNEZ, Maria Gloria (et. al). En los sótanoes de los generales – los documentos ocultos del Operativo Cóndor. Assunção: ServiLibro, ExpoLibro, 2002.

PAZ, Alfredo Boccia, AGUILA, Rosa Palau, SALERNO, Osvaldo. *Paraguay: los Archivos del Terror- los papeles que resignificaron la memoria del stronismo*. Assunção: Servicios Graficos del Poder Judicial, 2007.



PEDRO, Joana Maria, WOLFF, Cristina Scheibe. A pesquisa sobre gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul: um relato de viagens e algumas reflexões. In: : PEDRO, Joana Maria, WOLFF, Cristina Scheibe, VEIGA, Ana Veiga (Org.). *Resistências, gênero e feminismos contra as ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011, p. 19-43.

PEDRO, Joana Maria. As guerras na transformação das relações de gênero: entrevista com Luc Capdevila. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 13(1): janeiro-abril/2005. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2005000100006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000100006)> Acesso em 07 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, São Paulo, v.24, N.1, 2005. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-90742005000100004&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-90742005000100004&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em 06 jul. 2016

PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, n. 18, v. 9, 1989.

PINTO, Júlio Pimentel. Os muitos tempos da memória. *Proj. História*, São Paulo, (17), nov. 1998. Disponível em <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11146>> Acesso em 07 jul 2016.

PISCITELLI, Adriana G. Tradição oral, memória e gênero: Um comentário metodológico. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 1, fev. 2005. ISSN 1809-4449. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1683>> Acesso em: 26 abr. 2016.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, [S.l.], v. 5, n. 10, jul. 1992. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>>. Acesso em: 13 Jun. 2016

PORTELLI, Alessandro. *Ensaaios de História Oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

\_\_\_\_\_. O massacre de Civitella Val di Chiana. FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da História Oral*. 2 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

\_\_\_\_\_. PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral, *Projeto História*, São Paulo, n. 15, 1997. Disponível em <  
<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11215>> Acesso em 07 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. Filosofia e os fatos- Narração, interpretação significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996. Disponível em <  
[https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819739/mod\\_resource/content/1/PORTELLI,%20Alessandro%20%E2%80%93%20A%20Filosofia%20e%20os%20fatos.pdf](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819739/mod_resource/content/1/PORTELLI,%20Alessandro%20%E2%80%93%20A%20Filosofia%20e%20os%20fatos.pdf)> Acesso em 07 jul. 2016.

POTTHAST, Bárbara. Algo más que heroínas. As diferentes funções e memórias da guerra da Tríplice Aliança. *Diálogos*, Revista do Departamento de História e do Programa de Pós- Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá. 10, n.1, 2006. Disponível em <<http://www.redalyc.org/pdf/3055/305526864009.pdf>> Acesso em 10 jun. 2016.

\_\_\_\_\_. La mujer en la historia del Paraguay. TELESCA, Ignacio (Org.). *Historia del Paraguay*. Assunção: Taurus - Santillana, 2010.

\_\_\_\_\_. “*Paraíso de Maohoma*” o País de las mujeres? El rol de la familia en la sociedade paraguaya del siglo XIX. 2ª ed. Assunção: Fausto Ediciones, 2011.

QUADRAT, Samatha Viz. A emergência dos Direitos Humanos na América Latina. In: FICO, Carlos (Org.). *Ditadura e democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2008.

ORTIZ, Heriberto Alegre. *La Sociedad Cautiva*. Comisión de Defensa de los Derechos Humanos, 1987.

RIVAROLA, Mirtha M. La mujer como objeto y sujeto de estudios em las Ciencias Sociales en el Paraguai. In: CORVALÁN, Graziella (compiladora). Entre el silencio y la voz. Mujeres: actoras y autoras de una sociedade en Cambio. Assunção, Paraguay: Grupo de Estudios de la Mujer Paraguuaia (GEMPA), 1989.

RIVAROLA, Milda. *La resistência armada al Stronismo*. Assunção: ABC Color, El Lector: 2014. (Colección 60 años del Stronismo).

RIVAROLA, Milda, PAZ, Alfredo Boccia. *Historia General del Paraguay*. T. III. Assunção: Fausto Ediciones, 2013.

ROLEMBERG, Denise. Definir o conceito de resistência: dilemas, reflexões, possibilidades. In: ROLLEMBERG, Denise, QUADRAT, Samantha Viz. *História e memória das ditaduras do século XX*. V.1. Rio de Janeiro: FVG, 2015.

SALVATICI, Silvia. Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. *História Oral*, v.8, n.1, Jan-jun. 2005. Disponível em <  
<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=114>> Acesso em 07 jul. 2016.

SAMPAIO, Simone Sobral. *Foucault e a resistência*. Gioania: UFG, 2006

SCOTT, Joan W. . Os usos e abusos do gênero. *Projeto História*. São Paulo, n. 45, dez. 2012. Disponível em <  
<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/15018>> Acesso em 07 jul. 2016.

SEIFERHELD, Alfredo M. *Cincuentario de la Guerra del Chaco (1932-1935)*. T. 6. Assunção: El lector, 1985, p. 239. Disponível em <  
<http://portalguarani.com/WOPRMSKLORPE/PSARTGVGVBB989/ene2014/Cincuentenario%20de%20la%20Guerra%20del%20Chaco%201932%20%20Parte%206.pdf>> Acesso em 11 jun. 2016.

SILVA, Tamy Amorim. Por que a Carmen de Lara Castro? Reflexões sobre a História Oral e a Escrita Biográfica. X Semana de História Política. X, 2015, Rio de Janeiro, UERJ. Disponível em:

<<http://semanahistoriauerj.net/wordpress/wp-content/uploads/2016/01/anais-semana-de-historia-2015.pdf>> Acesso em 15 mai. 2016

\_\_\_\_\_. *Usando o gênero como arma: Trajetórias de mulheres na resistência às ditaduras*. Trabalho de Conclusão de Curso em História- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2013.

SIMON, Jose Luis. *La dictadura de Stroessner y los Derechos Humanos*. 2. ed., v.1. Comité de Iglesias, Assunção: Editorial Estilográfica, 1992. (Serie Nunca Más)

SIKKINK, Kathryn, A emergência, evolução e efetividade da rede de Direitos Humanos da América Latina. In: JELIN, Elizabeth, HERSHERBERG, Eric (Org.). *Construindo a democracia: direitos humanos, cidadania e sociedade na América Latina*. São Paulo: EDUSP, NEV/USP, 2006.

SHMIDT, Benito BISSO. Nunca Houve uma mulher como Gilda? Memória e gênero na construção de uma mulher “excepcional”. In: GOMES, Angela Castro, SHMIDT, Benito Bisso (org.). *Memórias e narrativas (auto)biográficas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

\_\_\_\_\_. O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: Trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação. *Anos 90*, Porto Alegre, n.6, dez. 1996. Disponível em <[http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/31755?locale=pt\\_BR](http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/31755?locale=pt_BR)> Acesso em 07 jul. 2016.

SOLER, Lorena. *Paraguay. la larga invención del golpe*. Assunção: Arandurã, 2014.

\_\_\_\_\_. Mitos históricos, obstáculos epistemológicos y fronteras conceptuales. ¿Cómo es posible pensar al stronismo?. In: BOHOSLAVSKY, Ernesto (Comp.) *Las derechas en el Cono sur, siglo XX*. Instituto de Desarrollo Humano, Universidad Nacional de General Sarmiento, Los Polvorines, Provincia de Buenos Aires, may., 2013. Disponível em <<http://www.ungs.edu.ar/derechas/wp-content/uploads/2013/09/Soler.pdf>> Acesso em 07 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. Claves históricas del régimen político en Paraguay. López y Stroessner. *Diálogos*, Revista do Departamento de História e do Programa de Pós- Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, v. 11, n. 1/n. 2, p. 19-54, 2007. Disponível em <[www.redalyc.org/pdf/3055/305526867002.pdf](http://www.redalyc.org/pdf/3055/305526867002.pdf)> Acesso em 23 jun. 2016.

SOUZA, José Carlos. *O Estado e a sociedade no Paraguai durante o governo do Partido Liberal (1904-1935)*. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2006.

SOTO, Lilian. Partidos políticos e participação política das mulheres no Paraguay- elementos para o debate. Assunção: Centro de Documentação y Estudios, 2014 Ver em: <<http://www.cde.org.py/publicacion/partidos-politicos-y-participacion-politica-de-las-mujeres-en-paraguay/>> Acesso em: 10 de jun. 2015.

SZWAKO, José Eduardo León. *‘Del otro lado de la vereda’*: luta feminista e construção democrática no Paraguai pós-ditatorial. (2012). Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: São Paulo, 2012.

SZWAKO, José Eduardo León. *Op. Cit.*, p. 94 -98, SZWAKO, José León. In: PARAGUAY DESDE LAS CIENCIAS SOCIALES, 2012, Assunção: Paraguai. Los años dorados del feminismo contemporáneo en Paraguay. Ver em <[http://www.grupoparaguay.org/P\\_Szwako\\_2012.pdf](http://www.grupoparaguay.org/P_Szwako_2012.pdf)> Acesso em 21/06/2016.

TELESCA, Ignácio. La historiografía producida en Paraguay durante el último quinquênio. *Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas*. V. 50, p. 375–385, DOI: 10.7767/jbla.2013.50.1.375 , Dec. 2013.

\_\_\_\_\_. Escribir la historia en Paraguay. Modos y lugares de producción. *Papeles de trabajo*. Revista electrónica del Instituto de Altos Estudios Sociales de la Universidad Nacional de General San Martín, Buenos Aires. ISSN: 1851-2577. Año 3, nº 6, , agosto de 2010. (Dossiê: Paraguay: reflexiones mediterráneas). Disponível

em<<http://www.idaes.edu.ar/papelesdetrabajo/paginas/Documentos/3%20Telesca.pdf>> Acesso em 28 jun. 2016.

THOMSON, Alistair. Reconpondo a memória: Questões sobre a relação entre História Oral e as memórias. *Projeto História*. São Paulo, (15), abr. 1997.

VALDÉS, Teresa. *De lo social a lo político- la acción de las mujeres latino-americanas*. Santiago, Chile: LOM, 2000.

\_\_\_\_\_. Teresa, MORAGA, Enrique Gomariz (Coord.). *Mujeres Latinoamericanas en Cifras* (Paraguay). Ministério de Asuntos Sociales, Instituto de la Mujer, España, FLACSO, 1993. Disponível em: <<http://www.eurosur.org/FLACSO/mujeres/paraguay>> 25 jun. 2016.

VALINOTTI, Ana Barreto. *Las Mujeres*. Assunção: El lector, 2013. (Colección 150 años de la Guerra Grande).

\_\_\_\_\_. *Mujeres que hicieron historia en el Paraguay*. Assunção: Ateneo Cultural Lidia Guanes, SERVILIBRO, Secretaria de la Mujer, 2011.

VILLALBA, Juan Roque Galeano. Honorable Congreso de la Nación- revisión Histórica. Assunção, [s. e.], 2000.

VILAGRA, Sarah Patricia Cerna. La mujer paraguaya: protagonista o decoración de billetes?. *VII Taller “Paraguay desde las Ciencias Sociales”*. Universidad Nacional del Este, Paraguay e Grupo de Estudios Sociales sobre Paraguay de la Universidad de Buenos Aires (UBA), Argentina. Jun. de 2014, p. 1. Ver em: <[http://grupoparaguay.org/P\\_CernaVillagra\\_2014.pdf](http://grupoparaguay.org/P_CernaVillagra_2014.pdf)> Acesso em 10 jun. 2015.

VIANNA, A. L., LISSOVSKY, M. C., SÁ, P. S. R. M. A vontade de guardar: lógica da acumulação em arquivos privados. *Arquivo & Administração*, v. 10-14, n. 2, p. 62-76, 1986. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/3806>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

WOLFF, Cristina Scheibe. Resistência. In: COLLING, Ana Maria, TEDESCHI. Losandro Antônio. (Org.). *Dicionário Crítico de Gênero*. Dourados-MS: Ed. UFGD, 2015, p. 582-587

\_\_\_\_\_. Eu só queria embalar meu filho. Gênero e maternidade no discurso dos movimentos de resistência contra as ditaduras no Cone Sul, América do Sul. *Aedos: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS* (Online), v. 5, p. 117-131, 2013.

Disponível em <

<http://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/44332>> Acesso em 05 jun. 2016

\_\_\_\_\_. O gênero da esquerda em tempos de ditadura. In: PEDRO, Joana Maria, WOLFF, Cristina Scheibe (Org.). *Gênero, Feminismos, e Ditadura no Cone Sul*. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2010

WOLFF, Cristina Scheibe, DA SILVA, Tamy Amorim. Movidas pelo afeto: três mulheres na resistência à ditadura no Brasil, Paraguai e Bolívia (1954-1989). *INTERthesis*. Florianópolis, v. 10, p. 190-211, 2013.

\_\_\_\_\_. Feminismo e configurações de gênero na guerrilha: perspectivas comparativas no Cone Sul (1968-1985). *Revista Brasileira de História*, vol. 27, nº 55, São Paulo, dez. 2007. Disponível em < Disponível em <> Acesso em 05 jun. 2016> Acesso em 05 jun. 2016.

WOLFF, Cristina Scheibe. Feminismo e configurações de gênero na guerrilha: perspectivas comparativas no Cone Sul (1968-1985). *Revista Brasileira de História*, vol. 27, nº 55, São Paulo, dez. 2007. Disponível em < Disponível em <> Acesso em 05 jun. 2016> Acesso em 05 jun. 2016.

## 8.1 Websites consultados

[http://www.aladin0.wrlc.org/gsd/collect/terror/terror\\_s.shtml/](http://www.aladin0.wrlc.org/gsd/collect/terror/terror_s.shtml/)

<http://www.abc.com.py/>

<http://www.bibliaon.com/>

<http://www.cedep.org.py/>

<http://www.cidh.org/>

<http://www.conadehpy.blogspot.com.br/>

<http://www.iguarani.com/>

<http://www.dicio.com.br/>

<http://dle.rae.es/>

<http://www.direitoshumanos.usp.br>

<http://www.meves.org.py/>

<http://www.m.ultimahora.com/>

<http://www.portalguarani.com/>

<http://www.paraguay.justia.com/>

<http://www.youtube.com/>



## ANEXO 1- LEY 498- DÍA DE LA MUJER PARAGUAYA

CONGRESO NACIONAL



H. Cámara de Senadores

LEY Nº 498.-

QUE DECLARA DÍA DE LA MUJER PARAGUAYA

EL CONGRESO DE LA NACION PARAGUAYA SANCIONA CON FUERZA DE

LEY:

Art. 1º.- Declárase "Día de la Mujer Paraguaya", en homenaje a la misma, el 24 de febrero de cada año, aniversario de la Asamblea de las mujeres paraguayas realizada en la Ciudad de Asunción en el año 1867 para contribuir a la Defensa nacional.

Art. 2º.- Las Municipalidades del país dispondrán, dentro de sus facultades, las medidas necesarias para rendir homenaje a la mujer paraguaya. Las instituciones educacionales y culturales realizarán en el Día de la Mujer Paraguaya actos alusivos al histórico y patriótico acontecimiento que conmemora.

Art. 3º.- Comuníquese al Poder Ejecutivo.

DADA EN LA SALA DE SESIONES DEL CONGRESO NACIONAL, A LOS DIEZ DÍAS DEL MES DE DICIEMBRE DEL AÑO UN MIL NOVECIENTOS SETENTA Y CUATRO.-



AUGUSTO SALDIVAR

PRESIDENTE CÁMARA DE DIPUTADOS



RAMON CHAVES

PRESIDENTE CÁMARA DE SENADORES

FRANCISCO IRIARTE-AMARILLA

SECRETARIO PARLAMENTARIO

CARLOS MARIA OCMPOS ARBO

SECRETARIO GENERAL

Asunción, 18 de diciembre de 1974.-

TENGASE POR LEY DE LA REPUBLICA, PUBLIQUESE E INCORPÓRESE EN EL REGISTRO OFICIAL.-


SABIDO A. MONTANARO  
MINISTRO DEL INTERIOR

GRAL. DE EJERC. ALFREDO STROESSNER  
PRESIDENTE DE LA REPUBLICA

ed.



## ANEXO 2- LISTA DE PARLAMENTARES NOS ANOS DE 1963- 1966-1977

| <br>Honorable Congreso de la Nación  |  |
|---|--|
| Don Tedfilo Villagra<br>Don Rodolfo Brugada<br>Don Emilio Riveros<br>Don Alfirio Canata<br><br>Presidente: Don Federico Chávez<br><br>Observación: Electos en las Elecciones Generales de fecha 17 de abril de 1949. Acta de la Sesión reparatoria de fecha 03 de mayo de 1949, de la Honorable Cámara de Representantes.   | Don J. Augusto Saldivar<br>Don Hipólito Sánchez Quell<br>Don Francisco A. Santos<br>Don Miguel Selliti<br>Don Carlos Sequera<br>Don Juan Carlos Zaldivar<br>Don Rogelio Valdez Benegas<br>Don Martín Valiente Gómez<br>Don Eduardo Vallejo<br>Don Marcelino Vera<br>Don Evaristo Zacarías Arza<br>Don Humberto Zarza<br>Don Juan B. Benítez<br>Don Ramón Becker Giménez<br>Don Benigno Fleitas<br>Don Ezequiel González Alsina<br>Don Aurelio Gutiérrez<br>Don Renato Moreno González<br>Don Claudio Prieto<br>Don Miguel Angel Silguero<br>Don César Urbieta López<br>Don José Zacarías Arza<br>Don Justo Aricio Zacarías |
| <b>Años 1953 - 1958</b><br>Don José Tomás Acosta<br>Don Cándido G. Aquino<br>Don César Argüello<br>Don Isaias Báez Allende<br>Don Diosnel Becker Gutiérrez<br>Don Pedro David Burgos<br>Don Raúl Brugada<br>Don Emilio Cubas<br>Don Guillermo Enciso Velloso<br>Don Pastor Filártiga<br>Don Bernardo García<br>Don Pedro Pablo Gómez<br>Don Hilario Gómez Nuñez<br>Don Aureliano González<br>Don Pablo González Maya<br>Don Bernardino Gorostiaga<br>Don Juan Pablo Gorostiaga<br>Don Juan Herrerros Céspedes<br>Don Florentín López<br>Don Ranulfo Martínez<br>Don Epifanio Méndez Fleitas<br>Don Evaristo Méndez Paiva<br>Don Carlos Miranda<br>Don Manuel B. Mongelós<br>Don Teodoro S. Mongelós<br>Don Manuel. Montanaro<br>Don Eladio V. Montanía<br>Don Juan Carlos Moreno González<br>Don José D. Ocampos<br>Don José Leandro Oviedo | <b>Años 1958 - 1963 *</b><br>(Primera Elección)<br>Dr. J. Eulogio Estigarribia<br>Dr. J. Bernardino Gorostiaga<br>Dr. Domingo Montanaro<br>Dr. Hermenegildo Olmedo<br>Dr. Leandro Prieto Yegros<br>Dr. J. Augusto Saldivar<br>Dr. Evaristo Zacarías Arza<br>Dr. Juan R. Chaves<br>Dr. Pedro Hugo Peña<br>Dr. Luis Oscar Boettner<br>Don Pastor C. Filártiga<br>Dr. Mario Mallorquin<br>Dr. César Garay<br>Dr. Eladio Montanía<br>Dr. Luis Martínez Milto<br>Dr. Francisco Giménez I. Núñez<br>Dr. Waldino Ramón Lovera   |



# Honorable Congreso de la Nación

Ing. Juan Cámeron  
 Dr. Raúl Brugada  
 Dr. Walter Insfrán  
 Don Diosnel Bécker Gutierrez  
 Don José Leandro Oviedo  
 Dr. Sabino Montanaro  
 Dr. Juan Manuel Frutos (h)  
 Dr. Enrique Riera  
 Dr. Honorio Campuzano  
 Don Juan Carlos Moreno  
 Don Juan Manuel Frutos Pane  
 Dr. Carlos María Ramírez Boettner  
 Don Enrique Volta Gaona  
 Don Fulgencio Aldana  
 Dr. Julio César Vasconcellos  
 Don Rosa Agustín González  
 Tte. Cnel. (SR) Antonio E. González  
 Dr. Antonio Masulli Fúster  
 Don Juan Pablo Gorostiaga  
 Don Eduardo Vallejos  
 Dr. Valentín Insaurrealde  
 Dr. Venancio Molas López  
 Cap. (SR) Francisco Montanaro  
 Don Miguel Sellitti  
 Dr. Evaristo Méndez Paiva  
 Dr. Carlos Zayas Vallejo  
 Dr. Arnulfo Molinas  
 Don Bernardo García  
 Dr. Faustino Centurión  
 Tte. Cnel. (SR) Nelson Rolón  
 Don José D. Miranda  
 Don Egidio Ruiz  
 Don Vicente Cortez  
 Don Maximiliano Amílcar Gómez  
 Don Carlos Díaz de Bedoya  
 Dr. Diógenes Latorre  
 Dr. Francisco Pussineri Oddone  
 Dr. Climaco Fernández  
 Dr. Pablo González Maya  
 Dr. Roberto González Rioboó  
 Don José G. Villalba  
 Don Justo Aricio Zacarías  
 Don Abel Dos Santos

## Años 1958 - 1963 \*\*

(Segunda Elección, Año 1960)

Dr. J. Eulogio Estigarribia  
 Don Pastor C. Filártiga  
 Dr. J. Augusto Saldivar  
 Dr. Hermenegildo Olmedo  
 Dr. Luis Martínez Mitos  
 Don Teodosio Zayas  
 Dr. Climaco Fernández  
 Dr. Walter E. Insfrán  
 Dr. Sabino Montanaro  
 Dr. Raúl Brugada  
 Don José Leandro Oviedo  
 Don Eduardo Vallejo  
 Don Juan Pablo Gorostiaga  
 Don Bacon Duarte Prado  
 Dr. Silvio Lofruscio  
 Don Odilón Benítez  
 Dr. Roberto González Rioboó  
 Don Juan Esteche Fanego  
 Dr. Juan Manuel Frutos (h)  
 Don Pablo González Maya  
 Dr. Diógenes Vasconcellos  
 Dr. Eusebio Villamayor  
 Dr. Oscar Gómez Núñez  
 Don Carlos Díaz de Bedoya  
 Ing. Lorenzo Mengual  
 Don Sila Estigarribia  
 Dr. Pedro Pablo Gómez  
 Dr. Honorio Campuzano  
 Dr. Fernando Vallejo  
 Cnel. Enrique García de Zúñiga  
 Dr. Carlos A. Saldivar  
 Dr. Romilio Colunga  
 Dr. Ricardo Franco Navarro  
 Dr. Saúl González  
 Dr. Emilio Chilavert  
 Don Juan Carlos Moreno González  
 Dr. Antonio Campos Alúm  
 Dr. Máximo Duarte Bordón  
 Don Braulio Zelada  
 Don Vicente Matiauda  
 Josías Yegros



# Honorable Congreso de la Nación

Don Tiburcio Bogado  
Dr. Hermógenes González Maya  
Julían Nery Huerta  
Don José G. Villalba  
Dr. Valentin Insaurrealde  
Dr. Nelson Villate  
Don Manuel Frutos Pane  
Dr. Rubén Ramírez Pane  
Don Adolfo Zayas  
Don Hernesto Barchelo  
Don Fulgencio González  
Dr. Rubén Stanley  
Don Emiliano Caballero  
Don Romilio Maldonado  
Cnel. (SR) Silvio Garay  
Dr. Marcial González  
Dr. Wilfrido Inchausti  
Don Raimundo Pizzurno

Observación: \* Por Resolución N° 1 del 15 de marzo de 1958 se aprueban las elecciones realizadas el 9 de febrero del mismo año.

\*\* El Presidente de la República, Gral. Alfredo Stroessner, disuelve por Decreto la Cámara de Representantes a raíz de la crítica de sus miembros a la represión policial durante una manifestación estudiantil realizada el 29 de mayo de 1959.

Se realizan elecciones el 13 de marzo de 1960, según Resolución N° 1 del 22 de marzo de 1960.

## Años 1963 - 1968

Dr. J. Eulogio Estigarribia  
Dr. J. Augusto Saldivar  
Dr. Ramón Méndez Paiva  
Dr. Hermenegildo Olmedo  
Don Pastor C. Filártiga  
Dr. J. Clímaco Fernández  
Dr. Sabino A. Montanaro  
Dr. Pedro Hugo Peña  
Dr. Silvio Lofruscio

Dr. Hermógenes González Maya  
Don Manuel Frutos Pane  
Dr. Carlos Alberto Zaldivar  
Dr. Pablo González Maya  
Dr. Carlos A. Vasconcellos  
Contraalm. Wenceslao Benítez  
Ing. Juan Cámeron (h)  
Don Juan Pablo Gorostiaga  
Dr. Rubén Stanley  
Dr. Eusebio Villamayor  
Dr. Antonio Masullí Fúster  
Doña Bienvenida R. de Sánchez  
Doña Dolores de Miño  
Don Atilio R. Fernández  
Don Juan Carlos Moreno González  
Don Emiliano Caballero  
Don Miguel T. Romero  
Dr. Valentin Insaurrealde  
Don Bonifacio Irala Amarilla  
Don Sila Estigarribia  
Dr. Aristides Toranzo  
Dr. Oscar Facundo Insfrán  
Dr. Luis María Argaña  
Dr. Oscar Gómez Núñez  
Dr. Fermín Dos Santos  
Don Eustacio Lezcano Molinas  
Don Adolfo Zayas  
Don Miguel Angel Torales  
Dr. Anibal Mesquita Vera  
Dr. Roque J. Avila  
Don Raimundo Pizzurno  
Dr. Carlos Alberto Levi Rufinelli  
Dr. Eusebio Báez Mongelós  
Dr. Félix Ibieta Zacarías  
Don Lucas Araujo  
Mayor (SR) Sindulfo Barreto  
Don Adolfo González Resquin  
Dr. Enrique Bordenave  
Dr. Francisco Volpe  
Don José Casañas Alderete  
Dr. Fernando Levi Ruffinelli  
Don Anastasio Marquéz  
Don Camilo Javier Melot Rodas  
Don Waldino Riveros



# Honorable Congreso de la Nación

Don Rafael Ruiz Díaz  
 Dr. Enrique Sosa  
 Don Emigdio Antonelli  
 Don Rafael Ferreira Villanueva  
 Dr. Juan Bautista Wasmosy  
 Dr. Lucio Mendonca  
 Don Alberto Vargas Peña

Observación: La Constitución de 1967 reinstauró la Bicameralidad del Congreso, a partir del 1° de abril de 1968.

## Años 1968 – 1973

### Senadores de la Nación

Arq. Tomás Romero Pereira  
 Dr. J. Eulogio Estigarribia  
 Prof. Dr. Juan Ramón Chaves  
 Dr. J. Bernardino Gorostiaga  
 Dr. Fabio Da Silva  
 Dr. Ezequiel González Alsina  
 Dr. Raúl Sapena Pastor  
 Dr. Raúl Peña  
 Gral. (SR) César Barrientos  
 Dr. Ramón Méndez Paiva  
 Dr. Juan Climaco Fernández  
 Dr. Carlos A. Zaldívar  
 Dr. César Romeo Acosta  
 Dr. Hermógenes González Maya  
 Dr. Antonio Masulli Fúster  
 Doña Dolores de Miño  
 Dr. Aristides Toranzo  
 Dr. Bacón Duarte Prado  
 Dr. Augusto R. Fúster  
 Don Juan Carlos Moreno González  
 Dr. Gustavo Adolfo Riart  
 Dr. Germán Acosta Caballero  
 Dr. Enzo A. Doldán  
 Dr. Rafael Eladio Velázquez  
 Dr. Efraín Cardozo  
 Don José de la Cruz Franco  
 Dr. Juan Ascencio Aponte  
 Ing. Antonio Díaz de Vivar  
 Dr. Alejandrino Meza  
 Dr. Carlos A. Levi Ruffinelli

### Senadores Suplentes

Don Juan Manuel Frutos Pane  
 Gral. (SR) Raimundo Rolón  
 Don Carlos Díaz de Bedoya  
 Dr. Justo Pucheta Ortega  
 Don Sixto Romero González  
 Cnel. (SR) Juan Manuel Torres  
 Don Luis Alderete  
 Don Angel Talavera  
 Dr. Luis A. Garcete  
 Dr. Alberto J. Simón  
 Dr. Manuel Ávila  
 Dr. Eulalio R. Palacios  
 Don Rogelio Pereira González  
 Don José Gaspar Abbate  
 Don César R. Dennis  
 Don Dermidio Barreto  
 Don Diosnel Vargas  
 Don Víctor Chaparro

**Presidente:** Juan Ramón Chaves

### Diputados Nacionales

Dr. J. Augusto Saldivar  
 Don José Antonio Moreno González  
 Dr. Sabino Augusto Montanaro  
 Dr. Saúl González  
 Dr. Juan José Manuel Frutos  
 Dr. Luis María Argaña  
 Dr. Rubén Stanley  
 Gral. (SR) Marcial Samaniego  
 Dr. Dionisio González Torres  
 Dr. Pedro Hugo Peña  
 Dra. Inés Enciso  
 Dr. Roque J. Ávila  
 Don Miguel T. Romero  
 Don Mario Abdo Benítez  
 Don Bonifacio Irala Amarilla  
 Dr. Conrado Pappalardo Zaldívar  
 Don Atilio R. Fernández  
 Dr. Víctor Natalicio Vasconsellos  
 Don Adolfo Zayas  
 Dr. Adán Godoy Jiménez  
 Dr. Oscar Facundo Insfrán



## Honorable Congreso de la Nación

Don Juan Pablo Gorostiaga  
Don Sila Estigarribia  
Don Eustacio Lezcano Molinas  
Gral. (SR) Herminio Morínigo  
Don Miguel Angel Torales  
Dr. Atilio Montanía  
Dr. Miguel Angel Pangrazio  
Dr. Hirán Delgado Von Leppel  
Dr. Américo A. Velázquez  
Dr. Marcial Valiente Delgado  
Dr. Roberto Velázquez Escobar  
Dr. Víctor Hugo Sánchez  
Don Marcelo J. Abente  
Don Pastor M. Coronel  
Don Rubén O. Fanego  
Don Rigoberto Caballero  
Dr. Abelardo Brugada Saldivar  
Don Alejandro Cáceres Almada  
Don Salvador Vera  
Dr. Carlos Alberto González  
Dr. Justo Pastor Benítez  
Doña Carmen de Lara Castro  
Dr. Manuel Augusto Radice  
Don Serviliano Alonso Peralta  
Don Félix María Cáceres  
Don Fortunato Barreto  
Don Aniano Denis Estigarribia  
Don Juan Carlos Saldivar  
Dr. Domingo Laino  
Don Rodolfo Serafini  
Dr. Dario Castagnino  
Dr. Fulvio Hugo Celauro  
Don Víctor Giménez  
Don Sebastian Ayala Ricardi  
Don Fermín M. Ramírez  
Dr. Fernando Levi Ruffinelli  
Dr. Waldino Riveros  
Dr. Francisco Volpe Fernández  
Cap. (SR) Juan Speratti

### Años 1973 – 1978

#### Senadores de la Nación

Arq. Tomás Romero Pereira  
Dr. Juan Ramón Chaves  
Dr. J. Eulogio Estigarribia  
Dr. J. Bernardino Gorostiaga

Dr. Favio Da Silva  
Dr. Crispín Insaurralde  
Dr. Ezequiel González Alsina  
Dr. Raúl Sapena Pastor  
Dr. Raúl Peña  
Gral. (SR) César Barrientos  
Dr. Ramón Méndez Paiva  
Dr. Carlos A. Saldivar  
Dr. Juan Climaco Fernández  
Gral. (SR) Leodegar Cabello  
Dr. Hermógenes González Maya  
Dr. Antonio Masulli Fúster  
Don Manuel Frutos Pane  
Dr. Bacon Duarte Prado  
Ing. Carlos Díaz de Bedoya  
Doña Leonidas Paéz de Virgili  
Dr. Efraín Cardozo  
Dr. Gustavo A. Riart  
Dr. Rafael Eladio Velázquez  
Don Marcelino Concha García  
Coronel (SR) Alfredo Ramos  
Dr. Luis María Vega  
Don Atilio Llano del Puerto  
Don Sebastian Ayala Ricardi  
Dr. Manuel Pesoa  
Dr. Carlos A. Levi Ruffinelli

#### Senadores Suplentes

Cnel. (SR) Juan Manuel Torres V.  
Don Juan Carlos Moreno González  
Sixto Romero González  
Dr. Rubén Ramírez Pane  
Dr. Alberto Nogués  
Don Alfonso Colmán  
Don Alberto González  
Don Angel Talavera  
Don Pedro Pablo Gómez  
Don Raúl Gómez Núñez  
Don Rodolfo Vázquez  
Dr. Delio Fariña  
Don Adante Albertini  
Don José César Abbate  
Don Francisco E. Cárdenas  
Don Rogelio Pereira González





## ANEXO 3- BOLETÍN DEL VOTO

### PARTIDO LIBERAL RADICAL

Movimientos: "Del Cambio para la Liberación y  
Social de Integración Partidaria"

### BOLETIN DE VOTO

Lista de la Unidad del Liberalismo Paraguayo

Ejercicio 1977

00022F 2730

286

#### CANDIDATOS A MIEMBROS DEL DIRECTORIO

##### TITULARES

- 1.- Dr. Miguel Angel Martínez Yaryes
- 2.- " Francisco Serván Ovelar
- 3.- " Gustavo Riart
- 4.- " Domingo Laino
- 5.- " Justo Prieto
- 6.- " Carlos Alberto González
- 7.- " Rafael Romero Macías
- 8.- " Juan Manuel Benítez
- 9.- Sr. Melías Gómez
- 10.- Cnel. (SR) Alcibiades Irazóbal
- 11.- Dr. Cástulo César Franco
- 12.- Sra. Cármen de Lora Castro
- 13.- Dr. Luis Mario Vega
- 14.- " Blas Manuel Mangabeiro
- 15.- " Antonio Arbo
- 16.- " Oscar Aguilera
- 17.- " Gabriel Núñez Corvallo
- 18.- " Miguel Abdón Sagüer
- 19.- " Percio Franco
- 20.- Sr. Julián Cocco Perito

##### SUPLENTE

- Dr. Rafael Cabrera  
" Nelson García Ramírez  
Sr. Valeriano Marcuello  
Dr. Carlos Villagra  
" Carlos Arce Bazán  
" Herman Velilla  
Prof. Arnolfo Gamarra  
Sra. Rida Lizro  
Sr. Modesto Lezcano

#### TRIBUNAL DE CONDUCTA

##### TITULARES

- Dr. Federico Callizo  
" Héctor Capurro  
Dra. Lucila Gatti de Laterza

##### SUPLENTE

- Dr. Antonio Ferreira  
" Leonardo Rufinelli



## APÊNDICE 1- ROTEIRO DE ENTREVISTA USADA EM 2014

Para fins de se conhecer melhor a pesquisa deixarei pré-roteiro de entrevista original e com erros de digitação.

Cabeçalho da entrevista: dia, mês e ano.

Meu nome é Tamy Amorim da Silva e minha pesquisa é “Ní olvido, ní perdón: trajetória de Carmen Casco de Lara Castro e sua militância à ditadura Stroessner”, desenvolvida no contexto de uma pesquisa de mestrado em historia financiada pela CAPES, e auxiliada pelo laboratório de Estudo de Gênero e História.

1. ¿Cómo era su familia era grande o pequeña, siempre ha vivido en Asunción?
2. ¿Cómo fue la vida en la dictadura?
3. ¿Qué significó la dictadura para vosotrxs?
4. ¿Vosotrxs trabajabas, estudiabass durante la dictadura?
5. ¿La dictadura le hizo daño en alguna forma?
6. ¿Vosotrx tuvo alguna participación en movimientos contra la dictadura?
7. ¿Vosotrx quedó en Paraguay durante la dictadura?
8. ¿Conociste Carmen de Lara Castro?
9. ¿Cómo se conocieron vosotrx se recuerda?
10. ¿Vosotrx conoció la familia de Carmen?
11. ¿Eran personas que participaban de la política em el Paraguai?
12. ¿Por que vosotrx se involucró Partido Liberal?
13. ¿Cual era suparticipación en ese partido?
14. ¿Y Carmen se involucró en grupos políticos por qué?

15. ¿Por qué vincular con el Partido Liberal, ¿por qué Castro se unió al Partido Liberal?
16. ¿Vosotrx conoce cuáles fueron los motivos?
17. ¿Qué ella estaba haciendo en los partidos políticos?
18. ¿Castro se involucro con algún grupo de mujeres?
19. ¿Ella fue perseguida?
20. ¿Había muchas mujeres que participaron en los partidos políticos?
21. ¿Cómo fue participación de Carmen en la lucha por los derechos humanos?
22. ¿Había otras mujeres en estos grupos políticos?
23. ¿Cuál fue la motivación para crear la comisión de defensa de los derechos humanos?
24. ¿Cómo funcionaba la comisión?
25. ¿Cuál fue la actuación de Carmen dentro de la comisión de Derechos Humanos. Lo que haciam?
26. ¿Cuáles fueron las acciones dentro del partido político?
27. ¿En su opinión como era iba a ser diputada y senadora durante la dictadura?
28. ¿Ella sufrió algún tipo de censura por ser mujer?
29. ¿La Familia de Carmen lo apoyó?
30. ¿Cuál eran los proyectos políticos de Castro en esta actividad política?
31. ¿Tenía alguno que tuvo destaque?
32. ¿Algún direccionado para mujeres?
33. ¿Sufrió persecución política?
34. ¿Cómo engañaban la policía de Stroessner?

35. ¿Para vosotrx cual es la importancia de Castro em la historia del Paraguay?
36. ¿Y como ella es acordada en el Paraguay?
37. ¿Hay algún investigador o personas que escriben sobre ella?
38. ¿En su opinión quién fue Carmen Lara Castro?
39. ¿Hay algún lugar que puedo encontrar documentación sobre ella: periódico, fotos, entrevistas?
40. ¿Vosotrx conoce lo periódicooo Kuñatai?
41. ¿ Y Amparo Mujer?



## APÊNDICE 2 - ROTEIRO DE ENTREVISTA 2015 COM ALGUMAS MODIFICAÇÕES DO ROTEIRO DE 2014.

Para fins de se conhecer melhor a pesquisa deixarei o pré-roteiro de entrevista original –inclusive, com os erros de digitação. Nas entrevistas feitas com os filhos de Carmen de Lara Castro perguntei a origem dos nomes e como foi a infância deles, essas perguntas vieram a tona durante a viagem de pesquisa.

Cabeçalho da entrevista: dia, mês e ano.

Meu nome é Tamy Amorim da Silva e minha pesquisa é “Ní olvido, ní perdón: trajetória de Carmen Casco de Lara Castro e sua militância à ditadura Stroessner”, desenvolvida no contexto de uma pesquisa de mestrado em historia financiada pela CAPES, e auxiliada pelo laboratório de Estudo de Gênero e História.

1.       ¿Vosotrx nació en Asunción
2.       ¿Cómo era su familia era grande o pequeña, siempre ha vivido en Asunción?
3.       ¿Vosotrxs trabajabas, estudiabas en las décadas de ladictaduraa Stroessner ?
4.       ¿La dictadura le hizo daño en alguna forma?
5.       ¿Vosotrx tuvo alguna participación en movimientos contra la dictadura?
6.       ¿Vosotrx quedó en Paraguay durante la dictadura
7.       ¿Conociste Carmen de Lara Castro?
8.       ¿Cómo se conocieron vosotrx se recuerda?
9.       ¿Vosotrx conoció la familia de Carmen?
10.      ¿Eran personas que participarán de la política en el Paraguay

11. ¿Vosotrx se involucró con algún partido político partido
12. ¿Cual era su participación en ese partido?
13. ¿Carmen se involucró en grupos políticos por qué?
14. ¿Por qué vincular con el Partido Liberal, ¿por qué Castro se unió al Partido Liberal?
15. ¿Vosotrx conoce cuáles fueron los motivos?
16. ¿Qué ella estaba haciendo en los partidos políticos
17. ¿Castro se involucro con algún grupo de mujeres?
18. ¿Fue perseguida?
19. ¿Había muchas mujeres que participaron en los partidos políticos?
20. ¿Cómo fue participación de Carmen en la lucha por los derechos humanos?
21. ¿Había otras mujeres en estos grupos políticos?
22. ¿Cuál fue la motivación para crear la comisión de defesa de los derechos humanos?
23. ¿Comó funcionaba la comisión?
24. ¿Cuál fue la actuación de Carmen dentro de la comisión de Derechos Humanos. Lo que hacían
25. ¿Cuáles fueron las acciones dentro del partido político?
26. ¿En su opinión como era iba a ser diputada y senadora durante la dictadura?
27. ¿Ella sufrió algún tipo de censura por ser mujer?
28. ¿La Familia de Carmen lo apoyó?
29. ¿Cuál eran los proyectos políticos de Castro en esta actividad política?
30. ¿Tenía algún que tuvo destaque?



31. ¿Algún direccionado para mujeres?
32. ¿Sufrió persecución política?
33. ¿Cómo engañaban la policía de Stroessner?
34. ¿Para vosotrx cual es la importanciaa de Castro en la historia del Paraguay?
35. ¿Em general como las personas que hicieron resistência a dictadura stronista son acordadas en el Paraguay?
36. Acompaño de lejos, pero he visto algunas personas, webs em internet que hagan celebraciones del período Stronista! Como Stroessner es acordado en Paraguay?
37. ¿Y como ella es acordada en Paraguay?
38. ¿Hay algun investigador o personas que escriben sobre ella?
39. ¿En su opinión quién fue Carmen Lara Castro?
40. ¿Hay algún lugar que puedo encontrar documentación sobre ella: periódico, fotos, entrevistas?
41. ¿Vosotrx conece lo peridico *Cuñatai*?
42. ¿Y el Amparo Mujer?



### APÊNDICE 3 - CARTA DE AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA

---

Ciudad y fecha

Yo, .....,  
 documento de identidad n°: ....., declaro para los debidos  
 fines que concedo los derechos de mi entrevista, del día  
 ....., para la estudiante de maestria Tamy Amorim da  
 Silva y para lo grupo de investigación de las Profesoras. Dra. Cristina  
 Scheibe Wolff y Joana Maria Pedro para la utilización integralmente o en  
 partes, sin restricciones de plazos y citaciones, desde la presente fecha.  
 De la misma forma, autorizo a terceros su audición y el uso del texto final  
 que estará guardado por las referidas profesoras en el Laboratorio de  
 Estudios de Género y Historia /LEGH/UFSC.

Firma:

Nombre Completo legible:

.....

Local y Fecha de Nacimiento:

.....

Dirección Postal: .....

Teléfonos: .....

Correo electrónico:

.....

Profesión:

.....

Institución:

.....



**APÊNDICE 4- CASA DE CARNEN DE LARA CASTRO, RUA  
NUESTRA SEÑORA DE ASUNCIÓN, N. 870,  
ASSUNÇÃO/PARAGUAI. 20/01/1015.**





## APÊNDICE 5- NOTAS SOBRE AS ENTREVISTAS E INFORMAÇÕES SOBRE AS/OS ENTREVISTADAS/OS

Legenda-

A linha liga a/o intermediadora/or aos contatos

Laranja- Contatados por email

Azul- entrevistado e intermediador de outros contatos

### • Entrevistas 2014-

**Alfredo Boccia Paz-** Nasceu em 1955, é médico e pesquisador de temas relativos à ditadura do Paraguai. Durante o stonismo foi do movimento estudantil, médico voluntário da CIPAE, entre outros. Nesse período associou-se ao *Partido Liberal Radical Autêntico*.

O Contato com ele foi feito por e-mail com a ajuda da professora Cristina Scheibe Wolff, mas já o conhecia devido à viagem de pesquisa em 2012.

**Rafaela Guanes de Laino-** Nasceu em 1952. Estudou jornalismo e depois fez seu mestrado em Ciências Políticas. Participou da resistência a ditadura desde os quadros do *Partido Liberal*. Foi do grupo de *Mujeres por la Democracia* e da rede de mulheres políticas. Pela primeira vez em 2013, candidatou-se a um cargo parlamentar, sendo candidata a Senadora pela *Unidad Democrática para la Victoria*.

**Roberto Paredes-** Nasceu em 1954, é jornalista e tem publicado muitos livros com temas diversos referentes a História Paraguaia. Durante a ditadura participou do MOPAL e foi preso político na década de 1970. Ao sair da prisão juntamente com outras pessoas criaram a *Juventude paraguaia por los derechos humanos*. Posteriormente exilou-se no Brasil e depois retornou ao Paraguai.  
Sua entrevista foi marcada por e-mail.

**CONADEH-** Quando estive em 2012 no Paraguai. Fui até a sede dessa organização. No qual conversei com o Secretário Geral Gustavo Ibarra que fez o contato com Luis Alfonso Resck para uma entrevista. No ano de 2014 retornei ao Paraguai, levei minha monografia de presente a Luis A. Resck e realizei outra entrevista.

**Luis Alfonso Resck-** Nasceu em 1924 e faleceu em 10 de junho de 2016. Foi estudante de filosofia e professor na Universidade Católica de Assunção. Participou da Federação Universitária do Paraguai, foi do *Partido Demócrata Cristiano*, membro da *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos del Paraguay*, e presidente da *Comisión Nacional de Derechos Humanos*, fundada em 1993.

**Jorge Lara Castro-** Nasceu em 1945. Foi Ministro das Relações Exteriores no governo de Fernando Lugo. Durante a ditadura participou do movimento estudantil e auxiliava sua mãe desde a *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos del Paraguay*. Foi preso algumas vezes, e na década de 1970, foi estudar no México, retornando para seu país na década de 1990. Sua entrevista foi propiciada pelo contato por e-mail com a ajuda da professora Cristina Scheibe Wolff. No Paraguai obtive seu contato com a ajuda de Rosa Palau coordenadora do *Archivo del Terror*.



## Entrevistas 2015

**Alfredo Boccia Paz-** (Intermediador)

**Francisco de Vargas-** Advogado e político vinculado ao *Partido Liberal* Radical Atêntico por longa data. Durante a ditadura foi do movimento estudantil e também da ala juvenil do partido – ALON, foi advogado da CIPAE, preso e torturado várias vezes. No período pós- ditadura foi Deputado e Senador, em entrevista contou que se isolou da vida política paraguaia, hoje vive em *Areguá*.

**Nelson Garcia Ramirez-** Nelson Garcia Ramirez- Nasceu em 1936. É advogado e associado a diversas instituições de direitos humanos. Durante a ditadura foi da Federação Universitária do Paraguai, editor do jornal *El Radical* — do *Partido Liberal Radical*, membro do *Partido Liberal Radical* e *Radical Autentico*, da *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos*. No período pós-ditadura foi Senador Nacional.

**Maria Victória de Riart Garcia** – Nasceu em 1947. É contadora e esposa de Nelson Garcia Ramirez. Sua família esteve envolvida no *Partido Liberal*, de modo que ela também esteve no meio do partido, participando da tesouraria e outras atividades ligadas a capacitação de jovens. Durante a ditadura cuidou de seus filhos e trabalhou como contadora.

**Luis A. Lara Castro-** Nasceu em 1941. É advogado, estudou Direito na *Universidad Nacional*, participou do movimento estudantil e da ala juvenil do *Partido Liberal* – ALON. Foi professor de Direito na Universidade Católica, primeiramente auxiliando seu pai nas aulas, e depois se tornou professor titular. Viveu em Assunção, mas também nos Estados Unidos onde trabalhou por anos. Hoje vive no Paraguai. (Informou os contatos para entrevistar seus outros irmãos).

Jorge Lara Castro- Segunda entrevista

**Tício Escobar Argaña**- Nasceu em 1946, estudou direito e filosofia em Assunção. Foi Ministro da Cultura durante o governo de Fernando Lugo. É cunhado de Jorge Lara Castro, que é casado com sua irmã, María Eugenia Escobar Argaña. Durante a ditadura esteve envolvido em movimentos estudantis, foi preso algumas vezes. Posteriormente participou da *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos* como Secretário Geral, e também foi da *Juventud Paraguaya por los Derechos Humanos*. É um intelectual, crítico de arte e cultura que tem produzido vários trabalhos.

**Montserrat González de Caballero Odonne (Intermediadora)** – Escreveu um estudo biográfico sobre Carmen de Lara Castro.

**Julian Vera Monjes** - Nasceu em 1936 e é artesão. Em 1954, estudava contábeis e estava no serviço militar. Com 18 anos foi morar em Buenos Aires e militou no FULNA, mas não chegou a participar das ações guerrilheiras em 1960. Em 1963, retorna ao Paraguai casado e com um filho argentino. Foi atuante no *Partido Liberal* desde a Argentina, e posteriormente esteve envolvido na criação da CONADEH em 1993. (Apesar de Nelson García Ramírez ter indicado Dionisio Gauto Galeno para entrevistar, foi Julian Vera Monjes quem facilitou o

**Dionisio Guato Galeano** – Nasceu em 1937. Foi sacerdote, Secretário Geral da Conferência Episcopal, depois um dos fundadores da CIPAE. Durante o stronismo foi diretor do periódico da Conferência Episcopal chamado de *Sendero*. No ano de 1978, pediu sua renúncia a Igreja Católica, pois devido a sua ação contra o regime estava comprometendo setores da igreja. Continuou suas atividades vinculadas ao tema de direitos humanos, foi um dos fundadores do *Banco Paraguayo de Datos* em 1983. E um dos criadores da CONADEH em 1993. Desde suas formações integra a Mesa Memória Histórica e a *Coordinadora de Derechos Humanos del Paraguay*- CODEHUPY.

Luis F. Lara Castro (Intermediador)

**Fernando A. Lara Castro-** É o terceiro filho de Carmen de Lara Castro, nasceu em 1947. É formado em arquitetura, fez sua graduação na Argentina e participou de movimentos estudantis de lá. Em Assunção, esteve bastante presente auxiliando sua mãe na *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos*, mas não atou na política partidária.

**José M. Lara Castro-** Nasceu em 1953. É contador e chegou a estudar veterinária na Argentina, largando o curso quando depois do golpe civil- militar na década de 1970. Sua participação dentro do *Partido Liberal*, ocorreu em meados de 2000 a partir dos comitês de bairro. Durante a ditadura, foi preso com 15 anos de idade, numa possível afronta policial a sua mãe que era Deputada e presidenta da *Comisión* no período.

**Martín A. Lara Castro-** último filho de Carmen de Lara Castro, nasceu em 1960. Trabalha na área do comércio. Durante a ditadura estudou Direito, mas não chegou a seguir carreira, esteve envolvido com a fundação da ala da *Juventude do Partido Liberal Radical Auténtico*, mas tampouco seguiu atuando na política. Trabalhou dentro de uma instituição chamada Frederich Nauman, depois foi secretário da *Comisión* de sua mãe, participando de forma mais presente nos finais da década de 1970 a 1993.